

**FACULDADES EST**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

**RUBENS RUPRECHT**

**PASTORAS DA IECLB: PERCEPÇÕES DO SEU COTIDIANO**  
**E REPERCUSSÕES CONTEMPORÂNEAS**

São Leopoldo

2022

RUBENS RUPRECHT

**PASTORAS DA IECLB: PERCEPÇÕES DO SEU COTIDIANO  
E REPERCUSSÕES CONTEMPORÂNEAS**

Tese de Doutorado  
Para a obtenção do grau de  
Doutor em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Teologia Prática  
Linha de Pesquisa: Aconselhamento e  
Psicologia Pastoral

Pessoa Orientadora: Dr. Rodolfo Gaede Neto

São Leopoldo

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R947p Ruprecht, Rubens  
Pastoras da IECLB : percepções do seu cotidiano e  
repercussões contemporâneas / Rubens Ruprecht;  
orientador Rodolfo Gaede Neto. – São Leopoldo :  
EST/PPG, 2022.  
225 p. : il. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de  
Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo,  
2022.

1. Ministério pastoral. 2. Pastoras – Igreja Evangélica  
de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). 3. Teologia  
ecofeminista. 4. Poder pastoral. I. Gaede Neto, Rodolfo,  
orientador. II. Título.

# FOLHA DE APROVAÇÃO

**RUBENS RUPRECHT**

## **PASTORAS DA IECLB: PERCEPÇÕES DO SEU COTIDIANO**

Tese de Doutorado  
Para a obtenção do grau de Doutor em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Teologia Prática

Data de Aprovação: 11 de novembro de 2022

PROF. DR. RODOLFO GAEDE NETO (PRESIDENTE)  
Assinado digitalmente

PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> GISELA ISOLDE WAECHTER STRECK (EST)  
Assinado digitalmente

PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> MÁRCIA BLASI (EST)  
Assinado digitalmente

PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> CLAUDETE BEISE ULRICH (FUV)  
Participação por webconferência

PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> MÉRITI DE SOUZA (UFSC)  
Participação por webconferência

Assinado digitalmente  
por  
CAROLINE GOMES  
MOTTA:63251486073  
Data: 17/11/2022  
13:41:59 -03:00



Assinado  
digitalmente por  
Rodolfo Gaede Neto  
Data: 17/11/2022  
16:45:45 -03:00



Assinado  
digitalmente por  
Marcia Blasi  
Data: 22/11/2022  
16:30:05 -03:00



Assinado digitalmente  
por  
Gisela Isolda Waechter  
Streck  
Data: 14/12/2022  
16:46:53 -03:00





*A todas as pastoras da IECLB e suas famílias, especialmente as que participaram da pesquisa, em gratidão por sua solicitude.*



## AGRADECIMENTOS

A Deus, em imensa gratidão pela saúde, bem-estar e reflexão na tese.

Ao meu pai, Gerhard Ruprecht (*in memoriam*), e minha mãe Álida Ruprecht (*in memoriam*) pela educação recebida, fonte de toda inspiração na vida e no trabalho.

A Lení Maria Schmidt (ex-esposa), à filha Michelle Mônica Ruprecht Redin, à neta Beatriz Ruprecht Redin, ao genro Rodrigo Miotto Redin, à filha Vivian Caroline Ruprecht, pela inspiração cotidiana de todas e todos na realização desta tese.

A Neide Bittencourt de Mello, esposa e companheira de longos anos, ao enteado Wagner Alvarenga e enteada Giuliana Lúcia Alvarenga Lopes, à sua neta, Carla Rolim La Frate, e neto Leopoldo Rubens Manella.

Às irmãs e irmão Rosely, Nelson, Miryam, Cristina, Sibilla

À EST-IECLB, pela possibilidade de realização desta tese no programa de Doutorado em Teologia – área de Teologia Prática.

Ao Professor Dr. Rodolfo Gaede Neto, pela sua dedicação como Orientador da Pesquisa, com respeito e admiração.

Aos membros da banca, professor Doutor Rodolfo Gaede Neto e professoras Doutoras: Gisela Wächter Streck, Márcia Blasi, Mériti de Souza, Claudete Beise Ulrich, pelas orientações e críticas visando o aperfeiçoamento da tese.

À Faculdades EST – São Leopoldo/RS, suas e seus docentes do Programa de Pós-Graduação, funcionárias e funcionários, com muita gratidão.

A Carla Gafski, secretária do PPG da EST, pela delicadeza, competência em relação às questões acadêmicas.

À CAPES, pelo suporte financeiro.

Aos colegas de turma, minha gratidão e carinho.

Ao colega e amigo Dr. Helio Teixeira, pela revisão dos textos. Meu muito obrigado!

Um agradecimento especial e poético<sup>1</sup> a todas as pastoras e pastores também.

Pastoras e pastores  
Têm ovelhas para cuidar  
Para apascentar  
24 horas por dia  
Não tem dia, não tem hora  
Ora na pressa, ora na demora  
Mas no cuidado sempre  
Cuidando constantemente  
Mais de quem mais precisa  
Cuidando menos da gente  
Como se a gente não fosse gente  
Mas um ente mais divino que humano  
Mais sagrado que mundano  
Que Deus nos dê sabedoria  
Para dizer ao mundo  
O quanto somos  
Seres humanos  
O quanto precisamos  
De cuidado também  
Para bem ser, para bem ouvir  
Para bem dizer, para bem sentir  
Para bem viver  
Parabéns, pastoras e pastores! Ovelhas também!

---

<sup>1</sup> CHRISTMANN, Louraine. **Celebrando em Poesia**. São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 121.

*Vivemos sonhando com seres perfeitos e com a terra sem males; vivemos construindo utopias e imaginando uma felicidade sem fim para todos nós, como se não fôssemos o que somos. Somos todos livres e escravos ao mesmo tempo [...] este sonho que mora em nós é fruto da desproporção entre nossa realidade e nosso desejo.*

Ivone Gebara



## RESUMO

A tese de doutorado em Teologia retrata um pequeno histórico da “atuação das pastoras na IECLB” (IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL) e consequente desenvolvimento da Teologia Feminista na EST/São Leopoldo/IECLB. Foram enviados e coletados formulários de pesquisa a todas as pastoras ordenadas da IECLB, inclusive pastoras afastadas e aposentadas. A proposta metodológica se baseia em uma metodologia para pesquisa social, baseada em Creswell e Ganzevoort e consta de dois formulários com perguntas e três cartas-estímulo enviados por *e-mail*, a serem preenchidos e devolvidos ao pesquisador. A pesquisa pretende dar visibilidade à atuação das pastoras nos diferentes campos de trabalho e suas dinâmicas ali desenvolvidas. Os resultados foram computados a partir das temáticas presentes, relacionando-as à epistemologia da Ecoteologia em Ivone Gebara e outras autoras, a partir de quatro aspectos julgados relevantes e coerentes com as informações recebidas, quais sejam: “O corpo, novo ponto de partida da Teologia”; “Isto não é Teologia”, dizem; “Gênero: uma questão de honra?”; “Quando as mulheres atraem violência”, itens teoricamente presentes na obra “Teologia Urbana” de Ivone Gebara. A crítica ao poder patriarcal pastoral torna-se visível em “A luta dos deuses” e “as relações de poder nas tradições patriarcais”, demarcando ainda o “desabrochar das mulheres no cenário global” e as “perspectivas de uma religião ecológica”. Os aspectos mais relevantes levantados na pesquisa como conclusões eventuais foram que a) Ser mulher, ser mãe, não interfere no Ministério Pastoral; b) Experiências intrapessoais com colegas, comunidades e paróquias são muito importantes para a manutenção do Ministério Pastoral; c) A vida pastoral em família, grosso modo, precisa ser revisitada em suas dinâmicas, especialmente no que tange à participação de seus membros nas expectativas comunitárias ali presentes. Apesar da baixa participação de pastoras do quadro geral da IECLB na pesquisa, pode-se afirmar que seus resultados contemplam a expectativa geral da tese, de visibilizar a atuação das pastoras na IECLB.

**Palavras-chave:** Pastoras IECLB. Teologia Ecofeminista. Cuidado. Poder Pastoral.



## ABSTRACT

This doctoral thesis in Theology portrays a small history of “the role of women pastors in the IECLB” (IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL) and the consequent development of Feminist Theology in EST/São Leopoldo/IECLB. Survey forms were sent and collected from all ordained IECLB women pastors, including demitted and retired women pastors. The methodological proposal is based on a methodology for social research, based on Creswell and Ganzevoort and consists of two forms with questions and three stimulus letters sent by email, to be completed and returned to the researcher. The research intends to give visibility to the performance of the women pastors in the different fields of work and their dynamics developed there. The results were computed from the themes presented, relating them to the epistemology of Ecotheology in Ivone Gebara and other authors, from four aspects deemed relevant and coherent with the information received, namely: “The body, new starting point of Theology”; “This is not Theology,” they say; “Gender: a matter of honor?”; “When women attract violence”, items theoretically present in the work “Urban Theology” by Ivone Gebara. The critique of pastoral patriarchal power becomes visible in “The Struggle of the Gods” and “Power Relations in Patriarchal Traditions”, also demarcating the “blooming of women on the global stage” and the “perspectives of an ecological religion”. The most relevant aspects raised in the research as eventual conclusions were that a) Being a woman, being a mother, does not interfere in the Pastoral Ministry; b) Intrapersonal experiences with colleagues, congregations and parishes are very important for maintaining the Pastoral Ministry; c) Family pastoral life, broadly speaking, needs to be revisited in its dynamics, especially with regard to the participation of its members in the community expectations present there. Despite the low participation of women pastors from the general ministerial body of the IECLB in the research, it can be said that its results contemplate the general expectation of the thesis, to make visible the role of women pastors in the IECLB.

**Keywords:** Women Pastors IECLB. Ecofeminist Theology. Care. Pastoral Power.



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Aspectos positivos da primeira experiência no campo de trabalho	54
Tabela 2 - Aspectos negativos da primeira experiência no campo de trabalho	55
Tabela 3 - Facilidades encontradas no campo de trabalho	55
Tabela 4 - Alegrias encontradas no campo de trabalho	56
Tabela 5 - Dificuldades encontradas no campo de trabalho	56
Tabela 6 - Resistências encontradas no campo de trabalho	57
Tabela 7 Seu projeto diante da estrutura eclesial – aspectos positivos	58
Tabela 8 - Seu projeto diante da estrutura eclesial – aspectos negativos	58
Tabela 9 - Seu projeto diante dos colegas – aspectos positivos	59
Tabela 10 - Seu projeto diante dos colegas – aspectos negativos	60
Tabela 11 - Seu projeto diante da comunidade – aspectos positivos	60
Tabela 12 - Seu projeto diante da comunidade – aspectos negativos	61
Tabela 13 - Seu projeto diante dos próprios conceitos – aspectos positivos	62
Tabela 14 - Seu projeto diante dos próprios conceitos – aspectos negativos	63
Tabela 15 - Avaliando Instituição-IECLB após tempo de atividade: Aspectos positivos	64
Tabela 16 - Avaliando Instituição-IECLB após tempo de atividade: Aspectos Negativos	64
Tabela 17 - Avaliando paróquia/com. após atividade: Aspectos positivos	66
Tabela 18 - Avaliando paróquia/com. após atividade: Aspectos Negativos	66
Tabela 19 - Avaliando colegas de trabalho: Aspectos Positivos	68
Tabela 20 - Avaliando colegas de trabalho: Aspectos Negativos	68
Tabela 21 - Conceitos teológicos e pessoais: Aspectos Positivos	69
Tabela 22 - Conceitos teológicos e pessoais: Aspectos Negativos	71

**Tabela 23 - Grau de satisfação consigo mesma – Aspectos Positivos ..... 72**

**Tabela 24 - Grau de satisfação consigo mesma – Aspectos Negativos ..... 73**

**Tabela 25 - Número de vezes em que a palavra-chave é apresentada no texto 74**

**Tabela 26 - Número de vezes em que a palavra-chave é apresentada no texto 75**

## **LISTA DE TERMOS**

**APPL: ASSOCIAÇÃO PASTORAL POPULAR LUTERANA**

**CAM: CAMPO DE ATIVIDADE MINISTERIAL**

**EMO: ESTATUTO DO MINISTÉRIO COM ORDENAÇÃO**

**EST: ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA**

**IECLB: IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL**

**IELB: IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL**

**ITER: INSTITUTO TEOLÓGICO DO RECIFE**

**JE: JUVENTUDE EVANGÉLICA (IECLB)**

**OASE: ORDEM AUXILIADORA DE SENHORAS EVANGÉLICAS (IECLB)**

**PASTOR/PASTORA SINODAL: REPRESENTANTE DO SÍNODO (IECLB)**

**PASTOR VOLUNTÁRIO - PASTORA VOLUNTÁRIA: PASTOR E PASTORA QUE COLABORA COM A IECLB SEM RECEBER VENCIMENTOS FINANCEIROS**

**SINODOS: INSTÂNCIAS SUPRAPAROQUIAIS RESPONSÁVEIS PELA COORDENAÇÃO E ARTICULAÇÃO DAS ATIVIDADES DA IGREJA (IECLB) EM DETERMINADA REGIÃO GEOGRÁFICA**

**TAM: TERMO DE ATIVIDADE MINISTERIAL (ESTATUTO DO MINISTÉRIO COM ORDENAÇÃO DA IECLB)**



## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	19
2	UM BREVE QUADRO DA TEOLOGIA FEMINISTA NA IECLB .....	33
2.1	O INÍCIO DA CAMINHADA – ANOS 1960.....	34
2.2	A FORMAÇÃO TEOLÓGICA DE PASTORAS – ANOS 1970-1980.....	37
2.3	O DESENVOLVIMENTO DE UMA TEOLOGIA FEMINISTA NA IECLB .....	39
2.4	O SILÊNCIO NA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DE MULHERES .....	45
3	O COTIDIANO NAS NARRATIVAS – ANÁLISE DOS DADOS.....	51
3.1	ASPECTOS DA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA EM CAMPO DE TRABALHO.....	54
3.2	APÓS A FORMAÇÃO EM TEOLOGIA ENCONTROU .....	55
3.3	SEU PROJETO PRÓPRIO EM CAMPO DE TRABALHO .....	58
3.4	RESULTADOS E PERSPECTIVAS NA SUA ATIVIDADE LABORAL.....	64
3.5	GRAU DE SATISFAÇÃO: CONSIGO MESMA.....	72
3.6	GRAU DE SATISFAÇÃO: CÔNJUGE, FILHOS, PARENTES, AMIGOS .....	74
3.7	ASPECTOS CONCLUINTE DAS NARRATIVAS .....	77
4	A INSERÇÃO DA MULHER NA TEOLOGIA BRASILEIRA .....	79
4.1	A TEOLOGIA ECOFEMINISTA EM IVONE GEBARA.....	83
4.2	A MULHER FAZ TEOLOGIA (1986).....	84
4.3	A FENOMENOLOGIA FEMINISTA DO MAL: ROMPENDO O SILÊNCIO – 2000 .....	86
4.4	TEOLOGIA URBANA EM IVONE GEBARA (2014) .....	97
4.4.1	<i>Corpo, novo ponto de partida da Teologia</i> .....	100
4.4.2	<i>“Isto não é Teologia”, dizem</i> .....	104
4.4.3	<i>Gênero: uma questão de honra?</i> .....	108

<b>4.4.4 Quando as Mulheres atraem violência</b>	<b>118</b>
<b>5 A RESSONÂNCIAS TEOLÓGICAS</b>	<b>127</b>
<b>5.1 A “LUTA DOS DEUSES”: UMA METÁFORA AO PODER PASTORAL</b>	<b>127</b>
<b>5.2 AS RELAÇÕES DE PODER NAS RELIGIÕES PATRIARCAIS</b>	<b>129</b>
<b>5.3 O DESABROCHAR DAS MULHERES NO CENÁRIO GLOBAL</b>	<b>139</b>
<b>5.4 O PORVIR DE UMA RELIGIÃO ECOLÓGICA: PERSPECTIVAS</b>	<b>149</b>
<b>5.5 A ATUAÇÃO DAS PASTORAS NA IECLB: ASPECTOS RELEVANTES</b>	<b>155</b>
<b>5.5.1 Ser Mulher, ser Mãe, não interfere no Ministério Pastoral</b>	<b>159</b>
<b>5.5.2 Experiências intrapessoais com colegas, comunidades/paróquias são muito importantes para a manutenção do Ministério Pastoral</b>	<b>162</b>
<b>5.5.3 A Vida Pastoral em Família</b>	<b>167</b>
<b>6 CONCLUSÃO</b>	<b>173</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>185</b>
<b>REFERÊNCIAS ADICIONAIS</b>	<b>190</b>
<b>ANEXO I: CARTA-ESTÍMULO</b>	<b>191</b>
<b>ANEXO II: FORMULÁRIO DE PESQUISA I</b>	<b>203</b>
<b>ANEXO III: FORMULÁRIO DE PESQUISA II</b>	<b>205</b>
<b>ANEXO IV: CORRESPONDÊNCIAS COM A SECRETARIA GERAL - IECLB</b>	<b>207</b>
<b>ANEXO V – EXTRATO NÃO LINEAR DOS DADOS DA PESQUISA</b>	<b>211</b>

# 1 INTRODUÇÃO

A reflexão sobre o trabalho de pastoras diante da estruturação patriarcal masculina do Ocidente tem sido olvidada pelos séculos, apesar de ter suas próprias peculiaridades. Isto também vale para o campo do exercício do trabalho de pastoras, em que vários relatos públicos<sup>2</sup> ou privados comunicam discriminações sofridas dentro dos campos de trabalho, quando não levam a desvantagens ou até transferências de lugar. Como ponto de partida para a pesquisa desta Tese de Doutorado pergunto: em que medida: a) Há alegrias no exercício do ministério com ordenação das pastoras na IECLB? b) Há tristezas no exercício do ministério com ordenação das pastoras na IECLB? c) como alegrias e tristezas conversam entre si? d) Pastoras são recebidas e aceitas nas paróquias e comunidades da IECLB da mesma maneira como seus colegas pastores? e) Pastoras sofrem discriminações em função de seu gênero, por serem mulheres? f) Os campos de trabalho pastoral foram estruturados historicamente para os homens nas Igrejas históricas. Se essa é uma hipótese válida, como as pastoras se adaptaram a esse contexto?

A IECLB, como Instituição, desde 1982 – com a ordenação da primeira mulher como pastora – equiparou todas as demais pastoras ao mesmo status exercido por seus colegas pastores em seus campos de trabalho. As pastoras se percebem assim no seu cotidiano de trabalho e se sentem aceitas por seus colegas pastores em seus respectivos campos de trabalho? Percebi ao longo dos anos no exercício do meu Ministério Pastoral (Pastor) e Terapêutico (Psicólogo) que estas questões levantadas habitam o campo de atuação de mulheres no exercício pastoral e, grosso modo, tecem as características da atuação destas no Ministério com Ordenação da IECLB.

Evidentemente este não é somente um problema teológico ou ministerial, muito antes está profundamente enraizada na cultura patriarcal do Ocidente que vem sendo revista e revisitada por novas epistemologias em relação aos direitos, justiça social e saúde da mulher.

---

<sup>2</sup> Relatos sobre a atuação de mulheres no exercício do ministério pastoral vêm sendo descritos em obras nas diferentes Igrejas. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2753/2608>>. Acesso em: 23 jan. 2021. Na IECLB, veja a obra de FREIBERG, Maristela Lívia. **E assim entramos na roda**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019.

Uma das precursoras da análise desse processo aqui no Brasil, e, particularmente, no âmbito religioso, certamente é a teóloga Ivone Gebara, que no transcorrer de sua vida se dedicou à temática acerca da inserção da mulher na reflexão teológica brasileira. Para a presente tese, selecionei três momentos decisivos em sua vida e obra, nos quais ela expõe as características históricas a respeito desse tema. O primeiro momento se localiza nas décadas de 1970-1980, em que ela atua ao lado de Dom Hélder Câmara, no Instituto Teológico do Recife (ITER), lecionando ali durante quase 17 anos, até que a Instituição foi fechada pelo Vaticano em 1989. Nesse período, ela produziu a obra “A Mulher faz Teologia” 1981–1986,<sup>3</sup> obra na qual retrata os principais aspectos da teologia feminista no Brasil.

Quando em 1990 ela foi processada e condenada pelo Vaticano ao “Silêncio Obsequioso” – o mesmo aplicado ao teólogo Leonardo Boff – por fazer críticas à doutrina moral da Igreja, particularmente no tocante ao aborto, saiu e ficou fora do Brasil durante esses dois anos de silêncio forçado, período em que obteve seu segundo doutorado em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Louvain-Bélgica, período que selecionei como o segundo momento mais significativo de sua vida. Nesse período, destaca-se sua obra e tese de doutoramento “Rompendo o Silêncio: uma fenomenologia feminista do mal”,<sup>4</sup> na qual é abordada a problemática do mal na perspectiva da mulher.

O terceiro momento significativo reúne seus ensaios sobre ética, gênero, meio ambiente e a condição humana na obra “Teologia Urbana”,<sup>5</sup> uma reunião de sessenta crônicas escritas em torno da década de 2010 sobre os assuntos mais atuais da teologia feminista brasileira, publicadas individualmente em cada edição da revista *Tempo & Presença*. Destas, selecionei quatro temáticas com as quais esta tese quer conversar, e de cujo material minha pesquisa empírica junto às pastoras da IECLB quer interagir. São elas: “Corpo, novo ponto de partida da teologia”; “Isto não é teologia”; “Gênero: uma questão de honra?” e “Quando as mulheres atraem violência”.

Em “A luta dos deuses – A disputa do poder pastoral”, discutirei com inúmeros autores as novas representações da religiosidade, sobretudo no Brasil, e a

---

<sup>3</sup> GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria C. L. **A Mulher faz Teologia**. Petrópolis: Vozes, 1986.

<sup>4</sup> GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silêncio – Uma fenomenologia feminista do mal**, Petrópolis: Vozes, 2000.

<sup>5</sup> GEBARA, Ivone. **Teologia Urbana – Ensaios sobre ética, gênero, meio ambiente e a condição humana**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

participação da teologia feminista e ecofeminista na sua constituição. Mister se faz registrar também como as pastoras na IECLB acompanharam todo esse processo de emancipação das mulheres em solo brasileiro, desde a sua inserção no trabalho pastoral nas paróquias e comunidades, seus êxitos e suas dificuldades, bem como sua relação de gênero em um ambiente qualificado por um patriarcalismo dominante e excludente. Tais relatos irão compor o corpo da presente tese sobre a atuação das pastoras na IECLB. Inúmeras teólogas docentes da IECLB/EST e outras instituições têm escrito a respeito dessa temática, devidamente citadas no transcorrer do texto, assim como tantas outras também já colaboraram e escreveram a respeito, mesmo que não indicadas na fluência desse texto.

Portanto, em “A História de uma Teologia Feminista no Contexto da IECLB”, irei me referir a um histórico que já foi feito por docentes e teólogas da IECLB, mostrando a caminhada do início desse processo a partir dos anos 1960, passando pela sedimentação da formação teológica de pastoras nas décadas de 1970-1980, tecendo uma rede de relações até o desenvolvimento de uma Teologia Feminista na contemporaneidade.

Quanto aos aspectos metodológicos, ao estabelecer a estrutura metodológica de um projeto, conforme Creswell,<sup>6</sup> há que se considerar três tipos de pesquisa, respectivamente na forma de uma pesquisa qualitativa, pesquisa quantitativa e pesquisa de métodos mistos. Cada modelo tem seus méritos próprios e para as características do meu projeto de pesquisa é interessante uma abordagem a partir do modelo de pesquisa de métodos mistos, que combina ou associa a pesquisa qualitativa à pesquisa quantitativa. Por justificativa desta opção, ressalto que pretendo dar ênfase aos aspectos qualitativos e epistemológicos do universo de pastoras pesquisadas, ressaltando temáticas que lhes são próprias, mas também estendo a pesquisa ao universo total de pastoras da IECLB, o que envolve uma apreciação quantitativa, e por isso é mais do que uma coleta e análise de dados, combinando as duas abordagens.

Ainda conforme Creswell, entre as diferentes concepções filosóficas dos métodos, ressalta-se na contemporaneidade quatro concepções básicas, quais sejam: pós-positivista, construtivista, reivindicatória/participatória e pragmatista. Cada

---

<sup>6</sup> CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

concepção tem suas próprias características e para a presente pesquisa optei pela concepção *construtivista*, que se caracteriza por um nível de compreensão e entendimento próprios e múltiplos do participante, uma construção social e histórica de sua performance de vida, envolvendo também a geração de uma teoria capaz de abarcar os principais acontecimentos significantes da vida das participantes.

O modelo construtivista é uma abordagem mais adequada para uma pesquisa qualitativa e tem como precursor teórico as ideias de Mannheim e as obras de Berger, Luckmann<sup>7</sup> e Lincoln,<sup>8</sup> que defendem suposições de que os indivíduos procuram entender o seu contexto de vida desenvolvendo significados subjetivos de suas experiências de vida, dirigidos para objetos ou coisas. O pesquisador procura compreender a complexidade desses pontos de vista, ao invés de reduzi-los em um estreitamento hermenêutico.

O objetivo da pesquisa é confiar o máximo possível nas visões que os participantes têm da situação a qual está sendo estudada. As questões tornam-se amplas e gerais, para que os participantes possam construir o significado de uma situação caracteristicamente baseada em discussões ou interações com outras pessoas.<sup>9</sup>

Os temas pesquisados, portanto, não são ideologias, teologias ou epistemologias fechadas, constituídas de dados estáticos, mas fruto de dinâmicas sobre o que as pessoas pensam e falam, desde os ambientes que os constituem. Assim cabem constantes atualizações, oposições e divergências entre si, cujos

[...] significados subjetivos são negociados social e historicamente [...] são formados pela interação com as outras pessoas [...] e por normas históricas e culturais, as quais operam na vida dos indivíduos. [...] tratam dos processos de interação entre os indivíduos.<sup>10</sup>

Tais pesquisadores se concentram nos contextos específicos em que seus pesquisados vivem e trabalham para compreender os ambientes históricos e culturais pelos quais transitam. Reconhecem também que as origens deles mesmos moldam sua interpretação e se posicionam em suas pesquisas, permanecendo atentos como

---

<sup>7</sup> BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1973.

<sup>8</sup> LINCOLN, Yvonna. S. Naturalistic Inquiry. In: RITZER, G. (Org.). **The Blackwell Encyclopedia of Sociology**. John Wiley & Sons, Ltd, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1002/9781405165518.wbeosn006>>. Acesso em: 23 jul. 2021.

<sup>9</sup> CRESWELL, 2010, p. 31.

<sup>10</sup> CRESWELL, 2010, p. 31.

suas próprias experiências culturais históricas pessoais fluem pela interpretação que fazem de um determinado evento. Assim também refere Crotty, ao discutir o construtivismo e identificar algumas suposições práticas por parte do pesquisador, de que

[...] os pesquisadores qualitativos tendem a utilizar questões abertas [...] os seres humanos se engajam em seu mundo e extraem sentido dele baseados em suas perspectivas históricas e sociais [...] Os pesquisadores qualitativos procuram entender o contexto ou o cenário dos participantes, visitando tal contexto e reunindo informações pessoalmente. Também interpretam o que encontram, uma interpretação moldada pelas próprias experiências e origens do pesquisador.<sup>11</sup>

O pesquisador, assim, faz parte do contexto dos e das pesquisadas, tomando como referência suas próprias experiências, condutas, interações objetivas e subjetivas, que servem de substrato para sua própria subjetividade.

A geração básica de significado é sempre social, surgindo dentro e fora da interação com uma comunidade humana. O processo de pesquisa qualitativa é principalmente indutivo, com o investigador gerando significado a partir dos dados coletados no campo.<sup>12</sup>

Desse modo, a abordagem metodológica construtivista social também é coerente com os propósitos de minha pesquisa empírica teológica, uma vez que pretende auferir e coletar informações no campo de trabalho das pastoras da IECLB e suas respectivas dinâmicas interpretativas, buscando a compreensão e o entendimento dos significados múltiplos nos quais foram construídas suas histórias de vida e trabalho. Estes são frutos de sua inserção social, cultural e religiosa de onde provêm, observando agora seus posicionamentos e delineamentos diante das circunstâncias que determinam seus campos de trabalho.

Pessoalmente, já transitei por esses campos em que por mais de três décadas atuei como pastor da IECLB em Capanema-PR (1978-1983) e Londrina-PR (1983-1988), e também como psicólogo (CRP 08/05255) por meio da prática clínica em consultório (1993-2013), além de atuar como professor e psicólogo da Instituição Seminário Teológico Antônio de Godoy Sobrinho da Igreja Presbiteriana Independente

---

<sup>11</sup> CROTTY, Michael, 1998 *apud* CRESWELL, 2010, p. 31-32.

<sup>12</sup> CROTTY, 1998 *apud* CRESWELL, 2010, p. 31-32.

do Brasil - IPIB, em Londrina, para o qual fui cedido como docente pelo Conselho da IECLB entre os anos de 1989 e 2009.

Durante esse tempo trabalhei com temáticas transversais em meus afazeres, temáticas que, grosso modo, se situavam à beira das Instituições, nas transgressões e contradições em que vidas humanas por vezes transitam e habitam. Entre essas vidas situavam-se, numerosamente, mulheres com seus afazeres e dilemas, que escutava com absoluta confiança e acolhida, evidentemente em sigilo profissional competente. Foi um longo período de silêncio e reflexão da minha parte, mas também me sentia motivado a fazer um trabalho que pudesse ser publicado e assim visibilizar essa escuta, para que pudesse desenvolver seus próprios mecanismos de intervenção e florescimento.

Esse aspecto foi contemplado quando surgiu a oportunidade de fazer um Doutorado com essas temáticas, ao ser aceito no Programa de Pós-Graduação da Est em Teologia, mediante realização e aprovação em Exame de Seleção (2018). Tendo em vista os custos financeiros e problemas de ordem pessoal, não assumi neste ano o início das aulas, preparando-me para, mediante concessão de Bolsa de Taxas Capes, me inscrever e assumir as aulas em 2019-2022, que ora encerro com total gratidão, esmero e competência, dando início à presente pesquisa social em janeiro de 2021.

Em minha dissertação de mestrado, trabalhei o desenvolvimento vocacional religioso, em uma pesquisa qualitativa envolvendo quatro estudantes, alunos meus, em dois campos de investigação e duas categorias de análise.<sup>13</sup> No doutorado, pretendo ampliar esse campo de investigação para a dinâmica de trabalho e atuação das pastoras na IECLB. Tendo em vista alguns relatos de experiências de colegas pastoras em seus campos de trabalho e de situações *sui generis* ocorridas em alguns casos, bem como o aumento crescente de estudantes de teologia feministas no transcorrer dos últimos anos, que encaminharão novos elementos à nossa hermenêutica teológica, pretendo, assim, dimensionar essa temática em relação aos dados obtidos na pesquisa.

---

<sup>13</sup> **Campos de investigação:** 1) estudantes do segundo ano de teologia, a fase mais crítica desse curso. 2) estudantes do quarto ano de teologia, formandos com demandas vocacionais relativamente elaboradas. Cada um desses campos continha categorias diferenciais de análise, a saber, os que ainda tinham queixas de natureza vocacional e estudantes que já tinham relativamente elaborado suas queixas de natureza vocacional.

Por toda a minha vida acadêmica tive a preocupação com a saúde pastoral a partir da perspectiva da teologia prática. Assim, comecei tratando da questão vocacional na dissertação de mestrado, deixando já um espaço para continuar a avançar nessa temática. Entrementes Rosely Künrich de Oliveira<sup>14</sup> desenvolveu essa temática em sua tese de doutorado de forma espetacular, agora publicada sob o título: “Cuidando de Quem Cuida”. Também Thomas Heimann<sup>15</sup> se encorajou a enfrentar a idealização pastoral masculina em sua tese de doutoramento sobre a “Imagem e Identidade Pastoral”, auscultando as bases dos ministros da IELB<sup>16</sup> a respeito da temática.

Agora pretendo ouvir e visibilizar a atuação das pastoras na IECLB, mas não sei se conseguirei as encorajar a falar a respeito de si mesmas, mesmo porque o peso institucional como profissionais de um campo de trabalho remunerado pode ser demasiadamente restrigente para provocar receios de muitas naturezas, como indisposições com colegas, temores sobre transferências antecipadas, percalços nas avaliações comunitárias e institucionais, narrativas que possam levar à insegurança pessoal e profissional, entre outras.

Também existe a questão ética de confidencialidade que permeia e atemoriza corpos e mentes, provocando enclausuramentos protetores, sejam individuais ou de classe, que subjazem aos discursos e às retóricas oficiais dos e das que se arriscam a narrativas expositórias.

A pesquisa também quer mobilizar uma escuta solidária que poderá em um momento futuro proporcionar novas dinâmicas relacionais que promovam novos desdobramentos de reconhecimento, tolerância, justiça, igualdade entre colegas e comunidades, além de permitir e motivar atualizações e complementações teológicas no exercício da cidadania proposta pelo projeto neotestamentário acerca do Reino de Deus na Terra.

---

<sup>14</sup> OLIVEIRA, Rosely Künrich de. **Cuidando de quem cuida**: um olhar de cuidados aos que ministram a palavra de Deus. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2005.

<sup>15</sup> HEIMANN, Thomas. **Imagem e identidade pastoral**: a desidealização do ministério pastoral a partir da teologia da graça proposta por Lutero. São Leopoldo, RS, 2016. 400 p. Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2016. Disponível em: <[http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/702/1/heimann\\_t\\_td151.pdf](http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/702/1/heimann_t_td151.pdf)>. Acesso em: 23 ago. 2021.

<sup>16</sup> IELB – Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

Para delinear melhor os aspectos metodológicos do projeto optei por Ganzevoort,<sup>17</sup> um teólogo holandês vinculado à Teologia Prática, para o qual também é importante a perspectiva construtivista de considerar os contextos em transformação ao se pesquisar uma temática. Como eu pressuponho uma capacidade de integrar amostras muito diferentes na base de dados a ser formada na pesquisa, parece-me viável a escolha da metodologia proposta por Ganzevoort,<sup>18</sup> cujo ponto inicial converge para algumas por ele denominadas “encruzilhadas”, formadas de um *objeto de estudo*, um *método a ser delineado*, as *próprias perspectivas do pesquisador* e *uma audiência a ser definida*. Seguindo os passos desse autor, estabecerei sua confluência com a temática abordada no projeto, qual seja, a descrição da dinâmica de atuação das pastoras na IECLB e a observação metodológica desse fenômeno a partir das *encruzilhadas* descritas por Ganzevoort, ora designadas na descrição da metodologia.

Para Ganzevoort,<sup>19</sup> há que se considerar os *contextos em transformação* ao se pesquisar uma temática, e no caso do ministério das pastoras na IECLB, elas precisavam preencher um espaço ocupado até então por homens somente, cuja representação social/profissional também estava relacionada ao gênero masculino. Pergunto assim, ao ocupar esse espaço, se a pastora mulher precisou incorporar as características previamente estabelecidas ao gênero masculino ou esta conseguiu formatar um parâmetro próprio a partir dos seus pressupostos próprios de gênero e quais implicâncias isto teve em sua atuação profissional. Pressuponho que não haja uniformidade nas experiências das pastoras em seus ministérios, cujas diferenças e adequações pretendo investigar.

Estabelecendo uma correlação com minha temática sobre o ministério das pastoras na IECLB, podemos entender este apenas como uma reprodução do ministério dos pastores na IECLB, agregando características que excedem tais particularidades, como jornada de trabalho ou possibilidades de gravidez e afastamento de determinadas tarefas. Entretanto, seguindo esse autor, podemos também entender o mesmo processo como um fenômeno próprio, com suas

---

<sup>17</sup> GANZEVOORT, R, Ruard. Encruzilhadas do caminho no rastro do sagrado. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 49, n. 2, p. 317-343, 2009. Disponível em: <[http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/91/85](http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/91/85)>. Acesso em: 29 ago. 2021.

<sup>18</sup> GANZEVOORT, 2009, p. 329 ss.

<sup>19</sup> GANZEVOORT, 2009, p. 317-343.

características e desafios singulares. Optei por este segundo modelo levando em consideração os determinismos pré-existentes, tentarei rastrear o ministério das pastoras na IECLB no sentido de desenvolver um conhecimento a respeito, procurando por características *sui generis* ou mesmo como este é desenvolvido a partir de modelos masculinos preexistentes e suas repercussões. Tentarei estudar diretamente suas dinâmicas, estabelecendo um contorno mais visível na sua execução, para que possam ser apreciadas a partir de sua configuração própria.

No caso das pastoras na IECLB, a teologia prática tem ali o dever de dar suporte para a sua formação através da pesquisa, reflexão e desenvolvimento de novas abordagens através de uma racionalidade conversacional. Tal hermenêutica salienta a relação entre a tradição e o presente, considerando que o outro sempre é sujeito e não objeto do conhecimento, fomentando uma relação e reflexão mutuamente inclusivas.

Isto é particularmente importante em relação à sua atuação nos respectivos campos de trabalho na medida em que saberes oriundos de fontes emancipatórias da mulher – como as discussões sobre as relações de poder entre os gêneros, as teologias feministas, ecofeministas, teologia gay e da própria bioética, entre outras – agregam orientações e indisponibilidades velada ou abertamente em oposição às concepções do patriarcalismo bíblico e histórico ainda em vigor nos contextos eclesiais contemporâneos. A teologia prática tem uma grande tarefa mediadora e talvez conciliatória nas décadas vindouras em relação a estas propostas de relacionamento humano, tanto quanto no sentido de integrar estes novos posicionamentos humanos nas hermenêuticas teológicas da contemporaneidade eclesial.

A teologia prática em sua prática libertadora ainda tem um compromisso com a *sociedade* nos âmbitos técnico, econômico e político e também no âmbito simbólico da cultura e da religião. Conforme Ganzevoort,<sup>20</sup> a teologia prática assume muitas vezes uma forma de teologia pública, engajada na resistência à opressão e injustiça sociais, inspirada pela prática libertadora para o reino de Deus. Temas como a globalização, abuso do poder econômico, abuso sexual, violência, relações de gênero, HIV-AIDS, entre outros, estão na pauta dessa racionalidade retórica, enfatizando

---

<sup>20</sup> GANZEVOORT, 2009, p. 339.

interesses e críticas concretas através da Teologia da Libertação, dos estudos pós-coloniais, procurando dar voz às teologias marginais baseadas em raça, gênero, classe social, linguagem, orientação sexual, habilidade física, mental ou idade.

A teologia prática considera essas teologias como um processo de construção de uma nova cidadania no reino de Deus, uma projeção de mundos possíveis e assimiláveis através da educação e contínua emancipação do ser humano. É sua tarefa fazer as conexões possíveis entre a práxis religiosa e suas tradições e fontes, nos conflitos e diferenças entre os relatos teológicos e as formas de práxis religiosas, entre Igreja e sociedade, tentando compreender a inevitabilidade e a riqueza de sua diversidade.

A atuação de mulheres no “Ministério com Ordenação da IECLB” é uma das fontes mais nítidas na emergência dos conflitos designados, seja em sua forma subjugada e pueril dentro das relações de poder casual, seja nos conflitos abertos das arenas retóricas eclesiais e seculares do seu exercício na marginalidade eclesial e secular. Mapear seus contornos e encontrar saídas dignas e redentoras para a humanidade que nos caracteriza (ou não) é a principal tarefa da teologia prática e também quer ser o estímulo e o *telos* da minha tese de doutorado.

Tento, assim, escutar as alegrias e os dilemas de pastoras que estejam dispostas a relatar suas histórias de vida e trabalho nas instituições religiosas a partir de suas respectivas epistemologias, para construir um arcabouço de histórias de vida que possam inspirar, auxiliar e amparar a atuação das pastoras da IECLB, na confluência dos saberes que a contemporaneidade nos desafia a reavaliar.

Em termos metodológicos, organizei uma pesquisa de âmbito nacional entre todas as pastoras da IECLB, em uma perspectiva de análise quanti-qualitativa construtivista social, composta de quatro (4) questões quantitativas semiestruturadas, cujo eixo é seu campo de trabalho profissional e duas (2) questões qualitativas abertas não estruturadas, cujo eixo é a percepção de si mesmas no contexto pessoal, familiar e ou parental. O embasamento epistemológico de Ganzevoort, conforme apresentado, serve de amparo técnico-metodológico na constituição da presente pesquisa. Baseio-me, sobretudo, na terceira encruzilhada apresentada por Ganzevoort.

A razão desse enquadramento específico se estrutura na amplitude das possibilidades de investigação propostas pela dinâmica de Ganzevoort em sua

descrição metodológica, obviamente relevante em toda a sua extensão, mas tendo em vista as limitações empíricas, a variedade de amostras singulares das pastoras pesquisadas, a propensão a uma pesquisa qualitativa, entre outras, sugere uma intervenção mais específica em determinados pontos e aspectos da temática em apreço, em detrimento de outras igualmente relevantes.

Assim, tomando como referência a terceira encruzilhada, ao estabelecer uma conexão metodológica com o Formulário de Pesquisa I, apresentado no Anexo I, verifica-se que na questão 1 a pergunta de pesquisa está relacionada à autorrepresentação como jogadora – J1, a questão 2 relacionada com a intersecção entre jogadora/técnica – J1+T, a questão 3 à intersecção entre técnica/juíza – T+J2 e a questão 4 à condição de comentarista – C. Entende-se que cada categoria de análise tenha um *status* diferente de compreensão e representação da temática, o que permite diferentes olhares angulares já na constituição da própria narrativa retórica por parte da pessoa participante da pesquisa. Isso lhe permite reavaliar em cada momento sua experiência nos seus entornos institucionais, ampliando e enriquecendo mormente sua própria narrativa.

No Formulário de Pesquisa II, as participantes da pesquisa irão reproduzir esses elementos de forma livre e espontânea, o que lhes permitirá uma viagem à intersubjetividade pessoal de sua própria experiência como religião vivida, de acordo com o conceito apresentado por Ganzevoort e suporte metodológico da presente pesquisa.

Transcorrido um período de pesquisa, sem ter alcançado o objetivo proposto de receber devolutivamente um número estatisticamente significativo de formulários, que possa representar o número total de pastoras ordenadas na IECLB (233), apresentei um adendo – Carta Fase 3<sup>21</sup> – ao projeto, através da Plataforma Brasil,

---

<sup>21</sup> **CARTA FASE 3: REFLEXÕES PARA A COMPOSIÇÃO DA TESE: A ATUAÇÃO DAS PASTORAS NA IECLB: DA ORDENAÇÃO AO COTIDIANO.** Ms. RUBENS RUPRECHT - 2021

Prezadas colegas Pastoras!

Esta carta caracteriza o terceiro momento (Fase 3) em que me dirijo à vocês em relação ao preenchimento e envio dos formulários de pesquisa para minha Tese de Doutorado “A ATUAÇÃO DAS PASTORAS NA IECLB: DA ORDENAÇÃO AO COTIDIANO”. Também representa o final dessa etapa, tendo em vista que, doravante irei compor os dados para o “Exame de Qualificação da Tese”, marcado para o dia 23 de novembro de 2021.

Segue agora mais um convite para responder os formulários que irão compor o corpo da Tese, quem sabe possam até discutir e debater a temática com seus pares nas Paróquias e Sínodos, sendo esta justamente uma iniciativa que propõe essa reflexão ampla sobre o tema, dada a importância e a visibilidade do trabalho das pastoras na IECLB. Também está prevista ainda uma

que foi devidamente analisada e aprovada por unanimidade pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e Colegiado da EST em 18 de outubro de 2021, data em que a “Carta Fase 3” foi enviada por *e-mail* a todas as pastoras da IECLB que ainda não tinham enviado nenhuma resposta aos formulários propostos pelo pesquisador, estabelecendo a data de 30 de novembro de 2021 para o encerramento dessa fase da pesquisa. Também foi acrescentado à carta um formulário com algumas hipóteses que pode ser preenchido pela pastora, caso ela não queira participar da pesquisa, acrescentado da nota que o não envio de nenhuma resposta será interpretado como concordância com uma das hipóteses propostas ou mesmo com todas elas.

Transcorrido o prazo final estabelecido, encerrou-se a recepção de formulários, tendo recebido ao total 16 formulários preenchidos, que no tratamento de

---

exposição da temática junto ao encontro nacional das Pastoras e Pastores Sinodais, em que uma reflexão prévia em sua origem nas paróquias e comunidades seria muito importante.

Ressalto igualmente que o silêncio e a relutância em participar da pesquisa é um direito que lhe assiste e será respeitado integralmente no contexto desta Tese de Doutorado. Tenho recebido inúmeras e importantes contribuições nos formulários que já me foram encaminhados, destacando os aspectos qualitativos dessa temática, mas tenho em meus objetivos no projeto de pesquisa também uma percepção nacional das pastoras da IECLB no Brasil a esse respeito, o que ainda não foi alcançado.

Ressalte-se então a importância de sua contribuição na integralização da tese, assim como possíveis e eventuais discordâncias e reflexões que venham a enriquecer, aprimorar e enfatizar aspectos que ainda não tenham sido contemplados até o presente momento e que, sobretudo, indiquem para o atual momento do relacionamento entre pastoras e pastores na IECLB. Pressuponho que já tenha havido conquistas e avanços importantes no relacionamento e reconhecimento entre pastoras e pastores da IECLB, embora permaneçam alguns hábitos que ainda dificultam essas relações entre pastoras, pastores, presbitérios e comunidades. Outrossim, compreendo vosso silêncio a esse respeito, tendo em vista questões de múltiplas naturezas. Mencionarei algumas delas e gostaria que se posicionasse a esse respeito, caso opte em não responder ao formulário.

Não quero responder ao formulário proposto por razões de:

- a)  Constrangimento com colegas e presbitérios.
- b)  Possibilidades de discriminação na escolha da futura paróquia.
- c)  Posicionamento ideológico e teológico diferente.
- d)  Não comprometimento com a causa por razões diversas.
- e)  Preservação do relativo bem-estar com colegas e presbitérios.
- f)  Outras...

Diante do exposto, quero convidá-la, prezada colega pastora, a refletir a esse respeito e ainda me encaminhar seu formulário preenchido até 30 de novembro de 2021, quando essa fase então será encerrada. Imagino que encontre algum tempo hábil para esse propósito no transcorrer desse período proposto, assim como lhe estimule a dialogar com colegas de sua abrangência, bem como nas instâncias comunitárias, paroquiais e sinodais que possam promover a compreensão e a visibilização de suas dinâmicas de atuação pessoal e pastoral no seu Ministério.

O não-envio de nenhuma resposta será interpretado como concordância com uma das hipóteses levantadas ou mesmo com todas elas. Para sua proteção continuam vigentes todos os requisitos de sigilo contidos no Termo de Consentimento que já lhe foi encaminhado junto com o formulário e que deve ser assinado e enviado ao pesquisador. Essa carta pode ser reenviada ao mesmo endereço eletrônico do pesquisador: pesquisadorrubensruprecht@est.edu.br .

Na expectativa do seu retorno a respeito, lhe aguardo atentiosamente.

São Leopoldo, 18 de outubro de 2021. P. Ms. Rubens Ruprecht

dados foram divididos em três categorias temporais, respectivamente: 1 – 6 anos de Ministério Pastoral (3 formulários); 7 – 15 anos de Ministério Pastoral (3 formulários); 16 – 30 anos de Ministério Pastoral ou mais (10 formulários). A seguir foram transcritos tematicamente para novos quadros,<sup>22</sup> de acordo com a classificação apresentada por Ganzevoort, a saber: a) Jogadora (J<sup>1</sup>) – representando a própria imersão no trabalho pastoral, a linha de frente da atuação pastoral; Jogadora + Técnica (J<sup>1</sup>+T) – envolvendo a orientação de lideranças e a capacitação de outras pessoas no contexto da Comunidade/Paróquia e a orientação e apoio de outros, outras profissionais; Juíza (T+J<sup>2</sup>) – representando a pastora como detentora dos critérios doutrinários, éticos e confessionais; Comentarista (C) – envolvendo a reflexão posterior após um tempo no campo de trabalho e suas perspectivas, construindo quadros específicos de cada função com as narrativas de todas as participantes da pesquisa. Essa transcrição temática também impedirá que as pastoras participantes sejam reconhecidas a partir de suas narrativas, uma vez que são protegidas pela Resolução n. 466/2012 – item IV e CNS n. 510/16, art. 29 do Conselho Nacional de Saúde (PLATAFORMA BRASIL).

Os quadros acima referidos serão apresentados no Anexo V, indicando a fonte expressa nos formulários recebidos – estes são sigilosos e estão sob guarda do pesquisador – cujos conteúdos não são lineares, mas reunidos tematicamente nos quadros apresentados pelo pesquisador. Também ressalto que esses conteúdos são apresentados no corpo da tese de duas formas diferentes: como temáticas individuais em relação às teorias propostas; e como temáticas conjuntas reunidas tecnicamente na proposta metodológica de Ganzevoort, objeto da presente tese de doutorado. Após a devida análise e tratamento dos dados, foram enviados extratos capitulares (Cap 3 e Cap 4) às pastoras participantes da pesquisa, para conferência e aprovação da inserção dos seus relatos no corpo da tese, que ficou composta como segue.

Após a presente introdução, o Capítulo 2 apresenta um breve quadro da Teologia feminista na IECLB, destacando o início da inserção das pastoras em campos de trabalho nas paróquias e comunidades a partir dos anos 1960, construindo um breve relato de sua caminhada, resistências e adequações naquela época. A singularidade da formação teológica de pastoras nos anos 1970-1980 constitui um marco para sua profissionalização posterior, em função do desenvolvimento de uma Teologia Feminista autóctone, que ocorreu na década de 1980-1990, e prossegue até

---

<sup>22</sup> Novos Quadros: Anexo V.

os dias atuais. O silêncio na experiência religiosa das mulheres, outrossim, é colocado em destaque na análise de hipóteses que podem estar na origem desse fenômeno.

O Capítulo 3 analisa os dados recebidos das pastoras participantes quanto à sua primeira experiência em campo de trabalho: logo após a formação em Teologia encontrou...; quanto ao seu projeto próprio no trabalho realizado; revendo expectativas de resultados e perspectivas de futuro em sua atividade laboral; seu grau de satisfação consigo mesma e também com seu cônjuge, filhos, parentes e amigos.

O Capítulo 4 analisa a inserção da mulher na teologia brasileira na perspectiva da Teologia Ecofeminista de Ivone Gebara, a partir de três obras de sua autoria: “A Mulher faz Teologia” (1986); “A Fenomenologia Feminista do Mal: Rompendo o Silêncio” (2000) e “Teologia Urbana” (2014) – neste último discutindo, entre outras, as questões relacionadas ao corpo feminino como ponto de partida para esta teologia; a discussão sobre o que é Teologia em “Isto não é Teologia”; as questões de gênero como uma questão de honra; e por que as mulheres atraem tanta violência, ali são objeto de análise.

O capítulo 5 analisa as “ressonâncias teológicas” relacionadas ao Poder Pastoral; as relações de poder nas tradições patriarcais; o desabrochar das mulheres no cenário global; as perspectivas do porvir de uma religião ecológica e especialmente os aspectos relevantes da atuação das pastoras na IECLB – quanto à sua condição de ser mulher; experiências intrapessoais com colegas e comunidades e a organização da vida familiar de uma família pastoral.

A conclusão vai revisitar os principais aspectos levantados no corpo da tese, acentuando que se faz mister e necessário investir tempo e buscar referências teóricas concernentes às expectativas da IECLB, Paróquia e Comunidade no trato com a família pastoral e as multiformes concepções e intervenções que regem suas dinâmicas, em função de mais respeito, dignidade, privacidade e saúde em todos os níveis ali representados.

## 2 UM BREVE QUADRO DA TEOLOGIA FEMINISTA NA IECLB

Pode-se afirmar que, no contexto do trabalho pastoral de mulheres, de uma maneira geral, ainda persistem estereótipos de sexo e gênero na atuação das pastoras da IECLB em diferentes níveis e problematizações no seu cotidiano, implicando em incompreensões e dificuldades de diversas ordens, embora também se percebam avanços e conquistas em alguns setores. As mulheres, de um modo geral, já foram integradas no exercício de funções, representações e, de forma específica, também no ministério pastoral.

A IECLB há décadas institucionalizou o ministério pastoral de pastoras de forma integral e incondicional, embora no contexto das igrejas locais a questão não esteja tão resolvida. Conforme Dreher:

[...] ordenar mulheres ao ministério pastoral. Olhando-se, porém, essa resolução em seus detalhes, pode-se verificar que há diferenças entre as igrejas luteranas. Há igrejas luteranas que ordenam mulheres e nas quais as mulheres ordenadas têm plena aceitação. Há igrejas luteranas, nas quais a questão foi discutida e a resolução final foi contrária à ordenação. Há igrejas luteranas, nas quais a ordenação feminina foi introduzida, mas persiste a discussão, pois nem todos os membros aceitam tal procedimento. Há igrejas luteranas, nas quais a questão ainda não foi discutida e também não é premente. Há, sem dúvida, uma pluralidade de situações. Por isso, é difícil dizer-se da posição luterana nessa questão. Também é difícil de se dizer, se vai ser possível obter um consenso. [...]. As pastoras ordenadas, por seu turno, constatam, que a ordenação não resolve todos os problemas da aceitação da mulher na Igreja. Também na Igreja, a mulher tem que sentir o peso do "presente século", imperando discriminação, preconceitos, boicotes.<sup>23</sup>

Certamente Dreher expressa o constrangimento das mulheres que ainda persiste nos bastidores. Por vezes, longe dos holofotes institucionais, os reverses daquelas que não se enquadram completamente nos moldes oferecidos e reclamam

---

<sup>23</sup> DREHER, Martin. **Ministério Feminino**. Manuscrito de 20/06/2012. p. 5. [Apresentado inicialmente a pastores eméritos da IELB e depois na Comissão Inter-Luterana de Diálogo, conforme informações do autor. Na época ainda não existia o termo "Ministério com Ordenação da IECLB" - Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/estatuto-do-ministerio-com-ordenacao-da-ieclb>>. Acesso em: 10 ago. 2021. Art. 82. Esta redação do Estatuto do Ministério com Ordenação - EMO, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB, foi aprovada pelo XXIX Concílio da Igreja, em 15 a 19 de outubro de 2014 e entrará em vigor na data de sua publicação no Boletim Informativo da IECLB, revogando o Estatuto do Ministério com Ordenação anterior e as disposições em contrário nas resoluções. Publicado no Boletim Informativo 217 – 06/03/2015. Acesso em: 10 out. 2020].

por reconhecimentos próprios em sua diversidade profissional, ideológica pessoal, de sexo e gênero etc, em busca de um lugar para sua expressão.

## 2.1 O INÍCIO DA CAMINHADA – ANOS 1960

Freiberg<sup>24</sup> relata algumas experiências do grupo de mulheres<sup>25</sup> que ingressaram na Faculdade de Teologia (FACTEOL) entre 1966 e 1986, pouco mais da metade concluiu os estudos até 1992, mas quase a outra metade, por alguma razão, não concluiu o curso. A autora diz que, em razão da contínua e crescente presença de mulheres na FACTEOL, criou-se o Grupo de Mulheres, em 1982, um espaço que serviu de fórum constante de diálogo e encaminhamento de questões ligadas à sua presença no estudo da teologia e de sua entrada no ministério pastoral. Ela também enumera algumas questões relatadas nas atas das reuniões desde 1982. Surgem questões interessantes como a

[...] linguagem masculinizante, não há documentos que esclareçam os motivos de a Igreja abrir as portas para as mulheres, nos pastorados conjuntos um dos cônjuges (a mulher) ficava excluído do sistema previdenciário da IECLB [e portanto de receber os avanços por tempo de serviço e abono por filhos/as], entre outras atividades e ações no campo social e a organização da comissão Pró-Teóloga (1986) que culminou na criação de uma cadeira específica de Teologia Feminista na EST.<sup>26</sup>

Surgiram assim questionamentos dos paradigmas tradicionais do pensamento teológico e organização da prática pastoral apontando para as estruturas patriarcais da realidade de vida das mulheres. Para Freiberg:

Pastoras assumiram o pastorado, adotaram vestimentas, modos clericais de funcionamento de uma Igreja estruturada hierarquicamente, e resolveram problemas básicos de uma função pública sob o domínio masculino. Esta porta que se abriu trouxe novos enfoques na vida e missão da Igreja, influenciando conteúdo e forma, linguagem e conceitos da teologia. Do direito

<sup>24</sup> FREIBERG, Maristela Lívia. **E assim entramos na roda: retratos do processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.** Rio de Janeiro: Metanóia, 2019. p. 27.

<sup>25</sup> Segundo Freiberg, de um total de 112 estudantes ingressas, 63 se formaram e 49 não chegaram a concluir o curso. Das 63 formadas, 59 concluíram o curso até 1992, ano em que foi instituído o Período Prático de Habilitação ao Pastorado (PPHP) e conseqüente ordenação mediante a prestação do Exame Pró-Ministério. Para uma compreensão mais abrangente da história da introdução de mulheres no ministério pastoral da IECLB, veja FREIBERG, Cap. II – Mulheres no estudo teológico. FREIBERG, 2019, p. 61-97.

<sup>26</sup> FREIBERG, 2019, p. 88-97.

de exercer papéis ministeriais passou-se a buscar o acesso ao ministério ordenado.<sup>27</sup>

Este, uma vez conquistado, trouxe seus próprios desafios<sup>28</sup> que continuam determinando em grande parte a vida e obra das pastoras na IECLB e também em outras instituições teológicas. Jarschel e Altmann coordenaram uma pesquisa<sup>29</sup> por iniciativa das pastoras da IECLB a partir de 1998 em Cascavel-PR, na qual buscaram retratar a situação destas a partir dos trabalhos que estavam realizando no, e por elas então denominado, “pastorado feminino”,<sup>30</sup> em que apresentam alguns dados estatísticos a respeito, dos quais 80% das pastoras tinham menos de 36 anos de idade e a maioria delas provinha do Sul e Sudeste do Brasil. Ali relatam suas experiências e expectativas em relação à IECLB, constituindo assim um primeiro levantamento estatístico em relação à sua inserção no quadro de pastores, setor masculinizado da instituição.

Entre os dados levantados,<sup>31</sup> estava a questão da organização profissional específica das pastoras; sua inserção enquanto pastoras na direção nacional da IECLB; sua representação e a aceitação de seu trabalho nas paróquias; conciliação entre trabalho profissional e família; problemas referentes à discriminação; necessidade de novas experiências no campo da liturgia, da pregação e das vestimentas, bem como sua inserção na OASE. A pesquisa reflete sobre cada um desses itens e a necessidade ou possibilidade de uma organização específica de pastoras. Seus depoimentos indicam diversos níveis de insatisfações, especialmente em relação às relações de trabalho, em que revelam um “generalizado sentimento de desigualdade”.

Em resumo, a análise de conteúdo dos depoimentos mostra que as pastoras desejam lutar contra a discriminação nas relações de trabalho e a favor de uma definição da identidade específica, de pastoral feminista, o que inclui uma definição mais clara da própria IECLB. [...] 43,5% das pastoras entrevistadas alegaram formação, experiência e condições iguais aos pastores e 47,8% enfatizaram, além da igualdade, aspectos que representam

---

<sup>27</sup> FREIBERG, 2009, p. 99.

<sup>28</sup> Freiberg, ao relatar sobre *As primeiras experiências históricas de Pastoras na IECLB*, retrata em seu histórico alguns dados de vida das primeiras mulheres que assumiram o pastorado na IECLB (desde 1970), bem como suas práticas e inserções na sociedade brasileira e consequentes desafios, limitações, discriminações constantes nos Relatórios do Exame de Pró-Ministério destas. FREIBERG, 2009, p. 101-130.

<sup>29</sup> JARSCHTEL, Haidi; ALTMANN, Lori. **Um esboço do perfil da pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)**. São Paulo: Escola Superior de Teologia, 1992.

<sup>30</sup> JARSCHTEL; ALTMANN, 1992, p. 15.

<sup>31</sup> JARSCHTEL; ALTMANN, 1992, p. 17.

contribuições específicas como maior sensibilidade, serem mais democráticas, a luta para chegar na direção as prepararia.<sup>32</sup>

Com respeito ao trabalho pastoral por elas desenvolvido, alertam que:

Para dimensionar melhor a aceitação do trabalho pastoral feminino [...] é possível aparecerem, camufladas como restrições de gênero, restrições a atividades pastorais que fragilizam interesses particulares de cunho econômico, político etc. [...] 73,9% das pastoras entrevistadas manifestaram acentuado sentimento de discriminação e o fizeram com elevada carga emocional e com exemplos bem pessoais que é, precisamente, a maneira em que a discriminação costuma expressar-se.<sup>33</sup>

A pesquisa ainda abarca o processo de formação profissional na IECLB da época referida, em que Jarschel e Altmann refletem criticamente sobre a “formação recebida na Faculdade de Teologia” em que constatam:

[...] falta de definição mais clara entre teologia e ética cristã; questionam a ética burguesa do individualismo, da dominação capitalista; parecem questionar a falta de clareza teórico-metodológica no sentido de compreender os problemas sociais e as determinações mais gerais que os constituem e de contextualizar a atuação pastoral a partir do fundamento teológico.<sup>34</sup>

Em suas conclusões, as coordenadoras referem que é necessário situar o presente quadro em seu contexto mais geral, isto é, nas assembleias anuais em que se desenvolveram os debates e encaminhamentos das pastoras em busca de uma melhor compreensão de sua atuação pastoral e dos problemas cotidianos que enfrentam, e elencam os dois eixos fundamentais que mobilizaram o trabalho e estudo das pastoras, que também orientou o processo de levantamento de dados.

Um que está orientado para o autoconhecimento, referido a uma perspectiva pessoal e histórica de mulher e pastora, daí a sua insistência na questão feminista; o outro, eclesial, teológico, em que elas buscam consolidar uma concepção de Igreja comprometida concretamente com a população atendida, isto é, em que a atuação pastoral está referida a uma concepção teológica que fundamenta ou norteia a visão de mundo, de sociedade e, em decorrência, que implica numa visão crítica sobre as relações entre classes, grupos, categorias, etnias etc.<sup>35</sup>

Além dessas questões, permeia ainda a questão funcional, que contém um “[...] generalizado sentimento de discriminação no âmbito das relações funcionais na

<sup>32</sup> JARSCHTEL; ALTMANN, 1992, p. 18-23.

<sup>33</sup> JARSCHTEL; ALTMANN, 1992, p. 18-23.

<sup>34</sup> JARSCHTEL; ALTMANN, 1992, p. 29.

<sup>35</sup> JARSCHTEL; ALTMANN, 1992, p. 35.

IECLB. Diante desta situação, defendem a criação de um fórum [...] que garanta uma linha geral de ação [...] que permita [...] parâmetros para o questionamento”,<sup>36</sup> para que os problemas não sejam tratados casuisticamente, deixando as pastoras desarmadas de argumento, refletindo uma sensação de dependência ou menoridade, pois justamente a troca de experiências e o debate das questões de relacionamento entre pastoras e pastores na paróquia, assim como o estudo da dimensão cultural e teológica, suas incoerências, contradições e entraves de origem estrutural da IECLB e os novos rumos da sociedade como um todo e seus desafios irão nortear um novo conceito de comunidade eclesial, que passa necessariamente pela posição feminista já presente na realidade brasileira. Ali também se situa a discriminação sexual da mulher, que

[...] está na origem dos objetivos da divisão para hierarquizar e subordinar e, portanto, construir as relações de dominação [...] um dos elementos que contribuem para o individualismo competitivo [...] as várias formas como o poder se materializa.<sup>37</sup>

## 2.2 A FORMAÇÃO TEOLÓGICA DE PASTORAS – ANOS 1970-1980

Um excelente retrato histórico de como se desenvolveu o movimento feminista e, conseqüente, a teologia feminista na América Latina e, sobretudo no Brasil, e em particular no contexto da IECLB, nos é fornecido por Claudete Beise Ulrich,<sup>38</sup> quem descreve e retrata depoimentos de mulheres e homens luteranos diante da perspectiva feminista no Brasil e na IECLB, conforme diz em seu texto:

[...] procuro mostrar como se formaram as subjetividades feministas luteranas. Presto especial atenção aos nomes de feministas famosas que se repetem nas entrevistas, não só naquelas realizadas por mim, mas também nas demais entrevistas do projeto maior, no qual me insiro: “Projeto Cone Sul: Ditaduras, Gênero e Feminismos (1960-1990)”. [...] um pouco sobre a IECLB no período da ditadura militar. A IECLB, inserida no tecido social brasileiro, não ficou imune às convulsões sociais que se verificaram no País com o golpe militar de 31 de março de 1964. O golpe de 1964 foi visto com bons olhos por

<sup>36</sup> JARSCHER; ALTMANN, 1992, p. 37.

<sup>37</sup> JARSCHER; ALTMANN, 1992, p. 37-38.

<sup>38</sup> ULRICH, Claudete Beise. Mulheres e Homens Luteranos: Leituras feministas e identificações com o feminismo em tempos de ditadura militar no Brasil (1964-1989). *História Oral*, v. 12, n. 1-2, p. 59-86, jan./dez. 2009. Disponível em: <<https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/164/165>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

grande parte das elites das Igrejas, sendo também bem recebido na IECLB por grande parte dos pastores e membros.<sup>39</sup>

Em relação à formação e ordenação de mulheres em teologia, Freiberg faz uma ampla e detalhada exposição desse processo desde a sua origem, conforme refere:

O presente capítulo quer reconstituir o processo de inclusão e a presença das mulheres na formação teológica, entrelaçando aspectos e inter-relacionando acontecimentos da história recente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e da Faculdade de Teologia (FACTEOL), sem esquecer a malha social brasileira, onde os fios dessa história estão entrelaçados.<sup>40</sup>

## E

Tal processo, ocorrido entre 1966 e 1971, foi determinante para que se efetivasse a presença de mulheres no estudo de teologia, e o exercício pastoral de mulheres desde meados de setenta na IECLB. [...] a partir da década de oitenta [...] a criação do grupo de mulheres, em 1982. [...] A outra iniciativa foi a Comissão Pró-Teóloga, criada em 1986, que ao traduzir os anseios do corpo estudantil promoveu a implantação da cadeira de teologia feminista, em 1990, garantindo um espaço no currículo para uma teologia a partir da mulher.<sup>41</sup>

Também Ulrich<sup>42</sup> destaca que a atuação de pastoras na IECLB começou em 1976, coincidindo com a definição da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1975 como o Ano Internacional da Mulher, década na qual as primeiras teólogas formadas foram enviadas a campos de trabalho em paróquias na IECLB, com ênfase nas experiências da pastora Rita Marta Panke, a primeira a assumir esse ministério na IECLB em Candelária-RS. Leitora do Relatório de Hite<sup>43</sup> sobre a sexualidade feminina, introduziu estes assuntos em seu campo de trabalho na Paróquia, ao lado da leitura do Evangelho, “Rita chamou a atenção para uma nova leitura do Evangelho, visibilizando as histórias de mulheres, destacando a valorização que elas encontravam junto a Jesus”.<sup>44</sup>

---

<sup>39</sup> ULRICH, 2009, p. 62.

<sup>40</sup> FREIBERG, 2019, p. 63.

<sup>41</sup> FREIBERG, 2019, p. 63.

<sup>42</sup> ULRICH, 2009, p. 65.

<sup>43</sup> HITE, Shere. **O relatório Hite sobre a sexualidade masculina**. São Paulo: Círculo do Livro, [19--].

<sup>44</sup> ULRICH, 2009, p. 68.

Ulrich relaciona uma série de nomes de pastoras que, a partir do grupo de mulheres que se reuniam na FACTEOL a partir de 1979, no seu entender, “[...] apresentou características semelhantes às dos grupos de reflexão ou de autoconsciência organizados pelas feministas de Segunda Onda”,<sup>45</sup> que foram muito importantes para a permanência das estudantes na Faculdade de Teologia e posterior entrada no ministério pastoral. A autora ainda apresenta extratos de depoimentos de pastoras como Regene Lamb, Wanda Deifelt, Lori Altmann, Hildegard Hertel e Edna Moga Ramming, esta última foi a primeira a ser ordenada ao ministério pastoral da IECLB em 1982, fazendo um aporte da literatura que foi lida e discutida pelo grupo. Também pastores homens foram entrevistados pela autora, mas estes informaram que pouco tinham lido a respeito, salvo poucas exceções.

### **2.3 O DESENVOLVIMENTO DE UMA TEOLOGIA FEMINISTA NA IECLB**

Em suas considerações finais, Ulrich acentua que através do horizonte das entrevistas “[...] foi possível perceber a circulação de diversas literaturas feministas, destacando-se a leitura de teólogas feministas alemãs e americanas. Teólogas brasileiras ou latino-americanas foram pouco citadas pelas mulheres”.<sup>46</sup> Por outro lado, a leitura popular da Bíblia, “numa perspectiva de valorização da mulher”, esteve muito presente e a reflexão sobre essas leituras feministas possibilitou uma mudança na busca de uma Teologia Feminista própria, brasileira, latino-americana, em uma prática pastoral comprometida com as lutas populares, em que as experiências dessas mulheres se tornaram “fonte de labor teológico”. Dessa forma,

As leituras feministas, que as mulheres e os homens de Confissão Luterana realizaram, fazem parte de uma história coletiva, ligada a uma luta em busca de igualdade nas diversas relações, seja na família, na sociedade ou na Igreja. Perceber a historicidade das leituras feministas realizadas apontou para a pluralidade e a complexidade e suas múltiplas perspectivas nas relações que se estabeleceram ou não entre movimentos de mulheres, feminismos e a IECLB. A reflexão sobre as leituras feministas realizadas, sem dúvida, poderá ajudar no avançar da luta por igualdade. Romper a hierarquia de gênero continua sendo um desafio, pois essa hierarquia não foi abolida com a ditadura militar em 1989.<sup>47</sup>

---

<sup>45</sup> ULRICH, 2009, p. 69.

<sup>46</sup> ULRICH, 2009, p. 82.

<sup>47</sup> ULRICH, 2009, p. 82.

De fato, a hierarquia é uma constante cultural presente entre o ser humano e todo o reino animal, sendo também uma constante no patriarcado. Esses novos desafios evidentemente não se restringem às pastoras, mas também fornecem os vetores para inúmeras outras categorias de mulheres profissionais em busca de releituras para a organização de suas vidas e seu trabalho. Assim diz Dreher, ao retratar a história do cotidiano de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no Sul do Brasil, na perspectiva do privado e do público:

O que se verifica são relações desiguais construídas socialmente por uma parcela da população e aplicadas a contextos e situações cotidianas que se convencionou chamar de esferas privada e pública, donde resulta a exclusão das mulheres do espaço público [...] essa herança grega da concepção do privado e do público e dos espaços devidos a cada um dos sexos, com profundas implicações no uso desigual de poder, adentrou a era cristã e se cristalizou em muitas sociedades, com variantes. Assim se verificou entre a emergente burguesia alemã na segunda metade do século XIX e, também, no Brasil, especialmente entre a classe média e alta, quando do processo de urbanização e industrialização, no final do séc. XIX e nas primeiras décadas do séc. XX.<sup>48</sup>

Para essa autora, as relações de gênero e poder aconteciam dentro dessa percepção cultural patriarcal em que prevalecia (salvo eventuais exceções) a autoridade do homem – marido – pai – chefe de família, especialmente nos espaços públicos. “Uma visível desigualdade no uso do poder atribuído ou delegado a ambos os sexos [...] creio ser possível falar da construção permanente de identidades femininas e masculinas no âmbito de uma cultura patriarcal”,<sup>49</sup> em que as mulheres teuto-brasileiras evangélicas ora se sujeitavam, ora contestavam, ora exerciam um poder paralelo dentro de uma lógica de submissão. A abertura para o trabalho pastoral feminino na Europa também inspirou suas compatriotas aqui no Brasil, seja como diaconisas na multidiversidade de suas funções, seja como teólogas e pastoras cuja representatividade aqui no Brasil se instalou há algumas décadas.

O trabalho teológico e pastoral de mulheres no espaço público na contemporaneidade está relativamente elaborado no âmbito institucional da IECLB, assim como ele é referido por P4, no âmbito prático da sua relação com colegas de

---

<sup>48</sup> DREHER, Scheila dos Santos. **O pontinho da balança**: história do cotidiano de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no sul do Brasil, na perspectiva do privado e do público. São Leopoldo, 2007. p. 25.

<sup>49</sup> DREHER, 2007, p. 109.

trabalho e equipe pastoral que, via de regra, pode ser estendido para outras localidades. Refere P4 que:

[...] sou casada com pastor, sempre planejamos em conjunto e temos um ótimo ministério. Reconhecemos e respeitamos os nossos dons e pontos fortes. Dividimos atividades com respeito, reconhecendo as possibilidades de cada um. [...] sempre buscamos o diálogo e planejamento em conjunto. Tenho ótimo relacionamento com o colega de Paróquia. Com os colegas da União Paroquial tenho relacionamento mais distante, porém respeitoso, não concordo com todos os costumes e projetos de Ministério, mas reconheço em todos a vocação e o serviço.<sup>50</sup>

A pastora ainda fala da importância de se participar em cursos, seminários, atualizações, “realizei uma pós em revitalização de comunidade a qual me trouxe nova motivação para o Ministério”.<sup>51</sup> Também P3 diz que:

[...] o acompanhamento da Igreja aos seus ministros e ministras é fundamental [...] pessoas pensam, sentem e vivem de formas diferentes, é imprescindível o respeito pela outra pessoa e que sempre se mantenha o diálogo em amor [...] existem conceitos teológicos e pessoais que fazem parte da minha essência, estes não abro mão, não são negociáveis; mas também estou sempre aberta ao diálogo para refletir e rever ideias, pensamentos e opiniões.<sup>52</sup>

De um modo geral, percebe-se que já existe alguma adaptação das Paróquias e Comunidades e também dos colegas pastores (homens) ao exercício do Ministério Pastoral de pastoras e em alguns lugares este processo se constrói naturalmente sem grandes obstáculos, embora aqui e acolá se ouçam dificuldades a esse respeito. Entretanto, o mesmo não fluiu sem dificuldades nas últimas seis décadas, lágrimas foram derramadas, injustiças cometidas e histórias de vida foram desprezadas, muito embora nem sempre isto ocorreu de forma oficial, aberta, honesta e transparente. É o jogo da política que também no mundo eclesial faz seus reféns. Outras vezes o próprio contexto de vida e trabalho interferem e definem a forma de ser e atuar de uma pastora, como relata P2:

[...] estive em um CAM com dois pastorados. A pessoa que ocupava a outra vaga gostava de trabalhar só. Se organizava só e havia solicitado especificamente o envio para essa vaga a fim de trabalhar só. Eu sempre gostei muito de trabalhar e fazer exegese em conjunto, estudar teologia, produzir e refletir sobre o trabalho com colega. Isso não aconteceu, e foi bastante frustrante para mim. [...] não havia um clima e parceria ou

---

<sup>50</sup> P4.

<sup>51</sup> P4.

<sup>52</sup> P3.

cumplicidade enquanto colegas. Éramos pessoas que olhavam para a agenda e dividíamos tarefas, e nosso convívio era superficial, atendo-se às formalidades necessárias para progredirmos no trabalho. Não havia facilidade de contato com demais colegas. Nesse sentido, senti-me extremamente solitária e isolada.<sup>53</sup>

P2 afirma que quando a Instituição Igreja desiste do diálogo e apenas faz a “partilha dos despojos”, também não se pode esperar atitudes muito diferentes das bases nas Paróquias e Comunidades, e essa “fissura” tende a se aprofundar, ministras tendem a ser a “ponta de lança”, “pastoras têm ficado sem emprego mais frequentemente e por mais tempo. Estamos mais expostas e fragilizadas.<sup>54</sup> No tocante à estrutura paroquial/comunitária,

[...] o que a gente percebe é grupos de pessoas que se perpetuam em cargos dos presbitérios, ou porque lhes é interessante exercer poder, ou porque não há abertura para trabalhar com pessoas de visões diferentes. Há cada vez mais a tendência de tutelar a pessoa da Pastora, a relação é de patrões e de empregada, transformamo-nos em prestadores/as de serviços. Eu amo minha Igreja, e também tenho uma família que depende financeiramente de mim.<sup>55</sup>

Não há como negar, sobretudo na contemporaneidade, que as Igrejas também são prestadoras de serviços, isso consta nos estatutos da maioria delas e também no seu cadastro social. Consequente, existe uma relação recíproca de interdependência entre as Igrejas e “seus funcionários”, as cartas dignatárias assinadas por ambas as partes no momento da instalação de uma pastora, de um pastor, designam as tarefas a serem prestadas por “ambas” as partes e suas responsabilidades cabíveis. Não há dúvidas quanto a esta questão, entretanto, o que se discute e é cabível de interpretação é a dimensão ético-social-religiosa que se dá a essa prestação de serviço. Se, em seu mérito, apenas está uma prestação de serviços como nas profissões seculares, com seus méritos espiritualizantes, ou se seus dignatários estão a serviço do Reino de Deus, cujas nuances se diferenciam em função de sua finalidade última, qual seja, de trazer e proporcionar desenvolvimento em todas as suas dimensões, respeitadas as condicionantes culturais, sociais, étnicas e religiosas de cada setor. Essa me parece ser a hermenêutica proposta por P2, ao dizer que:

---

<sup>53</sup> P2.

<sup>54</sup> P2.

<sup>55</sup> P2.

[...] quando há sinergia, o trabalho com colegas é uma dádiva! A gente ganha, porque cresce, aprende, amadurece. Ganha a Paróquia/Comunidade, porque tem uma equipe de pessoas que se apoiam, se admiram e estão dispostas a fazer o melhor, sem competição ou disputa de egos. Estou sempre buscando oportunidades de trabalhar cooperando com colegas. Uma das grandes dificuldades para que isso ocorra mais naturalmente é a “pressão por desempenho” que as Paróquias colocam sobre colegas, que faz com que o trabalho desenvolvido em conjunto seja visto como corpo mole, preguiça ou incapacidade de realizar a tarefa sozinho/a.<sup>56</sup>

Essa percepção ainda está muito presente em ambientes e locais em que ainda predomine o modelo patriarcal de relações de poder, em que é percebido apenas de forma vertical e a dimensão horizontal se constitui, sobretudo de subservientes e subalternos. Facilmente tal modelo induz a violências abertas ou camufladas e revestidas de uma retórica espiritualizante, sem ter, em seu bojo, as características que eventualmente são proclamadas por seus séquitos. Para Nogueira, “o uso de poder ou qualquer outro artifício para dominar e explorar a outrem, nada mais é que uma forma de violência”<sup>57</sup> que, conforme esse autor, foi definida no *caput* da Lei 11.340 – Maria da Penha a partir do contexto da violência de gênero.

Também na IECLB foram registradas violências eventuais contra pastoras, nem sempre admitidas oficialmente e sobretudo nos bastidores e entrelinhas das histórias oficiais encontraremos violações, discriminações e indisposições das mais diferentes naturezas. Assim se refere P2:

[...] a grande distância entre as instâncias que deveriam dialogar conosco e nós, que estamos na linha de frente do pequeno/grande, alegre/triste, leve/penoso trabalho pastoral [...] Parece ser uma estrutura por demais cansada, amedrontada, pressionada. Quem ocupa cargos Sinodais e Nacionais se sente sem base de apoio, está tentando conciliar interesses muitas vezes diametralmente opostos. O Pastorado Sinodal que ouve a minha denúncia de assédio moral ou sexual por parte de presbítero ou colega é a mesma pessoa que vai ter que disputar vagas no pastorado futuramente. Como essa instância vai poder agir com isenção?<sup>58</sup>

De fato, essa reflexão nos conduz ao cerne das maiores ou menores habilidades institucionais em abordar temáticas dessa natureza e me parece coerente que todas as instâncias envolvidas se ocupem, em algum momento, dessa assincronia nas relações de poder no contexto da IECLB. P2 sugere naturalmente que:

---

<sup>56</sup> P2.

<sup>57</sup> NOGUEIRA, 2018.

<sup>58</sup> P2.

A gente precisa urgentemente tirar esse peso de Pastores e Pastoras Sinodais, até para que nossas demandas tenham encaminhamento correto (justiça comum, polícia, quando é o caso). Essas não deveriam ser tarefas dos pastorados sinodais. Urge criarmos uma Ouvidoria especializada em Direitos Humanos e que supra essa demanda.<sup>59</sup>

Também no contexto da família pastoral, quando esse é o caso, a demanda por conflitos é bem mais fluente do que imaginamos normalmente, baseados apenas em pressuposições teológicas e religiosas que tendem a menosprezar ou generalizar demasiadamente as famílias pastorais. Inúmeros relatos demonstram que a dinâmica familiar entre pastoras e pastores, independente de sua composição, traz conflitos e constrangimentos naquele contexto da mesma forma como acontece em famílias seculares. Evidentemente há maior ou menor harmonia na conjugalidade familiar de acordo com as dinâmicas pessoais, culturais e sociais de onde procedem, grau de maturidade que se conseguiu atingir, entre outras, assim como se refere P4:

Vivo um casamento muito abençoado. Conheci meu esposo na faculdade de teologia e antes de sermos um casal, fomos amigos, e colegas que amam a Igreja e desejavam servir com alegria [...] temos dois filhos, os quais para nós têm prioridade maior que o ministério. Mesmo nos sabendo vocacionados, não negligenciamos nosso casamento família e bem estar. E a paróquia na qual servimos e suas lideranças entendem isso muito bem. Afinal, o primeiro e mais importante ministério é servir em nossa casa.<sup>60</sup>

O relato sugere uma relativa harmonia de vozes naquele contexto, haja vista também uma boa compreensão das necessidades e conflitos dos filhos por parte dos pais e até das lideranças locais. Em outros contextos esta relação não parece ser tão harmônica e fluente, ao ponto das filhas e dos filhos, à primeira ressonância de um conflito familiar/paroquial, manifestarem-se em lugar dos pais, como refere P6:

Nossa relação é boa como casal e com as filhas. Embora uma filha não tenha se confirmado e ambas tenham se afastado completamente da Comunidade, elas são profundamente sensíveis, compassivas e amorosas. Temos uma boa convivência. Com uma parte d@s parentes e amig@s temos mais dificuldades desde 2018, por questões políticas. [...] com outra parte da família e d@s amigos nosso relacionamento é bom. Esperamos que nossa convivência familiar continue boa.<sup>61</sup>

---

<sup>59</sup> P2.

<sup>60</sup> P4.

<sup>61</sup> P6.

Quando os conflitos se tornam insuperáveis, ocasionando separações e novas uniões, novos padrões de comportamento familiar podem ser estabelecidos, configurando alternativas antes não existentes, como relata P2:

Meu atual esposo é um companheiro muito querido [...] ele não responde por mim nas demandas pastorais, e isso é ótimo. Ele gosta muito de me acompanhar na lida pastoral. Eu garanti meu espaço, ele não cruza essa linha clara que estabeleci. [...] o estranhamento da casa pastoral tutelada, permanentemente vigiada, é uma conversa que temos sempre: Como vamos lidar com isso, se essa oportunidade surgir? Por outro lado, ele ouve minhas histórias de lugares diferentes que o pastorado me proporcionou conhecer e ele tem vontade de viver essas histórias comigo. Entendo que ele pode não compreender a força, a potência transformadora de minhas escolhas teológicas, mas é um parceiro confiável em qualquer empreitada.<sup>62</sup>

O relato deixa entrever as novas possibilidades de novas uniões que foram possíveis mediante transposições de antigos códigos éticos e religiosos para novas versões com as particularidades que são próprias de ambos, gerando continuamente novos recursos de superação e conjugalidade. Em outras situações, as opções trouxeram menos esperança, como bem pontua P7:

[...] nos afastamos muito de nossas famílias. Pelo fato de quase sempre morarmos longe ficamos sozinhos e sentimos muito que agora fica bem complicado reatar, construir laços, também porque pensamos muito diferente. Nossas filhas pela maravilhosa graça de Deus nos acompanharam sempre e hoje são adultas independentes buscando o seu lugar. Trabalham e estudam, tem companheiros e estão em constante contato virtual conosco.<sup>63</sup>

De um modo geral, cada dinâmica familiar gera seus próprios recursos, seja contemplando as expectativas conjugais e familiares, seja interferindo nelas ao ponto de gerar conflitos, constrangimentos, afastamentos, enfim, dadas as suas peculiaridades, cada pastora constrói sua arquitetura conjugal, familiar e social de acordo com as suas possibilidades e as limitações que a constituem.

## 2.4 O SILÊNCIO NA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DE MULHERES

No que diz respeito à coleta de dados para a pesquisa da tese de doutoramento, houve todo um processo de encaminhamentos de “cartas

---

<sup>62</sup> P2.

<sup>63</sup> P7.

motivacionais”<sup>64</sup> abaixo transcrito, que possibilitou o encaminhamento de 16 formulários de pesquisa a serem usados no corpo da tese. Dentre estes, há relatórios extensos, pessoais e detalhados, bem como breves relatos sucintos e resumidos. Extratos de todos foram utilizados, seja nas temáticas abordadas até aqui no contexto dos capítulos, seja no capítulo “o cotidiano nas narrativas”, onde será feita uma abordagem metodológica e técnica de todo o conteúdo.

Entretanto, percebeu-se, de um modo geral, uma tendência a não responder e devolver os formulários propostos, podendo-se estabelecer algumas hipóteses que possam ter motivado ou contribuído para tal situação, como: formulários muito extensos, falta de tempo, apreensões pessoais e profissionais de múltiplas naturezas, entre outras. Outrossim, um olhar mais atento a pesquisas acadêmicas dessa natureza revela que este não é um dado novo, mas que pesquisas institucionais geram algum desconforto, nem sempre revelado nos resultados finais.

Sobretudo no que diz respeito a pesquisas com mulheres, assim refere Fernandes em sua Dissertação de Mestrado sobre “Mulheres e Ordenação na IECLB”:

O discurso das mulheres ordenadas é intrigante e revelador. Uma simples análise já indica dados interessantíssimos como, por exemplo, o fato de as mulheres enfatizarem em seu discurso que não encontram dificuldades em seu campo de atuação; isto é, que o trabalho está muito bom. No entanto, ao longo da fala, surgem nuances que indicam uma realidade que não está tão tranquila assim. São “pequenas” discriminações que acontecem no dia-a-dia.<sup>65</sup>

É em seu cotidiano que discursos velados são incorporados pelas mulheres “naturalizando” dificuldades que seus pares masculinos não encontram e elas acabam por não discutir tais assuntos, refere essa autora. “Mulheres precisam “dar conta” do

---

<sup>64</sup> COLETA DE DADOS: Para a realização da presente pesquisa, foram enviados dois formulários de pesquisa a todas as pastoras ordenadas da IECLB, para serem respondidos no transcorrer de 3 meses aproximadamente, junto com uma carta motivacional. Transcorrido esse prazo, somente 9 formulários (233 pastoras) tinham sido devolvidos, o que motivou uma segunda carta motivacional, estendendo esse prazo por mais 6 meses aproximadamente. Findo esse período, e sem ter recebido mais formulários, enviou-se uma terceira carta motivacional, acrescido de um novo formulário aprovado pelo CEP-EST, sugerindo razões para o não desejo de responder aos formulários, estabelecendo o prazo final de 30 de novembro de 2021, quando seria encerrada essa fase da pesquisa. Esta carta motivou o recebimento de mais 7 formulários, totalizando 16 a serem usados na composição da respectiva tese, mas não motivou ninguém a informar a razão de sua não participação na pesquisa. Como a respectiva carta informava também que a não resposta seria interpretada como concordância com uma ou até todas as hipóteses arroladas, é possível que esta seja a razão de sua recusa à participação. (Anexo I)

<sup>65</sup> FERNANDES, Ligiane Taiza Müller. **Mulheres e Ordenação (na IECLB):** Novos modelos e outras possibilidades na vivência cotidiana do Ministério Ordenado. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo: EST, 2010. p. 51.

serviço sem reclamar, pois estão ocupando um “espaço” que não é seu por natureza”.<sup>66</sup> No entender dessa autora,

A Bíblia reflete costumes, culturas e épocas muito antigas e diferentes. São textos e leituras patriarcais que vem se acumulando ao longo dos anos. É preciso que se levantem suspeitas destes textos, tanto das traduções quanto das tradições e interpretações. [...] Durante anos as mulheres sofrem opressão, violência, agressão, abuso, manipulação e o corpo tem sido este espaço.<sup>67</sup>

## E

O texto é como um corpo, ele é fruto de relações de gênero, e é preciso entender o texto a partir das relações concretas dos corpos. O corpo como critério hermenêutico oferece alternativas de leituras que querem convidar para um diálogo e para uma vivência de novas relações entre homens e mulheres, na teologia, nas igrejas, em casa, na cama, na vida. [...] Nessa reaproximação com o texto, levamos conosco nossas vidas, nossas histórias e nossas experiências que consideramos sem importância, tão comuns, mas que fazem parte da construção do sistema.<sup>68</sup>

A hermenêutica feminista tem acentuado deliberadamente esse aspecto, colocando em suspeita a normatividade patriarcal masculina ainda reinante nas teologias da contemporaneidade, buscando e sugerindo alternativas de interpretação e interlocução a partir da mulher e do seu contexto do cotidiano. Esse caminho, entretanto, ainda é demasiadamente delicado e pedregoso, razão pela qual o silêncio das mulheres talvez seja uma opção provisória necessária. Assim refere Fernandes,

[...] em alguns momentos as mulheres são perguntadas sobre determinados assuntos dos quais se desviam de responder. Em outras palavras, elas abrem margem para suspeitarmos de que, por algum motivo, essa pergunta não quer ser respondida. [...] também há uma diferença grande entre as entrevistas presenciais e os questionários respondidos por e-mail [...] são mais extensas, apontam mais elementos de interesse entre uma história e outra. [...] a escrita proporciona à entrevistada voltar atrás, reler, apagar, refletir mais sobre o seu testemunho e até mesmo pela repercussão que este pode provocar.<sup>69</sup>

Ainda faz-se necessário, pois, ultrapassar algumas barreiras institucionais e também de caráter hermenêutico teológico, para a qual a suspeita da hermenêutica feminista nos instiga. Para Schüssler-Fiorenza, “a maior parte da atual teologia

<sup>66</sup> FERNANDES, 2010, p. 51.

<sup>67</sup> FERNANDES, 2010, p. 52.

<sup>68</sup> FERNANDES, 2010, p. 52.

<sup>69</sup> FERNANDES, 2010, p. 66.

feminista da libertação afirma que a teologização deve iniciar com uma reflexão sistêmica sobre a experiência”,<sup>70</sup> assim como a tese dessa autora busca refletir sobre a sua própria experiência, na luta pelo “discipulado de iguais”.<sup>71</sup> Partindo da experiência de opressão da mulher na cultura ocidental, Fiorenza acrescenta dois tópicos aos cinco critérios estabelecidos por Yong<sup>72</sup> sobre a experiência de opressão de um grupo social, que se aplicam particularmente ao domínio da Igreja e da Teologia. Trata-se dos processos de:

**Silenciamento:** Ao longo dos séculos não se permitiu que as mulheres falassem em público ou tivessem acesso ao mundo acadêmico. Desde as fatídicas injunções de Paulo e de seus discípulos de que “as mulheres deveriam calar-se na assembleia e não se deveria permitir que elas falem ou ensinem aos homens”, as mulheres cristãs têm sido a maioria silenciada do povo de D\*s. Ao longo dos séculos e ainda na atualidade as mulheres são proibidas de pregar e de exercer o ministério de ensino oficial da igreja. Até bem recentemente – em algumas igrejas ainda hoje – não se lhes permitia estudar e ensinar teologia ou definir a política moral e eclesial.<sup>73</sup>

## E

**Difamação e Trivialização:** No pensamento ocidental as mulheres têm sido a origem de todo mal e a fonte de toda falsidade. Começando com as epístolas pastorais, o pecado de Eva representa uma ameaça, e desde Tertuliano a mulher foi declarada “o portão de entrada do diabo”. Não só as caças às bruxas da Inquisição, mas também os heróis contemporâneos usados e a difamação de teólogas e pastoras feministas são sinais da desumanização das mulheres. Procura-se intimidar e silenciar as mulheres destacando as feministas como mulheres “más” a fim de manter as outras em seus lugares.<sup>74</sup>

<sup>70</sup> SCHÜSSLER-FIORENZA, Elisabeth. **Discipulado de iguais:** uma ekklesia-logia feminista da libertação. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 22.

<sup>71</sup> DISCIPULADO DE IGUAIS: A visão da Igreja como discipulado e comunidade de iguais compreende todos os membros da Igreja como cidadãos democráticos e plenamente responsáveis, sem restringir a liderança eclesial às elites clericais masculinas [...] Aquelas de nós que são marginalizadas e subordinadas mas, ao mesmo tempo, privilegiadas, em virtude de sua ordenação, educação, fortuna, nacionalidade, raça, saúde ou idade, devem usar seus privilégios para suscitar mudanças. Devemos nos esforçar para ser ministras, não com o fim de nos incorporarmos aos escalões mais baixos da hierarquia patriarcal, como acólitas, leitoras, diaconisas ou mesmo sacerdotisas, mas para subvertermos as estruturas clericais e hierárquicas e transformarmos a Igreja num discipulado de iguais. SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995, p. 319-330.

<sup>72</sup> 5 CRITÉRIOS para verificar a opressão de um grupo social, conforme a cientista política feminista Iris Marion Yong: Exploração, Marginalização, Carência de Poder, Imperialismo Cultural e Violência Sistêmica. YONG, Iris, Marion. Five Faces of Opression. In: **Justice and the Politics of Difference**. Princeton: Princeton University, 1990. p. 38-65.

<sup>73</sup> SCHÜSSLER-FIORENZA, Elisabeth. Rumo ao Discipulado de Iguais: A *Ekklesia* de Mulheres. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 36, n. 3, p. 285, 1996.

<sup>74</sup> SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995, p. 285-286.

Seria possível supor que o relativo silêncio de pastoras ainda tivesse uma conexão com esta antiga [e ainda presente] condição relegada à mulher também no contexto religioso, em que um suposto véu ainda cobre sua atuação em público, muito embora elas já tenham alcançado no presente uma boa representatividade nas paróquias e comunidades da IECLB, assim como alguma inserção nas instituições de ensino acadêmico, atuação social, política e eclesiástica e sobretudo nos movimentos teológicos feministas da atualidade? De qualquer forma, para Fiorenza, “As mulheres como Igreja são invisíveis não por acidente, nem por nossa negligência mas pela lei patriarcal que nos exclui dos cargos eclesiásticos por causa do sexo” (sexismo).<sup>75</sup>

Evidentemente que Schüssler-Fiorenza parte da cosmovisão católica e a inserção da mulher naquele contexto, em que “a obediência religiosa, dependência econômica e controle sexual são a força que sustenta o patriarcado eclesiástico”,<sup>76</sup> muito embora a seu tempo tenha percebido que

A reforma protestante não mudou este modelo patriarcal-clerical de Igreja, mas apenas o modificou na medida em que substituiu o celibato pela família patriarcal clerical. Se compreendemos a interação entre patriarcado social e religioso nas sociedades ocidentais, veremos que a luta contra ele está no âmago de todas as lutas de libertação contra o racismo, o colonialismo, o militarismo, a pobreza, e vice versa.<sup>77</sup>

Para essa autora, a teologia feminista reflete e se ocupa com a dinâmica e a interação entre as legitimações androcêntricas de dominação patriarcal e as reivindicações de igualdade e justiça que esta propõe ao desmistificar e rejeitar os valores culturais ou religiosos presentes no domínio e subsequente subordinação estabelecidos pela ordem racional de conhecimento e saber propostas pelo homem. Assim, para a teologia feminista, não se trata apenas de ordenar mulheres, mas sugere antes uma “mudança de modelo intelectual, passando duma cosmovisão e

---

<sup>75</sup> SEXISMO: Para Fiorenza, o silêncio e a invisibilidade das mulheres são gerados pelas estruturas patriarcais da Igreja e sustentados pela teologia androcêntrica, isto é, masculina. Já que o termo patriarcado é muitas vezes usado em lugar de sexismo e androcentrismo, torna-se necessário esclarecer primeiro a maneira como eu emprego esses termos como categorias analíticas básicas. Androcentrismo ou dualismo androcêntrico é uma cosmovisão de linguagem, mentalidade ou ideologia que legitima o patriarcado, enquanto que sexismo, racismo e classismo são componentes estruturais de um sistema social patriarcal de dominação e exploração. SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995; **Concilium**, v. 202, n. 6, p. 9-10 [619-620], 1985. Teologia Feminista. **A mulher – invisível na Teologia e na Igreja.**

<sup>76</sup> SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995; **Concilium**, 1985, p. 14 [624].

<sup>77</sup> SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995; **Concilium**, 1985, p. 14 [624].

teologia androcêntricas a uma concepção feminista do mundo, da vida humana e da religião cristã”.<sup>78</sup>

Em termos concretos, se a cultura androcêntrica define a mulher como o “outro” em relação ao homem e um Deus masculino, os estudos feministas<sup>79</sup> procuram reconceituar essa linguagem de modo a ambos, homem e mulher, tornarem-se sujeitos da cultura humana, coagentes produtores do discurso cultural e religioso. Portanto, se ao longo dos séculos a Igreja patriarcal e sobretudo a teologia androcêntrica silenciaram as mulheres nos seus entornos teológicos e eclesiásticos, a teologia crítico-feminista da libertação “procura acabar com o silenciamento patriarcal das mulheres e tornar as mulheres visíveis como agentes divinos de graça e libertação”.<sup>80</sup> É o que temos percebido também no contexto da IECLB, sobretudo nas últimas décadas, muito embora não se possa esperar ainda essa dinâmica em todos os seus setores representativos, nem no âmbito de todas as comunidades.

---

<sup>78</sup> SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995; **Concilium**, 1985, p. 15 [625].

<sup>79</sup> Os textos e conhecimentos androcêntricos mantêm o silêncio e a invisibilidade da mulher, produzidos por uma sociedade e uma Igreja patriarcal. Por isso a invisibilidade da mulher na cultura androcêntrica e nossa velada opressão na linguagem, nos sistemas simbólicos religiosos, nos documentos históricos e nas teorias científicas do Ocidente, têm constituído o problema central e o ponto focal dos estudos feministas. SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995; **Concilium**, 1985, p. 17 [627].

<sup>80</sup> SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995; **Concilium**, 1985, p. 22 [632].

### 3 O COTIDIANO NAS NARRATIVAS – ANÁLISE DOS DADOS

O “cotidiano” é um termo relativamente conhecido no meio acadêmico da Teologia Ecofeminista, e, conforme Silva, deve ser levado em consideração na elaboração de uma narrativa histórica “[...] para a construção do conhecimento e [...] de uma narrativa que seja conceitual e, ao mesmo tempo, desvele uma realidade histórica que vá além do formal e do oficial”.<sup>81</sup> Refere a autora que é relativamente comum nas grandes narrativas o processo de ocultar e simplificar as múltiplas dinâmicas e contradições que ocorrem no interior desses eventos, como nas narrativas de guerras que, via de regra, contam os principais atos “heroicos” dos que venceram as batalhas, mas ignoram os horrores e sofrimentos dos vencidos e suas particularidades.

Considerando que o foco de pesquisa é o ser humano em toda a sua complexidade, esta é constituída “[...] de bipolaridades que são, ao mesmo tempo, complementares e antagônicas, cujas fronteiras [...] são tênues e permitem que os elementos, permanentemente, se entrecruzem”.<sup>82</sup> Na perspectiva de Morin, sobre a complexidade do ser humano, “[...] pode-se dizer que [o ser humano] é um ser político, social, cultural, econômico, religioso, que está envolvido em um mundo de relações”.<sup>83</sup>

No contexto da minha tese de doutorado, também observei esta grande teia de relações, formadas constantemente entre as pastoras e suas respectivas paróquias e comunidades da IECLB, assim como também suas relações institucionais

---

<sup>81</sup> SILVA, Vera Luci Machado Prates da. Cotidiano e Construção de Conhecimento. *In: Cadernos de Educação*, v. 13, n. 26, jan.jun.2014. A autora elenca alguns autores e autoras que corroboram essa percepção, como Del Priore, “os problemas colocados pelo cotidiano não são menores e a história não é um produto exclusivo dos grandes acontecimentos; ao contrário, ela se constrói no dia a dia de discretos atores que são a maioria”; “Veena Das e Michel de Certeau, que “entendem a cotidianidade como a unidade que resolve na prática [...] a complexa relação entre agência e estrutura, subjetividade e objetividade, enunciados e gêneros discursivos”; Sérgio Borba, “vivemos e é pelo vivido e no vivido que se faz historicidade. É no vivido que temos nossas emoções, nossos afetos, nosso inconsciente. Certamente, neste vivido está um emaranhado de acontecimentos, sentimentos, situações que vão constituindo a vida de cada um, e de cada uma”; Remi Hess, “a vida é constituída de momentos [...] os momentos não são tempos e espaços estanques, são vivências que vão se entrelaçando e construindo significados e identidade, são pilares para a construção da subjetividade”; Joaquim Barbosa, “é impossível a construção da subjetividade sem que se tenha em mente que ela se construiu e se instituiu no convívio com outras subjetividades [...] uma relação de coautoria [...] não posso me desvencilhar da instituição do outro, como outro, na dimensão do vivido”. (p.197-199)

<sup>82</sup> SILVA, 2014, p.199.

<sup>83</sup> MORIN, 2005. *Apud* SILVA, Vera Luci Machado Prates da. 2014, p.199.

formais e legais com a IECLB e outros organismos nacionais e internacionais com os quais estas estabeleceram conexões de vida, trabalho, fé, que fomentaram suas aspirações pessoais e profissionais em busca de reconhecimento, autonomia, participação equitativa na distribuição do tempo, poder, justiça e igualdade de gênero, que constituíram o aporte epistemológico de suas vidas e representações.

Assim também refere Ulrich, que:

[...] a história de vida se concretiza no cotidiano. No cotidiano as pessoas vivem suas relações umas com as outras, acumulam experiências de vida, crescem enquanto individualidades [...] É nas interseções do cotidiano que se diluem e se transformam conceitos binários e dualistas, tendo-se uma visão mais integral do ser humano [...] acontecem trocas de saberes, de fazeres, de experiências, de poderes de vida em toda a sua materialidade.<sup>84</sup>

No mesmo sentido argumenta Heller, de que “a vida cotidiana não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social”,<sup>85</sup> coerente também com a formulação da teóloga ecofeminista Ivone Gebara, de que “a partir da questão de Gênero o cotidiano aparecerá como elemento importante na historiografia das mulheres”,<sup>86</sup> em que:

[...] o cotidiano das mulheres se introduz na ciência chamada universal para lembrar-lhes o concreto, as coisas que são necessárias à vida ou à sobrevivência. [...] O cotidiano são nossas histórias pessoais, nossos sentimentos diante dos acontecimentos [...] O cotidiano das mulheres e dos homens entra na ciência histórica para mostrar que as grandes estruturas econômicas e políticas têm a ver com o que vivemos em nossos lares.<sup>87</sup>

Para essa autora, partir do cotidiano é penetrar na crítica da própria história, tendo em vista uma avaliação e conseqüente transformação de sua própria vida. Este foi o ponto fundamental desta tese de doutorado, de reavaliar sua própria história de vida a partir dos relatórios enviados com seus respectivos assuntos em destaque. Transcrevo, assim, neste capítulo os conteúdos recebidos em 16 formulários, divididos em três categorias temporais, respectivamente: 1 – 6 anos de Ministério Pastoral (3 formulários); 7 – 15 anos de Ministério Pastoral (3 formulários); 16 – 30 anos de Ministério Pastoral ou mais (10 formulários). Ressalto que a transcrição não

<sup>84</sup> ULRICH, Claudete Beise. **Recuperando espaços de emancipação na história de vida de ex-alunas de escola comunitária luterana**. São Leopoldo: EST, 2006. p.122 [Tese de Doutorado].

<sup>85</sup> HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972, p.20.

<sup>86</sup> GEBARA, 2000, p.121.

<sup>87</sup> GEBARA, 2000, p.121.

representa a sequência original que consta nos formulários, para que as participantes não sejam reconhecidas, uma vez que são protegidas pela Resolução n. 466/2012 – Item IV e CNS n. 510/16, Art. 29 do Conselho Nacional de Saúde (PLATAFORMA BRASIL). Após sua transcrição, os dados foram analisados dentro do esquema proposto por Ganzevoort, para constituir parte do corpo desta tese. Informo ainda que o conteúdo desses formulários recebidos será apresentado também como narrativas temáticas individuais no corpo da tese, para ilustrar os conceitos teóricos ali apresentados.

Percebe-se ainda que boa parte dos formulários provém de pastoras já na segunda metade do seu tempo de Ministério Pastoral ou já aposentadas, o que presume maturidade e longo tempo de exposição a esta demanda e maior capacidade de administração dos conflitos daí resultantes, que agora as libera a falar sobre suas experiências com propriedade e coragem. Por outro lado, as pastoras mais jovens estão mais reticentes para falar de sua atuação, em parte pelo fato do controle institucional pela Paróquia e Comunidade estarem bem mais rigorosos – através dos processos de avaliação, permanência e acesso a novas comunidades/paróquias em casos de transferências de locais de trabalho – mas se estas são razões plausíveis para seu silêncio, é difícil de estimar.

Enfim, foram enviados formulários participativos<sup>88</sup> a todas as 233 pastoras ordenadas ativas, inativas e afastadas da IECLB, assim como três cartas motivacionais,<sup>89</sup> a última inclusive com um pequeno formulário anexo, questionando a respeito da não participação na pesquisa. Nenhuma resposta foi recebida nesse quesito, muito embora sua íntegra já pressupunha que esta situação seria interpretada como concordância com uma ou mais hipóteses formuladas no respectivo questionário.

---

<sup>88</sup> Formulários Participativos (Extrato): Veja Anexo V.

<sup>89</sup> Cartas Motivacionais: Veja Anexo I.

## FALA

Fala  
O que tens pra falar  
Não entala  
A tua palavra

Na falta da fala  
Cala a tua opinião  
Cala o teu coração  
Cala a fala da tua vida  
Reprimida

Opinião  
Só é opinião  
Se falada

Calada não é de nada

Não cala  
Fala  
(Pa. Louraini Christmann)<sup>90</sup>

### 3.1 ASPECTOS DA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA EM CAMPO DE TRABALHO

Tabela 1 - Aspectos positivos da primeira experiência no campo de trabalho



Fonte: Dados elaborados pelo autor.

1. Foi um trabalho desafiador com muita reflexão coletiva sobre teologia.
2. Ser mulher, ser mãe não interfere no trabalho pastoral. Ainda hoje me lembro que fui recebida com flores – begonhas.
3. Não sofri nada constrangedor.
4. O aprendizado na EST contribuiu com o trabalho ecumênico.

<sup>90</sup> CHRISTMANN, Louraini. **A vida em poesia**. São Leopoldo: Oikos: CEBI, 2006. p. 64.

Tabela 2 - Aspectos negativos da primeira experiência no campo de trabalho

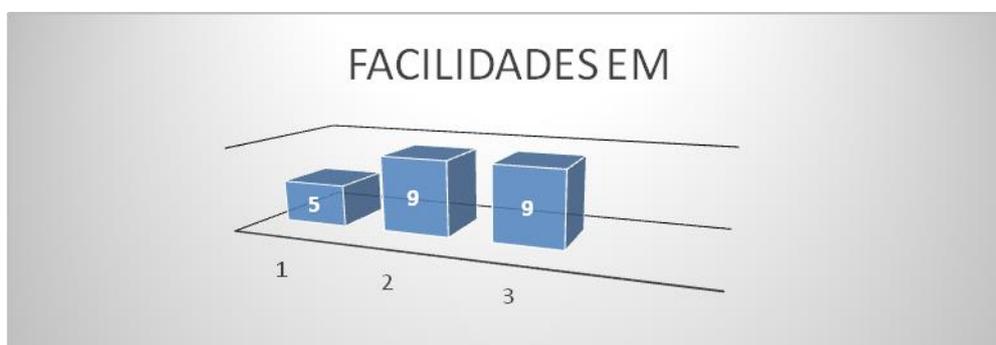


Fonte: Dados elaborados pelo autor.

1. Ser mulher e pouca idade causaram estranheza no campo de trabalho.
2. Dificuldades com a linguagem e questões pedagógicas.
3. Comentários machistas e ter que provar a capacidade.
4. Expectativa de a pastora fazer trabalho voluntário.
5. Dificuldades para me adaptar no contexto da pandemia.
6. Dificuldades de administrar ciúmes (emoções).
7. Dificuldades em assumir tarefas administrativas sem qualificação para isso.
8. Não levar questões teológicas polêmicas para o trabalho. Queixas e diferenças nas propostas sobre espiritualidade.

### 3.2 APÓS A FORMAÇÃO EM TEOLOGIA ENCONTROU

Tabela 3 - Facilidades encontradas no campo de trabalho



Fonte: Dados elaborados pelo autor.

1. Ser acolhida.
2. Liderar, planejar, pregar.

3. Trabalhar com liturgia, música, cultos participativos, dialogais, ecumênicos, celebração de sacramentos, trabalho em grupos e equipes, novas formas de celebração.

**Tabela 4 - Alegrias encontradas no campo de trabalho**



**Fonte:** Dados elaborados pelo autor.

1. Perceber o agir de Deus, celebrar a Palavra e Sacramentos.
2. Me relacionar com pessoas, construir grandes amizades.
3. Partilhar púlpito com membros.
4. Mudar opinião de líderes.
5. Desfrutar a companhia e experiências simples das pessoas.
6. Motivar pessoas e comunidade para trabalhos de missão e educação social (projeto missionário).
7. Formação de lideranças (Pastoral Popular) na reivindicação de direitos e políticas públicas (Igreja Luterana aberta aos pobres), diaconia transformadora, trabalho ecumênico e diálogo inter-religioso.

**Tabela 5 - Dificuldades encontradas no campo de trabalho**



**Fonte:** Dados elaborados pelo autor.

1. Administrar o tempo (dizer não). Fazer uma rotina de vida pessoal (quanto tempo de escritório, quanto tempo para cuidados pessoais, descanso – me impunha uma rotina exaustiva).

2. Administrar ciúmes, discussões, divisões de membros em torno de questões teológicas e identidade confessional, e também com a IECLB. Manter boa relação com colegas tradicionais na eclesiologia e luteranismo institucional.
3. Gravar cultos na pandemia do Covid-19 – preocupação que o conteúdo poderia ser usado contra mim em algum momento - até onde poderia tomar decisões sozinha, sem consultar Presbitério e envolver pessoas em responsabilidades que não competem a mim somente.
4. Assumir trabalhos administrativos.
5. Dificuldades com música – acho injusto esta ser uma aptidão determinante para a eleição de alguém para um CAM (no meu tempo as escolas de teologia não contemplavam essa habilidade).
6. Dificuldades com a solidão e o isolamento em relação a colegas, débil assistência por parte do Sínodo (É mais fácil “facilitar” a saída da pastora do lugar e esperar que o problema se resolva sozinho).
7. Dificuldades em garantir um espaço e tempo privados, casa pastoral invadida por membros sem bater na porta, portas sempre chaveadas (mesmo para ir na horta), pessoas sentem-se autorizadas pois a casa é deles, casa pastoral é uma não-casa, um não abrigo.
8. Dificuldades com trabalhos noturnos distantes (a volta é muito angustiante).

**Tabela 6 - Resistências encontradas no campo de trabalho**



**Fonte:** Dados elaborados pelo autor.

1. Resistências no acolhimento de colegas.
2. Resistências em mudar pensamentos, tradições (batismo feito por pastor tem mais valor), quando há um casal de pastores, algumas mulheres preferem conversar com marido pastor.
3. Em me impor em situações onde sabia que tinha direitos, propor coisas novas por medo de não serem aceitas, questionar membros do presbitério, apontar desvios de coletas e contribuições (criavam animosidades e pontos de atrito).
4. Em dialogar no meu matrimônio – isso impactou negativamente no meu ministério.

5. Resistências na inclusão de pessoas nos presbitérios (principalmente mulheres como presidentas de suas comunidades).
6. Resistências em atender expectativas espiritualistas nas comunidades.

### 3.3 SEU PROJETO PRÓPRIO EM CAMPO DE TRABALHO

**Tabela 7 Seu projeto diante da estrutura eclesiástica – aspectos positivos**



**Fonte:** Dados elaborados pelo autor.

1. Com muito respeito e estudo da história das comunidades, mostrando a relevância de algumas mudanças necessárias. Consegui me inserir sem maiores dificuldades na estrutura existente, mas com novas perspectivas (desenvolver sensibilidade social e religiosa em relação aos setores marginalizados da sociedade, através de estudo bíblico, prédica, postura nas reuniões e encontros poimênicos, programas de rádio), fui colocando meu jeito de ser.
2. A estrutura eclesiástica não atrapalha, organiza, tenho liberdade de atuar bíblica e confessionalmente. As comunidades sempre aceitaram muito bem (muita simbologia, teatro, pessoas tocando instrumentos musicais e puxando canções), não era mais eu o centro das atenções.
3. Não tive problemas, sempre respeitei o contexto, quando propunha algo, fazia com muito diálogo, embasada em textos bíblicos e documentos da IECLB. Não tentei substituir o “pastorcentrismo” por um “pastorcentrismo” – isso tirou de mim o foco, logo não mudou muito o fato de ter uma mulher neste papel e não um homem.

**Tabela 8 - Seu projeto diante da estrutura eclesiástica – aspectos negativos**



**Fonte:** Dados elaborados pelo autor.

1. a) Bastante difícil traçar um plano de trabalho a médio e longo prazo, comunidade pequena, poucos recursos financeiros e de pessoal. b) A estrutura eclesial/paroquial estava quase inexistente (havia casa, mas não carro, poucos membros, paróquia estava por fechar, fazia anos que estava sem pastor e o trabalho pastoral era feito por colegas do distrito). Cada local tem características e demandas próprias e, além do trivial, busco sanar as necessidades e ir ao encontro da missão enquanto Igreja. Espera-se sempre um modelo de comunidade ideal, que não tem muito a ver com a realidade, pelo menos não nas experiências que tive.
2. Trabalho há pouco tempo e, devido à pandemia, não tive condições de avançar com reflexões e trabalho além do dia a dia.
3. Às vezes sinto que fui apenas uma agendadora de tarefas e eventos, tentando sobreviver em um ambiente extenuante e solitário, calada e tutelada pelos presbitérios (em conluio com meu ex-marido). Havia muito isolamento em relação à instância sinodal e a sensação de irrelevância, frustrações e decepções.
4. Depois de dois anos conseguimos desenvolver um projeto de trabalho com jovens a nível distrital, o qual eu assumi e assim recebi reconhecimento oficial como pastora.
5. Sou pastora ordenada da IECLB e devo seguir o que dizem as diretrizes (caso eu discorde, há trâmites para isso ser encaminhado). Não abro mão dos diferentes trabalhos, impondo-me a partir deles e buscando forças em partilhas com ministras e com meu esposo.

**Tabela 9 - Seu projeto diante dos colegas – aspectos positivos**



**Fonte:** Dados elaborados pelo autor.

1. Com diálogos e estudos sempre estive cercada de colegas que me apoiaram e incentivaram, tanto homens, quanto mulheres. Não encontrei resistências, antes disposição em cooperar no projeto de formação por mim desenvolvido.
2. Temos uma boa convivência, sempre conversamos muito, com diálogo chegávamos a um consenso, os colegas foram receptivos, dividindo trabalhos e responsabilidades.
3. Na equipe pastoral, tentei desmistificar as questões relativas ao feminismo e direito das mulheres, cidadania e fé religiosa, acompanhando meu esposo em

acampamentos de sem-terra, CPT. Sempre trabalhamos em parceria, diante dos colegas de trabalho, nós mulheres fomos nos tornando conhecidas.

4. Sempre tentei fazer diferente, tive a felicidade de substituir colegas muito bons no quesito formação e liderança [...] pude simplesmente continuar o que já estava acontecendo, mas colocando o meu jeito de ser mulher-pastora, de ser pastora-mulher.
5. O colegiado pastoral (pastores, pastora e catequista mulher) reunia-se mensalmente, eram tratadas questões e avaliações das atividades e projetos, havia grande coesão e sintonia pastoral e teológica e também na relação de amizade, o que era percebido nas comunidades.
6. Fazíamos rodízios de púlpito e nos visitávamos para confraternizar, foi um tempo de muita reflexão, amadurecimento e solidariedade.

**Tabela 10 - Seu projeto diante dos colegas – aspectos negativos**



**Fonte:** Dados elaborados pelo autor.

1. Senti muita frustração inerente ao que se sonha e a dura realidade, onde o trabalho da mulher precisa ser validado pelo homem para ter reconhecimento.
2. Às vezes acabei como “tapa furo” oficial, um descompasso profundo no trabalho com colega, experimentei muita solidão e isolamento.
3. A distância geográfica dos demais colegas e a dificuldade de manter contato foram características determinantes desta situação.

**Tabela 11 - Seu projeto diante da comunidade – aspectos positivos**



**Fonte:** Dados elaborados pelo autor.

1. A expectativa da Paróquia era desenvolver um trabalho de evangelização e fortalecimento na fé em Cristo Jesus e percebo que consigo trabalhar contemplando esta expectativa. Às vezes, surgia uma ou outra dificuldade, opiniões diferentes, mas com diálogo resolvíamos tudo.
2. Foi ouvindo, acolhendo, aconselhando, avaliando, o autoconhecimento foi fundamental para lidar com expectativas, fui conhecendo os meus limites e aprendi a falar NÃO.
3. As comunidades me receberam muito bem, compartilhando suas experiências, anseios e medos, creio ter podido desenvolver um trabalho bonito (de forma especial nas periferias e entre a gente mais simples, sempre relegada).
4. Sendo honesta e franca, olhando nos olhos, diálogo sincero e respeitoso, fui criando meus espaços dentre os espaços já construídos, desmistificando drasticamente o jeito de ser de quem assume este lugar de liderança pastoral. Fui mudando a ideia de como o altar se torna um lugar de respeito com meu jeito de mulher, sempre tentei passar a maravilhosa ideia/certeza de que Deus também é mulher.
5. Como teóloga pastora também assumi um papel de assessoria à comunidade, buscando marcar uma presença na sociedade como evangélica de confissão luterana no espaço público, foram profícuos tempos de muito trabalho, dedicação e expansão.
6. Uma das expectativas manifestadas nas reuniões e encontros foi a visita pastoral, ao que dedicamos grande parte de nossa atividade. Com isso, também pudemos “firmar as estacas e ampliar a tenda”, não lembramos de atritos ou desavenças com membros, nem de saída de membros.

**Tabela 12 - Seu projeto diante da comunidade – aspectos negativos**



**Fonte:** Dados elaborados pelo autor.

1. Muita frustração sempre inerente ao que se sonha e a dura realidade, onde o trabalho da mulher precisa ser validado pelo homem para ter reconhecimento.
2. Muitas expectativas não refletem a realidade.
3. Falta engajamento para novos projetos.

4. Foi possível estabelecer um projeto de trabalho minimamente satisfatório (com momentos de realizações e grandes alegrias, mas cercado de inseguranças, culpas e frustrações).

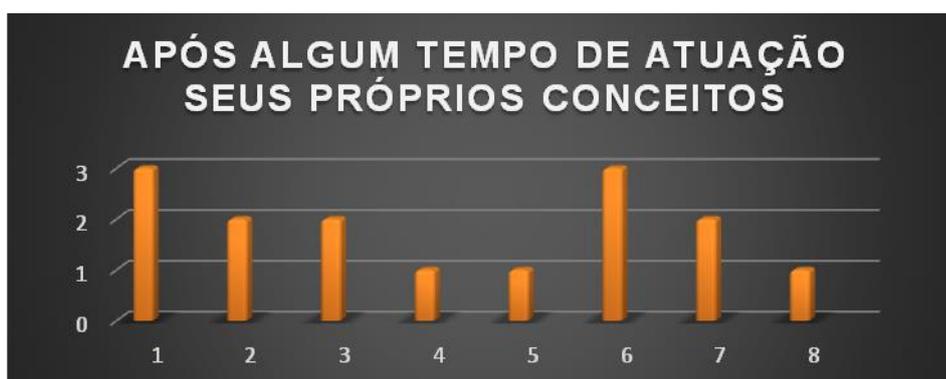
**Tabela 13 - Seu projeto diante dos próprios conceitos – aspectos positivos**



**Fonte:** Dados elaborados pelo autor.

1. Buscando me conhecer, meus pontos fortes, formando lideranças, delegando funções, compartilhando cargas, orando, prezo muito o diálogo, conversando resolvemos as questões.
2. Meu cuidado especial foi com a OASE e JE (muitas mulheres tinham apenas esse dia para se sentirem importantes, amadas, e isto precisava ser aproveitado, resgatar a autoestima delas, reconhecendo erros, pedindo perdão, deixando que o evangelho nos guie, mantendo o respeito e a diversidade de forma saudável).
3. Nem tive tempo para pensar/refletir/conceituar nada... o trabalho ia se definindo à minha frente e eu precisava dar conta, com muita alegria veio o nosso primeiro filho... o nosso segundo filho quatro anos depois... treze anos depois veio nossa primeira filha... meu marido e eu fomos assumindo esta família querida em conjunto, com muitas dificuldades (mas em conjunto), os desafios iam aparecendo, eu ia dando conta.
4. Deixei a desejar muitas vezes, mas nunca coloquei-me a necessidade de preencher os desejos de tantas comunidades diferentes, de tantas pessoas especiais e de outras pessoas nem tanto (nunca pensei em ser a melhor, sempre pensei em conseguir fazer o meu possível: este eu fiz, precisei aprender a dizer NÃO).
5. Assumo tarefas demais, ainda conservo em mim a vontade de transformar situações de injustiça (tenho trabalhado além do que é exigido pelas comunidades, especialmente no trabalho ecumênico e no diálogo inter-religioso). Procuro sempre ultrapassar as fronteiras, acredito em uma Igreja profética e atuante, a partir do Cristo crucificado e ressurreto, na dimensão a partir dos/das crucificados na Terra.
6. Pudemos experimentar o que significa ser pastora/pastor em comunidade e paróquia em reconstrução: a força dinâmica que provém da fé, da esperança e do amor, pessoas justificadas por meio da fé, que também sofrem e vacilam, mas são sustentadas pela Graça e Misericórdia de Deus.

Tabela 14 - Seu projeto diante dos próprios conceitos – aspectos negativos



Fonte: Dados elaborados pelo autor.

1. As limitações físicas para enfrentar as enormes distâncias, limitações emocionais de ver pessoas tão isoladas e abandonadas em luta contra a natureza, desafio de denunciar injustiças e violências principalmente contra as mulheres e a preservação da vida.
2. A superação se dá dentro de um processo que vai acontecendo até naturalmente, a maturidade que se constrói ao longo desse processo permite olhar e aceitar os limites com mais “humanidade”.
3. Passei por momentos difíceis e de certo desespero devido à pandemia e minhas inseguranças, tento perceber meus limites e cuidar mais de mim (dedico tempo para atividades pessoais, coisa que não acontecia no início pois estava 24 horas focada no trabalho, esquecendo do descanso e das famílias).
4. É preciso adaptar a linguagem, os exemplos, as expectativas, às vezes a gente vai com muita sede e não dá conta de tudo o que se propôs ou sonhou.
5. Não sou muito segura dos meus conceitos... prescindo deles quando posso articular-me em conceitos já existentes e aproveitá-los como ductos para experimentar minhas ideias... meus limites pessoais estão comigo como realidade, como minha finitude... emoções fortes em horas “inadequadas”, por exemplo, convivo com os limites, às vezes bem, às vezes mal.
6. Precisei aprender a lidar com as frustrações e dificuldades apresentadas pelo campo, encontrar uma forma de manter o otimismo e não perder o foco no trabalho.
7. Senti frustração por não poder ir além do ordinário, era um contexto local e cultural para ser uma Igreja com sotaque próprio, com uma visão diaconal e de sociedade libertadores, infelizmente devido a vários fatores (o casamento turbulento, tutela à minha presença feminina nos espaços de decisão, minha tendência a esperar “o melhor momento”) funcionaram como limitantes da concretização de minhas propostas ou visões de pastorado para o local.
8. Destaco o cansaço oriundo de tanto trabalho: a partir de dado momento assumimos atividades letivas (eu e meu marido) em período noturno em cidade vizinha e passamos a prover a subsistência da nossa família, trabalhando de forma contratual voluntária junto à paróquia, devido a constante dificuldade econômica da paróquia para pagar o salário pastoral, trabalhar em duas frentes foi cansativo e

após 10 anos resolvemos trocar de ares quando recebemos um convite para trabalho docente em outra cidade do País (fomos contratados como docentes em uma Universidade, quando membros luteranos souberam disso, pediram ajuda na reconstrução da comunidade que estava “moribunda” e foi uma experiência muito boa).

### 3.4 RESULTADOS E PERSPECTIVAS NA SUA ATIVIDADE LABORAL

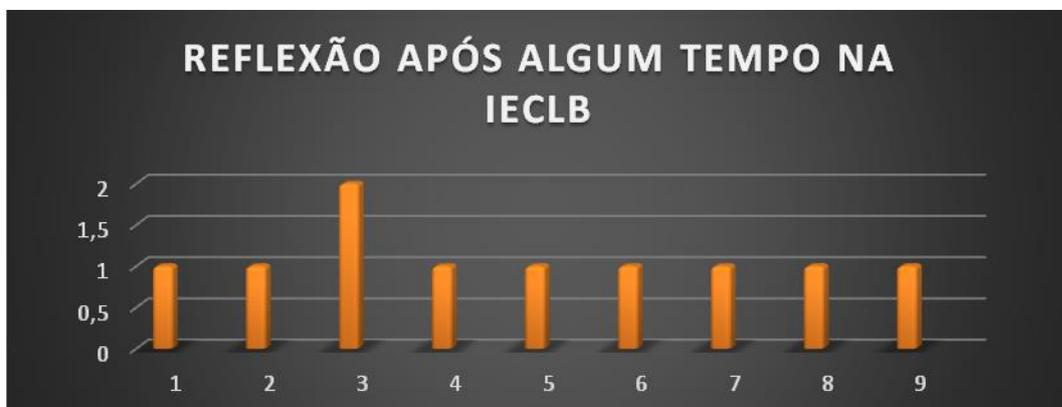
Tabela 15 - Avaliando Instituição-IECLB após tempo de atividade: Aspectos positivos



Fonte: Dados elaborados pelo autor.

1. Sou muito feliz e grata em fazer parte desta Igreja e nela servir, sempre fui bem avaliada, aconselhada, servida, apoiada por ela, claro, às vezes nos sentimos distantes, sozinhas, abandonadas, cobradas.
2. Dentro das possibilidades, a Instituição nos acompanha e ajuda, que se preocupa com seus ministros e ministras.
3. A Instituição foi dando importantes passos para uma maior abertura em relação ao acolhimento e à forma de lidar com a diversidade.
4. A instituição IECLB tem contribuído em forma de campanhas e coletas para ajudar na manutenção da Paróquia.

Tabela 16 - Avaliando Instituição-IECLB após tempo de atividade: Aspectos Negativos



Fonte: Dados elaborados pelo autor.

1. Ela precisa manter a Palavra de Cristo como fundamental, vivemos em uma sociedade polarizada e cheia de modismos, manter o foco no Central é fundamental.
2. O acompanhamento da Igreja aos seus ministros e ministras é fundamental, muitas vezes precisávamos de posicionamentos mais firmes, inclusive diante de questionamentos feitos pela comunidade (em questões pessoais senti-me sozinha).
3. A IECLB se fechou muito, irreconhecível a de hoje se comparada com aquela que busquei nos anos 1980 pela sua voz profética, a estrutura da Igreja nem sempre nos ajuda, por vezes parece algo distante, a estrutura nem sempre enxerga ministras e ministros como parceiros, tentando manter a paz comunitária em um mundo sempre mais polarizado.
4. Parece ser uma estrutura por demais cansada, amedrontada, pressionada, quem ocupa cargos sinodais e nacionais se sente sem base de apoio, está tentando conciliar interesses muitas vezes diametralmente opostos (o pastorado sinodal que ouve a minha denúncia de assédio moral ou sexual por parte de presbítero ou colega é a mesma pessoa que vai ter que disputar vagas no pastorado futuramente – como essa instância vai poder agir com isenção? A gente precisa urgentemente tirar esse peso de pastores e pastoras sinodais – até para que nossas demandas tenham encaminhamento correto (justiça comum, polícia), urge criarmos uma Ouvidoria especializada em Direitos Humanos e que supra essa demanda).
5. Erros históricos na divisão dos Sínodos, a formação de guetos teológicos e financeiros, a desarticulação do Centro de Formação Teológica, o fim da APPI, dos encontros de pastoras e estudantes de teologia etc., fez que agora somos estranhas, não nos conhecemos e temos dificuldades de nos relacionar com a alteridade.
6. Desistimos do diálogo e simplesmente fizemos a partilha dos despojos, aprofundando a sensação de isolamento e abandono de Ministros e Ministras que são a “ponta da lança” (pastoras têm ficado sem emprego mais frequentemente e por mais tempo, estamos mais expostas e fragilizadas).
7. Estou muito preocupada: Não reconheço muitas vezes a minha Igreja, deixamos de dizer uma palavra fundamental perante a realidade social, política, econômica pela qual passa o Brasil, a Igreja deixa de colocar os pés no chão da vida como faz o evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, quanto à exclusão de pessoas homoafetivas do quadro ministerial? Isto é inadmissível para uma Igreja que se diz seguidora de Jesus Cristo.
8. Em mais de 30 anos de pastorado (28 anos voluntário) pastoralmente temos recebido pouco apoio e sustentação, com pouquíssimas visitas de pastor distrital e atualmente sinodal (nos últimos 21 anos atuando voluntariamente – durante 10 anos assumindo todos os trabalhos por falta de pastorA contratada – distantes do centro geopolítico luterano, registramos ausência de visita pastoral de Pastor Presidente, inclusive quando aqui esteve para participar de evento acadêmico por nós organizado na Universidade em que trabalhamos [tendo sido convidado a permanecer um dia a mais para realizar culto], tratamento semelhante acontece por

parte de PastorA Sinodal, talvez justamente por sermos pastorA voluntária. A Igreja como Instituição (IECLB).

9. Desde o Concílio em 1992 se burocratizou e ficou ainda mais distante do povo, a estrutura sinodal engessou a IECLB (sinto falta de um testemunho claro e profético da Instituição Igreja em situações concretas, por exemplo, onde colegas são atacados devido a seu engajamento na luta por direitos humanos).

**Tabela 17 - Avaliando paróquia/com. após atividade: Aspectos positivos**



**Fonte:** Dados elaborados pelo autor.

1. A paróquia/comunidade dá abertura para o meu trabalho, saber trabalhar com o tradicional em respeito àquelas pessoas que historicamente vêm mantendo a Igreja e abertura ao novo que dá à continuidade a partir de novos jeitos de ser Igreja no mundo, na sociedade.
2. Houve boa acolhida e receptividade por parte da comunidade e membros, trabalho conjunto, apoio e solidariedade, dedicação às atividades eclesiais.
3. Abertura para inovação de atividades pastorais em nível teológico e social e simultaneamente preservação de aspectos tradicionais de identidade cultural – o que possibilitou o diálogo com outros grupos.
4. Houve uma postura de abertura no processo de transformação de mentalidade para acolhida da 'outra' e convivência. Assim, se houve, por um lado, ausência ou invisibilidade de presença e apoio por parte da instituição maior IECLB, o contrário sempre ocorreu em nível de comunidade/paróquia.

**Tabela 18 - Avaliando paróquia/com. após atividade: Aspectos Negativos**



**Fonte:** Dados elaborados pelo autor.

1. Estruturas são necessárias, nem tudo funciona perfeitamente, mas buscamos dentro da legalidade e diante da vontade de Deus mostrar às pessoas a importância das estruturas para o bom servir.
2. Lembro que somos uma Igreja séria, transparente, comprometida com a justiça e a verdade, toda a forma de trabalho era bem-vindo desde que não implicasse em ônus financeiro.
3. As pessoas leigas precisam ser sempre de novo incentivadas para colocar em prática dons e talentos, assumindo o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes.
4. Esta é a quinta paróquia em que atuo em 25 anos de ordenação (são 5 Sínodos diferentes), as comunidades e seus membros são bastante ativos e independentes no sentido de colocarem os dons a serviço e verem o que precisa ser feito e como, em outras são mais acomodados e dependentes, sendo necessário meio que “puxar a carroça” sozinha.
5. Nem todas as paróquias são bem organizadas do ponto de vista cadastral, contábil etc., e às vezes é difícil convencê-los a mudar, pois “sempre foi assim”, a comunidade em que congrego hoje é fechada para si mesma, segundo o pastor com 95% de membros [...] irredutíveis, a Igreja está muito acuada, ultimamente é muito difícil participar, vivemos uma incansável busca por membros afastados, os quais pouco têm interesse em ter qualquer forma de contato com a comunidade.
6. Há uma crescente bricolagem da fé e uma preocupação patrimonial que nem sempre reflete o maior patrimônio que são as pessoas, [...] a gente percebe grupos de pessoas que se perpetuam em cargos dos presbitérios, seja para exercer poder ou pela dificuldade em trabalhar com pessoas de visões diferentes.
7. Percebo um duelo entre procurar a igreja para receber um benefício (ofícios, sacramentos), e entre uma vivência comunitária alegre e participativa.
8. É difícil... há uma tendência a tutelar a pessoa da pastora, eu amo minha Igreja, mas também tenho uma família que depende financeiramente de mim, é cruel o tratamento dado a ministras com respeito à aparência física, roupas, voz fraca, falta ou excesso de adereços, perda ou ganho de peso, pastoras solteiras ou mães não biológicas.
9. Desde que iniciei o pastorado, vejo que mudou muito, atualmente os presbitérios das comunidades se entendem como patrões e não parceiros/as na proclamação do Evangelho, querem um evangelho água com açúcar e quando não agrada mais, rompem com os contratos de trabalho.
10. Uma política [...] também está na base das comunidades, muitos/as ficaram com a fé do culto infantil ou com o conhecimento do Ensino Confirmatório.

Tabela 19 - Avaliando colegas de trabalho: Aspectos Positivos



Fonte: Dados elaborados pelo autor.

1. Sou casada com pastor, sempre planejamos em conjunto e temos um ótimo Ministério, reconhecemos e respeitamos os nossos dons e pontos fortes, dividimos atividades com respeito, reconhecendo as possibilidades de cada um, sempre buscamos o diálogo e planejamento com os demais colegas em conjunto, tenho ótimo relacionamento com o colega de paróquia, com colegas da União Paroquial tenho relacionamento mais distante, porém respeitoso.
2. Não concordo com todos os costumes e projetos de Ministério, mas reconheço em todos a vocação e o serviço.
3. Sempre tive a graça de conviver com colegas incríveis com os quais aprendi e cresci (gratidão aos colegas de caminhada), sinto crescimento e grande afinidade com equipes de trabalho e colegas que amadureceram dentro dos processos de buscar vida com dignidade.
4. Conseguimos trabalhar juntos e nos pastoreamos mutuamente, a relação com a equipe pastoral foi fundamental no primeiro campo de trabalho (no segundo fui voluntária por 10 anos e estava sozinha em termos de trabalho conjunto, apoio, solidariedade, processos de planejamento e avaliação, amizade e visitação com celebração e confraternização).

Tabela 20 - Avaliando colegas de trabalho: Aspectos Negativos



Fonte: Dados elaborados pelo autor.

1. Muitas vezes incompreensão diante das insatisfações expressas, por um lado há um retrocesso no que diz respeito à formação, a pouca reflexão traz dificuldades diante de temas como relações justas entre homens e mulheres, equidade e justiça socioeconômica, diversidade religiosa e cultura, entre outros.

2. Pessoas pensam, sentem e vivem de formas diferentes, é imprescindível o respeito pela outra pessoa e que sempre se mantenha o diálogo em amor. Cada colega possui seus emaranhados, assim como eu e nem sempre é fácil olhar para eles. Teve situações em que fiz como Jesus, sacudi o pó das sandálias.
3. No [...] tivemos uma equipe pastoral e no [...] atuei com meu marido, nas outras paróquias era a única ministra atuando, nem sempre é possível ter colegas próximos, pastores acudados ou coniventes com a [...], sermões descolados da vida, textos bíblicos não são explorados como palavras proféticas (há exceções).
4. Não tenho colegas de trabalho na minha comunidade, ninguém me acompanha, tenho colegas em outras partes do Brasil e em grupos ecumênicos.
5. Penso que poderia haver maior parceria entre os colegas do núcleo sinodal, falta entrosamento, a parceria continua sendo a única forma de nos fortalecermos, se percebe um aumento na questão individualista, questões de TAM, de opiniões e de realidades têm melindrado muito a gente, levando a nos protegermos sozinhos [...] a saída é a união e não a divisão, o trabalho em equipe, sem disputa de egos, é o melhor.
6. A pressão por desempenho que paróquias colocam sobre colegas faz com que o trabalho desenvolvido em conjunto seja visto como corpo mole, preguiça ou incapacidade, cada qual está tendo que defender o seu emprego (me dói muito dizer isso).
7. Tenho colegas que não conseguem se posicionar politicamente nas suas redes sociais, porque estas servem de pesquisa para lideranças formarem o seu perfil do novo pastor ou pastora que irão chamar (tento me colocar no lugar destes, não deve ser fácil).
8. As demandas aumentaram e o individualismo narcísico também, há poucos trabalhos coletivos em projetos que visam transformações significativas na sociedade.

**Tabela 21 - Conceitos teológicos e pessoais: Aspectos Positivos**



**Fonte:** Dados elaborados pelo autor.

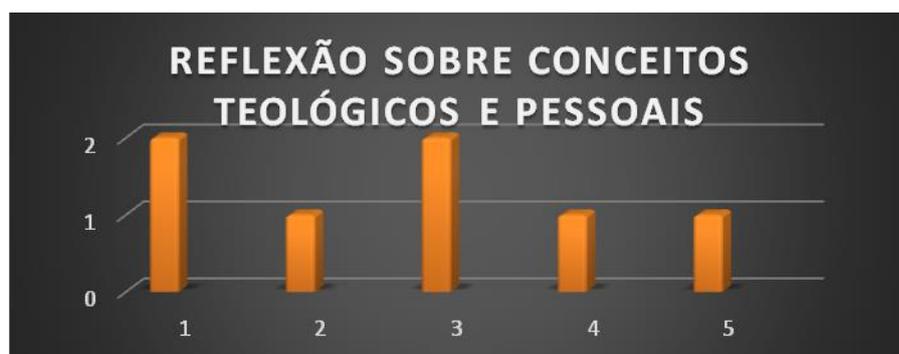
1. Amadureci muito nestes nove anos, tive crises de fé e vocação, mas sempre fui amparada em primeiro lugar por aquele que me chamou e vocacionou: Deus, percebo sempre mais a minha humanidade e como ainda assim Deus tem me usado em sua Seara, também busco participar de cursos, seminários, atualizações

(realizei uma pós em revitalização de comunidade a qual me trouxe nova motivação para o Ministério).

2. Cresci na fé convivendo e conhecendo outras denominações, experimentando o Ecumenismo, aprendi a reconhecer e admirar o trabalho desenvolvido por outras denominações, que prezam pelo Evangelho, prefiro andar no caminho do meio, não sou de esquerda ou de direita, pois quem anda no caminho da polarização, não consegue enxergar o outro, a outra, nas suas lutas, alegrias e dores.
3. A Igreja nos reconheceu porque batalhei para isso, louvo a Deus por seu Filho Jesus Cristo que resgatou o valor e a dignidade de cada ser humano, especialmente das mulheres, idosos e crianças.
4. Pude aprofundar os conceitos ao longo dos anos de Ministério na perspectiva de uma leitura bíblica a partir da vida das pessoas empobrecidas, mulheres, crianças, aprender com a erudição de professores/mestres que colocam seu conhecimento de forma madura e comprometida com o povo tem me motivado a buscar aprofundar meu conhecimento.
5. Buscando trazer sempre para a esfera da reflexão todo o engajamento prático na área da pastoral, manter a alegria do Evangelho é o que me move para continuar em um campo de atividade ministerial, às vezes essa alegria desbota, louvado seja o Senhor que nos renova e que nos envolve com seu amor, que nos restabelece a alegria.
6. Considero-me uma mulher pastora agraciada pela possibilidade de (oriunda do trabalho na roça) poder ter estudado Teologia na EST e continuado os estudos em nível doutoral e pós-doutoral.
7. Sinto-me mulher, pastora e professora realizada por poder trabalhar naquilo para o qual fui vocacionada, teologicamente consigo dialogar e debater com pessoas de mesmas e outras tendências ou vertentes, sempre mantendo claro o meu posicionamento, sem o qual não há diálogo, necessário para tempos hostis como os que vivemos.
8. Os referenciais da Teologia da Libertação e da Teologia Feminista têm contribuído vitalmente para os trabalhos pastorais e docentes realizados ao longo de 36 anos de teóloga e 31 anos de pastora. Sinto-me em constante formação, para mim a Teologia da Cruz, relida a partir da Teologia da Libertação, é atual e fundamental no contexto brasileiro e da América. A Teologia Feminista da Libertação é uma temática fundamental num contexto de violência e morte de mulheres.
9. Sou feliz por contribuir com a formação profissional em nível de bacharelado, mestrado e doutorado de mulheres e homens de todas as idades, classes e etnias, bem como com a educação teológica e ética em nível pastoral, social e ecumênico, vivo cotidianamente a teologia, a pastoral e a fé que experimento, vivencio e desenvolvo, com suas ambiguidades e complexidades, alegrias e dificuldades, sou grata a Deus e a todas as mulheres e homens que fazem parte dessa caminhada.

10. Um conceito fundamental é a ética e a economia do cuidado (tenho trabalhado muito com a metodologia da história de vida e com a história das mulheres, minhas produções acadêmicas têm apontado muito para este enfoque).
11. A Teologia é pública e necessita refletir sobre o público, democracia, cidadania, ecologia, economia, pois estes também são temas da ética, a teologia tem estômago e no momento tem muita gente passando fome.

**Tabela 22 - Conceitos teológicos e pessoais: Aspectos Negativos**



**Fonte:** Dados elaborados pelo autor.

1. Tenho cada vez mais a convicção de que sem estar próxima ao cotidiano das pessoas, a pregação do Evangelho são somente palavras não encarnadas. Existem conceitos teológicos e pessoais que fazem parte da minha essência, estes não abro mão, não são negociáveis, mas também estou sempre aberta ao diálogo para refletir e ver ideias, pensamentos e opiniões.
2. Espero ter crescido, aprendendo com as comunidades, foram importantes as oportunidades de cursos oferecidos pelos Sínodos, infelizmente não consegui, por diversos motivos, continuar meus estudos, meus conceitos teológicos continuam sendo: uma divindade criadora e uma divindade compassiva com todos os seres da Criação, que é fonte de poder e ao mesmo tempo esvaziada de todo poder a ponto de precisar de mim, de nós.
3. Os conceitos teológicos nos ajudam a pensar e a imaginar, a dar conta da nossa fé em palavras e celebrações, ações junto às pessoas mais necessitadas, a fazer a nossa travessia cotidiana e derradeira com sentido, é preciso estar em constante atualização, através de leituras e quando possível, buscar formação complementar.
4. A teologia feminista e ecofeminista tem a preocupação com a casa maior em que tudo existe, grupos identitários com posturas ecumênicas e dialogais (ainda há muito medo de seguir esse caminho: quem vai comigo? Que presbitério daria liberdade para trabalhar nessa linha? Que comunidade estaria aberta para essas novas possibilidades?).
5. Não entendo lideranças locais e colegas com atitudes excludentes. Nosso Deus Pai/Mãe de nosso Senhor Jesus Cristo jamais exclui pessoas homoafetivas, negras, pobres, mulheres, jovens e crianças. A grande maioria das questões prementes em nossa sociedade, das quais depende a sobrevivência da vida, está sob o poder de pessoas masculinas, brancas, velhas e ricas – a vida está mais do que nunca ameaçada.

### 3.5 GRAU DE SATISFAÇÃO: CONSIGO MESMA

Tabela 23 - Grau de satisfação consigo mesma – Aspectos Positivos



Fonte: Dados elaborados pelo autor.

1. Sempre tive **prazer** em desenvolver meu pastorado, nunca deixei de demonstrar meus sentimentos, minha linguagem foi simples (usei muita simbologia, meus filhos ainda me chamam de pastora cartolina) com a preocupação de me fazer entender.
2. Estou muito **satisfeita** comigo mesma, em processo constante de desconstrução e reconstrução. Sinto-me **satisfeita** e feliz com minha vida e meus trabalhos profissionais e artesanais, no cultivo da educação, da terra e das relações. Estou muito **satisfeita** comigo mesma, tenho feito o que gosto, estou estudando, buscando crescimento, tenho ido atrás dos meus sonhos e projetos de vida. Estou **satisfeita**, tenho projetos de estudo futuros, no momento realizo aquilo que consigo.
3. Sou muito **grata** pelas oportunidades que foram se colocando no desenvolvimento da minha vida, entendo ela como um grande presente e daí nossa responsabilidade com toda a criação. Me alegro com manifestações da **Graça** de Deus em nós, por meio de nós e entre nós. Sou mulher, pastora e professora **agraciada**. Tenho tido alegrias de reencontrar colegas, refletir e construir teologia em conjunto, uma dádiva voltar a refletir e elaborar teologia com outras pessoas, isso me deixa feliz e **grata**. Sou muito **grata** a Deus, sei que vivemos tempos muito desafiadores por causa da pandemia, ao mesmo tempo, Deus nos desafia (acredito que crises e frustrações sempre virão ao meu encontro, mas oro que eles não me roubem a motivação e a fé no Senhor. Sinto muitíssima **gratidão** porque sempre fui agraciada com muito perdão pelas minhas fraquezas e falhas e nunca fiquei sem trabalho, mas muitas vezes sem reconhecimento oficial por um certo tempo e assim continuei até minha aposentadoria. Estou a caminho, sou uma pessoa do caminho.
4. Me sinto muito feliz, **realizada, privilegiada e abençoada** – isto só foi possível porque houve colegas mulheres e homens que prepararam o terreno, tenho ao meu lado um marido dedicado e lideranças motivadas.

Tabela 24 - Grau de satisfação consigo mesma – Aspectos Negativos



Fonte: Dados elaborados pelo autor.

1. Enfrento **dificuldades** como todas as mulheres e homens no exercício de suas profissões, reúno forças por meio da fé e de outras mulheres e homens que me sustentam. Creio na força da comunhão, sofro com injustiças.
2. Sinto-me **fragilizada, derrotada** por más escolhas, por uma vida ministerial muito solitária e instável. Me sinto exposta, velha, despreparada, desatualizada, sem lugar na Igreja. Minha saúde passa por grandes **altos e baixos**, ela está alquebrada. Me sinto solitária e rejeitada como pessoa e como pastora. **É preciso ter uma armadura melhor sendo mulher...** nos últimos meses tenho sido amparada por colegas, em sua maior parte pastoras feministas. Vivo em constantes **altos e baixos** em relação ao ministério, por vezes animada com novos projetos, outras frustradas com a falta de resposta e adesão da comunidade, isso influencia meu grau de satisfação pessoal.
3. Sou muito **críteriosa** comigo mesma e me cobro muito, gostaria de ser mais criativa, mais conciliadora, mais pró-ativa, de ajudar a vencer as divisões e polarizações que existem mundo a fora e que respingam na comunidade. Teve tempos em que **me cobre demais** e me sentia incapaz, hoje compreendo que foi normal no processo de iniciar a vida ministerial, tenho trabalhado para me **cobrar menos** e valorizar as coisas que faço. Como pessoa **combativa** que sou, eu que nada mais amo do que a insatisfação com que não se pode mudar, nesse sentido estou sempre e apenas temporariamente satisfeita.
4. Reconheço que possuo capacidades de oferecer mais pra comunidade, mas **em muitos momentos boicoto a mim mesma** e meus projetos. Há muitas coisas que gostaria de ter feito, **muitas paróquias nem aceitam nosso currículo por ser mulher, inventando desculpas esdrúxulas.**
5. Percebi que muitas de nós tivemos **experiências parecidas**, estamos criando um espaço seguro para apoio mútuo, produção de conteúdo e busca de direitos.

### 3.6 GRAU DE SATISFAÇÃO: CÔNJUGE, FILHOS, PARENTES, AMIGOS

Tabela 25 - Número de vezes em que a palavra-chave é apresentada no texto



Fonte: Dados elaborados pelo autor.

#### Aspectos Positivos

1. Deus me abençoou com um **esposo** amigo, companheiro, com o qual posso contar, meu **marido** é ministro também, temos um relacionamento muito saudável, conheci meu **esposo** na faculdade e antes de sermos um casal, o primeiro e mais importante ministério é servir em nossa casa, nossa relação é boa **como casal**, meu **esposo** é meu parceiro, meu apoio, meu incentivador e com quem troco ideias. É alguém que traz ideias, divide tarefas, me acompanha, com quem posso contar em todos os momentos. Sou imensamente grata a Deus por ele, A **relação conjugal** tem sido suporte de amor e companheirismo para a minha/nossa vida há 38 anos e simultaneamente também causou alguns percalços. Sempre vivemos e trabalhamos longe, bem longe de nossas terras natais, meu **marido** sempre foi muito querido, soube ser meu ombro amigo, minha fortaleza, A relação com meu **esposo** é de companheirismo, trocas e diálogos constantes.
2. Fomos abençoados com dois **filhos**, temos um **filho** pequeno. Temos dois **filhos**, os quais para nós têm prioridade maior que o ministério, Nossa relação é boa com as **filhas** (embora uma filha não tenha se confirmado e ambas se tenham afastado completamente da comunidade), elas são profundamente sensíveis, compassivas e amorosas. Temos uma boa convivência, esperamos ainda por **filhos**, confiamos que o Senhor proverá, nossos **filhos e filha** recebiam críticas covardes com absoluta falta de respeito (cabelos longos, músicas que ouviam e tocavam eram motivos de críticas, mas eles se integravam na vida da comunidade. Ambos já foram cantando no coral e participando no grupo de danças folclóricas. Depois quando a nossa menina foi crescendo, também foi se envolvendo. Muitas vezes traziam suas queixas de como eram comparadas a outras jovens – porque a **filha** da pastora precisa ser bem comportadinha), esta relação bonita me segurou nos braços quando perdemos o nosso **filho** mais velho, somos pais de **uma filha e dois filhos**, todos estão bem encaminhados, fizeram universidade e continuam estudando, percebendo os novos desafios que lhes são impostos.
3. Temos expectativas de aumentar a **família**, mesmo nos sabendo vocacionados, não negligenciamos nosso casamento, **família** e bem-estar, com outra parte da **família** e d@s amigos nosso relacionamento é bom, esperamos que a nossa

convivência familiar continue boa, o trabalho pastoral e docente não prejudicou a relação familiar, mas aproximou-nos por aprendizagens e vivências múltiplas, tenho a obrigação de dizer que fui uma pastora muito privilegiada no quesito **família**. Sempre recebi toda a compreensão, todo amparo (nunca esquecerei das manhãs de domingo, quando, depois da celebração de dois cultos, chegava em casa e a **família** todinha estava reunida com o almoço pronto, apenas esperando pela mãe – amores da minha vida), muito choro, muito abraço, muita conversa saudosa, muita memória cultivada em **família**, relação muito respeitosa e amorosa com toda a **família** e as pessoas que foram chegando: genro, noras e netinha, nas férias viajamos para nossas **famílias**, para que os filhos conheçam avós, tias, tios, primos, primas, para estar presente também na vida de nossa gente querida.

4. Temos um relacionamento muito bom com nossos **pais e mães** e recorremos a eles quando precisamos de um aconselhamento, nossos **pais e irmãos** entendem e apoiam nosso chamado e serviço. Não temos muitas amizades, mas as que temos são muito lindas e especiais, com amigos e amigas partilhamos as alegrias e as cargas do ministério, com uma parte d@s **parentes e amig@s** temos mais dificuldades por questões políticas – quando alguns misturam sua fé com a política do [...] tornam-se irreduzíveis, uma tristeza me acompanha: minha **irmã** faleceu devido a pandemia do Coronavírus, não pudemos nos despedir. Então estou junto com muitos/as brasileiros e outras pessoas no mundo, vivendo um luto não curado e também com muita raiva daqueles e daquelas que não cuidaram eticamente do povo brasileiro.

Tabela 26 - Número de vezes em que a palavra-chave é apresentada no texto



Fonte: Dados elaborados pelo autor.

### Aspectos Negativos

1. A relação com meu **esposo** foi bastante conflitiva por termos pontos de vista diferentes e não era bem aceito se discutíamos diante da comunidade. Nunca conseguimos separar trabalho e vida familiar, separei-me em dezembro de [...], tendo duas crianças pequenas, inclusive um menino com [...]. (nesse processo foi importante o P. Sinodal [...] e a comunidade de [...]. Até ali não havia tido nenhuma ajuda da Igreja, nenhum apoio, muito pelo contrário, ouvi várias vezes “pense na carreira dele”), **meu ex-marido** pode fazer seu mestrado, 2 doutorados e um PHD, eu trabalhei na comunidade e cuidei das crianças. Nunca conseguimos uma paróquia que tivesse vaga para os dois, apenas pudemos compartilhar o ministério e o salário, meu casamento iniciou um mês antes do ministério e meu **esposo** não é ministro da IECLB. Passamos por um processo de adaptação como casal, ao

mesmo tempo em que me adaptava ao ministério e ele à condição de desemprego, sobra pouco tempo para o lazer, já que o **esposo** também trabalha no fim de semana. Noutro casal de pastores a pastora refere que suas filhas e seu esposo chegaram antes do Ministério Ordenado e eles trabalham em cidades diferentes e não ficam juntos o tempo todo – isso foi uma escolha para que nenhum dos dois tivesse que abrir mão do seu trabalho. Outra pastora refere que seu relacionamento conjugal foi um relacionamento abusivo e disfuncional, marcado por muita manipulação e jogos de poder. Houve muitas traições da parte **dele** ao longo dos anos, fiquei sabendo das últimas no final do casamento, demorei a perceber que a **pessoa** com quem me relacionava tem uma impossibilidade de sentir empatia e estabelecer vínculos. Demorei muito mais para criar coragem e romper esses laços, estava isolada de redes de apoio, tive medo de ficar sem o emprego no pastorado, o P. Sinodal da época veio nos visitar, disse que a gente deveria “fazer mais sexo, fazer umas coisas diferentes na cama”. Eu me vi sem apoio e levei mais um ano até romper esse relacionamento, sob ameaças de morte e outros tipos sórdidos de chantagem e abuso contra mim e minhas crianças, fiz boletins de ocorrência, mas nunca levei adiante, medo, (**ele** tem parentes ligados a pastorado e Igreja, que ainda podem me prejudicar), as mulheres da OASE me absolveram de qualquer responsabilidade ou culpa, tanto pelas traições dele, como pelo final do casamento, afinal, “a pastora está sempre trabalhando muito, e tem as crianças, está sempre cansada, é natural que não consiga atender as necessidades matrimoniais **dele**, meu atual **esposo** é um companheiro muito querido, ele não é [...] e isso é bom, ele não responde por mim nas demandas pastorais e isso é ótimo. Ele gosta muito de me acompanhar na lida pastoral. Eu garanti meu espaço, ele não cruza essa linha clara que estabeleci. [...] ele ouve minhas histórias de lugares diferentes que o pastorado me proporcionou conhecer e tem vontade de viver essas histórias comigo.

2. Nossas **filhas** nos acompanharam sempre e hoje são adultas independentes, trabalham e estudam, têm companheiros e estão em constante contato virtual conosco, tenho dois **filhos**, de 22 e 19 anos, que criei longe de qualquer parente ou apoio, eles tinham por “avôs” membros da comunidade, pois era difícil e caro visitar a família, com dois **filhos** prematuros, um muitas vezes doente, dificuldades no casamento, gostaria de ter tido mais apoio. Hoje meus **filhos** dizem que sou pastora em tempo integral e, para ter minha atenção, precisam me chamar de “pastora” e não de mãe. Talvez, para ser aceita na comunidade tenha mergulhado no trabalho, excedendo a entrega, trabalhando demais, deixando de lado folgas [...] sem isso, teria sido tão bem recebida? E o custo pessoal disso, como doenças e solidão, pago sozinha? São questões a serem vistas, **filho** é o presente precioso, a quem tenho dedicado maior parte do meu dia, eu vivo um segundo matrimônio, “**minhas crianças**” são do primeiro matrimônio, era um casamento de muitos gritos e silêncios, tudo na frente das crianças. Elas não foram poupadas da insanidade do que vivemos, não tivemos nenhum respeito por elas, tristemente, meu trabalho ainda era o único sustento para mim e minhas crianças, minhas crianças... uma delas é atea, a outra frequenta a Igreja nos seus termos, com muito mais maturidade e inteligência emocional que eu tive anos atrás. Nos afastamos muito de nossas **famílias** (sempre moramos longe deles e agora é complicado reatar os laços), **família** não mora próximo, vemos apenas esporadicamente, com certeza a **família** pastoral sempre sofre muito, a vida privada muitas vezes não é respeitada. Eu tenho consciência de que muitas vezes deixei a desejar em casa, sempre

tivemos que terceirizar grande parte das atividades de manutenção da casa, das roupas, da alimentação. Muitas vezes não foi fácil conciliar as expectativas em relação a eles [filhos], mas sempre ficou muito claro que a pessoa contratada sou eu, eu abracei o Ministério, tem conta que eles pagam junto, mas a escolha do Ministério é minha e não deles, então dou o máximo de liberdade para participarem das atividades comigo ou não.

3. As relações de **amizade** são afetadas pelo trabalho, não temos **amigos** na cidade onde atuo, quinze dias após a minha separação, os homens começaram a se manifestar, assediando-me abertamente, com as mais bizarras propostas de me “consolar, proteger, criar minhas crianças”, de um jeito tão natural, que lhes causava ofensa a minha recusa.

### 3.7 ASPECTOS CONCLUINTE DAS NARRATIVAS

Concluindo esse capítulo, podemos observar que:

- a) Ser mulher, ser mãe não interfere no Ministério Pastoral, mas ser mulher e ter pouca idade causam estranheza algumas vezes em comunidades.
- b) Também a “capacidade” é posta em xeque quando se é mulher, ou quando afetos positivos (amor) ou negativos (ciúme) entram em cena. Entretanto, o trabalho voluntário sempre é bem-vindo.
- c) Construir amizades com pessoas, partilhar a pregação (púlpito) com membros, muda a opinião de lideranças.
- d) Diferenças, por vezes, levam à solidão e ao isolamento entre colegas e/ou tutela de comunidades e paróquias (batismo feito por pastor tem mais valor), fronteira ideológico-cultural em que o machismo dita as regras e dificulta a integração e inclusão das alteridades na comunidade.
- e) Substituir o “pastorcentrismo” por “pastoracentrismo” não muda nada na estrutura do trabalho. Somente a criatividade conduz a novas formas de ser Igreja/Paróquia/Comunidade, em que a inclusão das alteridades já existentes provoca novas reflexões teológicas e comunitárias.
- f) A equipe/colegiado pastoral proporciona as melhores parcerias, no respeito às diferenças e valorização das semelhanças. As questões e a discussão em torno da representação de gênero provêm o alimento espiritual para todas e todos.
- g) Avaliando o trabalho já realizado e aperfeiçoar o autoconhecimento é fundamental para lidar com expectativas, tanto no plano teórico, quanto prático, estabelecendo os limites de intervenção de cada parte – sem esquecer que Deus não é somente homem, mas também mulher – e o altar nas igrejas deve expressar isso sem constrangimentos.
- h) Não se consegue impor um projeto próprio, é necessário partir do que já existe e reformular hábitos e tendências, incentivando parcerias e estimulando opiniões – ainda que diferentes, não são excludentes – “a superação se dá dentro de um

processo [...] a maturidade [...] permite olhar e aceitar os limites com mais humanidade”.

- i) A IECLB precisa manter sua voz profética e sua estrutura nem sempre permite interações profundas em questões de relevância, sobretudo no trato com as pastoras, que, por serem mulheres, ainda sofrem as interpelações machistas da sociedade em que vivemos e também na igreja em que congregamos (Ministras são a ponta de lança e costumam ficar sem emprego mais frequentemente e por mais tempo do que seus colegas homens).
- j) Vemos hoje uma “bricolagem da fé”, em que presbitérios se julgam “donos” dos seus postos de poder e manipulam pastoras e pastores de acordo com suas conveniências. A IECLB, como estrutura, deve ficar mais atenta a estas situações.
- k) O pastorado em que ambos são pastores já foi mais difícil de administrar em outros tempos, sobretudo por razões financeiras, em que um deles (geralmente a pastora/mulher) tinha que trabalhar como voluntária. Mas também quando a pastora é titular na paróquia/comunidade e seu esposo/companheiro tem outra profissão, ainda cria situações de tensão e incompreensão para todas as partes.
- l) Apesar de todos os “dissabores” na lida pastoral, os “sabores” pertinentes dão o tempero necessário para o sustento de todas as partes. A inclusão das alteridades existentes sustenta o “sabor” final.
- m) Uma boa parte dos “novos sabores” provém da Teologia Feminista, na confluência com os “sabores” e “saberes” já existentes na Igreja/Paróquia/Comunidade. A EST – IECLB tem contribuído valorosamente para as novas hermenêuticas teológicas e eclesiais que se constituíram ao longo das últimas décadas, pois, se a Teologia é pública, ela precisa refletir sobre o que é público, a saber: “democracia, cidadania, ecologia, economia [...] pois a Teologia tem estômago (presente em seu corpo) e no momento tem muita gente passando fome”.
- n) “A Teologia Feminista e Ecofeminista tem a preocupação com a casa maior, em que tudo existe, grupos identitários, com posturas ecumênicas e dialogais [...] pois nosso Deus Pai/Mãe de nosso Senhor Jesus Cristo, jamais exclui pessoas homoafetivas, negras, pobres, mulheres, jovens e crianças”. Quem os exclui sempre são as Igrejas/Paróquias/Comunidades, baseadas em princípios norteadores culturais, autóctones ou não, que impõem tais limites a partir de suas confessionalidades.
- o) Por tudo isso “somos gratas” e estamos satisfeitas com nossas atuações em público e também no privado, entendendo que esse é nosso dever e porvir, ainda que passamos por dificuldades, sofremos restrições, por vezes nos sentimos derrotadas, mas são estações da nossa caminhada como participantes do Reino de Deus, mesmo sabendo que ainda “é necessário ter uma armadura melhor, sendo mulher”. Por “termos experiências parecidas, criamos um espaço seguro para apoio mútuo, produção de conteúdo e busca dos direitos”.
- p) Lamentavelmente nossas famílias – a família pastoral como um todo – diante de expectativas irreais e surreais, baseadas em idealismos ideológicos e institucionais, sofrem as mazelas desse descompasso entre sermos humanos e humanas e/ou

quase divinas, mas o próprio Jesus Cristo já admitia que seu Reino não era deste mundo. Portanto, aqui somos totalmente humanas, sujeitas aos critérios de todos os/as viventes, mas amparadas na Graça Divina, que nos sustenta na longa caminhada em direção ao seu Reino.

Nossas famílias nos acompanham nesse projeto e, por vezes, precisamos deixar que se afastem e respirem, para que não sufoquem debaixo da “aura” que criamos para proteger nossas crenças. Também elas são somente caminhantes neste mundo em que reina alegria e dor, misturadas, e, por vezes, ofuscadas pelo brilho demasiadamente narcísico de nossas aspirações ao poder secular e/ou eclesiástico. Deus, o Pai/Mãe ilumine nossas mentes e acalme nossos corações.

Outrossim, as mulheres, e com isso também as pastoras da IECLB, nos últimos 60 anos, construíram sua própria história, conforme vemos nas narrativas apresentadas, ora bens “instaladas” nas formatações androgênicas dos seus cargos e funções, ora batalhando por direitos e representações que ainda não se completaram na dinâmica de suas atuações. A forma de como aconteceu a inserção da mulher na teologia brasileira nos é apresentada por Ivone Gebara, sobretudo no contexto da Igreja Católica (Ecumene), [mas também representa em parte a inserção das pastoras na IECLB], objeto de análise no próximo capítulo.



## 4 A INSERÇÃO DA MULHER NA TEOLOGIA BRASILEIRA

A pós-modernidade, de certa forma, reencantou o mundo com um acentuado misticismo para além dos parâmetros racionalistas da modernidade. Sobretudo as religiões não sistêmicas, não estruturadas sobre ideologias teológicas clássicas e medievais do Ocidente, começaram a se preocupar com a comunhão com a natureza<sup>91</sup> e novas experiências do divino foram a chama inicial para as religiões secularizadas, absorvendo parte das estruturas tradicionais religiosas.

Com a expansão e progressão dos meios de comunicação (teletecnologia) a religião também se apropriou desses meios e tornou-se uma mercadoria a ser adquirida dentro das promessas do sistema estabelecido. Promete-se algo melhor para manter as frágeis esperanças e notáveis desesperanças do cotidiano secularizado, mas o real cumprimento destas muitas vezes é apenas uma parte acidental do programa, refere Gebara.<sup>92</sup> Assim, a religião como fenômeno plural é utilizada para além de sua finalidade tradicional, centrada na organização do sentido da vida, na convivência entre as pessoas e na busca de salvação, tornando difícil a delimitação do seu sentido e campo de ação.

Gebara inquire se a religião tem realizado seu papel de criar relações, religar as pessoas com a espiritualidade e com a Terra e com as forças da natureza, se tem desenvolvido ações de consolo, ternura e misericórdia, ajudado pessoas a viver com mais dignidade e a carregar perguntas sem resposta. Nessa perspectiva de comunhão, encontra-se o núcleo mais significativo da experiência religiosa. Faz referência ao próprio Freud e segue seus argumentos, que já dimensionara essa questão em “O futuro de uma ilusão”, referindo-se à tríplice função dos deuses: exorcizar os medos da natureza, reconciliar-nos com a crueldade do destino e retribuir

---

<sup>91</sup> As temáticas teológicas de comunhão com a natureza já estavam presentes desde os primórdios da civilização oriental nas diferentes formas dos “cultos da fertilidade”, que a aurora primordial do Ocidente anterior à expansão do cristianismo vivenciou, principalmente nas religiões cultuais dos povos nórdicos e indo-europeus, dos quais os celtas foram apenas um exemplo. Com a romanização cristã efetuada pelo Império Romano, este tentou erradicar suas práticas e costumes de respeitar e reverenciar a natureza – culto à Terra-Mãe – impondo-lhes o jugo hebreu-cristão de conquistar e dominar a natureza para seus propósitos. TEIA DE THEA. Disponível em: <<https://www.teiadethea.org/>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

<sup>92</sup> GEBARA, Ivone. **Teologia Ecofeminista**. São Paulo: Olho d'água, 1997.

os sofrimentos e privações impostas ao ser humano em nome da cultura e civilização, e para tal realização até aceita algumas medidas de coerção

[...] que se destinam a reconciliar os homens com ela e a recompensá-los por seus sacrifícios [...] foi precisamente por causa dos perigos com que a natureza nos ameaça que nos reunimos e criamos a civilização, a qual [...] se destina a tornar possível nossa vida comunal, pois a principal missão da civilização [...] é nos defender contra a natureza.<sup>93</sup>

Freud também se refere ali aos comportamentos antissociais como o canibalismo, o incesto e o assassinato, dos quais apenas o canibalismo lhe parecia estar proscrito na sociedade moderna. Refere-se ainda aos impulsos agressivos e sexuais das pessoas civilizadas, dispostas a prejudicar aos outros através da mentira, calúnia e fraude, e, sobretudo, às atrocidades cometidas no contexto da Primeira e Segunda Guerras Mundiais, das quais também foi refém, cuja desilusão com o gênero humano civilizado ficou muito bem expresso em suas “Reflexões para os tempos de Guerra e Morte”:

[...] esperávamos que as grandes nações de raça branca [...] esperávamos que esses povos conseguissem descobrir outra maneira de solucionar incompreensões e conflitos de interesse. Dentro de cada uma dessas nações, elevadas normas de conduta moral foram formuladas para o indivíduo, às quais sua maneira de vida devia conformar-se, se ele desejasse participar de uma comunidade civilizada. [...] Poder-se-ia supor, porém, que as próprias grandes nações adquiriam tanta compreensão do que possuíam em comum, e tanta tolerância quanto a suas divergências, que “estrangeiro” e “inimigo” já não podiam fundir-se, tal como na Antiguidade Clássica, num conceito único.<sup>94</sup>

Evidentemente que o termo “civilização” pode ter diferentes conotações em culturas distintas e, conforme Eagleton, funde-se a estas, contendo aspectos descritivos e normativos. Nos processos coloniais e industriais, acomoda inversões singulares, demonstrando sua pluriformidade e adquire uma ambiguidade outrora ausente, em que os conceitos não são politicamente inocentes, conforme assinala “[...] o indivíduo culto parece suspeitosamente com um liberal de tendências conservadoras [...] esse indivíduo civilizado certamente não se parece com um revolucionário político, ainda que a revolução também faça parte da civilização”.<sup>95</sup>

<sup>93</sup> FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão** (1927) – **O mal-estar na Civilização** (1930). v. 21. Rio de Janeiro: IMAGO, 1974. p. 21.

<sup>94</sup> FREUD, Sigmund. A desilusão da Guerra. In: **Reflexões para os tempos de Guerra e Morte** (1915). v. 14 Rio de Janeiro: IMAGO, 1974. p. 312-313.

<sup>95</sup> EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. São Paulo: Unesp, 2000. p. 32.

Trata-se de um processo complexo que incorpora a constante tensão entre os conceitos de cultura e civilização – a civilidade como o oposto de barbarismo e identidade como modo de vida social populista restrito – que a ciência da antropologia entende como processos distintos, afinal também há selvagens dentro dos processos civilizatórios.

Entretanto, Freud está diante do impasse da modernidade, que quer esgotar a religião no seu limiar através da Ciência, que então pretende sublocar a religião a um imaginário pueril de sua infância em função de uma civilização baseada em pesquisa e tecnologia. Isso lhe parece ser uma possibilidade plausível dentro de uma razoabilidade fundante. De fato, como representante da biologia e da medicina de sua época, coube-lhe perceber nuances do comportamento humano então ainda determinados pela teologia e pela filosofia, que a exploração científica de sua época pôde colocar em discussão diante das novas experiências e descobertas da neurologia ascendente. A troca de informações com outros ramos do conhecimento como a física, a arte, a própria filosofia e teologia em reformulação, etc, permitiram a formulação e ampliação de novos paradigmas para além do que se formulava como “normalidade”, gerando novos discípulos e colegas que, via de regra, até se tornaram seus opositores epistemológicos, como foi o caso de Carl G. Jung e outros pesquisadores.

Observando a progressão do conhecimento sobre o ser humano na contemporaneidade, Sena articula dois momentos bastante decisivos em relação à interpenetração entre religião e cultura. Por um lado, as neurociências são as mais novas interpretantes dos eventos religiosos ao nível das estruturas biológicas que, agregadas aos processos de liquefação das fronteiras identitárias, econômicas e religiosas por outro lado, desmascaram as “verdades” que precisam ser recompostas e reinventadas, originando hibridismos e recombinações que já se instalaram em nosso meio.

Para esse autor, passaremos por uma “era de ressentimentos” na qual a cultura e a religião vagarão por outros lugares, confundindo interpretes e epistemologias, em que “relativizações e essencializações travam embates, gerando desdobramentos e combinações, afetando tanto as dimensões religiosas quanto

culturais”.<sup>96</sup> A liquidez dessas fronteiras também atinge a religião, sobretudo no Ocidente, que, ao racionalizar e desencantar o mundo, povoou o social com “monstros frios e racionais” que necessitam de um novo contraponto para balizar suas tessituras. Entretanto,

[...] não é possível opor ciência, ideologia e religião, já que nenhum cientista, teólogo ou religioso fala de um lugar não-ideológico. Não existe imaculada concepção da razão, da ciência, da religião, da cultura [...] [estas sempre estarão] entremeadas pelo caráter irreduzível dos conflitos.<sup>97</sup>

Toda denúncia de uma ideologia já será também ideológica, e Sena sugere que nos deixemos levar novamente pela surpresa e descoberta daquilo que está sendo procurado, “[...] da imprevisibilidade, da constante subversão do enclausuramento taxonômico e da resistência à estandarização e ao uso não crítico da autoridade epistêmica”.<sup>98</sup> No caso da religião, isso vale particularmente para a hermenêutica das fronteiras dos seus textos clássicos (hebraico, sânscrito), lembrando que não há textos que falem por si mesmos, necessitando sempre dos seus interpretantes e suas vivências históricas dentro de uma época presente, com seu próprio fluxo de mudanças e recombinações.

Uma dessas nuances mais significativas dentro desse fluxo hermenêutico hodierno se respalda no processo de emancipação da mulher no contexto do século XX e sua criação e participação sistêmica no desdobramento da hermenêutica teológica feminista no Ocidente cristianizado. A subversão dos valores teológicos taxonômicos foi apenas seu impulso inicial, desdobrando-se em inúmeras vertentes para repensar o Conhecimento e a Religião,<sup>99</sup> tendo no Brasil em Ivone Gebara, uma das mais fiéis expositoras daquela epistemologia denominada de “teologia ecofeminista”.

---

<sup>96</sup> SENA, Emerson. De entre lugares e tensionamentos: Os regimes do conhecimento e os interpretes do religioso em redes culturais. In: MOTA, Lindomar Rocha; SOUZA, José Carlos de; OLIVEIRA, Pedro A Ribeiro (Orgs.). **Religião e Cultura. Memórias e Perspectivas**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2012. p. 75.

<sup>97</sup> SENA, 2012, p. 93.

<sup>98</sup> SENA, 2012, p. 102.

<sup>99</sup> GEBARA, 1997.

#### 4.1 A TEOLOGIA ECOFEMINISTA EM IVONE GEBARA

Gebara<sup>100</sup> dedicou-se ao “fazer teológico” como mulher dentro do contexto da Teologia da Libertação no nordeste brasileiro, realidade que moldou seu ser, seu agir, seu olhar, seu sentir, seu falar e seu calar, pois ao falar e escrever desse lugar do Brasil “[...] é situar-me na região brasileira onde a miséria e a exploração, da qual é vítima a maioria da população e nela as mulheres, assume formas de extrema deshumanidade”.<sup>101</sup> Parte de uma autoavaliação em que

[...] identifico-me como uma mulher vivendo em condições privilegiadas, condições que me dão espaço suficiente para refletir, falar e até escrever. Falo da mulher que sou eu, e das outras, das mulheres pobres de minha região, na tentativa de transportar-me para seu mundo a partir de minha opção por nossa libertação comum e a partir de nossa condição humana comum de ser mulher.<sup>102</sup>

Nesse contexto, ela nomeia diferentes afazeres teológicos que se exprimem na convivência, na transmissão oral da cultura, no partilhar de uma vida simples, considerando que o discurso que retrata as coisas importantes e diárias da vida é, na verdade, o coração da teologia. A vida de Deus se expressa na vida da humanidade e vice versa e a sistematização e articulação teológica posterior tem a ver com este solo primordial.

Gebara nomeia diferentes ações entre o “fazer teológico” das catequistas populares “[...] que se abriram de maneira clara e eficaz aos problemas de seu povo e estão sendo capazes não só de militância [...] mas de transmitir às crianças e jovens um cristianismo marcado de luta pela justiça, valorização da vida e partilha dos bens”,<sup>103</sup> e o labor teológico das religiosas que atuam no meio da população, sobretudo a partir da década de 1970, referindo-se à “migração” das religiosas para

---

<sup>100</sup> Ivone Gebara – Religiosa católica, filósofa e teóloga feminista brasileira, Ivone Gebara (09/12/1944) nasceu em São Paulo, ingressou na ordem das irmãs de nossa Senhora – cónegas de Santo Agostinho em 1967 após graduar-se em filosofia. Obteve doutorado pela PUC-São Paulo, defensora da Teologia da Libertação, lecionou 17 anos no Instituto Teológico do Recife (ITER). Condenada pelo vaticano em 1990 ao “silêncio obsequioso”, ficou fora do Brasil por 2 anos e obteve o segundo doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Louvain, onde produziu o livro “Rompendo o Silêncio: uma fenomenologia feminista do mal” (2000). Nos últimos 30 anos, participou do processo de formação de homens e mulheres nos cursos de teologia, ciências da religião, filosofia e estudos ecológicos e feministas, além do trabalho pastoral com mulheres em cursos e palestras em diversos Países do mundo. Em 2014 recebeu o título de Doutora Honoris Causa pela Faculdades EST – São Leopoldo.

<sup>101</sup> GEBARA, Ivone. **A Mulher faz Teologia**. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 10-12.

<sup>102</sup> GEBARA, 1986, p. 10-12.

<sup>103</sup> GEBARA, 1986, p. 13-14.

os meios e organizações populares, incentivando a leitura da fé cristã a partir dos problemas e esperanças do povo, o que trouxe maior proximidade entre a teologia e seus ícones e as comunidades em que vivem. De forma especial, ainda se refere ao fazer teológico de mulheres que assumem o ministério do magistério teológico nos institutos e faculdades de teologia, que não se refere apenas a cursos dessa natureza, mas comporta também assessorias a diferentes grupos das Igrejas cristãs.

#### 4.2 A MULHER FAZ TEOLOGIA (1986)

Há algo de muito especial na maneira como as mulheres fazem teologia. Os elementos da vida cotidiana se misturam intimamente à fala sobre Deus. A experiência de mulher se exprimindo numa Igreja de tradição machista devolve ao discurso teológico o outro lado da experiência humana: o lado daquela que pare, amamenta, nutre e daquela que se calou durante séculos para tudo o que se refere à Teologia.<sup>104</sup>

É nesta mulher que ela se inspira e reconstrói sua história para a Teologia

Agora ela começa a expressar sua experiência de Deus, de um outro “jeito”, que não exige que apenas a razão apareça como única mediadora universal do discurso teológico, mas que inclui um leque vital de mediações que ajudam a exprimir o vivido sem esgotá-lo, um discurso que faz perceber que há sempre algo mais que a palavra não consegue dizer. [...] A fala teológica se exprime ora em profecia denunciadora do presente, ora em canto de esperança, ora em lamento, ora em forma de conselho [...]. É como se com isso se quisesse ultrapassar a distância entre o discurso e a realidade.<sup>105</sup>

Nesse contexto, Gebara fala de sua própria experiência constituída ao longo do seu fazer teológico, fruto da relação entre as pessoas, da reciprocidade de influências, sua postura filosófica e ideológica, sua experiência teológica, marcada pela fé que recebeu desde a infância e no caminhar difícil de sua existência, pelas descobertas do passado e do presente. “O limite entre o subjetivo e o objetivo é dificilmente delimitável, assim como o limite do meu discurso sobre os outros e do meu discurso sobre mim mesma [...] as realidades desse tipo se misturam, se entrelaçam”.<sup>106</sup>

Em sua trajetória de vida, ela distingue três marcos históricos que delimitaram seu fazer teológico, a saber: 1) A irrupção da história na vida das mulheres na expressão teológica da sua fé nos últimos 20 anos [relativo à edição de 1986]. Trata-

<sup>104</sup> GEBARA, 1986, p. 15.

<sup>105</sup> GEBARA, 1986, p. 16.

<sup>106</sup> GEBARA, 1986, p. 17.

se, conforme essa autora, não somente da irrupção destas no cenário histórico, mas sobretudo da “consciência histórica” das mulheres e seu direito à luta libertária e sua participação em diferentes frentes nas quais estavam ausentes. “A mulher começa a se enxergar como sujeito da história [...] a participação em sindicatos, movimentos de bairros, grupos de mães [...] atestam uma mudança da consciência”.<sup>107</sup> Uma entrada na “consciência da história” onde participam como produtoras de sua própria história.

2) Na linha da história, pode-se falar da descoberta da causalidade das coisas, isto é, a condição feminina não é fruto de um destino imutável, mas resultado de condicionamentos culturais e históricos ao longo dos tempos e pode ser modificada a partir de novas (re)leituras da realidade constituída.

3) A crescente entrada da mulher no mundo do trabalho assalariado “[...] introduziu a luta pela sobrevivência, despertando-a para um combate em fileiras já estabelecidas em desafios sócio-econômicos e políticos na militância teológica latino-americana”. “A imagem de Deus não é mais a do Pai ao qual se deve a submissão, mas Deus é fundamentalmente a imagem do que de mais humano existe na mulher e no homem”,<sup>108</sup> revisando a visão teológica tradicional que se tinha a respeito.

Essa nova compreensão do fazer teológico latino-americano parte sempre do vivido e experimentado no presente, compreendendo que os conceitos teológicos são símbolos de determinadas épocas, frutos de condicionamentos existenciais e culturais e as mulheres tentam estimar a dimensão presente da realidade vivida e deixar que fale livremente, para depois ligá-la a uma tradição anterior. Antecipam também a noção de que os conceitos racionais não dão conta sozinhos

[...] do sentido, do desejo, do sabor, do prazer, da dor, do mistério da existência. [...] as mulheres têm uma ousadia maior em desmontar os conceitos, [...] exprimir algo depois de ouvido, vivido e sentido muitas vezes e de muitas maneiras, de forma que as pessoas se reconhecem ao ouvirem a explicitação e se sentem convidadas a refletir mais profundamente sobre as questões que a vida lhes coloca.<sup>109</sup>

Enfatizando ainda que

[...] a tradição das comunidades cristãs do passado é continuamente recriada e se pode até falar de fidelidade a ela, na medida em que o hoje e o ontem são fiéis ao Espírito de Deus que se manifesta na história exigindo o respeito absoluto à vida. [...] No labor teológico das mulheres delinea-se uma

<sup>107</sup> GEBARA, 1986, p. 19.

<sup>108</sup> GEBARA, 1986, p. 20.

<sup>109</sup> GEBARA, 1986, p. 22-24.

capacidade de olhar a vida como lugar da experiência simultânea da opressão e da libertação, da graça e da desgraça. É uma percepção que inclui o plural, o diferente, o outro.<sup>110</sup>

A militância de Gebara promoveu uma nova organização dos ministérios na Igreja cristã, mesmo que não foram reconhecidos totalmente pelo ministério dos homens, marcadamente machistas, e começou a abalar marcadamente os privilégios de poder sobre o sagrado e sua legitimação pelos dogmas eclesiásticos. Na mesma proporção, seu trabalho foi desafiando os poderes eclesiásticos legitimamente instalados, ao ponto de provocar uma ruptura paradoxal no seio da Igreja Católica Romana. Após ser processada e condenada pelo Vaticano em 1990 com o “silêncio obsequioso”, saiu do Brasil e, em exílio na Bélgica, obteve seu segundo doutorado em Ciências da Religião, onde também produziu a obra “Rompendo o Silêncio: uma fenomenologia feminista do mal”.<sup>111</sup>

#### 4.3 A FENOMENOLOGIA FEMINISTA DO MAL: ROMPENDO O SILÊNCIO – 2000

Já no prefácio dessa obra, seu mestre Adolphe Gesché<sup>112</sup> refere que

[...] esta obra situa a questão feminista ou a questão das mulheres não apenas na sociedade, nem só na Igreja, mas na teologia, isto é, no discurso e nos conceitos. Que seja a montante, situando esta questão no discurso já existente, ou que seja a jusante, no discurso que todos nós esperamos. A questão tornou-se aqui propriamente teológica: ela é levada à teologia e pela teologia. Inscrita, portanto, num discurso que aceita a paciência dos conceitos. [...] Estamos ao mesmo tempo no campo da reflexão sobre a mulher e no campo da busca de Deus e da meditação sobre o mal. Esta maneira de abordar questões como esta não poderia ser mais visceralmente teológica. [...] E posso garantir que essas páginas sobre a percepção feminina de Deus, do mal e de Deus e o mal me trouxeram – a mim que estou tão ocupado com estas questões – uma nova e renovadora visão. Já não vejo mais o mal e seu tratamento em teologia como antes.<sup>113</sup>

Gesché enfatiza algumas contribuições ímpares dessa obra, entre elas, “[...] deixou-se a própria ‘coisa’ falar, em sua própria intencionalidade, em sua própria fenomenalidade, e não numa representação estranha [...] pela primeira vez na teologia

<sup>110</sup> GEBARA, 1986, p. 22-24.

<sup>111</sup> GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

<sup>112</sup> GESCHÉ, Adolphe. Prefácio à obra GEBARA, 2000, p. 19-25.

<sup>113</sup> GEBARA, 2000, p. 20-21.

feminina, a realidade vivida: Deus vivido, o mal vivido [...] pelas mulheres”.<sup>114</sup> Ademais, Gebara introduz o conceito de

[...] gênero em teologia – recorrendo a instrumentos produzidos em outros lugares – em que a “[...] relação entre homens e mulheres não é mais analisada [...] por coações apressadamente julgadas como ‘naturais’, e que avalizam [...] situações [...] nas quais o grito das mulheres [...] não é ouvido.”<sup>115</sup>

Tendo em vista que os homens se apropriam da maior parte do campo real e simbólico que pensam representar sua dimensão de ser, enquanto as mulheres são dele excluídas, Gebara inaugura uma resistência feminina na teologia em que a racionalidade da Ciência caminha furtivamente com o campo das emoções entrelaçadas por seus vínculos com uma realidade de sofrimento, indignação e discriminação da mulher como parceira no Reino de Deus, subjugada e aprisionada no reinado patriarcal da teologia institucional, convencionaada ao primado masculino e resiste à sua interpelação.

De modo concreto, nessa obra, demarca o lugar da mulher com a insígnia do que chamou de “mal” ou “mal sofrido”, “mal suportado” e “não escolhido”, presente nas instituições culturais e sociais que o favorecem. Gebara refere que por vezes o mal se encontra além de sua percepção, vivido na estrutura do cotidiano e sofrido até sem ser denominado como tal, aceito como destino, vontade de Deus ou castigo merecido. É possível estar tão entranhado na vida que nem mesmo se percebe mais tratar-se de ou como um mal.

Penso [...] num grande número de mulheres que vivem numa obediência quase cega, seja em seu lar, seja em instituições religiosas ou outras, sem se dar conta da exploração que sofrem e que, de certa maneira, elas reproduzem. Poderíamos até perguntar: quando o mal se torna mal? [...] o mal é a erva daninha que se mistura com a erva boa, difícil de distinguir e de arrancar.<sup>116</sup>

Compara o mal com o

[...] fermento na massa. Às vezes é também alguma coisa que começou como bem e descambou para o mal. [...] acontecimentos ou comportamentos que afirmamos como algo normal, comum ou até como algo bom, nos quais o mal parece quase ausente [...] não é fácil discernir a presença do mal, mesmo suspeitando que esteja lá. [...] acontecimentos ou situações ligados ao âmbito

---

<sup>114</sup> GEBARA, 2000, p. 22.

<sup>115</sup> GEBARA, 2000, p. 22.

<sup>116</sup> GEBARA, 2000, p. 27-29.

doméstico, “habitat” privilegiado das mulheres, fazem parte desses lugares onde muitas vezes é difícil detectar este mal.<sup>117</sup>

Sobre “o mal e as mulheres”, assim como para os homens, Gebara acentua a dificuldade de um consenso, tendo em vista fatos que provêm de costumes culturais e religiosos que “não aparecem como maus”, como fruto de interpretação teológica das Igrejas e que nem sempre corresponde ao que as mulheres sentem, ou também às vias de salvação com um enfoque religioso masculino e universalista, em que, deliberadamente, “[...] as diferenças são integradas num discurso igualitário, abstrato e global, que muitas vezes oculta seu caráter particular. [...] daí a importância de ouvir os relatos de experiências concretas [...] de perceber as possíveis saídas”.<sup>118</sup>

A título de comparação, “[...] para os homens, o mal é um ‘fazer’, que se pode, de alguma forma, ‘desfazer’. Mas, para as mulheres, o mal está em seu ser. Ser mulher já é um mal, ou, pelo menos, um limite”,<sup>119</sup> uma referência antropológica ao mito de origem do livro de Gênesis, em que a mulher somente resgata sua “imagem de Deus” através da maternidade. Para Gebara, esse “mal das mulheres” foi reduzido ao silêncio, segundo a interpretação dos homens, ou quando ele é conhecido, parece mais perigoso, ou até o pior de todos, como se a mulher incorporasse o próprio mal e daí a consequente demonização da mulher. A grande quantidade de obras que tratam as mulheres como bruxas, feiticeiras e atrizes do mal sobressai na tradição histórica ocidental.

[...] não há discursos das próprias mulheres: elas são vítimas silenciosas. [...] Sabemos que o mal vivido pelos homens, particularmente o sofrimento que suportam, pode ser redentor, ao passo que o mal vivido pelas mulheres – e aqui quero falar do mal como sofrimento, como renúncia a si mesmo em favor do outro – não serve para quase nada.<sup>120</sup>

### Lamenta profundamente que

[...] no cristianismo, a dimensão do sacrifício que salva é fundamentalmente masculina. O sacrifício masculino é o único que resgata e que restaura a vida. O sangue masculino é o único que tem preço. E isso desde o Antigo Testamento, passando pelo Novo e continuando pelas diferentes teologias

<sup>117</sup> GEBARA, 2000, p. 27-29.

<sup>118</sup> GEBARA, 2000, p. 30.

<sup>119</sup> GEBARA, 2000, p. 30.

<sup>120</sup> GEBARA, 2000, p. 34.

que existem na nossa tradição. O sangue feminino, ao contrário, é sujo, impuro e perigoso. E continua assim na tradição cristã.<sup>121</sup>

Gebara quer transformar esse “silêncio vivido” em “palavra pública”, lembrando às instituições e às Igrejas a urgência e necessidade de tratamento baseado no respeito e igualdade entre os sexos. Sua teologia não é eminentemente bíblica, embora recorra às Escrituras, mas dimensiona uma “antropologia teológica” que está na base das relações de justiça e solidariedade, que poderá até decretar o fim da “maldição das mulheres” na cultura e na teologia.

A palavra “escandalosa” das mulheres, ou o “escândalo de sua palavra”, poderiam ser lidos como um anúncio de salvação, como um evento de redenção, como um ensaio de restauração da justiça numa estrutura de violência. A compreensão patriarcal e hierárquica do cristianismo, própria à nossa tradição, poderá abrir-se a uma compreensão não patriarcal, mais aberta e democrática, com todos os limites que ela comporta. E, no interior desses limites e apesar das dificuldades de reconhecer direitos iguais aos dois sexos, se situa a problemática da sexualidade humana.<sup>122</sup>

É nesse patamar que a autora conecta sua antropologia teológica ao feminismo militante e o reinterpreta no contexto da América Latina, vinculado à Teologia da Libertação. Refere que seu contato com o feminismo começou no início dos anos 1980, pela leitura de obra de teólogas norte-americanas e alemãs, particularmente Rosemary Radford Ruether e Dorothee Sölle, que aguçaram sua visão “à expressão, ao silêncio e às dores das mulheres do Brasil”,<sup>123</sup> fornecendo elementos para observar mais atentamente comportamentos de homens e mulheres e a força da linguagem afirmativa do masculino como normativa e a ajudaram a ser mais sensível às contradições da linguagem sobre Deus, o princípio do seu feminismo teológico.

[...] reconheço a opressão social, cultural e religiosa das mulheres. É a partir de questões precisas levantadas no contexto latino-americano que minha reflexão feminista vem sendo elaborada. Reconheço a importância do feminismo, apesar de todas as suas contradições, como um movimento social e político que visa o estabelecimento das relações de igualdade e de justiça entre homens e mulheres. Reconheço a importância de suas análises e dos instrumentos hermenêuticos utilizados para compreender melhor o sistema de dominação de um sexo sobre o outro.<sup>124</sup>

---

<sup>121</sup> GEBARA, 2000, p. 34.

<sup>122</sup> GEBARA, 2000, p. 35.

<sup>123</sup> GEBARA, 2000, p. 36.

<sup>124</sup> GEBARA, 2000, p. 37.

Através de sua trajetória pessoal de seus engajamentos sociais, tenta fazer a ponte entre a tendência popular do feminismo brasileiro – das práticas da vida cotidiana de mulheres pobres – e a versão universitária – repensar as ciências humanas – a partir da contribuição feminista, que também passa pelas questões ecológicas de salvaguarda de nosso planeta. Assim, introduz o conceito de gênero, provindo do feminismo ocidental, como um aspecto fundamental para analisar o problema do mal, do que chamou de “mediação do Gênero”, termo que é introduzido para afirmar algo mais do que o sexo biológico, mas que é representado socialmente e institucionalizado de geração em geração.

Num sentido preciso, tornar-se homem ou mulher depende de certas construções culturais e sociais. [...] está ligado à noção de poder. Constatase que o poder é distribuído de modo desigual entre os sexos: as mulheres ocupam em geral posições subalternas na organização mais ampla da vida social e também na organização das religiões no Ocidente.<sup>125</sup>

Defende o argumento de que

[...] a introdução da mediação do GÊNERO modificou conceitos e ideologias já consagrados. [...] exatamente isso que tentarei fazer [...] introduzir a mediação do GÊNERO para analisar a questão do mal a partir da literatura, das testemunhas e de algumas interpretações teológicas presentes na nossa cultura. Este novo instrumento hermenêutico nos abrirá caminhos criativos para compreender alguma coisa a mais sobre a complexidade do mal na existência humana.<sup>126</sup>

Gebara abre o pensamento à experiência do mal no feminino ouvindo a “palavra” das mulheres, suas vozes de diversas tonalidades, nuances particulares nos gritos, “[...] a diferença nos suspiros e nos silêncios. Trata-se também de descobrir novos lugares, onde existe o mal, lugares que talvez ainda não tenham sido suficientemente denunciados”.<sup>127</sup> Conforme esta perspectiva, “[...] o mal no feminino não inclui prioritariamente o discurso dos ‘acusadores’ [...] que consideram o corpo das mulheres como o lugar privilegiado do mal ou da fragilidade”,<sup>128</sup> pois este já seria um ato segundo, uma interpretação do relato da experiência. Trata-se antes de “[...]

---

<sup>125</sup> GEBARA, 2000, p. 38-39.

<sup>126</sup> GEBARA, 2000, p. 38-39.

<sup>127</sup> GEBARA, 2000, p. 44.

<sup>128</sup> GEBARA, 2000, p. 45.

deixar-se envolver e interpelar pelo testemunho das mulheres e entrar na interpretação que elas propõe”.<sup>129</sup>

[...] Muitas vezes o discurso sobre a igualdade universal dos seres humanos ocultou a desigualdade histórica e cultural na experiência vivida. E este “oculto” [...] certamente atingiu muito mais as mulheres do que os homens, muito mais os negros do que os brancos, muito mais os pobres do que os ricos. [...] quando se fala da experiência das mulheres, sempre se deve perguntar de que mulheres se trata. As generalizações são fáceis de construir e muitas vezes traem o real. Também se deve perguntar: o que quer dizer “experiência do mal no feminino”? De que feminino estamos falando? A partir de que lugar esta especificidade do mal no feminino vai aparecer?<sup>130</sup>

Em resposta a estas questões, Gebara delimita sua apreciação em relação às mulheres pobres, oprimidas, que julga serem mais silenciosas do que as outras. Reflete sobre os “males” de mulheres a partir da sua estrutura social e cultural “um lugar inferior na hierarquia dos seres humanos”,<sup>131</sup> dedicando-se assim a determinados “males” e não a uma generalizada “experiência feminina do mal”. Pela noção da mediação do gênero, como conceito hermenêutico, tenta apreender a diferença entre experiência masculina e feminina do mal, sem se esquecer do caráter regional dessa experiência. Uma forma genuína de exprimir o mal vivido pelas mulheres é permitir que elas mesmas o digam, ou também por outras testemunhas, mesmo que sejam homens.

Com efeito, por sua sensibilidade, proximidade e solidariedade, alguns homens são capazes de exprimir o que as mulheres vivenciam. São capazes de sentir-se tocados, como seres humanos, por um mal de que são vítimas milhares de mulheres. Eles podem sentir o que oprime o corpo delas, mesmo que seu corpo seja biológica e culturalmente diferente.<sup>132</sup>

Dessa forma,

[...] os textos reunidos neste capítulo relatam sofrimentos [...] direta ou indiretamente considerados como mal. [...] Antes mesmo de tentar compreender de modo sistemático o sentido de sua “malignidade”, é preciso ouvi-los. E ouvindo-os [...] uma primeira interpretação se elabora no próprio interior da narração. Contar já é interpretar. Ouvir a narração já é interpretar o que foi contado [...] o primeiro passo de um enfoque fenomenológico do mal.<sup>133</sup>

<sup>129</sup> GEBARA, 2000, p. 45.

<sup>130</sup> GEBARA, 2000, p. 45.

<sup>131</sup> GEBARA, 2000, p. 46.

<sup>132</sup> GEBARA, 2000, p. 47.

<sup>133</sup> GEBARA, 2000, p. 47.

Nesse enfoque, “[...] não é o exato momento da dor que é captado, mas o instante contado, compreendido, interpretado à luz do presente”,<sup>134</sup> e contar a experiência do mal, tomar certa distância dela, nos permite não permanecer colado ao seu sofrimento. Essa distância entre o vivenciar o mal e falar do mal permite guardarmos alguns traços do passado e ressignificá-los à luz do presente, que introduz novas mediações, que podem ampliar ou diminuir seu significado, refere a autora.

No plano das instituições religiosas, podemos encontrar sofrimentos similares aos observados no mundo secular, dada a sua interação e relacionamentos com ele, o que justifica esta mediação. “[...] Em diversas situações, a religião não foi apenas um lugar de violência, mas a justificação última da violência praticada contra as mais diversas pessoas”,<sup>135</sup> o que mostra um alto índice de contradição, tendo em vista os valores fundamentais do evangelho e do cristianismo, gerando formas de cumplicidade e comprometimento.

Pouco se refletiu no grau de violência que penetrou na vida das mulheres, sempre convidadas ou às vezes obrigadas a obedecer e adotar como ideal histórico comportamentos masculinos. Comportamentos estes que só são bem-vindos quando se reproduzem a nível doméstico e de acordo com os valores permitidos pela sociedade. As mulheres não podem elevar-se ao nível simbólico da representação efetiva da obediência ao Pai, o que quer dizer que lhes é proibido pensar que uma mulher pode representar totalmente o divino como um homem.<sup>136</sup>

À mulher, só é permitido metamorfosear-se em homem quando fala à Teologia

Há uma contradição antropológica gritante nas religiões patriarcais e na sua simbologia. [...] Para muitas delas, a obediência religiosa foi fonte de alienação e de opressão: alienação e opressão que nem sempre estão ligadas ao nível da consciência pessoal. Na América Latina, a grande maioria das mulheres não tem consciência da opressão que sofrem. E, se às vezes a têm, em geral não encontram outra alternativa senão reproduzir este modelo.<sup>137</sup>

Gebara acentua que há modelos cristológicos que impedem o desenvolvimento das pessoas, especialmente a autodeterminação das mulheres. Tais modelos não apenas as mantêm na submissão, mas também as fazem “[...]”

---

<sup>134</sup> GEBARA, 2000, p. 48.

<sup>135</sup> GEBARA, 2000, p. 155.

<sup>136</sup> GEBARA, 2000, p. 158-159.

<sup>137</sup> GEBARA, 2000, p. 158-159.

reprodutoras da submissão, reprodutoras do esquema sacrificial de obediência [...] há uma identificação do amor com o sofrimento [...] penetrou profundamente na vida cristã”.<sup>138</sup> Devemos observar e considerar que Gebara descreve o sofrimento das mulheres particularmente no contexto da Igreja Católica Romana, em que efetivamente o acesso às formas de poder eclesiástico é muito reduzido e a consequente submissão e subordinação patriarcal são normas para a representação de sua religiosidade, extensivo, evidentemente, também ao mundo secular. No protestantismo, e no contexto evangélico em geral, já se pode encontrar frentes mais amplas de atuação ministerial desde a última metade do século passado, muito embora as restrições e a submissão feminina ao patriarcado masculino ainda vicejem nos seus âmbitos.

A fenomenologia do mal no feminino em Gebara quer demonstrar como a experiência do mal e o desejo de sair dele marcam a realidade feminina “em que se misturam felicidade e angústia, alegria e sofrimento, vida e morte”<sup>139</sup> e, por consequência, nos conduzem à reflexão sobre a salvação, “de que salvação as mulheres realmente têm necessidade?”. A compreensão da salvação começa pelos sinais de salvação na experiência do dia a dia ou inesperadamente, conforme o discurso teológico feminista.

Em concreto, a salvação começa na própria experiência do que chamamos “cruz” ou “via sacra do cotidiano”. É também o lugar de múltiplas ressurreições. E este lugar de cruz e de ressurreição é também lugar onde se descobre melhor a relacionalidade como condição para toda a vida e, com mais razão ainda, para toda vida humana. [...] estamos em vias de superar tanto a concepção da bondade natural ou originária, como a maldade intrínseca do ser humano. Neste sentido, falar de “mistura” significa afirmar que, simbolicamente, podemos viver às vezes, quase ao mesmo tempo, “o céu e a terra”, “a felicidade e desgraça”, o sofrimento e a morte podem obscurecer nossa alegria de viver.<sup>140</sup>

Não obstante, “[...] é preciso manter a tensão entre o que queremos e o que é possível, [...] encontrar saídas [...] sem abalar a convicção das pessoas, sem provocar ainda mais violência em nossa cultura [...] um trabalho de cura e educação”,<sup>141</sup> o fundamento para pensar a cruz de Cristo compreendendo a importância e a relatividade de todas as outras cruzes que impomos aos outros,

---

<sup>138</sup> GEBARA, 2000, p. 160.

<sup>139</sup> GEBARA, 2000, p. 163.

<sup>140</sup> GEBARA, 2000, p. 163-164.

<sup>141</sup> GEBARA, 2000, p. 176.

algumas sem mesmo passar pela percepção imediata do pensamento. Em analogia, Gebara pensa

nas cruces que o desenvolvimento impôs a diversos ecossistemas, na cruz da destruição da camada de ozônio, na cruz da poluição, na cruz da guerra nuclear, na cruz da guerra nas estrelas [...] eis alguns desafios ao nosso pensamento e à nossa ação, a partir de uma reflexão sobre a cruz, à luz, entre outras, do feminismo teológico.<sup>142</sup>

Para seguir uma coerência metodológica e teológica de permanecer no âmbito da experiência pessoal e coletiva, ainda que a esperança se situe para além delas, a salvação não está fora da trama da vida, mas surge do seu meio, do esperado e do inesperado, é próxima ou longínqua, dura pouco ou muito tempo, sempre vem e vai amalgamada na dinâmica da vida. Ela refere que

[...] isto quer dizer que um processo de salvação é um processo de ressurreição, de recuperação da vida, de esperança, de justiça ao longo da história, embora essas experiências sejam frágeis e passageiras. [...] antes de tudo algo que pode ser vivido e compreendido nos limites de nossa existência.<sup>143</sup>

Nesses limites, manifesta-se a nossa hermenêutica teológica.

Tentamos, assim, superar os discursos que concebem a ressurreição somente como evento depois da morte do nosso corpo individual. Superamos também uma certa teoria idealista, de origem filosófica, sobre a ressurreição dos corpos, para situar-nos no concreto de nossos corpos, para amar-nos como corpos históricos, corpos que têm valor hoje. [...] não coloco em questão uma salvação meta-histórica, mas quero chamar a atenção para diversas formas de manipulação geradas por este discurso.<sup>144</sup>

Para Gebara, a salvação não está fora, em algum lugar ou instância, mas misturada com o sofrimento. Está muito próxima de cada um e de cada uma, mas sempre é procurada em outro lugar, em um acontecimento extraordinário “[...] capaz de quebrar a inexorabilidade de certos sofrimentos. A salvação também pode ser a morte quando a dor se torna insuportável, ou quando o desejo de viver se perdeu”.<sup>145</sup> A partir desta reflexão, Gebara propõe o conceito de relacionalidade, “[...] como realidade comum a todos os seres humanos, a todas as espécies, a todas as coisas

---

<sup>142</sup> GEBARA, 2000, p. 176.

<sup>143</sup> GEBARA, 2000, p. 177-178.

<sup>144</sup> GEBARA, 2000, p. 177-178.

<sup>145</sup> GEBARA, 2000, p. 182.

ligadas a um campo vital comum [...] a história humana não está separada da história do mundo físico”.<sup>146</sup>

Assim, o mal, não necessariamente sempre mal, é uma realidade complexa, que provém de diferentes fontes do tecido complexo de nossa vida, nem sempre abarcável por nossos conceitos filosóficos e teológicos. Na esfera das mulheres, como então se articula o problema do mal, inquire Gebara? Refere que a relacionalidade como a concebemos, baseada na reciprocidade, na interdependência que existe entre todas as coisas, pode ser representada pela própria teia que cria, mantém, nutre e permite toda a vida. Em uma imagem que poderíamos formar a respeito, ela seria arredondada, aberta, interligando todas as coisas,

[...] mais marcada por relações vitais interdependentes do que por relações hierárquicas piramidais onde o todo parece depender de um só. [...] todos dependem de todos e se um é afetado, o todo será afetado. É uma imagem inclusiva da biodiversidade, de todas as dimensões da vida e no interior das dimensões da vida. [...] Ela comporta mais mistura, mais acolhimento do inesperado, do que o esquema do racionalismo científico e do racionalismo teológico.<sup>147</sup>

Conclui que

[...] ela se ajusta mais adequadamente ao cotidiano da vida, ao cotidiano doméstico das mulheres no qual se entrecruzam diferentes realidades para constituir o tecido deste lugar humano vital. [...] não tem simplesmente a ver com a dimensão vital ou biológica de todo ser, ligado ao ecossistema, mas também com a dimensão ética [...] o que chamamos bem e mal também está implicado nesta relacionalidade.<sup>148</sup>

Nesta confluência, Gebara constata que é a “mistura” que nos constitui, que não podemos separar rigidamente o bem do mal, pois estes interagem dinamicamente, em que somos bons e maus ao mesmo tempo, que é a condição vital humana, onde vida e morte se complementam. “A vida se nutre da vida. Para viver, nós matamos, devoramos, comemos, bebemos, degustamos coisas vivas”.<sup>149</sup> Como então compreender o mal senão através da cultura, da religião ou qualquer ciência e instância que procure refletir sobre esta ação, considerando todas as diferenças que em determinados momentos nos delimitam a via de ação no cotidiano. Também é

---

<sup>146</sup> GEBARA, 2000, p. 188.

<sup>147</sup> GEBARA, 2000, p. 189-190.

<sup>148</sup> GEBARA, 2000, p. 189-190.

<sup>149</sup> GEBARA, 2000, p. 194.

necessário abandonar um discurso genérico sobre o mal, pois se apresenta diferente em múltiplas épocas, com múltiplas faces. “Na vida real, o mal é uma espécie de retenção da vida para si mesmo, de apropriação indevida dos bens por pessoas e grupos que tomam posse da terra, dos outros e das coisas”.<sup>150</sup> Pode-se, assim dizer, que o mal é ao mesmo tempo singular e plural, um desequilíbrio em nossas forças vitais. Para Gebara, no interior desses males também podem surgir bens, das lágrimas também brotam alegrias, compromissos de solidariedade. Como se o bem e o mal bebessem da mesma fonte, excesso para alguns, falta para outros.

Dentro do modelo marcado pela relacionalidade “[...] não será mais possível identificar o corpo das mulheres à natureza e comparar o corpo dos homens com a razão ou com o espírito”,<sup>151</sup> pois não se justificará mais o domínio do corpo das mulheres, dos indígenas, dos negros, como se fossem inferiores. A relacionalidade conduz a uma justiça interdependente, uma ecojustiça que inclui o ecossistema, a um equilíbrio na vida cotidiana, “[...] em que os pecados das mulheres estão em relação aos excessos dos homens e que os pecados dos homens estão em relação com o que falta às mulheres [...] uma relação construída [...] um jogo de forças e de poder”.<sup>152</sup> As mulheres não representam mais o mal, nem objeto da simbologia do mal, mas junto com os homens assumirão uma responsabilidade igual. Isto não se refere à criação de um mundo utópico sem exclusões e hierarquias, mas um mundo mais equilibrado e ético, tolerante à diversidade e à diferença.

Propostas dessa natureza já vicejam em alguns contextos históricos e também na IECLB, desde os anos de 1970 encontramos e visualizamos essa dinâmica entre as mulheres. No plano institucional, percebemos isso nas novas dinâmicas familiares, em que a mulher, como pastora, assume funções de poder e organização antes restritas somente aos homens, o que também traz as primeiras implicações de gênero.

---

<sup>150</sup> GEBARA, 2000, p. 195.

<sup>151</sup> GEBARA, 2000, p. 200.

<sup>152</sup> GEBARA, 2000, p. 200.

#### 4.4 TEOLOGIA URBANA EM IVONE GEBARA (2014)

Em sua obra “Teologia Urbana”, Gebara reflete sobre ética, gênero, meio ambiente e a condição humana, sobre como é difícil aceitar essa mistura acima proposta, tentando fugir, esquecer ou até negar sua presença nos dias atuais.

Vivemos sonhando com seres perfeitos e com a terra sem males; vivemos construindo utopias e imaginando uma felicidade sem fim para todos nós, como se não fôssemos o que somos. Somos todos livres e escravos ao mesmo tempo. [parece bem luterano] [...] este sonho que mora em nós é fruto da desproporção entre nossa realidade e nosso desejo.<sup>153</sup>

E

Sem ela nenhuma busca de dignidade, de justiça, de solidariedade seria possível. [...] Nos momentos em que celebramos a libertação [...] a sombra da dominação sempre nos ronda, nos acompanha, nos persegue, nos espia. [...] uma dominação de poderes da matéria e de poderes do espírito. Uma dominação branca, negra, vermelha, listada, quadrada, estrelada... Uma dominação sexuada, armada, mal amada... Uma dominação que nasce em mim, nasce em ti, nasce de nós... mal brindamos a vitória, já é preciso se proteger contra novos ataques.<sup>154</sup>

Diante da sedução desses novos sabores, Gebara reinterpreta o texto do “fruto proibido”:

Todos nós comemos desde o princípio da árvore do bem e do mal. Ela estava lá no Paraíso, bonita, apetitosa e proibida. A árvore não era só do bem e não era só do mal. Era do conhecimento do bem e do mal. Dava um fruto especial; doce e azedo ao mesmo tempo, bom e ruim ao mesmo tempo. Parecia belo e aprazível ao paladar. Era atraente e irresistível aos olhos.<sup>155</sup>

Sua essência já era conhecida, o conhecimento do bem e também do mal, bondade e maldade estavam ali reunidos e misturados e por fim, a decisão de tomá-lo e comê-lo foi de ambos: homem e mulher,

*Era cobijado pelo desejo e dividido pelo desejo. Era nosso e da serpente. Era nosso e de Deus. Estava em nós e fora de nós. Estava fora de nós e em nós. Todos nós, mulheres e homens, comemos deste fruto desde o princípio. O fruto se tornou nosso corpo, tão nosso quanto o barro de que fomos feitos e tão íntimo quanto o sopro criador que nos habita. E o fruto, transformado*

<sup>153</sup> GEBARA, Ivone. **Teologia Urbana**: Ensaio sobre ética, gênero, meio ambiente e a condição humana. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p.13-14.

<sup>154</sup> GEBARA, 2014, p.13-14.

<sup>155</sup> GEBARA, 2014, p.15-16.

em nossa carne e nosso sangue, *nos fez livres e escravos ao mesmo tempo!*<sup>156</sup>

Em “Somos todos livres e escravos”, Gebara tenta descrever a condição humana nesta nova perspectiva de forma poética, neste “belo mito do Gênesis”, a respeito da “realidade misturada que somos”, do qual segue um extrato da sequência final:

Nossa condição é de estar sempre desejando e sofrendo por nosso desejo. Nossa condição é trabalho e dor para deixar a terra povoada com nossa descendência sempre misturada de coisas boas e menos boas.

*Somos todos livres e escravos ao mesmo tempo!*

É nessa condição que acordamos uns para os outros e nos dizemos: você é carne de minha carne, você é osso dos meus ossos, você é o mesmo ar que respiro, você é a mesma água que bebo, você é a canção que vive em mim.

Você é o fruto que me nutre, o mel que me adoça, o sal que me salga. Você é a luz que brilha em mim, e a escuridão que me adormece e acolhe.

Você é a estrela guia, a lua cheia, a maré alta, o peixe bom, a areia dourada em que repousa meu corpo. “Eu sem você não sou ninguém”...

*Somos todos livres e escravos ao mesmo tempo!*

Por isso é preciso vigiar...

Vigiar os demônios que moram em nós, para que não saiam embriagados por sua força e nos destruam, para que não tomem conta da beleza que nos habita, da força de atração que nos leva ao outro, do carinho que nos move as entranhas, do conhecimento que faz progredir o mundo.

*Somos todos livres e escravos ao mesmo tempo!*

Conviver com nossos demônios, eis o desafio que nos é lançado! Não se trata do demônio dos outros, mas daquele que vive em nós.

Conviver com os demônios significa que não é possível viver sem eles. Não seríamos a maravilha que somos em criatividade e ternura se os demônios não nos habitassem. Mas, não podem tomar todo o lugar, não podem dividir a casa e se apossar de todos os espaços.

Há que aprender a conviver com seus demônios e não permitir que nos enlouqueçam, que nos derrubem ao chão, que devastem nossas matas, que poluam nossos rios, que cusпам inseticida em nossa comida, que dominem com suas técnicas nosso corpo e nossa mente.

Há que conviver com seus demônios... Meus demônios são meus: minha riqueza e minha pobreza, minha razão e minha destruição, meu amor e meu

---

<sup>156</sup> GEBARA, 2014, p. 15-16.

ódio. Meus demônios, irmãs e irmãos siameses de meus anjos! Sempre inseparáveis embora aparentemente em combate mortal...

*Somos todos livres e escravos ao mesmo tempo!*

É nossa condição, a condição dos egressos do paraíso, dos saudosos de paraíso, dos profetas e profetisas do paraíso. Saímos do paraíso e não do inferno.

Nascemos da agregação, daquela que não cedeu à destruição. É por isso que somos eternamente marcados por um sonho: o sonho de sempre de novo ver uma flor nascer no impossível/possível CHÃO.<sup>157</sup>

A temática *livres e escravos ao mesmo tempo* é suficientemente conhecida no meio luterano desde o início dos tempos da reforma luterana,<sup>158</sup> mas recebe um novo fluxo hermenêutico em Gebara. Esta lhe empresta um fulgor feminino, realçando a imagem de Deus que começa com o corpo, com a redenção do corpo que recebe um Cristo corpo, com todos os cuidados e bênçãos que isto implica. Logo este corpo (Cristo) precisa fugir (ainda bebê), porque sua vida é ameaçada pelo anticorpo novo no reino já instalado, e aí começa o combate contra o corpo.

<sup>157</sup> GEBARA, 2014, p. 16-17.

<sup>158</sup> REFORMA LUTERANA “simul justus et peccator”: *Pequei contra ti, contra ti somente. Cria em mim, ó Deus, um coração puro*. (vv. 4 e 10). Aqui não se trata de um conhecimento filosófico do homem, segundo o qual ele é um ser racional, etc. Isso são coisas de ordem natural, não teológica. Assim, o jurista vê o homem como proprietário e dono de seus bens, e o médico diz que ele está ou são ou doente. Mas o teólogo descreve o homem como pecador. Existem dois tipos de conhecimento teológico, apresentados por Davi neste salmo. Ele fala do conhecimento teológico do homem e do conhecimento teológico de Deus. Isso para que ninguém se ponha a meditar sobre o que Deus poderia ter feito, e quão poderoso ele é. Semelhantemente, para que ninguém reflita sobre o homem como dono de seus bens, a exemplo do jurista, ou como doente, a exemplo do médico, mas reflita sobre o homem como pecador. Porque o objeto próprio da teologia são o homem, acusado e perdido por causa de seu pecado, e Deus, que justifica e é o Salvador do homem pecador. Tudo o mais que se debater em teologia e que for além desse objeto próprio é engano e veneno. Em teologia, de modo algum pode-se tratar de coisas como a vida corporal, qual deve ser o sustento do homem, que tipo de trabalho deve fazer, de que maneira deve governar a sua casa ou cultivar a terra, etc. Estas coisas estavam diante do homem e lhe foram dadas no jardim do Éden, quando Deus disse: “Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu” (Gênesis 1.28). Em teologia, a gente tem que ocupar-se com a vida eterna e futura; Deus, que justifica, ressuscita e dá vida; e com o homem, que perdeu a justiça e a vida, caindo em pecado e morte eterna. Quem prestar atenção nisso, ao estudar as Sagradas Escrituras, este vai tirar santo proveito de sua leitura. Da mesma forma, o conhecimento teológico que alguém precisa ter é conhecer-se a si mesmo, isto é, saber, sentir e perceber que, por causa do pecado, tem culpa e está entregue à morte. Mas também é preciso conhecer a outra parte e dar-se conta de que Deus é quem justifica e dá nova vida a este homem que se conhece a si mesmo. Quanto aos outros homens, aqueles que não conhecem seus pecados, podemos deixá-los ao encargo de juristas, médicos e pais; estes que se preocupem com eles. Agora é claro que eles vão falar do homem de forma diferente do teólogo. Disponível em: Portal Luteranos. Simultaneamente justo e pecador. Veja também: Simultaneamente Justo e Pecador (voltemosaoevangelho.com); SIMUL IUSTUS ET PECCATOR. Fides Christi (wordpress.com); Microsoft Word - 20b-Analise DocLuteCatol.rtf (monergismo.com); A problemática da graça entre católicos e luteranos. Lutero, o Concílio de Trento e o debate atual sobre o JSTOR. Acesso em: 04 maio 2022.

#### 4.4.1 *Corpo, novo ponto de partida da Teologia*

Retomar o corpo criado à imagem divina é um dos pontos ressaltados por Gebara em sua teologia ecofeminista. Antes, porém, é necessário rever alguns aspectos antropológico-teológicos aos quais o corpo, particularmente o feminino, foi submetido. Gebara refere que no combate em que os corpos perderam a batalha “[...] o grande excluído, o condenado à morte, foi o corpo da mulher. Seu corpo, carregando em si a ferida de todos os corpos viveu exilado da teologia”.<sup>159</sup> Esse corpo é referência aos que o desprezam e aos que o exaltam, aos que o oprimem e aos que o respeitam, o lugar em que se manifestam os nossos medos, inclusive o medo de Eva, símbolo patriarcal dos nossos medos.

É o corpo que se transforma em lágrimas, gritos de dor, em fuga, calafrios, ódios e perseguição. [...] O corpo de Eva nascido de um profundo sono de Adão, e, talvez, no sono, um sonho e, do sonho, o desejo profundo, agudo, daquilo que é ele mesmo, Eva. Eva não dorme e não sonha. Seu corpo é sonho de outro, seu senhor, seu dono, aquele para o qual foi feita. Seu corpo é desejo de outro corpo. De seu corpo ela sabe que será tomado por dores e submisso aos desejos do homem. Sua submissão é ao mesmo tempo maldição. [...] Partir do corpo de Eva é permitir por um instante que o corpo temido e sacrificado fale, e, no caso particular, fale à teologia como uma “instituição” da religião.<sup>160</sup>

“Eva não dorme e não sonha. Seu corpo é sonho de outro, seu senhor, seu dono, aquele para o qual foi feita” também continua presente em parte no contexto da IECLB enquanto P2<sup>161</sup> assim se expressa:

É cruel e totalmente desprovido de pudor o tratamento dado a ministras no que diz respeito a nossa aparência física, às nossas roupas, a voz “fraca”, a falta ou excesso de adereços, à perda ou ganho de peso, às pastoras que estão solteiras ou que, estando em um relacionamento, não são mães biológicas [...] disse que a gente deveria “fazer mais sexo, fazer umas coisas diferentes na cama”. Eu me vi sem apoio, e levei mais um ano até romper esse relacionamento [...] afinal a Pastora está sempre trabalhando muito, e tem as crianças, está sempre cansada, é natural que não consiga atender as necessidades matrimoniais dele.<sup>162</sup>

<sup>159</sup> GEBARA, 2014, p. 65.

<sup>160</sup> GEBARA, 2014, p. 66-67.

<sup>161</sup> P2 – Será no contexto da tese uma abreviação para “Pessoa 2”, indicativo também para o formulário de pesquisa recebido, que será utilizada (P. 3, 4, 5...) doravante para todas as falas das pastoras participantes, cujos textos estejam alocados no teor dos capítulos. A demasiada extensão destas citações se justifica em respeito ao texto fonte recebido. N.A.

<sup>162</sup> P2.

Gebara refere que as demandas sexuais e matrimoniais não são administradas equitativamente, mas recaem sobre o corpo da mulher com mais peso e jugo desigual.

Além do desprezo pelo corpo humano, a “instituição” desprezou com mais força e vigor o corpo de Eva, corpo de mulher. A teologia e a moral feitas pelos homens só podiam acentuar demônios com cara de mulher. O sexo tem cara de mulher e a sexualidade é mulher. Na rejeição da sexualidade, rejeitou-se a mulher. Os homens da religião, marcados por um profundo dualismo, temiam ser engolidos pelos abismos profundos do próprio eu, pelas forças misteriosas da vida expressas pelo corpo da mulher. Confundiram esse corpo com seus medos existenciais. Por isso fugiram dele e incitaram a mulher a fazer o mesmo.<sup>163</sup>

Nas Igrejas, para a autora, percebe-se claramente o medo desses corpos, sobretudo do corpo da mulher, e não lhe abrem espaços porque isto exigiria uma nova organização do poder sagrado, em que o corpo feminino não poderia mais ser subjugado, uma vez que habitariam direitos iguais entre eles. A igualdade verbal, de cunho patriarcal e hierárquico, fixada até então como uma verdade eterna sobre o ser humano, logo seria contestada ou levada à discussão em novos fóruns de debates. Assim, não restam muitas alternativas para esta Eva, esta mulher, de sujeitar-se ou rebelar-se, referendado pelo corpo social, religioso e institucional, ainda que nem sempre isso possa ser afirmado em público, pois sujeito ali às devidas sanções. P2 exprime assim essas alternativas:

[...] eu me sinto fragilizada. Derrotada por más escolhas, por uma vida ministerial extremamente solitária e instável. Me sinto exposta, velha, despreparada, desatualizada, sem lugar na Igreja. Minha saúde passa por grandes altos e baixos, ela também está alquebrada. Me sinto agarrada a uma tabuinha em pleno rio [...], tentando nadar, sem nem saber pra onde, porque não consigo vislumbrar nenhum porto seguro no horizonte. Me sinto solitária e rejeitada como pessoa e como pastora. Sinto-me Alice no País das Maravilhas, caindo e caindo, mas esse poço não tem fundo. Por outro lado, é preciso ter uma armadura melhor sendo mulher [...].<sup>164</sup>

Gebara refere essa dicotomia entre o sexual e o sagrado, em uma certa “demonização da mulher” e seu corpo no âmbito do sagrado, em que as Igrejas clara ou veladamente combateram o corpo e não se preocuparam em tomar decisões diante do massacre dos corpos femininos em diferentes situações históricas.

---

<sup>163</sup> GEBARA, 2014, p. 68.

<sup>164</sup> P2.

Não é por acaso que a direção da Igreja está nas mãos de célibes, às vezes de aparência dessexualizada, célibes homens, fechando categoricamente o espaço para a mulher. Ela pode “invadir” os espaços em que se dão as decisões “sagradas” para servir-lhes como doméstica, subalterna e obediente. Nos átrios sagrados da instituição/Mãe comandada por homens apenas entram as virgens ou algumas mães/domésticas redimidas de sua sexualidade pela função procriadora.<sup>165</sup>

Aos corpos dos homens não é imputada esta condição subalterna em relação ao espírito, salvo em situações de constrangimento social ou sexual grave, como nos casos dos escândalos amorosos e sexuais. Condicionamentos disformes ou disfuncionais como obesidade, gula e similares não recebem o mesmo acento severo e regulador/punitivo nos homens, aos quais se submetem os corpos das mulheres. Estranho que esses condicionamentos sociais e culturais tenham tanta força e exerçam tanta pressão também nos meios religiosos, um contraponto aos supostos discursos integradores baseados na máxima cristã do amor ao próximo. Nesse sentido, talvez seja necessário e imperativo resgatar os corpos dos seus condicionamentos culturais que sobre eles reinam, notadamente sobre os corpos femininos. Assim se expressa Gebara:

Partir do corpo é redimi-lo, é acolher nele a criação como profundamente boa, é acolher o abraço divinizante da matéria no estremecimento dos corpos, nas suas trocas energéticas, no mistério que encerram, na vida que buscam. Partir do corpo é redimir o corpo e humano total: homem e mulher; é lutar por sua ressurreição, por sua vida, com as “armas da vida”.<sup>166</sup>

Embora se tenha essa percepção positiva na redescoberta do corpo,

a teologia e a moral têm sido frequentemente “armas” de morte para um corpo considerado, em primeiro lugar, decaído. A teologia e a moral têm sido “invenção” de um corpo espiritual para negar a extraordinária materialidade divina de nossos corpos. Partir do corpo é partir do Reino de Deus, anúncio de redenção para; os corpos, anúncio de boa nova, de alegria, de liberdade, de gozo dos corpos. Na perspectiva do Reino não há casuísmos, não há a lei acima do homem e da mulher, não há Deus, imagem do homem dominador.<sup>167</sup>

P2 confirma:

[...] eu fui recebida como Pastora, tinha assento e voz nos âmbitos decisórios das Comunidades e Paróquia – muito mais do que hoje em dia, onde normalmente sou convidada a somente dirigir a meditação inicial e a oração

<sup>165</sup> GEBARA, 2014, p. 69.

<sup>166</sup> GEBARA, 2014, p. 69.

<sup>167</sup> GEBARA, 2014, p. 69.

final, acompanhando reuniões conduzidas por pessoas sem conhecimento teológico, ou experiência de condução de reuniões, que acontecem cheias de “barrigas” e fugas dos temas, alastrando-se por horas [...] Havia comentários abertos sobre como a minha voz era “fraca”.<sup>168</sup>

Também P7 comenta seu estado de sempre estar insatisfeita, sempre poderia ter sido feito melhor, havia também as

[...] limitações físicas para enfrentar as enormes distâncias, limitações emocionais de ver pessoas tão isoladas e abandonadas em luta contra a natureza, o desafio de me encontrar diante da tarefa de denunciar as injustiças e violências principalmente contra as mulheres e a preservação da própria vida. [...] Sinto muitíssima gratidão porque sempre fui agraciada com muito perdão pelas minhas fraquezas e falhas e nunca fiquei sem trabalho, mas muitas vezes sem reconhecimento oficial por determinado tempo, o que não me fez desistir, mas continuar até chegar à aposentadoria [...] colaboro voluntariamente no Sínodo quando sou chamada.<sup>169</sup>

Os textos da participante P2 e P7 nos mostram a fragilidade em que o campo ministerial e funcional das pastoras, pelo menos em alguns casos, ainda se encontram. Tendo em vista que a IECLB vem abrindo espaço ministerial às pastoras desde os anos de 1960, há que se dimensionar essa problemática de forma mais pontual e institucional, como também já vem ocorrendo nas últimas décadas, seguindo os passos de Igrejas coirmãs em outros continentes e estabelecendo maior equidade na representatividade de suas pastoras em todos os níveis de ação e expressão. Ganha com isso também a teologia em sua perspectiva acerca do Reino de Deus, na medida em que confere e propõe uma perspectiva prática cristã de suas matrizes teológicas que envolvem igualdade, desempenho e autonomia própria de cada um dos seus agentes que a representam. Gebara propõe que na perspectiva do Reino de Deus,

[...] a teologia se constrói a partir da liberdade e igualdade dos corpos que buscam a infinita bondade de Deus na construção do amor e da justiça, na contemplação do humano como um dos lugares privilegiados de energia divina e a sexualidade como expressão da mesma energia. Tomar o corpo como ponto de partida da teologia é acolher uma antropologia unitária que tenta superar os dualismos e englobar as ambiguidades inerentes à existência humana.<sup>170</sup>

Para que esse processo ocorra, é necessário enfrentar o medo, falar dele e assim os “gigantes e demônios” ficarão menores à medida que nos aproximarmos

---

<sup>168</sup> P2.

<sup>169</sup> P7.

<sup>170</sup> GEBARA, 2014, p. 69-70.

deles, os reconhecermos e nos reconhecermos neles. Assim poderão conviver com os humanos que os produziram e seus sustos produzidos serão tão normais que poderão conviver conosco sem que os consideremos “monstros” para os quais temos que montar armadilhas e trincheiras de guerra.

Nesse patamar, homem e mulher poderão se responsabilizar pelos seus avatares na sua representatividade funcional e teológica junto ao Reino de Deus e também no contexto de suas Igrejas e das normativas eclesiais que os homens e as mulheres conduzem. As dissonâncias eventuais deixarão de incidir sobre o corpo feminino mais severamente constrangido e poderão ambos carregar seus fardos irmanados pela fé e esperança que os conduzem. Para Gebara:

O medo da “Mãe dos viventes” será então o medo do homem e da mulher diante do mistério da existência, medo localizado na própria existência. A mulher deixará de ser a figura síntese deste medo e ambos serão de fato uma só carne buscando a felicidade que mora em seu desejo.<sup>171</sup>

“Buscando a felicidade que mora em seu desejo”, fará que ambos se tornem mais conscientes de seus desejos, por vezes demasiadamente terrenos e humanos, que se sobrepõem inclusive às disposições institucionais sem que isto seja percebido nas dinâmicas pessoais individuais, não podendo, por isso, se responsabilizar a contento para construir um relacionamento fraterno/sororal com seus pares no planejamento e execução de suas tarefas e atribuições diárias.

#### **4.4.2 “Isto não é Teologia”, dizem**

Gebara se indigna diante de companheiros de jornada que, ouvindo preleções ou comentando artigos escritos por teólogas feministas, afirmam com muita cortesia não se tratar mais de teologia, mas de sociologia, antropologia, filosofia, romantismo etc, pois não conseguem definir dentro dos seus parâmetros determinados conhecimentos produzidos por mulheres. Refere que

[...] tudo que não entra no jeito clássico, patriarcal, masculino, consagrado pelas elites que detêm a produção do pensamento teológico, não é teologia, é “qualquer coisa” [...]. E nesse “qualquer coisa” há a emissão de um julgamento de superioridade sobre uma produção que lhes parece inferior, uma produção que não tem condições de ciência, que não pode estar no

---

<sup>171</sup> GEBARA, 2014, p. 70.

mesmo pé de igualdade, que não se integra nas suas concepções já milenarmente consagradas.<sup>172</sup>

Assim lamentam que algumas mulheres não alcancem o mesmo prestígio masculino nas academias por perderem-se em pensamentos supérfluos e que saem dos parâmetros do que é definido de antemão como teologia. Acusam-nas de que saem de uma certa compreensão da Bíblia, de Deus, Jesus, Maria, enfim, dos dogmas já consagrados para a área. Para Gebara, os companheiros, as companheiras, ao negarem o estatuto teológico das mulheres ao divergirem do clássico patriarcalismo,

[...] ainda não entraram nos novos parâmetros da Física do século XX, a partir dos quais não existe verdade absoluta em ciência e conseqüentemente todos os conceitos e teorias são limitados e aproximativos. [...] para os teólogos patriarcais [...] como Descartes, duvidam de tudo o que não se ajusta às suas próprias proposições. Seu Cogito “Penso, logo existo”, expulsa tudo aquilo que é considerado impuro, impressão, intuição, palavra diferente, corporeidade, materialidade da existência, prazer.<sup>173</sup>

Tais companheiros e companheiras também pontuam com veemência as injustiças sociais, mas não percebem que em sua teologia persiste uma desigualdade antropológica na demanda de suas instituições sociais e eclesiais, uma desigualdade que justifica e legitima os tabus de sexismo, racismo, classismo e abusos de poder, as bases de sustentação de uma teologia tradicional patriarcal. Muitas mulheres, muitos homens, hoje buscam novos sentidos na teologia e na compreensão de um mundo mais igualitário, na linha temática do ecofeminismo, do respeito à terra como corpo e

[...] se os que gritam como clamor de justiça para uma mudança de relações entre povos e países não é teologia [...] que seja uma “taologia” (tao=caminho) um caminho para a descoberta do sentido, para a busca da justiça e igualdade, um caminho para ser feliz.<sup>174</sup>

Também no contexto da IECLB, encontramos vieses dessa natureza, em que as pastoras precisam modular discursos e prédicas e mesmo predisposições pessoais de pensamento e ação para que seu trabalho seja aceito com alguma assertividade, pois assim se refere P6:

---

<sup>172</sup> GEBARA, 2014, p. 79-80.

<sup>173</sup> GEBARA, 2014, p. 80.

<sup>174</sup> GEBARA, 2014, p. 80-81.

[...] Eu procurava não levar para o trabalho prático as questões teológicas, polêmicas e provocativas. Acho que o fato de gostar do trabalho poimênico e das visitas e de levar as pessoas comigo para as comunidades também criou confiança. Onde houve muitos problemas foi na questão mais “espiritual”, pois eu não era essa pessoa que pregava milagres, apostava em orações poderosas, expulsão de demônios, etc. Aí algumas pessoas saíram da comunidade. Também foi difícil administrar os ciúmes e brigas entre casais do Reencontro que disputavam na comunidade. Não me dediquei muito em acompanhar estes casos. Não tinha competência para isso.<sup>175</sup>

P6 compartilha que tinha “[...] dificuldades em administrar problemas interpessoais da membresia, cobranças da direção da IECLB [...] manter relação íntegra com colegas de trabalho tradicionais na eclesiologia e no luteranismo institucional”.<sup>176</sup> Entretanto, partilhava com alegria o púlpito com membros da comunidade que tinham feito estudo bíblico e gostavam de partilhar seus aprendizados. Alegrava-se também com mudanças de opinião de líderes da comunidade que tinham protestado diante do fato de:

[...] eu dar pouso para indígenas no porão da casa paroquial, em fazer o enterro de uma senhora no lixão onde ela morava e trabalhava, as mudanças vieram no porão e no lixão, aonde os convidei para me acompanhar.<sup>177</sup>

P6 reconhece que não é muito “segura” em seus conceitos e limites pessoais,

[...] prescindo deles quando posso articular-me em conceitos já existentes e aproveitá-los como ductos para experimentar minhas ideias [...] meus limites pessoais estão comigo como realidade, como minha finitude [...] emoções fortes em horas “inadequadas” por exemplo, convivo com os limites, às vezes bem, às vezes mal.<sup>178</sup>

Assim como Gebara, também P6 não se sente muito compreendida por seus colegas de trabalho:

[...] pastores acuados ou coniventes com a direita, os sermões são descolados da vida, os textos bíblicos não são explorados como palavras proféticas [...] há exceções, mas onde estou faz parte da regra; eu não tenho colegas de trabalho na minha comunidade; ninguém me acompanha, tenho colegas em outras partes do Brasil, em grupos ecumênicos aqui e em todas as partes.<sup>179</sup>

---

<sup>175</sup> P6.

<sup>176</sup> P6.

<sup>177</sup> P6.

<sup>178</sup> P6.

<sup>179</sup> P6.

Parece haver certa correlação entre as dificuldades de fazer teologia entre Gebara e a colega pastora em referência (P6), na medida em que ambas rompem fronteiras institucionais já estabelecidas e a conseqüente dificuldade de comunicação, respeito e tolerância mútuas. Mas também há quem enfrente abertamente tais fronteiras de um compromisso maior com aqueles e aquelas que ainda lutam por sua sobrevivência, “numa teologia e leitura bíblica engajada/comprometida com as lutas sociais dos pobres e das mulheres”,<sup>180</sup> como refere P10:

Procurei sempre interligar teoria e prática, tendo como horizonte a transformação do contexto e da realidade circundante. Procurei não esquecer minhas raízes sociais. Sou filha de Família Sem-Terras, migrantes, residentes da periferia de uma cidade média. Procurei exercitar um trabalho teológico comprometido, profético e ecumênico.<sup>181</sup>

Em sua primeira Paróquia, P10 não sentiu problemas nem discriminação em seu campo de trabalho, pois era um tempo de grandes mobilizações populares e de lutas por direitos das mulheres camponesas. Entretanto,

na segunda Paróquia senti mais forte um olhar diferenciado sobre a minha atuação como mulher pastora. O meu esposo também é pastor, então, muitas vezes, as comunidades tentavam fazer um joguinho, falando das diferenças em nossos trabalhos. Sempre mantivemos um diálogo muito aberto e franco, eu e meu esposo, sobre nossas habilidades e também nossos pontos fracos.<sup>182</sup>

Assim também refere P9 em relação à sua condição de ser mulher que,

[...] em vários momentos contribui para uma melhor atuação não só junto a mulheres, mas também junto a homens que buscaram orientação [...] tive experiências boas e inusitadas exatamente por causa de ser mulher. [...] Esta condição mulher também foi maiormente celebrada por grupos de outras confessionalidades (católicos, batistas, metodistas, sirianos...) por terem a oportunidade de (com)celebrar com uma pastora e, assim, terem um paradigma diferencial para suas buscas de equidade sacerdotal.<sup>183</sup>

Esta também encontrou boa receptividade entre colegas de trabalho, em que o colegiado pastoral reunia-se mensalmente para planejamento conjunto das ações a serem desenvolvidas, bem como avaliações de projetos e

---

<sup>180</sup> P10.

<sup>181</sup> P10.

<sup>182</sup> P10.

<sup>183</sup> P9.

[...] havia grande coesão e sintonia pastoral e teológica no colegiado, bem como na relação de amizade, que eram percebidas por nós e pelas comunidades como expressão de fé e esperança, de amizade em meio às dificuldades metropolitanas. [...] Fazíamos rodízio de púlpito, reuníamos grupos das paróquias e nos visitávamos para confraternizar. Foi um tempo de muita reflexão, amadurecimento e solidariedade com e entre colegas [...] Já em nível distrital, a gente se reunia menos, havia diversidade teológica, debates e discussões, contudo havia também expressiva maturidade e responsabilidade pastorais para a lide respeitosa com essa situação.<sup>184</sup>

Queixa-se, entretanto, ter recebido pouco “apoio e sustentação” da instituição IECLB, tendo recebido poucas visitas distritais (sinodais), assim como

[...] a ausência de visita pastoral de Pastor Presidente [...] quando aqui estive para participar de evento acadêmico por nós organizado na Universidade em que trabalhamos [...] Tratamento semelhante acontece por parte de Pastora Sinodal, talvez justamente por sermos Pastora Voluntária... (que nem sequer constava como tal na Agenda de MinistrAs da IECLB – online).<sup>185</sup>

P9 constata assim a “ausência ou invisibilidade de presença e apoio por parte da instituição maior IECLB, o contrário sempre ocorreu em nível de comunidade/paróquia. Graças a Deus”,<sup>186</sup> situação estranhamente conflitante com os propósitos da IECLB, de apoiar a introdução do Ministério com Ordenação de todas as ministras e ministros da Instituição.

#### **4.4.3 Gênero: uma questão de honra?**

O Gênero, originalmente relacionado ao sexo biológico, vem sendo discutido e reinterpretado por novas interfaces do saber e conhecimento humanos, a saber, os “estudos de Gênero” nas epistemologias sociais e culturais. Se em épocas remotas, como na tradição patriarcal do Ocidente e Oriente próximo, o termo era definido a partir de uma masculinização dominante, na qual o feminino repousava na submissão da mulher ao seu “dono”, por vezes literal e outras vezes subentendido, era coerente em muitas tradições culturais o homem afirmar a sua honra a partir da submissão e punição da mulher. Gebara refere que em muitos lugares do Brasil ainda é assim, sobretudo onde reinam tradições e hierarquias culturalmente definidas.

[...] Quantos pais se sentiram desonrados quando as filhas engravidaram ou saíram de casa com os namorados? Quantos maridos se sentiram

---

<sup>184</sup> P9.

<sup>185</sup> P9.

<sup>186</sup> P9.

desonrados porque as esposas lhes desobedeceram ou se apaixonaram por outro homem ou simplesmente resolveram sair de casa? Quantos tentaram resgatar a honra com suas próprias mãos como se pudessem compensar com um outro mal o mal recebido?<sup>187</sup>

Era natural “restaurar a honra masculina” diante de insubordinações indevidas e na punição da mulher e também do homem que a “desonrou”, porque a disputou – como mercadoria – com seu “legítimo proprietário”.

A briga é entre homem e mulher, e entre homem e homem em disputa do mesmo “objeto” de posse. Nenhum homem quer ser chamado “cornu” ou “chifrudo” ou simplesmente reconhecer-se “traído”. Sua masculinidade estaria ameaçada, sua identidade social e pessoal estaria sendo posta em xeque. Perderia o reconhecimento social entre os amigos e a família, visto que todos se mantêm sustentados pela mesma lógica.<sup>188</sup>

Tal dinâmica, na dimensão mercadológica de posse da mulher como objeto de pertencimento à família constituída, tem gerado igualmente as enormes cargas de violência doméstica que ainda nos caracterizam nestes dias. O conceito de desonra se transmuta em outros sentimentos e comportamentos contemporâneos, de modo que, por vezes, uma mulher sai de uma relação de posse e entra em outra tão opressora quanto a anterior. É o que expressa Gebara ao referir que

[...] a desonra é expressão da tentativa de sentir-se amada, é o anseio incontido de carinho, afeto e segurança. A honra do homem seria medida pela capacidade de manter um sistema de autoridade e dependência da mulher à sua própria autoridade. E a honra da mulher se manteria na medida em que ela se submetesse a essa mesma tradição. [...] é o que se diz, é o que se quer pensar e é o que se quer que se pense. Honra e desonra se referem a costumes, comportamentos, tradições familiares e culturais. Honra e desonra se referem à necessidade humana de valer aos olhos uns dos outros. [...] E nesse ajuste de contas com a vida, as mulheres têm sido vítimas privilegiadas e os homens os agressores privilegiados.<sup>189</sup>

Assim, conforme essa autora, “[...] toleram-se não apenas os crimes em relação à chamada honra, mas eles abrem-se em outros comportamentos [...] as diferentes formas de controle religioso, científico e tecnológico dos corpos femininos”.<sup>190</sup> As mulheres são concebidas a partir da percepção e enculturação dos homens, seus patriarcas, assumidos ou não, e é exatamente aí que entra a atual discussão das relações de Gênero.

<sup>187</sup> GEBARA, 2014, p. 139.

<sup>188</sup> GEBARA, 2014, p. 139-140.

<sup>189</sup> GEBARA, 2014, p. 141-142.

<sup>190</sup> GEBARA, 2014, p. 142.

[...] Gênero é uma relação entre mulheres e homens reconhecida e firmada por instituições, estruturas, costumes e práticas cotidianas. Gênero tem a ver com a forma de socialização em que fomos educadas e que reproduzimos em todas as instituições sociais. Gênero tem a ver com sexualidade, com etnia e com classe social. Estas formas sociais e sexuadas de existir são atravessadas de poderes que se cruzam em diferentes direções, de forma a manter uma concepção hierárquica de mando e obediência.<sup>191</sup>

Tais relações injustas de Gênero coexistem em todas as classes sociais, perpassando etnias e corporificações ideológicas, religiosas e culturais de todas as naturezas. Nas classes sociais mais abastadas, elas seguem um refinamento próprio da classe, mas quanto maior o nível de empobrecimento, mais rudes e primitivas elas se expressam, auditadas pelos jornais e mídia em geral, atestando as inúmeras formas de violência expressas na cultura hodierna, refere a autora.

Há que se caracterizar essa temática também no contexto da IECLB, pois a pastora, como mulher, está inserida nesta dinâmica em inúmeras situações e tal perspectiva determina a relação de trabalho e atuação pastoral. Era uma situação *sui generis* em que a mulher pastora não tinha seu campo de atuação definido, restando-lhe incluir-se em algum lugar estabelecido para o pastor homem, a começar pela demanda institucional da IECLB. Assim se expressa uma pastora formada nos anos 1980:

[...] tive grande dificuldade para ser ordenada pastora na IECLB e tive pouco tempo de ministério reconhecido. Praticamente foram n. anos com reconhecimento num projeto [...] e parte dos direitos garantidos [...] n. anos com salário base e INSS [...] todo o período na [...] em [...] e depois [...] foi sem reconhecimento eclesial como pastora. Primeiro fiz trabalho compulsoriamente voluntário, com a alegação de que era esposa de pastor e não pastora e que assim era a praxe na IECLB. Depois de muita luta inglória [...] desisti e fui buscar outras possibilidades profissionais, passando a assumir, nesse momento por escolha pessoal, o pastorado voluntário. Foi o que me restou [...]. Informo que, além de atuar [...] também me candidatei (junto com outros colegas) a vagas em paróquias da IECLB, nas quais não fui escolhida. Não encontrei espaço na IECLB, a não ser o banco na comunidade, na qual participo dominicalmente.<sup>192</sup>

Na década de 2000, as pastoras já tinham um reconhecimento relativamente definido por estatutos na IECLB e trabalhavam ao lado de seus pares pastores com maior desenvoltura e engajamento, mas sua condição de Gênero permanecia

---

<sup>191</sup> GEBARA, 2014, p. 142.

<sup>192</sup> P5.

sorratoriamente em seu bojo. P1 expressa que sempre esteve cercada de colegas que a apoiavam e incentivavam, tanto homens quanto mulheres, e também

[...] fui bem recebida, mas algumas lideranças duvidavam do meu potencial, por ser jovem e mulher [...] tinha que provar sempre as minhas capacidades, pelo fato de ser mulher [...] fazer as pessoas entenderem que a contribuição delas era fundamental para o desenvolvimento da comunidade.<sup>193</sup>

Assim também se expressa P4 ao relatar que se confrontava com costumes e tradições que dificultavam a missão:

[...] sempre me senti muito bem vinda e acolhida nas comunidades, principalmente por seus membros e lideranças [...] não vivi nada constrangedor, mas sutilmente percebia afirmações machistas nas entrelinhas das conversas e reuniões, afirmações que provavelmente colegas homens não ouviriam.<sup>194</sup>

Ela ainda comenta que é muito feliz e grata em fazer parte dessa Igreja e nela servir, que sempre foi muito bem avaliada, aconselhada, servida e apoiada pela Igreja, mas às vezes “[...] nos sentimos distantes, sozinhas, abandonadas, cobradas, mas entendemos que dentro das possibilidades a instituição nos acompanha e ajuda”.<sup>195</sup> Tal ambiguidade naturalmente faz parte do trabalho de qualquer natureza e não caracteriza uma disfunção ou arbitrariedade. Entretanto, chamo a atenção para o desprestígio relacionado à sua condição por ser mulher, sendo este um impasse importante pelo qual foi possivelmente “aconselhada” a se resignar.

P11 relata que

[...] para algumas pessoas foi preciso provar estar capacitada [...] vivo em constantes altos e baixos em relação ao Ministério. Por vezes, animada com novos projetos, outras frustradas com a falta de resposta/adeseção por parte da comunidade. [...] reconheço que possuo capacidades de oferecer mais para a Comunidade, mas em muitos momentos boicoto a mim mesma e meus projetos.<sup>196</sup>

P12 reflete que

sou muito criteriosa comigo mesma e me cobro muito. Gostaria de ser mais criativa, de ser mais conciliadora, de ser mais pró-ativa, de ajudar a vencer as divisões e polarizações que existem mundo a fora e que respingam na

---

<sup>193</sup> P1.

<sup>194</sup> P4.

<sup>195</sup> P4.

<sup>196</sup> P11.

comunidade. Como diz Bonhoeffer, nem sempre sei quem eu sou, mas sei que, “quem quer que eu seja, sou de ti, meu Deus”.<sup>197</sup>

### P13 relembra que

[...] fui bem recebida nas Comunidades em que atuei, encontrando ressalvas por ser mulher em apenas uma. A outras, se tiveram dificuldades, muito pouco demonstraram. Mas também é verdade que muitas Paróquias, até conhecidas, nem aceitaram o currículo, às vezes inventando desculpas esdrúxulas, justamente por ser mulher. [...] na primeira Paróquia não tive problemas em relação ao fato de ser mulher. Na Paróquia [...] havia muita resistência no campo ecumênico e também a Comunidade esperava que casamentos ou batismos fossem ministrados apenas pelo Pastor. Não senti estas dificuldades nem no [...], nem no [...] e também não no [...]. Meu cuidado especial foi com a OASE e JE. Muitas destas mulheres tinham apenas este dia, do encontro da OASE, para se sentirem importantes, amadas, e isto precisava ser aproveitado. Resgatar a autoestima delas. E deles, nos Estudos Bíblicos e encontros [...] é preciso adaptar a linguagem, os exemplos e as expectativas [...] às vezes a gente vai com muita sede, e não dá conta de tudo a que se propôs ou sonhou.<sup>198</sup>

Ainda assim, lamenta as interferências do seu trabalho na vida familiar, em que, como mulher, precisou trabalhar na Comunidade e também cuidar das crianças, pelas restrições financeiras da Paróquia para dois pastorados.

Com dois filhos prematuros, um muitas vezes doente, dificuldades no casamento, gostaria de ter tido mais apoio. Hoje meus filhos dizem que sou pastora em tempo integral e, para ter a minha atenção, precisam me chamar de “pastora” e não de mãe. Talvez, para ser aceita na Comunidade tenha mergulhado no trabalho, excedendo a entrega, trabalhando demais, deixando de lado folgas, por exemplo. Sem isso, será que teria sido tão bem recebida? E o custo pessoal disso, como doenças e solidão, pago sozinha? São questões a serem vistas. Grata pela atenção.<sup>199</sup>

Também P7 relata dificuldades iniciais em relação à linguagem e ao jeito de se comunicar com as pessoas, “algumas pessoas que achavam que batismo feito por pastor teria mais valor”,<sup>200</sup> embora tenha sido bem recebida, justificando que talvez por razões que antes de sua vinda já tinham conhecido outra pastora, mas quanto à sua condição

[...] por ser mulher, havia a expectativa de que eu colaborasse com o trabalho de forma voluntária, pois o meu marido é pastor também. Também a direção da Igreja não levou em conta as minhas expectativas em relação ao trabalho,

---

<sup>197</sup> P12.

<sup>198</sup> P13.

<sup>199</sup> P13.

<sup>200</sup> P7.

fui enviada para ser voluntária [...] toda forma de trabalho era bem vinda, desde que não implicasse em ônus financeiro.<sup>201</sup>

Outra referência com relação às dificuldades com a linguagem é relatada por P14, refletindo que ela usava uma linguagem e as pessoas entendiam outra, em um contexto de pobreza, falta de formação e informação das pessoas com as quais trabalhava. Mais difícil ainda foi introduzir a linguagem inclusiva,<sup>202</sup> em que ela mesma sentia dificuldades no início. Afinal,

[...] havia encontros de Orientadores do Culto Infantil, mesmo quando 100% da liderança era feminina. Havia Congresso Paroquial de Confirmandos, mesmo com a metade de adolescentes sendo meninas [...] famílias membro estarem sendo identificadas sempre, absolutamente sempre, pelo nome do homem, exceto quando ele morria. Ouvi várias vezes as pessoas dizendo que

<sup>201</sup> P7.

<sup>202</sup> LINGUAGEM INCLUSIVA: Uma das críticas à teologia feminista é que não há necessidade de uma linguagem inclusiva, pois na expressão “homem” já está representada toda a humanidade. Parece lógico dentro do contexto cultural sexista que habitamos. Entretanto, um pequeno exercício de “humanidade” citado por Fiorenza e proposto por Morton da Harvard Divinity School, em que a Profa. Nelle sugeriu aos seus alunos se imaginarem um discurso que tivesse os papéis masculinos e femininos invertidos, com o desafio de observarem seus sentimentos a respeito. SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995, p. 78. Imaginem, propôs ela, a Harvard Divinity School como uma escola de longa tradição teológica feminina. As professoras todas, com exceção de um professor, são mulheres, a maioria dos alunos é constituída de mulheres e todos os secretários são homens. A linguagem toda de uma tal instituição tem um caráter claramente feminino. “As mulheres” significa todo o gênero humano; “as mulheres”, como palavra genérica, inclui os homens (Jesus veio para salvar todas as mulheres). Se uma professora anuncia um curso sobre “a doutrina das mulheres” ou se menciona “a maternidade de Deus”, ela naturalmente não quer excluir os homens. Em seu curso sobre antropologia cristã, a professora Ana sustenta que a própria Criadora fez os órgãos masculinos externos e expostos, para que o homem viesse a solicitar abrigo e proteção no lar, ao passo que fez os órgãos reprodutivos femininos compactos e internos, de tal modo que a mulher está biologicamente capacitada a tomar sua posição de liderança no domínio público do gênero feminino. “Uma vez ou outra um homem arranja suficiente coragem para protestar contra o uso de Deus-Mãe, dizendo que isso afeta seu senso de dignidade e integridade. A professora Marta apressa-se a explicar que ninguém, realmente, acredita que Deus seja feminino, em sentido sexual. Ela deixa bem claro que, numa sociedade patriarcal, a maneira de falar das Escrituras da liturgia e da teologia só pode manifestar-se em imagens patriarcais” [Morton, **Preaching the Word**, 30]. Pois bem: Imagine que você está entre os poucos homens presentes a uma convenção teológica, na qual a bispa elogia os trabalhos de alto nível de todas as teólogas, sem notar que ali estão alguns homens [...] Ou imagine que um dos seminaristas católicos diga a você (incapaz de receber ordens por você ser homem) que (após a ordenação dela), ela será essencialmente diferente de você. Se você, conscientemente, sentir-se atingido e queixar-se de que sua Igreja não o considera um ser humano pleno, talvez um colega liberal lhe responda que você deve protestar pessoalmente, uma vez que, afinal, o problema não é dela, é seu. E tudo isso é feito em nome da irmandade cristã. SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995, p. 78. Esse exercício mostra o quanto a linguagem usada em determinado contexto pode incluir ou excluir pessoas com características diversas da normatividade ali representada. Este é um dos grandes eixos de reflexão da teologia feminista, que não basta apenas incluir algumas mulheres em um contexto majoritariamente masculino, é necessário reorganizar todo o contexto, e no caso da teologia, conforme a proposta dessa autora, “o caminho de uma “teologia total” seria envolver ativamente a todos e todas “*homens e mulheres, negros e brancos, privilegiados ou explorados, bem como a gente de todas as nações e países*”. SCHÜSSLER-FIORENZA, Elisabeth. 1995, p. 79. [Em relação a esse aspecto nos relatórios da pesquisa, quando a autora não usou linguagem inclusiva em seu texto, também respeitei essa opção, independente de suas motivações. N.A.].

isso nunca foi um problema, e que só era agora, porque tinha uma pastora na Paróquia.<sup>203</sup>

Ela ainda comenta que as pastoras tinham consciência de que precisavam trabalhar em dobro para serem reconhecidas, e fez exatamente isso. Não para ser reconhecida como pastora, enfim, estava como mulher trabalhando em um espaço compreendido como masculino até então. Comenta que a situação exigia isso, já que não se contentava com o “feijão com arroz” ali reinante.

Percebi logo que a Comunidade [...] tentou colocar em mim o “uniforme” dos pastores que me antecederam. Uma camisa branca e uma saia preta me caíram muito bem. Como eu nunca aceitei ser uniformizada, tudo parou por aí mesmo, já que as outras comunidades estavam se sentindo muito bem com a minha maneira de me vestir. [...] Parece que a Comunidade [...] não estava muito à vontade com os meus pés expostos no altar calçando sandálias. Saudade dos sapatos pretos absolutamente fechados “de pastor”? A pergunta é se o problema estava em minha sandália aberta, ou em minha sandália simples, como usavam as demais mulheres. Será que cobrariam de um colega, caso ele usasse sandálias assim tão populares?<sup>204</sup>

P14 relata um episódio interessante que ainda merece ser citado no contexto a respeito da sua sandália. Refere que suas sandálias foram motivo de uma reclamação no Conselho Paroquial, ocasião em que o Presidente da Paróquia pediu para ela mostrar para as pessoas conselheiras presentes as suas sandálias que estava calçando, ocasião em que ouviu esta observação maravilhosa: “Mas olhem só! Não é muito bonita a sandália que a nossa pastora está usando? Eu acho muito bonita”.<sup>205</sup> Ela ainda suspeita que as reclamações em relação ao seu jeito de ser estava relacionado mais à sua proposta pastoral do que ao fato de ser mulher, embora se lembre de comentários machistas tipo “esta é uma pastora bem macho”, referindo-se ao seu jeito de dirigir o carro, trocar os pneus, enfrentar problemas que vinham aparecendo.

De fato, esse período inicial de adaptação da pastora ao seu campo de trabalho realmente foi em seu início bastante turbulenta por não haver ainda uma legislação eclesiástica específica a esse respeito, sobretudo quando ambos eram formados em teologia e, portanto, pastor e pastora respectivamente dentro de um mesmo campo de trabalho. Em relação a pastoras, cujo marido não era pastor, esse

---

<sup>203</sup> P14.

<sup>204</sup> P14.

<sup>205</sup> P14.

fator não era tão proeminente, embora houvesse outros vieses em seu lugar. O relato de P2 mostra o quanto essa inversão de poder pastoral pode trazer problemas ao relacionamento pessoal entre ambos e também com a Comunidade/Paróquia/Igreja. Esta refere que foi bem acolhida no seu primeiro campo de trabalho,

[...] as pessoas foram acolhedoras e amáveis, foi uma experiência de alegria simples e convívio amoroso e, nesse sentido, gratificante [...] meu esposo era [...] como cônjuges de pessoas do Presbitério, ele participava das reuniões e muitas vezes era perguntado sobre as tarefas que competiam a mim. [...] quando eu fui chamada a mediar um conflito entre famílias, fui orientada pelo Presidente [...] a ser “firme e forte como um homem”. A distinção de gênero acontecia também nas reuniões, e isso se aprofundou nas experiências pastorais seguintes. Por exemplo: eu emitia minha opinião ou dava sugestão sobre um assunto. Isso era ignorado, minutos depois, algum presbítero (homem) fazia exatamente a mesma observação ou sugestão que eu havia apresentado, às vezes até com as mesmas palavras, como se fosse dele, e era aceito como “proposta de fulano”. Isso se repetiu *ad infinitum* no pastorado. Ser interrompida na reunião, sem conseguir terminar o raciocínio. Falar algo e, em seguida um presbítero começa a explicar pra mim o assunto que eu acabei de falar, como se eu não tivesse a mínima ideia do que estava sendo tratado. Essas foram situações vividas desde o primeiro pastorado.<sup>206</sup>

A competência técnica – ser teóloga e pastora – por inúmeras vezes é posta em dúvida no inter-relacionamento eclesial como refere P2:

Havia confusão, por parte das pessoas, sobre o fato de ele ser o [...] e não o Pastor. Algumas vezes ele fazia encaminhamentos e tomava decisões que eram da minha competência, outras vezes ele “anotava o recado” para que eu pudesse dar o encaminhamento necessário. Essa confusão de papéis continuou e se agravou ao longo dos anos, nos próximos campos de trabalho, onde Presbíteros e cônjuge muitas vezes se aliaram para me desautorizar e me deixaram sem voz e lugar. Eu fui conivente com essa situação na medida em que não é da minha índole partir para um “confronto aberto”. Muitas vezes me deixei atropelar nesse processo e concordei com soluções e propostas sobre as quais eu ainda não estava pronta para opinar.<sup>207</sup>

Outro aspecto que P2 levanta, talvez pela percepção e ótica de mulher, mas que se estende também aos pastores homens, é a questão sobre a quantidade de tempo que deve ser dedicada ao trabalho pastoral, dentro de um contrato que não é mensurado temporal ou financeiramente.

Quanto tempo de dedicação diária ao escritório é justo? Quanto tempo do meu dia pode ser separado para cuidados pessoais, além da alimentação, higiene, cuidado do lar e descanso? [...] ainda tenho muita dificuldade em auto gerenciar meu tempo. Sinto-me culpada por dedicar tempo para caminhadas [...] sentar num domingo à tarde para tomar um suco. Eu me auto

---

<sup>206</sup> P2.

<sup>207</sup> P2.

impunha uma rotina exaustiva de atividades no escritório e com as comunidades, sempre me sentindo culpada e achando que todo o tempo da minha vida devia ser dedicado ao trabalho pastoral. É certo que o EMO ainda não existia, e acho que mesmo as pessoas do CAM (por experiências anteriores) tinham a mesma expectativa: que a pastora estivesse a serviço em tempo integral. Como um hamster correndo dentro da sua rodinha, sempre realizando tarefas visíveis, onde a reflexão teológica, o tempo para a contemplação e espiritualidade pessoal são subestimados.<sup>208</sup>

Em sua avaliação parcial do pastorado, P2 refere que muitas vezes sentiu-se como se fosse somente uma “agendadora” de tarefas e eventos, sobrevivendo em um ambiente extenuante e solitário. Havia pouca comunicação com outros colegas e, muitas vezes, foi “calada e tutelada pelos Presbitérios em conluio com [...]”. Sentiu-se isolada em relação à instância Sinodal e derrotada por estas circunstâncias, desenvolvendo

[...] uma sensação de irrelevância, muitas frustrações, muita decepção com a caminhada de colegas. Aquele solo está encharcado com minhas lágrimas e mesmo agora não posso falar sobre essa experiência sem choro e profunda tristeza e frustração.<sup>209</sup>

Em meio a todas essas idas e vindas de uma vida pastoral, refere-se P2 em sua retrospectiva: “[...] cheia de fragilidades, erros, equívocos, medos, quero me alegrar que, nesse ponto do Ministério, estão muito claras e presentes em mim: a teologia feminista [...] trabalho com grupo identitário”,<sup>210</sup> nos quais ela encontrou acolhida e se sente representada em suas aspirações teológicas e humanitárias. Outrossim, receosa comenta que há um certo medo em andar por esse caminho,

[...] quem vai ficar comigo? [...] Que Presbitério daria liberdade de trabalhar dentro dessa linha, sem ficar tutelando o fazer teológico e prático? Que Comunidade estaria aberta ao processo de descobrir-se e abrir-se a novas possibilidades?<sup>211</sup>

Felizmente P2, entretentes, encontrou apoio em um “espaço ou grupo não ligado a CAMs”, disposta a enfrentar esses desafios, tem sido amparada por um grupo de colegas pastoras feministas,

[...] que estão tecendo rapidamente uma rede para que eu pare de cair. Percebi que muitas de nós tivemos experiências parecidas. Estamos nos fortalecendo como grupo, estamos criando um espaço seguro para apoio

---

<sup>208</sup> P2.

<sup>209</sup> P2.

<sup>210</sup> P2.

<sup>211</sup> P2.

mútuo, produção de conteúdo e busca de direitos. Tenho redescoberto minhas palavras, o som da minha voz. Tenho redescoberto que reflito e escrevo teologia de forma aprofundada e consistente.<sup>212</sup>

Também no plano pessoal ela reencontrou a alegria de viver e conviver:

[...] tenho tido alegrias de reencontrar colegas, refletir e construir teologia em conjunto, na ciranda da vida. A alegria dos encontros, de construir sonhos e propostas concretas, a dádiva de voltar a refletir e elaborar teologia com outras pessoas. Isso me deixa feliz e grata. Então, embora vivendo à deriva, em uma situação desesperadora de muitas formas, parece que tem outras pessoas vindo nadar comigo, sabe? Graças a Deus pelas pequenas dádivas.<sup>213</sup>

Em seu singular relatório, P2 relata sua própria experiência dolorosa no confronto das interfaces entre uma teologia e prática teológica androcêntrica patriarcal, baseada no reconhecimento do homem/masculino como referência cultural idealizada em detrimento da desvalorização da mulher como ser igualitário nessa representação, buscando a paridade de competências e direitos assegurados a ambos os sexos. Nas culturas e sociedades, ao longo dos tempos, tais diferenças, de modo genérico, foram aceitas, impregnadas e impostas pelos e pelas representantes do Poder de Estado e também da própria religião. Gebara refere o seguinte, nesse sentido:

[...] sabemos bem que o cristianismo não nasceu a partir da igualdade de gênero e menos ainda cresceu a partir da igualdade de gênero. Muito embora o feminismo esteja atuando como movimento social há mais de trinta anos no Brasil, a força real e simbólica da submissão continua a estruturar as relações cristãs. As mulheres não conseguiram ainda cidadania integral na maioria das igrejas cristãs.

E ainda assevera que:

Uma leitura superficial do Novo Testamento já nos permite perceber o quanto o rosto social do cristianismo é masculino. [...] O cristianismo nas suas várias expressões não é diferente da cultura em que nasceu e em que vive. De uma forma ou de outra sempre privilegia os homens e sobrecarrega as mulheres, sempre alivia mais a culpa masculina e acentua a feminina sobretudo no que se refere ao corpo e à sexualidade.<sup>214</sup>

Vimos nos exemplos citados – e vedados todos os textos que possam identificar pessoas ou lugares – que estas representações estão tão integradas ao

---

<sup>212</sup> P2.

<sup>213</sup> P2.

<sup>214</sup> GEBARA, 2014, p. 143.

corpo da cultura e da religião que são tomadas como “verdades naturais”, que baseiam e limitam comportamentos éticos e humanos em todos os tempos e todos os lugares. Estigmatizadas como “verdades incontestes” normatizam ideias e sentimentos tomados como “naturais”, sem compreender a “construção” dessas epistemologias em seus respectivos contextos. Assim refere-se Gebara:

Honra e desonra masculina, feminina são apenas um capítulo da longa jornada de violências que nos impomos uns aos outros, umas às outras! A busca de igualdade e justiça nas relações de gênero é apenas uma expressão de uma luta maior, a luta de transformar o mundo, a luta de dar-nos a possibilidade de fazer desta Terra um lugar onde as vidas sejam mais respeitadas e amadas.<sup>215</sup>

Compreender essas dinâmicas sociais, culturais e religiosas nos permite repensar a própria hermenêutica bíblica, tendo em vista que suas normativas éticas e códigos de comportamento humano também são frutos de seus contextos específicos de origem, marcados por suas idealizações de gênero e poder. Um dos exemplos mais visíveis desta meta-representação está no uso e abuso da violência como forma de controle e submissão de outros povos e também de sua própria organização social.

#### **4.4.4 Quando as Mulheres atraem violência**

Penso que o aumento da violência contra as mulheres torna-se ainda mais espantoso nestes tempos pelo fato de já estarmos vivendo mais de meio século de feminismo militante sem contar os inúmeros esforços dos séculos passados. Além disso, através dos meios de comunicação estamos sabendo do crescimento do número das delegacias da mulher, de novas leis que protegem as mulheres em diferentes situações e sobretudo das organizações nacionais e internacionais que assumem esta frente nas suas expressões plurais. [...] Creio que neste momento vale uma pergunta talvez um pouco diferente: o que temos nós mulheres que atrai tanta violência?<sup>216</sup>

Gebara exprime com profunda e extrema acuidade a questão fundante da violência contra a mulher nesta frase: “o que temos nós mulheres que atrai tanta violência?”. Pressupondo a dimensão secular dessa temática e restringindo a mesma ao contexto da religião e suas vicissitudes, a autora refere que certamente há inúmeras causas que se entrelaçam em relações muito complexas. Estabelecendo uma conexão metafórica com o contexto bíblico apocalíptico, expressa seu espanto com a exposição:

---

<sup>215</sup> GEBARA, 2014, p. 144.

<sup>216</sup> GEBARA, 2014, p. 163.

[...] “o dragão se deteve na frente da mulher que estava para dar à luz, a fim de lhe devorar o filho quando nascesse” (Ap. 12:4b) [...] “Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência” (Ap.12:17a).<sup>217</sup> [...] Este é um tema mítico recorrente, o que indica um nó no interior da experiência humana coletiva. [...] Por que esta luta do dragão contra a mulher prestes a parir? Por que esta espécie de perseguição aparentemente sem fim? O que existe em nós que provoca a vontade de violar, de agredir, de sacrificar, de eliminar?<sup>218</sup>

Afirma a autora que o texto citado do apocalipse bíblico “revela” uma camada mítica no interior da humanidade feminina e masculina, que se alinha com a tradição patriarcal de androgenia presente nele. As mulheres são a fonte mais explícita de renovação da humanidade e como tal, fonte de bênção e maldição, quando ameaçadas pela própria descendência.<sup>219</sup>

[...] como se alguns frutos guardassem em si uma raiva imaginária ou uma raiva das próprias origens. O lugar da origem, o útero, a vagina, os seios que amamentam são o ponto de convergência das agressões. É como se de lá se pudesse maldizer a vida, tocar o próprio nascimento, tentar de certa forma exterminá-lo. É lá o lugar onde se expressa a raiva maior, como se ao agredir, ferir, rasgar, estraçalhar, fazer sangrar aqueles lugares se vingaria toda a humanidade. Vingar-se de que? Vingar-se da falta de aconchego, da falta de abraços, da falta de carinho, da falta de alimento, da falta de reconhecimento, do tédio da existência, da impotência? Ou talvez, vingar-se de ser igualmente esta poderosa origem? E no processo de vingança, o amor derrotado parece quase desaparecer ou apenas cede lugar ao ódio original.<sup>220</sup>

Esse ódio original poderia ser acordado por qualquer guerra ou par de sapatos, por petróleo, fronteiras, desemprego, embriaguez ou ciúme e até por crenças religiosas, que fere para abrandar ou matar a vingança oculta ou manifesta. O corpo feminino, para Gebara, que com sua força atrai e excita, precisa ser contido, oculto, por isso se investe contra ele.

Raiva da humanidade depositada em corpo de mulher. Depois, raiva do ventre prene de violência. Raiva da criança que não morreu, resignação com o filho ou a filha que venceu a morte, mas já nasce marcada por um ódio encoberto de cuidado, de comportamentos de aparência social, de tentativas de esquecimento e de mentirosa bondade. Quantos nasceram do estupro, do não desejo, do não amor, da guerra, do acaso e mesmo do ódio? [...] Não sei se o ódio original tem cura. Nem mesmo sei, se a força do amor original, ou

<sup>217</sup> BÍBLIA. Português. Almeida. 2012L.; SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero. Almeida Revista e Atualizada, 2. ed., 1988, 1993, Sociedade Bíblica do Brasil. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012. p. 1214-1215.

<sup>218</sup> GEBARA, 2014, p. 164.

<sup>219</sup> GEBARA, 2014, p. 164-165.

<sup>220</sup> GEBARA, 2014, p. 164-165.

do perdão original pode dar certezas de regeneração. Amor das origens, Perdão das origens, Ódio das origens.<sup>221</sup>

Se no princípio a explosão de sentimentos marcou a relação idealizada em uma cena quase celestial, a luta e a competição, prosseguindo pela dominação de um sobre o outro logo se instalou ainda no raiar do dia vital, como marca da vida. Também os sentimentos entraram nessa dança, nesse confronto, e a contradição nutre uns aos outros.

E aí está a mulher de novo, em dores de parto querendo começar algo de novo algo novo. É como se quisesse nascer de novo, como se quisesse começar a impossível humanidade sem ódio de si mesma... É como se tentasse reescrever o mito adâmico e contar outra história, diferente daquela que acaba com a vingança divina condenando a mulher a arrastar-se ao desejo do homem, parindo com dor e sofrimento. Mas parece que o dragão continua à espreita, continua a persegui-la querendo matá-la e destruir sua prole. Nós a prole e o dragão... , nós mulheres e homens nos atraindo e nos odiando... Nós, ao mesmo tempo, faces de uma mesma moeda de criação e destruição.<sup>222</sup>

Quando P6 relata que, diante dos seus colegas de trabalho, ela insistia em “[...] desmistificar questões relativas a feminismo e direito das mulheres, cidadania e fé religiosa”,<sup>223</sup> já não estaria se referindo ao enredo do texto acima citado, e isto em um ambiente religioso, em que se poderia esperar maior compreensão e entendimento desses fatores em função de sua inspiração no amor divino? E ainda assim ela expressa que está satisfeita consigo mesma:

Relativamente satisfeita. Entendendo por satisfação um estado de ânimo, um sentimento, pensamento que me mobiliza para prosseguir; mas como pessoa combativa que sou, “eu que nada mais amo do que a insatisfação com que se pode mudar, nada mais detesto do que a insatisfação com que não se pode mudar”. Nesse sentido, estou sempre e apenas temporariamente satisfeita.<sup>224</sup>

Não se refere ela ao dragão interior com o qual batalha, que a sufoca por vezes, mas noutras o vence, escapa ou sobrevive? De forma semelhante também se expressa P7, quando descreve sua vida familiar dizendo que:

[...] a relação com meu esposo foi bastante conflitiva porque muitas vezes tínhamos pontos de vista diferentes e não era bem aceito se discutíamos

---

<sup>221</sup> GEBARA, 2014, p. 166.

<sup>222</sup> GEBARA, 2014, p. 166.

<sup>223</sup> P6.

<sup>224</sup> P6.

diante da comunidade. Nunca conseguimos separar trabalho e vida familiar.<sup>225</sup>

Esse entrelaçamento entre o amor e o ódio parece ser a norma nas conjugalidades que nos marcam na contemporaneidade e também o pastor e a pastora não fogem a esse paradigma, tão bem representado na metáfora apocalíptica. Mas, certamente P2 descreve com simplicidade e maestria o cerne metafórico dessa disputa que, quase sempre, redundava em violência doméstica aberta ou subjugada. Refere que sempre precisou “dialogar e garantir meu espaço e integridade no matrimônio, de modo que esse casamento disfuncional impactou muito negativamente no meu Ministério por muitos anos”.<sup>226</sup> Além das dificuldades já referidas em outras temáticas, expressa ainda seu

[...] descompasso profundo no trabalho com colega. Eu posso admitir que talvez tenha alimentado expectativas irreais (trabalhar em conjunto, refletir teologia para dentro do contexto de atuação, construir uma proposta de trabalho que fosse conjunta), mas experimentei muita, muita, muita solidão e isolamento, com raras e pontuais exceções. Isso foi amplificado pela distância de demais colegas e dificuldade de manter contato, determinadas pelas características do meio.<sup>227</sup>

Reflete e comenta resignadamente que

senti frustração por não conseguir ir além do ordinário. Ali certamente havia contexto local e cultural para ser uma Igreja com sotaque próprio, com uma visão diaconal e de sociedade libertadores. Infelizmente, devido a muitos fatores, e aqui posso listar o casamento turbulento, a tutela à minha presença feminina nos espaços de decisão e minha tendência a esperar o “melhor momento” para reagir como limitantes da concretização de minhas propostas ou visões de pastorado para o local.<sup>228</sup>

P2 faz uma retrospectiva do seu trabalho, avaliando suas lutas e glórias nas expectativas pessoais e de trabalho, concluindo que “muitas vezes a gente acaba aceitando o que é inaceitável para o nosso papel, porque acreditamos que com o tempo, com paciência, as questões se resolvam”,<sup>229</sup> o que evidentemente não acontece dessa forma. E assim se expressa claramente:

[...] eu vivo um segundo matrimônio. Minhas crianças são do primeiro matrimônio. Foi um relacionamento abusivo e disfuncional, marcado por

---

<sup>225</sup> P7.

<sup>226</sup> P2.

<sup>227</sup> P2.

<sup>228</sup> P2.

<sup>229</sup> P2.

muita manipulação e jogos de poder. Houve muitas traições da parte dele ao longo dos anos, fiquei sabendo das últimas no final do casamento. Era um casamento de muitos gritos e silêncios, tudo na frente das crianças. Elas não foram poupadas da insanidade do que vivemos, não tivemos nenhum respeito por elas, tristemente. Demorei a perceber que a pessoa com quem me relacionava tem uma impossibilidade de sentir empatia e estabelecer vínculos. Demorei muito mais para criar coragem e romper esses laços. Estava isolada de redes de apoio. Tive medo de ficar sem o emprego no pastorado, sem apoio do meu campo de trabalho. Ouvia falar de casais que foram afastados e passaram pelo processo disciplinar. Tudo isso me apavorava, porque meu trabalho ainda era o único sustento para mim e minhas crianças.<sup>230</sup>

P2 tem a coragem de ir ao âmago de suas questões e expõe tanto suas vitórias e glórias na conquista e manutenção do seu pastorado, como os vieses que a impediram de alcançar êxito em outras questões e situações. Uma vida atribulada e em meio a muita solidão,

[...] sob ameaças de morte e outros tipos sórdidos de chantagem e abuso contra mim e minhas crianças. Fiz boletins de ocorrência, mas nunca levei adiante. Medo. Ele tem parentes ligados a pastorado e Igreja, que ainda podem me prejudicar [...]. Minhas crianças... Uma delas é ateia. A outra frequenta a Igreja nos seus termos, com muito mais maturidade e inteligência emocional que eu tive anos atrás.<sup>231</sup>

Seu relato certamente nos entristece, mas também mostra nossa humanidade, nossas limitações e nossa própria violência, aberta ou subentendida, quando somos ameaçados e ameaçadas diante de circunstâncias que não dominamos ou administramos com a fluidez e compreensão através de sentimentos positivos e construtivos, em nome dos quais nos apresentamos e imaginamos viver, que nos ajudem a superar obstáculos, por vezes, intransponíveis. Nesse patamar, a violência aberta ou subentendida então é inevitável e importa que, no mínimo, a reconheçamos.

Outras vezes a violência é sorrateira, entrelaçada com elementos sutis que ocultam sua performance social, a ponto de permanecer oculta aos observadores menos sagazes. É o que refere P14, em um episódio descrito como “momentos de piadas e risadas”.

Um colega perguntou-me quem seria o meu marido pastor. Eu respondi que não estava casada com um pastor. Observei que ele teve uma reação muito estranha na sua maneira de me olhar. Quando eu perguntei o que estava acontecendo, ele respondeu: “Preciso te fazer uma pergunta: Como é que

---

<sup>230</sup> P2.

<sup>231</sup> P2.

vocês fazem sexo? Como pode ser bom o casamento de vocês?”. Lembro que eu não consegui entender o que ele dizia, mas logo uma colega tentou-nos explicar o motivo desta enorme preocupação do nosso colega: Para ele “fazer sexo” era um exercer poder sobre, claro que um poder masculino sobre o feminino. E, por outro lado, ser pastor também era compreendido por ele como exercer um poder sobre. Aí claro a sua estranheza: Como uma pastora e seu marido não pastor poderiam ter uma relação sexual normal? [...] mas preciso dizer que a maioria de nossos colegas de distrito colocou-se ao nosso lado, inclusive na nossa luta pela linguagem inclusiva nas Conferências Pastorais de então.<sup>232</sup>

De fato, ainda vivemos sob os condicionamentos culturais e religiosos de uma sociedade patriarcal androcêntrica, como observa P16, “especialmente alguns aconselhamentos, algumas mulheres preferem conversar com meu esposo [...] como cheguei depois dele [...] muitas pessoas não sabem da existência de pastoras ordenadas”.<sup>233</sup> Vemos, assim, que as pastoras têm diante de si uma longa caminhada recém iniciada de enfrentamento a situações de opressão da mulher, a que também elas são sujeitas, aberta ou dissimuladamente. Assim se refere P15 a este tema:

[...] em boa parte se mantém nos campos de atividade ministerial a expectativa de que se corresponda a um padrão androcêntrico, de poder centralizador, ao qual tanto mulheres como homens devem se ajustar. Nesse sentido é fundamental aprofundar nas comunidades a reflexão em torno das masculinidades, da justiça de gênero, da diversidade cultural entre outras questões, necessárias para romper com essas barreiras que estagnam o próprio crescimento da comunidade.<sup>234</sup>

Também P10 assim se refere ao processo de conscientização em relação aos novos parâmetros teológicos gestados por algumas mulheres pastoras:

Para mim a Teologia da Cruz, relida a partir da Teologia Feminista da Libertação é uma temática fundamental num contexto de violência e morte de mulheres. Um conceito fundamental é a ética e a economia do cuidado. Tenho trabalhado muito com a metodologia da história de vida e com a história das mulheres. Minhas produções acadêmicas têm apontado muito para este enfoque. A Teologia é pública e necessita refletir sobre o público, democracia, cidadania, ecologia, economia, pois estes também são temas da ética. A Teologia tem estômago e no momento tem muita gente passando fome. [...] A Teologia é movimento, é contextualização, reflexão, prática, amorosidade, mas também uma justa raiva pelas injustiças de nossos tempos históricos. A Teologia necessita ser entendida de forma plural e interdisciplinar.<sup>235</sup>

Gebara referenda nesse patamar que

---

<sup>232</sup> P14.

<sup>233</sup> P16.

<sup>234</sup> P15.

<sup>235</sup> P10.

[...] somos o que fizemos da vida que nos foi entregue. Vida rejeitada, acolhida, malvada, amada [...]. Os mitos têm suas razões. Nunca têm um final feliz ou sempre deixam um final para ser adivinhado. Por isso, além de denunciar a violência contra as mulheres precisaríamos talvez trabalhar sobre a violência das nossas origens, sobre os mitos que a expressam, os medos que formam nosso corpo e nossas relações.<sup>236</sup>

## E

Precisamos, talvez, olhar nossos medos de frente e reencontrar a força e a ternura da vagina e do pênis, dos afagos de ternura, dos afetos e emoções. E, quando tivermos sido capazes de inventar nossa humanidade de um outro jeito inventaremos outros mitos onde já não seríamos mais condenadas ao desespero entre nós mesmos e onde dragões não mais perseguirão mulheres e nem matarão sua prole.<sup>237</sup>

Esse poderia ser o ideário de um novo contexto em que a própria humanidade deixa de predar sua própria espécie em nome da ganância, do lucro e, sobretudo, do poder que estes auferem. Nesse ideário, ela também deixaria de predar a natureza – o que um dia talvez tenha sido necessário para buscar seu próprio desenvolvimento – mas agora é desnecessário em virtude dos conhecimentos sobre renovação e reciclagem que adquirimos ao longo dos tempos, e sobretudo agora ameaça a própria sobrevivência de todas as espécies que a habitam. Inventaríamos novos mitos de inclusão, fraternidade, sororidade e sobretudo tolerância para com a diversidade que formamos e nos constitui. Teremos de conseguir realizar isso em todos os níveis da vida presente sobre a Terra, do micro ao macro, e nos refazer como aldeia global de sobreviventes, nos diferentes níveis de cooperação e lideranças que sejamos capazes de organizar.

Concluindo, sabemos o quanto é difícil arar a terra já cultivada pelos grandes aglomerados transnacionais, cuja política do lucro se sobrepõe aos interesses das minorias/maiorias nacionais, já alocados em nossas consciências inconscientes que barganham, dissimulam, estabelecem fronteiras globais baseadas em lucros desmedidos, em detrimento da pobreza e os sofrimentos daí resultantes, como se o planeta terra lhes/nos pertencesse. Em épocas remotas, esse poder absoluto estava nas mãos dos “deuses” no imaginário ingênuo e pueril dos (sobre)viventes, e sob certo aspecto, seria como se voltássemos para tais eras em que a natureza e seus “deuses” determinavam os destinos dos (sobre)viventes. Seguindo essa metáfora, alguns

---

<sup>236</sup> GEBARA, 2014, p. 167.

<sup>237</sup> GEBARA, 2014, p. 167.

(sobre)viventes se apoderaram dos recursos dos “deuses” e os distribuem conforme suas lógicas e metas planetárias, em detrimento dos e das demais que habitam o planeta.

Seguindo a mesma lógica na administração dos bens espirituais da Igreja, a partir das dinâmicas contextuais do patriarcado androcêntrico, os “deuses” continuam reinando como se absolutos fossem, na figura de homens (e também de algumas mulheres) sobre os demais viventes, metamorfoseados de entidades sobrenaturais, mas continuam banais e frívolos, ora contestados em sua ganância de poder por mulheres conscientes e empoderadas, o que se pretende mostrar nas linhas e entrelinhas do próximo capítulo.



## 5 A RESSONÂNCIAS TEOLÓGICAS

### 5.1 A “LUTA DOS DEUSES”:<sup>238</sup> UMA METÁFORA AO PODER PASTORAL

Gebara inferiu que estávamos diante de um novo fenômeno humano que lançou mão da religião como uma mercadoria em prol do controle e poder de manipulação social. Sua trajetória dentro da Teologia da Libertação a levou por caminhos difíceis dentro de sua matriz religiosa, ao mesmo tempo em que a inspirou a trazer à luz uma das mais belas e promissoras contribuições à hermenêutica teológica do século XXI. Revisitou as pretensões andrológicas da teologia patriarcal fundante, procurando por atalhos que a levassem a um novo porvir, em que as mulheres, tanto quanto os homens, eram titulares de um saber teológico primevo, mostrando o quanto a disputa por esse saber também era uma disputa pelo poder. Assim também se refere Souza, nesse aspecto, sobre o que Gebara propõe:

Estamos numa “luta de deuses”, uma luta de imaginários. A teologia não é um espaço monolítico ou ausente de poder. As tensões e perspectivas estão postas. Nos trajetos que você constrói, Ivone, nenhuma fala sobre Deus é definitiva nem soberana. Estamos nos caminhos do provisório, em transgressão e gratuidade, para além da entidade todo-poderosa. Os nossos rostos e nossos passos nos colocam ante o mistério e desde a *relação* falamos.<sup>239</sup>

Rosado exprime essa relação com mais clareza quando propõe que as teólogas feministas começaram a fazer a crítica às religiões a partir de dentro “[...] confrontando as práticas e teologias cristãs patriarcais [...] dos primórdios de Jesus [...] sendo abandonada desde as primeiras décadas [...] se distanciando até uma radical exclusão das mulheres”.<sup>240</sup> Roese diz que sempre definimos religião a partir de paradigmas androcêntricos dos textos clássicos e precisamos realmente perguntar “o que é religião para as mulheres”?<sup>241</sup>

---

<sup>238</sup> “Luta dos deuses” – expressão metafórica que Daniel Souza emprega para designar a luta pelo poder e autoridade também presentes no contexto das religiões.

<sup>239</sup> SOUZA, Daniel. Uma prosa em nossos quintais. In: CARDOSO, Nancy; CARVALHAES, Cláudio (Orgs.). **Querida Ivone: amorosas cartas de teologia & feminismo**. São Leopoldo: CEBI, 2014. p. 52.

<sup>240</sup> ROSADO, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. **Cadernos Pagu**, v. 16, 2001, p. 79-96.

<sup>241</sup> ROESE, Anete. De Amor, estima e ideias feministas. In: CARDOSO; CARVALHAES, 2014, p. 129.

Mas, para Roese, “a Igreja que oprime também é espaço de salvação”, pois apesar de oprimidas, submissas e vítimas, sua autonomia também subverte e cria novas formas de libertação, em que a ruptura sempre é uma possibilidade para novas formas de experiências espirituais e religiosas. Ademais, a relação milenar das mulheres com a religião é descrita por Gebara como

as mais antigas representações religiosas da humanidade são femininas [...] projeções das experiências femininas de maternidade e fertilidade. As representações masculinas de Deus como Espírito para além da terra, como distinto e separado, são bem mais recentes [...] religiões contêm algo profundamente feminino, quase matricêntrico que é a preocupação com o bem-estar das pessoas, com a superação do sofrimento [...]. A religião na sua base originária é materna, é protetora e aconchegante [...] nas religiões as mulheres se sentem em casa, como se revivessem uma memória antiga.<sup>242</sup>

No mundo contemporâneo, as mulheres estão criando e recriando sua relação de fé com o divino e religioso dentro de novas formas mais autônomas e criativas, deixando ficar claro que a crise do modelo de religião é também a crise do modelo patriarcal em todos os seus subsistemas. As novas configurações da dinâmica religiosa no século XXI incluem espaços de fuga, liberdade, sociabilidade, sem romper necessariamente o vínculo baseado em submissão e obediência, mas transformando-o em campo de ação política e seus protagonismos peculiares. Mas, apesar de não ser somente contestatório, também

[...] apresenta rupturas claras, insubmissão, mobilidade, infidelidade e criação de novas modalidades de vida espiritual e religiosa [...] as mulheres estão criando com autenticidade e responsabilidade espaços e caminhos alternativos aos das religiões hegemônicas, suas estruturas e discursos”.<sup>243</sup>

Assim, os movimentos de mulheres e ecológicos têm denunciado o esquema hierárquico que reproduz, sob forma de religião ou de partido, as estruturas de relacionamento que excluem a maioria em favor das elites. Tais representações de poder também estão presentes, quando não alinhadas ou incentivadas por instituições religiosas de diferentes matizes teológicas, reproduzindo aí as relações de poder presentes na cultura secular patriarcal hegemônica. Ainda encontramos essa dinâmica no contexto secular hodierno em diferentes segmentos da política, saúde, educação, economia, enfim, nos grandes temas nacionais e na própria produção

---

<sup>242</sup> GEBARA, 2000, p. 101-102.

<sup>243</sup> ROESE, 2014, p. 134.

científica em todos seus matizes, que reproduzem nas suas relações de poder a hegemonia androcêntrica que lhes serve de lastro.

## 5.2 AS RELAÇÕES DE PODER NAS RELIGIÕES PATRIARCAIS

Estendendo esse olhar para a antropologia e sociologia, alguns dos seus autores pretendem identificar esse processo sobretudo nas novas religiões de mercado do século XXI, que, apesar de distantes dos grandes eixos teológicos das religiões históricas do Ocidente, reproduzem em sua estrutura organizacional e funcional as mesmas relações do poder patriarcal. Ainda conforme Gebara,

[...] tais estruturas presentes nas religiões humanistas tradicionais também perpassam nas religiões de mercado, em que os deveres religiosos, a relação com as pessoas, o domínio do homem na ordem doméstica e pública foram sempre definidas como comportamentos para toda a humanidade.<sup>244</sup>

Justamente ali residem as dificuldades da maioria dos grupos de mulheres no Brasil em captar a legitimação religiosa masculina. Esse sistema dificilmente acolhe alternativas, classificadas então como marginalidade religiosa, que, ao lado da marginalidade social e econômica já existentes na cultura, completa o caráter ambíguo da existência feminina e do sistema religioso que dela deriva.

Em razão disso, os discursos democráticos não encontram muito eco nos movimentos populares, uma vez que “[...] comportamentos igualitários baseados na justiça muitas vezes são apenas suspiros profundos, sonhos ousados, discursos românticos, mas que não parecem ter consistência no dia a dia”,<sup>245</sup> em que reina a manutenção das opressões, embora já se vislumbrem frágeis experiências libertárias. Entretanto,

[...] feminismo e ecologia perguntam às religiões o que estão fazendo das mulheres e o que estão fazendo do corpo da terra [...] sobre a marginalização de grupos sociais e particularmente das mulheres, sobre poder [...] e a formulação de nossas crenças.<sup>246</sup>

---

<sup>244</sup> GEBARA, 1997, p. 79.

<sup>245</sup> GEBARA, 1997, p. 80.

<sup>246</sup> GEBARA, 1997, p. 81.

Em razão disso, é necessário captar a religião<sup>247</sup> além da instituição religiosa através dos comportamentos que parecem estar fora do controle institucional. Isto nos leva a suspeitar de que talvez ainda haja religião onde ela já não parece mais existir como uma formulação institucional, mas em outras formas e conteúdos que não imaginávamos em outros tempos. Isto nos leva a suspeitar de que religião possa também constituir-se de um sentimento em relação a alguma dimensão olvidada, mesmo que não cristalizada em conteúdos dogmáticos e institucionais, assim como cogitou Simmel em sua formulação de um sentimento religioso. Neste, formas e conteúdos estão misturados em “[...] pulsões, interesses, fins, tendências, estados, movimentos psíquicos dos homens como a fome, o amor, o trabalho, o sentimento religioso, a técnica, as produções intelectuais”,<sup>248</sup> em que analisa a religião tanto em sua forma particular de compreensão da existência humana quanto um conteúdo formal estruturado.

Assim ela pode ser analisada a partir de uma perspectiva artística, religiosa, ética, científica, lúdica, sem que nenhuma delas deva ser confundida com a realidade, com sua lógica própria, pois nenhuma dessas perspectivas a esgota. O religioso, para Simmel, “[...] não constitui um setor particular da realidade social, que se justapõe aos outros, mas uma formalização de toda a vida que, na realidade, existe ao lado de outras formalizações”,<sup>249</sup> e com elas se mistura. O homem religioso, a mulher religiosa, apesar de ter uma formalização própria, não existe em estado puro, uma vez que é ao mesmo tempo também um “indivíduo artístico, prático, religioso, segundo graus e combinações muito variáveis”, sendo que uma coisa que é vista como religiosa não significa que seja religiosa em si mesma. Em razão disso, do ponto de vista analítico, a religião que pretenda ser ciência, não é mais religião e a ciência que queira ocupar o lugar da religião não é mais ciência, e desse ponto de vista, a esfera do religioso

---

<sup>247</sup> No esquema proposto por Freud ainda subsiste a difícil questão dualista hierárquico-patriarcal, “a pretensão de um estado mais perfeito que se afirmaria para além das contradições cotidianas [...] serviria de estímulo para superar os males do presente, afirmando um futuro melhor, uma dinâmica jamais terminada nos limites da história humana”. Tal esquema dualista deseja evitar as múltiplas ambiguidades que caracterizam nossa existência, proclamando a vitória sobre o sofrimento, as dores, o próprio mal e finalmente a morte. Entretanto, à luz do feminismo e da ecologia, a religião como forma de exorcizar o medo da natureza reforçou a ideia da dominação e exploração do ser humano sobre a natureza, pois o que provoca medo precisa ser submetido e controlado e isto também vale em relação às mulheres: o medo de sua força, do seu corpo e capacidades vitais contribuiu para diferentes formas de dominação, revanchismo, controle e inferiorização, cabendo à religião patriarcal exorcizar os medos através da dominação e exclusão. GEBARA, 1997, p. 83.

<sup>248</sup> HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAIME, Jean-Paul. (Orgs.). **Sociologia e Religião**. Abordagens Clássicas. Aparecida: Ideias e Letras, 2009. p. 130-131.

<sup>249</sup> HERVIEU-LÉGER; WILLAIME, 2009, p. 133.

não faz concorrência com a ciência ou com a política, mas é uma perspectiva que apresenta uma dimensão diferente.

Simmel não se importa muito com a realidade dos objetos religiosos, mas os consideram fatos de consciência, representações de sentidos e portadores de energia, funções da subjetividade humana. A piedade, por exemplo, que poderia ser considerada um modo de religiosidade em estado fluído, não é necessariamente uma forma sólida de comportamento humano em relação aos deuses ou mesmo à religião, pois “[...] podemos, portanto, ser piedosos sem religião, assim como podemos ser artistas sem obra de arte”.<sup>250</sup>

Simmel vai muito além do religioso institucional e desenvolve uma abordagem tentando perceber como os homens tecem relações dentro de uma formalização religiosa da vida, uma categoria fundamental da alma, em que tudo é suscetível a se tornar “[...] religioso e nada é religioso em si mesmo [...] o estado de alma religioso não torna nenhum conteúdo determinado [...] o sentimento religioso de qualquer ligação exclusiva com objetos transcendentos”.<sup>251</sup> Sua ligação é com objetos terrestres, homens ou coisas – como o patriotismo, as relações de classe, poder e subordinação – expressões de religiosidade muito variáveis no tempo e no espaço e não redutíveis somente a crenças e ritos religiosos, revestidos por culturas institucionais. Simmel considera a existência de uma “[...] religiosidade flutuante, errante, sem objeto determinado, como uma disposição amante [...] naturezas religiosas sem religião”.<sup>252</sup>

Outro conceito radical de Simmel é o crer, pois crença, para ele, “[...] não é um saber, mas um estado da alma, sem dúvida relativo a um exterior em relação a ela, mas possuindo essa referência como uma característica interior em si mesma”,<sup>253</sup> ter uma confiança absoluta e inabalável, produzindo um objeto para si e por si só, ampliando-o até o absoluto. Esse crer produz seu próprio objeto, uma forma de ser e estado da alma, uma disposição particular, cujo objeto é a mira de sua própria lógica, que propulsiona esse absoluto em qualidades como o amor, a justiça, a bondade. Tais qualidades, imaginadas em estado puro, formam os artigos de fé, em que Deus é sua

---

<sup>250</sup> HERVIEU-LÉGER; WILLAIME, 2009, p. 137.

<sup>251</sup> HERVIEU-LÉGER; WILLAIME, 2009, p. 137-138.

<sup>252</sup> HERVIEU-LÉGER; WILLAIME, 2009, p. 138-139.

<sup>253</sup> HERVIEU-LÉGER; WILLAIME, 2009, p. 142.

própria representação [Ele não possui esses atributos, Ele os é], uma redução antropológica da religião.

Nesse campo de saber, para Durkheim, a religião seria um produto social, “[...] criado por indivíduos que agem e pensam de forma coletiva, interagindo e estabelecendo condições para que a vida em conjunto continue a existir [...] a compreensão do fenômeno religioso a partir de suas múltiplas manifestações”.<sup>254</sup> Para Gabatz,<sup>255</sup> ela não deveria ser vista como algo que possa ser eliminado, pois não se reduz à esfera racional e desempenha um papel estratégico nas ações cotidianas, à medida que seu simbolismo atua em função de reproduzir hierarquias. Suas representações definem categorias de compreensão como as noções de tempo, espaço, causas, número, elaboradas a partir de crenças religiosas, com a prerrogativa de organizar a existência social, tendo sido também legitimadora das formas de poder ao longo dos tempos.

Em tempos remotos, a religião se baseava em dados revelados de multiformes matizes, sobretudo nas forças da natureza, espiritualizadas em códigos de enfrentamento e dispersão. Hoje seus conteúdos são triados, selecionados, avaliados e transformados pelas consciências individuais, mesmo sem um aval institucional regulador, dentro de uma perspectiva de desinstitucionalização cada vez mais abrangente, a partir de um caráter sincrético de identidades religiosas e múltiplas pertencas.

Nesse sentido, o mal-estar institucional não constitui necessariamente o mal-estar do religioso moderno, e Teixeira afirma “[...] que o mundo continua bastante religioso, o que tem sido chamado também de retorno do religioso, aspecto que possui uma expressão também nos fundamentalismos da atualidade”.<sup>256</sup> O autor refere-se às espiritualidades laicas que, mesmo fora do tradicional perfil religioso, são metamorfoses no âmbito da fé e traduzem uma forma diferente de expressão religiosa, fruto do avanço da modernidade, para uma forma mais dinâmica de religiosidade, “[...] dentro de um contexto cada vez mais plural [...] (a partir do) enfraquecimento dos exclusivismos religiosos, e uma compreensão mais fluida e aberta com respeito à

---

<sup>254</sup> GABATZ, Celso; ZEFERINO, Jefferson. As Contribuições de Émile Durkheim para Compreender a Religião na Contemporaneidade. **Revista Correlatio**, v. 16, n. 2, UMESP, 2017. p. 340.

<sup>255</sup> GABATZ; ZEFERINO, 2017, p. 339-355.

<sup>256</sup> TEIXEIRA, Faustino. Campo religioso em transformação. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, n. 69, 2014. p. 34.

realidade religiosa”.<sup>257</sup> Teixeira ainda cita outros grupos em destaque como “os sem religião”, agnósticos e ateus, ainda que possam representar um estado de trânsito, passageiro e em redefinição de sua inscrição identitária.<sup>258</sup> Nesse sentido, Berger refere que

[...] os antigos monopólios religiosos não podem mais contar com a submissão de suas populações [...] a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser colocada no mercado [...] vendida para uma clientela que não está mais obrigada a comprar.<sup>259</sup>

Durkheim foi o precursor de um pensamento que procurava mostrar a riqueza e a complexidade do fenômeno religioso, o espírito comum para manter reunida a sociedade, pressupondo um caráter comum em todas as religiões: uma classificação das coisas, reais ou ideais, representadas em classes opostas, bem representadas nas palavras profano e sagrado.<sup>260</sup> Esse autor está interessado nesse processo e suas ressignificações, as vezes irracionais, *in loco*,

[...] em termos de diversidade e multiplicidade dos fenômenos. [...] a partir do critério durkheimiano torna-se possível supor, descobrir e delimitar possíveis retornos, renovações e ressurgências contemporâneas de uma sacralidade constituída como dimensão antropológica universal.<sup>261</sup>

Se observarmos os processos de aliciamento entre religião e poder no transcurso da expansão europeia nos últimos cinco séculos, vemos que o colonialismo e posterior imperialismo europeus marcaram profundamente as relações humanitárias entre estes e as culturas dos povos nativos entre os séculos XVI e XIX. As Américas, e depois partes da Ásia, África e Oceania, foram conquistadas pelas empreitadas europeias em busca de novos territórios para comércio e exploração e também outras lideranças mundiais como a Rússia e o Japão, inspiradas no padrão europeu, desenvolveram atividades comerciais e militares entre nativos e aborígenes de outros povos. Os europeus impuseram suas culturas e religiões e também suas concepções de gênero aos povos e regiões conquistadas, enquanto “missionários cristãos seguiram nos calcanhares dos conquistadores e comerciantes”, e acabavam

<sup>257</sup> TEIXEIRA, 2014, p. 35.

<sup>258</sup> TEIXEIRA, 2014, p. 40-41.

<sup>259</sup> BERGER, Peter. **O dossel sagrado** apud GABATZ; ZEFERIN, 2017.

<sup>260</sup> DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa** apud GABATZ; ZEFERINO, 2017, p. 347.

<sup>261</sup> GABATZ; ZEFERINO, 2017, p. 351.

acentuando o patriarcado. “Os protestantes, [...] em geral, eram mais lentos em interferir com os arranjos locais na questão de gênero do que os católicos, embora, quando isso acontecia, o impacto pudesse ser intenso”.<sup>262</sup> Contudo, os padrões europeus não permaneceram os mesmos durante o transcorrer desses quatro séculos.

No início dos contatos, nos séculos XVI e XVII, eram fortemente marcados pelo cristianismo, sendo o catolicismo particularmente importante. As ideias cristãs sobre sexualidade adequada e domínio masculino no casamento eram bastante ressaltadas. Por volta dos séculos XVIII e XIX, no entanto, a mensagem europeia ficou mais complicada. Os europeus [...] descortinaram uma definição sem precedentes de ideais masculino e feminino [...] os homens eram em primeiro lugar trabalhadores e figuras públicas. As responsabilidades das mulheres eram prioritariamente domésticas – um velho tema, é claro, agora adornado com novas crenças sobre a fragilidade e bondade moral do “sexo mais fraco”. [...] Por volta da segunda metade do século XIX, emergiu um terceiro modelo, no qual certos grupos de mulheres ocidentais passaram a exigir novos direitos, em parte baseados em argumentos de ordem moral, em parte para compensar sua inferioridade no trabalho e na vida pública.<sup>263</sup>

Os europeus reivindicavam estar aprimorando as relações humanas durante o transcorrer desses séculos, mas se equivocaram por avaliar de forma muito limitada as relações entre homens e mulheres em função das implicações que isto presumia em sua vida econômica e política. A ação feminista na história mundial levou os historiadores e as historiadoras mais recentes a abrir novos debates sobre o colonialismo, o comércio sob domínio europeu e a troca cultural que interveio na vida de homens e mulheres.

Para Stearns, os europeus e as europeias não conseguiram reformular totalmente padrões regionais de gênero como almejavam, mas os grupos se misturavam, se ajustavam, aceitando alguns componentes e rejeitando outros da forma que lhes era favorável. A maior parte das sociedades continuava patriarcal, entretanto tendo em vista as novas formas de relacionamento nas fórmulas europeias a respeito das discussões sobre gênero, as expressões do patriarcado se modificaram, realçando as desigualdades ou modificando algumas manifestações tradicionais.

---

<sup>262</sup> STEARNS, 2018, p.105.

<sup>263</sup> STEARNS, 2018, p.105.

A incursão dos europeus e das europeias na América do Norte e do Sul a partir de 1492, sobretudo as descobertas de Colombo na América Latina e Caribe, redefiniram os contornos das estruturas de governo dos povos nativos, particularmente na América Central e nos Andes, sacudindo culturas tradicionais americanas bem elaboradas. Na tentativa de converter esses povos ao cristianismo e assim ter poderes mais absolutos sobre suas instituições, o domínio e controle católico das coroas da Espanha, Portugal e França rapidamente forçou os governos nativos à sua subordinação, de forma especial onde ainda predominavam sistemas de coleta e caça nas Américas. Os missionários católicos impuseram convicções predominantes entre eles e, sobretudo o protestantismo tardio do século XIX, impregnou juízos firmes sobre sexualidade e relacionamentos entre homens e mulheres nativas. Suas culturas não foram destruídas, mas

[...] elementos centrais se combinaram com demãos de cristianismo [...] a questão de gênero foi um item em que os contatos com os europeus interferiram na vida dos nativos americanos, com frequência confundindo-a no nível mais básico e pessoal [...] o que houve de comum tanto nas missões católicas do século XVI quanto protestantes do século XIX, foi a meticulosa organização de internatos administrados por brancos.<sup>264</sup>

Tais internatos tentavam ensinar e convencionar os novos padrões de relacionamento trazidos pelos colonizadores e pelas colonizadoras, pois os padrões de culturas tribais envolviam relacionamentos entre homens e mulheres muito diferentes dos europeus e das europeias,<sup>265</sup> o que em geral piorou as condições das mulheres índias, porque os europeus e europeias forçavam a hierarquia do domínio masculino. A percepção europeia de gênero era menos igualitária do que a maioria dos grupos indígenas praticava até fins do século XIX e era visível a dificuldade de os europeus e europeias admitirem o bom funcionamento de outros sistemas de gênero não baseados na religião cristã.

Particularmente na América Latina a conquista espanhola enfrentou os maiores desafios e até oposições militares de homens e mulheres nativas ao ponto

---

<sup>264</sup> STEARNS, 2018, p. 110.

<sup>265</sup> “[...] os modelos levados pelos europeus variavam, dependendo do momento e do lugar. Os índios na América Latina e em partes importantes do Canadá sofriam pressão do catolicismo missionário, que chegou primeiro. Quando os protestantes – crença que predominou nos Estados Unidos – começaram, no final do século XVIII, a incitar a conversão religiosa, sua abordagem foi suplementada por crescentes crenças no papel doméstico quase sagrado da mulher – o que alguns chamavam de “o ritual da verdadeira feminilidade”. STEARNS, 2018, p. 111.

de no despojo de guerras constava “vocês deverão entregar mulheres com pele clara, milho, galinhas, ovos e tortas” segundo um relatório asteca,<sup>266</sup> mostrando a inabilidade indígena diante dos invasores. Também as tentativas de conversão ao cristianismo sempre pressuponham a liderança masculina, notadamente no que envolvia as práticas sexuais das mulheres e sua futura restrição pelos homens. De um modo geral, os indígenas e as indígenas eram considerados pelos missionários cristãos demasiadamente imorais, pois andavam desnudos, praticavam sexo antes do casamento, adultério e poligamia que [embora também usuais entre os colonizadores], não eram aprovados pelos missionários cristãos, que exigiram dos índios se cobrissem de roupas, mesmo em regiões quentes e úmidas.

Stearns refere que frequentemente separavam homens e mulheres jovens para evitar que se relacionassem sexualmente, intervinham em parcerias de casamento, atacavam práticas abortivas e tentavam subverter a conduta de vida da família indígena, fazendo com que muitos deles abandonavam áreas de missões ou se rebelavam precisamente por causa dessa conduta sexual restritiva. Tanto na América Central quanto na América do Sul, os esforços missionários tentavam minimizar a ação das mulheres na vida indígena, para os quais elas eram “parideiras e agentes domésticos, irracionais e, com frequência, problemáticas”, uma vez que nas civilizações indígenas, embora patriarcais, elas tinham “importantes papéis artísticos e rituais nas cerimônias religiosas”, pois “preparavam ricos vestiários e adornos para paramentar as estátuas dos deuses e das deusas e eram responsáveis pelas práticas religiosas domésticas”.

O Estado espanhol e as autoridades coloniais não permitiram mulheres em posição de poder e até o nível dos dirigentes de aldeias sempre selecionavam homens. Ávidos para impor o casamento cristão, fragmentavam as famílias indígenas constituídas, isolando sobretudo as mulheres umas das outras, opondo-se, inclusive, ao denominado “serviço da noiva”, que se constituía de um período de adaptação ao casamento, em que a noiva, depois de casada, continuava a morar na família de origem por um certo período, embora mantivesse um relacionamento sexual com o marido. Essa união poderia ser desfeita caso não funcionasse bem e a mulher voltaria a ser livre para se casar com outro. Era considerada “uma prática escandalosa” do ponto de vista cristão, foi restringida, diminuindo a flexibilidade no casamento

---

<sup>266</sup> STEARNS, 2018, p. 112.

indígena, ocasionando aumento da violência masculina nos casamentos desfeitos. Para Stearns, “o resultado foi a soma do pior dos dois mundos patriarcais: dos maias e dos espanhóis”.<sup>267</sup> Para esse autor,

A imagem da mulher virtuosa e doméstica se formou na Europa, mas pode ter alcançado suas formas mais extremas na América branca, como emblema de identidade contra os “selvagens”. Claro que havia ironia aqui: mulheres brancas capturadas pelos índios com frequência preferiam permanecer entre eles, para horror dos colonos; quando as mulheres brancas começaram, no final do século XIX, a se manifestar por novos direitos, tais como posse de propriedade, exigiram com frequência, e sem saber, o que as mulheres índias haviam tido – mas haviam perdido como resultado dos contatos com os brancos.<sup>268</sup>

No que concerne ao contexto brasileiro, também é importante considerar as influências da África subsaariana e suas culturas trazidas pelo processo de escravidão em suas mais variadas demandas sociais. O processo de colonização repetiu no Brasil o que já tinha feito em outros continentes, sobretudo na Polinésia, inculcando ideais de família do contexto tradicional europeu. Mas na África ao sul do Saara, as mulheres mantinham várias formas de poder antes do contato colonial. Stearns refere sua importância em tarefas na agricultura e responsabilidades no comércio de mercadorias.

Algumas eram chefes, uma vez que o poder político não se confinava aos homens; outras detinham funções religiosas. As mulheres em geral criaram associações e conquistaram voz política informal; existia uma forte tradição de participação feminina em protestos. Muitos grupos obedeciam a descendência matrilinear na organização familiar [...] Funcionários coloniais e missionários estavam interessados em promover o trabalho dos homens, como fonte de mão de obra nas minas e em propriedades rurais voltadas para a agricultura comercial e funcionando como uma base para novos sistemas de arrecadação de impostos.<sup>269</sup>

Esforços de programas coloniais visavam tornar as mulheres africanas em “companheiras civilizadas” ou “esposas mais suaves e melhores mães” e seus direitos políticos foram restringidos na reforma das questões de gênero. Alguns oficiais ocidentais “chamavam os homens africanos de maridos mansos, quando suas mulheres exerciam funções públicas” refere Stearns, em que uma variedade de tradições de família foram condenadas, inspirando novas leis coloniais. Assim, com a ajuda dos missionários, os casamentos arranjados com meninas muito jovens foram

---

<sup>267</sup> STEARNS, 2018, p. 115.

<sup>268</sup> STEARNS, 2018, p. 124.

<sup>269</sup> STEARNS, 2018, p. 154.

desaprovados em nome da liberdade de escolha, a oposição à poligamia se tornou uma regra e o retorno à família paterna por parte das mulheres em caso de viuvez ou dissolução do casamento foram contestados através da promulgação de leis.

Iniciou-se também uma educação formal das mulheres para ensinar habilidades domésticas em várias partes da África, sobretudo no início do século XX, com implementos de “moral, educação literária e industrial”, em que alunas aspiravam tornar-se professoras<sup>270</sup> ou enfermeiras, e grande parte das agências coloniais, habitadas por crenças europeias racistas, implementou sua atenção contra a “sexualidade africana exagerada” e entre africanos cristãos, “tanto homens quanto mulheres, juntaram-se às tentativas de controlar o comportamento sexual como questão de convicção religiosa”.<sup>271</sup> Para esse autor, as reações africanas às formas de ocidentalização variavam segundo os contextos em que habitavam. Alguns abraçaram as novas oportunidades oferecidas pelo cristianismo, enquanto outros sentiram-se atraídos pelos padrões de consumo. Homens africanos ganharam maior poder econômico dentro das famílias e mulheres africanas passaram a exigir reformas e novos papéis domésticos presentes dentro do modelo ocidental, denunciando negligência e agressão, melhorias na vida familiar, maior responsabilidade econômica dos maridos, mas sem alcançar os níveis de prestígio e poder havidos antes do processo de colonização.

No transcorrer do século XX, o processo de ocidentalização se estendeu em outras grandes nações como, por exemplo, na Turquia, onde particularmente causou novas reações e implicações nos relacionamentos entre homens e mulheres, na conjunção da confluência missionária cristã e islâmica, como já tinha sido na África colonial. Naquele contexto, as questões de gênero acabaram por contaminar os movimentos nacionalistas africanos em que a participação feminina foi muito acentuada, pois acreditavam que a independência do controle colonial lhes traria grandes benefícios, mas o movimento não conseguiu resolver as pressões sobre

---

<sup>270</sup> “[...] por volta de 1930 um bom número de mulheres se aventurou mais longe. Uma mulher nigeriana se formou na Oxford University em 1934, enquanto a primeira advogada começou a atuar na Nigéria em 1935. A instrução também podia desencadear novos tipos de atividade econômica, apesar da pressão ocidental por domesticidade, e também novos tipos de organizações femininas. Foi formada uma Liga Feminina em Lagos, na Nigéria, nos anos 1920, que buscou apoio governamental para promover educação e saúde pública e impedir a prostituição feminina”. STEARNS, 2018, p. 156-157.

<sup>271</sup> STEARNS, 2018, p. 156.

questões de gênero e estudos modernos acreditam que as mulheres perderam mais do que ganharam nesse processo.

### 5.3 O DESABROCHAR DAS MULHERES NO CENÁRIO GLOBAL

Também na América Latina, a partir da década de 1970, assim como partes da Europa Oriental e nos Estados Unidos as relações de gênero foram revisitadas pelo processo de globalização, o que leva Stearns a referir que

[...] o século XX é um novo período na história mundial, no entanto, e isso se aplica à natureza dos contatos culturais e suas implicações para a questão de gênero [...] o século XX configura um declínio do poder relativo do Ocidente, manifestado em grandes movimentos de descolonização e no surgimento de novas nações. Novas tecnologias aceleraram muito o ritmo do transporte e da comunicação, com a criação de novos contatos culturais internacionais. O surgimento de corporações multinacionais envolveu ligações ao redor do globo também. O crescimento populacional massivo foi sem precedentes na história mundial, com enormes implicações nas vidas de homens e mulheres, ao passo que duas guerras mundiais testemunharam as conexões globais e o terrível potencial da tecnologia moderna.<sup>272</sup>

Os contatos culturais internacionais se diversificaram e elementos novos foram introduzidos no que diz respeito aos papéis masculinos e femininos e a Europa Ocidental e os Estados Unidos deixaram de ser as únicas referências em modelos de gênero. O Japão e o marxismo russo e chinês causaram novos impactos no cenário internacional através dos processos de imigração e enculturação, assim como os deslocamentos originários da Ásia, Oriente Médio/Norte da África, África e América Latina/Caribe, surgindo inúmeras novas fontes de contatos culturais. Os movimentos das grandes corporações multinacionais também disseminaram cultura, cinema, parques de diversões e programas de televisão por todo o mundo.

Os novos modelos culturais lidavam de forma diversa com gênero, embasados em religião ou sistemas filosóficos como o confucionismo, ainda refletiam estruturas patriarcais de gênero, mas com diferentes ênfases, o que oportunizou o surgimento de novos modelos, dos quais o feminismo foi o mais proeminente. Foi o que se verificou na construção das assim denominadas “ondas” do feminismo, movimentos organizados em momentos históricos específicos de efervescência militante e/ou acadêmica, em que pautas e questões específicas das mulheres

---

<sup>272</sup> STEARNS, 2018, p. 185-186.

dominaram o debate. Historicamente apontam-se três e até quatro “ondas” do movimento feminista mundial que caracterizam as conquistas das mulheres a partir da metade do século XIX, reportadas por Franchini, muito embora se vislumbrem “precursoras” de um pré-feminismo<sup>273</sup> dentre as quais estão nomes universalmente conhecidos.

A primeira onda, também conhecida como sufragista, já se localiza no final do século XIX e meados do século XX, caracterizada pela reivindicação, pelas mulheres, de direitos já conquistados pelos homens,<sup>274</sup> entre os quais o direito ao voto e à participação política e na vida pública. Assim refere Franchini:

[...] vale lembrar, o lugar da mulher sempre foi dentro de casa, principalmente na sociedade inglesa vitoriana, em que a mulher devia ser o “anjo do lar”. As feministas da primeira onda questionavam a imposição de papéis submissos e passivos às mulheres. [...] essas mulheres que reivindicavam o direito ao voto – que se denominavam as *suffragettes* -, apesar de na prática serem subordinadas de seus maridos ou pais, não eram sua propriedade institucional e jurídica (diferente das mulheres negras estadunidenses).<sup>275</sup>

## E

Há um feminismo de primeira onda, portanto, que além de lutar por esses direitos políticos, lutou por algo ainda mais básico – a abolição da escravatura. [...] a retórica predominante da primeira onda é o liberalismo e o universalismo. As mulheres defendiam que homens e mulheres, por serem iguais (principalmente nos quesitos moral e intelectual), deveriam ter iguais oportunidades (de estudos, de trabalho, de desenvolvimento, de participação política, de posições, enfim). É um feminismo que prega igualdade.<sup>276</sup>

A segunda onda, com início nos anos 1950, se estende até os anos 1990, e se caracteriza por uma série de estudos focados na condição da mulher, a teoria-base e uma raiz sobre a opressão feminina, com início nas décadas de 1960 e 1970, que se caracterizou como uma luta por direitos reprodutivos e teorias acerca da sexualidade. Refere Franchini:

<sup>273</sup> FRANCHINI, B. S. O que são as ondas do feminismo? **Revista QG Feminista**, 2017. Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismoeed092dae3a>>. Acesso em: 19 abr. 2022.

<sup>274</sup> Conquistas importantes dos homens na sociedade do século XIX e da virada do século, segundo Franchini, foram a consolidação da era industrial urbana, positivista, cientificista, acadêmica, política e economicamente liberal [embora já haja a participação das mulheres]. Foi no século XIX que vimos nascer o socialismo, o questionamento da ideia de lucro a todo custo, a luta por direitos dos operários, a luta por participação política. FRANCHINI, 2017.

<sup>275</sup> FRANCHINI, 2017.

<sup>276</sup> FRANCHINI, 2017.

É mais ou menos aqui que começa a distinção entre sexo e gênero, sendo que aquele passa a ser entendido como uma característica biológica; e este, como uma construção social, um conjunto de características e de papéis imposto à pessoa dependendo de seu sexo. [...] tem seu início marcado por protestos contra os concursos de Miss Estados Unidos nos anos de 1968 e 1969. Vários grupos bastante significativos, como o The Redstockings e o New York Radical Feminists, protestaram para demonstrar que os concursos de beleza tratavam as mulheres como objetos, perpetuando a noção de que a aparência tem mais valor do que o que a mulher pensa.<sup>277</sup>

## E

[...] as feministas de segunda onda buscaram identificar a origem da condição feminina – por que somos oprimidas [...] a resposta é o próprio sexo, a própria capacidade reprodutiva [...] e o patriarcado, assim como o capitalismo, consiste essencialmente, também, na exploração dessa capacidade. [...] essas mulheres são as pioneiras na crítica à pornografia, e dão continuidade à crítica à prostituição.<sup>278</sup>

Essa fase foi um desenvolvimento teórico-acadêmico de grande porte, levando a questionamentos das próprias Ciências acerca da mulher e sua suposta especificidade, abrindo portas para a criação de uma “verdadeira epistemologia feminista”, em oposição crítica a filosofias, metodologias e epistemologias passadas, concebidas a partir do ponto de vista masculino. Muito embora a maioria das militantes feministas ainda fosse branca, é nesse cenário que também cresce o feminismo negro como movimento independente, acrescentando a busca pela ancestralidade, o elemento identitário que fortaleceu a mulher negra, que, por sua vez, fortaleceu pelo mundo o movimento negro e o então movimento GLS, uma das marcas da terceira onda.

Franchini caracteriza a terceira onda na confluência do movimento *punk*, da interseccionalidade e da pós-modernidade. Chama a atenção para as grandes mudanças que a sociedade ocidental passou durante os anos 1990 como o fim da União Soviética, a queda do muro de Berlim, a dissolução das ditaduras na América Latina, e espraiamento do neoliberalismo e o hiperconsumismo pelo mundo e o crescimento do imperialismo estadunidense através da revolução da internet, que incrementou também o feminismo. Para esta, foi o movimento *punk* feminino – através da negação dos corporativismos e da defesa do jargão “faça você mesmo” – ao lançarem o termo “*riot grrrl*”<sup>279</sup> introduziram também a “confecção e a estética dos

<sup>277</sup> FRANCHINI, 2017.

<sup>278</sup> FRANCHINI, 2017.

<sup>279</sup> *Riot Grrrl* – (garota rebelde) - FRANCHINI, 2017.

zines ao feminismo”, pequenas auto publicações sobre assuntos como estupro, patriarcado, sexualidade e empoderamento feminino. Também Kimberlé Creenshaw introduziu o conceito de interseccionalidade em 1989, uma ferramenta para analisar os diferentes tipos de opressão (raça, classe, sexualidade) que as mulheres atingidas pudessem usar para analisar sua condição.

A terceira onda nesse sentido é pós-estruturalista e não acredita em significados fixos ou intrínsecos a palavras, símbolos ou instituições, buscando, antes, estudar performances dentro de contingências. Tanto gênero quanto categorias biológicas [...] seriam construções sociais, pois fruto de ciências enviesadas pelo olhar masculino. O grande denominador comum aos movimentos de terceira onda é a busca pela destruição de pensamentos categóricos e a crítica às prévias narrativas de liberação e de vitimização, características da segunda e da primeira onda. [...] a terceira onda, de forma geral, rejeita quaisquer tentativas de identificação de objetivos comuns, gerais, padronizados, e sequer se reconhece enquanto um movimento coletivo. O conceito de feminismo aqui se atomiza, se individualiza e quando isto acontece ele começa a se enfraquecer e a ser capitalizado.<sup>280</sup>

## E

Ao contrário de suas precursoras [...] as feministas de terceira onda se apropriaram desses estereótipos, de condutas e de símbolos de feminilidade, em outras palavras, elas pegaram os sutiãs, os batons e os saltos que suas precursoras haviam abandonado e os colocaram de volta, em defesa da liberdade individual de cada mulher. [...] Outro grande foco da terceira onda foi a tentativa de apropriação de termos misóginos e pejorativos contra mulheres. O maior exemplo é a palavra “vadia” [...] retirando-lhe a conotação negativa.<sup>281</sup>

É nesse contexto que Judiht Butler lança a ideia de transversalismo, em oposição a universalismo e particularismo, reinantes nas segunda e primeira ondas feministas. Fala-se aí da possibilidade de diálogo entre todas as condições por que passam as mulheres, inclusive nacionalidade, idade e religião. É um exercício de se colocar no lugar da outra e perceber suas demandas do seu ponto de vista. Agregando-se aí o uso maciço das redes sociais para a organização, conscientização e propagação dos ideais feministas, muitas acadêmicas creem estarmos diante de uma quarta onda, cujas pautas de estudos envolvem “a cultura do estupro, a representação da mulher na mídia, [...] os abusos, [...] a postura de denúncia e de recusa ao silenciamento. As palavras chave [...] são liberdade e igualdade”.<sup>282</sup>

---

<sup>280</sup> FRANCHINI, 2017.

<sup>281</sup> FRANCHINI, 2017.

<sup>282</sup> FRANCHINI, 2017.

Frequentemente rejeitam o rótulo de “feministas” e a própria noção de um feminismo apenas por e para mulheres é negada e considerada ultrapassada. Suas pautas internacionais ultrapassam a noção de gênero e paulatinamente são adotadas pelo mundo masculino, sendo também iscas para consumo em jargões midiáticos.

Entretanto, o consumismo, que se alastrou por todo o globo através do lançamento de novos produtos, mudanças na moda e novas formas de entretenimento, refere Stearns que,

[...] não há evidências de que os filmes e programas realmente desafiem os padrões básicos de gênero de forma intensa. Na verdade, estilos específicos e imagens corporais diferem da média da vida real, mas os filmes, em geral, não promovem revoluções nas relações de gênero. Ao contrário, pode-se afirmar que apenas exageram as implicações de padrões bastante convencionais. Assim, a cultura ocidental há muito vem insistindo que um dos papéis das mulheres é ser atraente: os filmes apenas realçam isso. A cultura há muito reforça o comportamento agressivo dos homens: os filmes apenas dão à agressão uma coleção de armas fora do comum e efeitos especiais. Os desvios de padrões de gênero que já existem, em outras palavras, são bastante superficiais.<sup>283</sup>

O turismo, o cinema e os espetáculos em geral, assim como os programas mais assistidos em todo o globo continuam a reforçar o patriarcado em seus estilos mais diversos e há que se empenhar em mudanças mais radicais através das militâncias em todos os níveis, que desafiem consciências, economias e políticas de Estado para se alcançar resultados mais efetivos de poder, igualdade, tolerância e justiça de gênero.

Paralelo à demanda desse processo, o marxismo revisitou as relações de poder<sup>284</sup> com novos arranjos econômicos e sociais, redefinindo e instrumentando a sexualidade a serviço das relações de poder, conforme refere Foucault:

---

<sup>283</sup> STEARNS, 2018, p. 236.

<sup>284</sup> Foucault é, sem dúvida, o que melhor expressou os movimentos de conquista e exercício do poder no Ocidente através do controle da sexualidade e, especialmente no caso da supremacia masculina naquele contexto, refere quatro “regras” pelas quais este se organizou: “Regra de Imanência” – partindo-se de focos locais, se estabeleceram relações entre penitente e confessor, o fiel e o diretor de consciência para o domínio da carne, através do exame de si mesmo, interrogatórios, confissões e interpretações como forma de sujeição; “Regra das variações contínuas” – sobre as “distribuições do poder” e as “apropriações de saber”, conjunto constituído pelo pai, mãe, o educador e o médico, em que o controle da sexualidade da criança passou a regular também a performance dos adultos e adultas; “Regra do duplo condicionamento” – uma estratégia de controle recíproco entre o pai e o Estado, através do controle da natalidade, incitações populacionistas, medicalização do sexo e psiquiatrização das formas não genitais; “Regra da polivalência tática dos discursos” – “o discurso como uma série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável [...] como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes [...] um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de

Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias [...] reduzir o sexo à sua função reprodutiva, à sua forma heterossexual e adulta e à sua legitimidade matrimonial não explica [...] os múltiplos objetivos visados, os inúmeros meios postos em ação nas políticas sexuais concernentes aos dois sexos, às diferentes idades e às classes sociais.<sup>285</sup>

A aceleração do processo de urbanização no Brasil a partir de 1960, que se intensificou a partir dos anos 1970, seja talvez o fator que trouxe maior visibilidade das mulheres em espaço público, sobretudo diante do monopólio patriarcal, tanto nas universidades quanto nos empregos formais, vendo-se rostos femininos de manifestações de rua em fotos de jornais.<sup>286</sup> Como em outros países, o feminismo de segunda onda adotou uma metodologia revolucionária na divulgação de suas ideias, conforme refere Pedro, criando os grupos de consciência, constituídos apenas por mulheres, para discutir problemas específicos das mulheres. O primeiro desses grupos surgiu em 1972 em São Paulo, formado por mulheres intelectualizadas, que já tinham visitado outros países e ali tido contato com grupos dessa natureza. Retornando ao Brasil, trouxeram livros que discutiam o feminismo e propunham mudanças culturais e a maioria também já tinha atuado ou ainda era militante em grupos e partidos políticos na luta e resistência contra a ditadura militar.

Desde os anos 1950, estavam disponíveis as grandes pesquisas sobre sexualidade nos Estados Unidos, em obras como as de Alfred Charles Kinsey, Master & Johnson e Shere Hite, divulgando estudos sobre o comportamento sexual de pessoas comuns e o assunto sexo deixava de ser um tabu. Desde 1960, a “pílula” contraceptiva estava à disposição, sugerindo e separando a procriação da sexualidade, o que criou uma nova mentalidade quanto ao uso do sexo para o prazer também para as mulheres, além de incrementar os grupos de reflexão com

---

poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta”. FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. 8.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019. p. 106-110.

<sup>285</sup> FOUCAULT, 2019, p. 112-113.

<sup>286</sup> As mulheres já estavam presentes, nas “Marchas da Família com Deus pela Liberdade”, de direita, [...] na Passeata dos 100 Mil, de oposição ao governo, [...] nos clubes de mães, nos movimentos por creche, nas marchas da “panela vazia”, nas reivindicações por anistia política [...] e no movimento Diretas Já. [...] Criaram associações femininas específicas e “casas da mulher”. Nos sindicatos, reivindicavam a existência de seções femininas e exigiram a inclusão de mulheres nos cargos de diretoria; realizaram encontros de trabalhadoras e participaram ativamente da vida sindical. PEDRO, Joana Maria. O Feminismo de Segunda Onda. In: PINSKY, Carla Bassanezy; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. 1. ed. 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2018. p. 240-241.

informações e conversas sobre seu próprio corpo em suas múltiplas manifestações, e data dessa época a ideia do “orgulho de ser mulher”. Assim refere Pedro:

Por que tanta preocupação em dar o direito à palavra a todas as mulheres? Para entender isso é preciso lembrar que são também deste mesmo período os movimentos juvenis, [...] os pacifistas, [...] os movimentos pelos direitos civis dos negros e outras minorias [...] e os movimentos de resistência a governos ditatoriais [...] todos eles contavam com a participação das mulheres. Porém, [...] queixavam-se de que sua atuação consistia em datilografar, reproduzir material de divulgação, distribuir panfletos, fazer café, limpar os ambientes, enfim, realizar tarefas consideradas de pouca importância.<sup>287</sup>

Mas,

[...] as decisões políticas eram tomadas pelos homens [...] por essa razão as militantes sentiram a necessidade de criar “alas femininas” em vários desses movimentos. Elas passaram a se reunir em separado, formando “grupos de consciência” no interior dos movimentos sociais; garantindo, assim, que a fala de cada uma fosse assegurada e respeitada. Porém, foram rapidamente acusadas pelos companheiros de dividir a militância ou de enfraquecê-la com “questões secundárias”. Para as feministas, contudo, a questão dos direitos da mulher era fundamental.<sup>288</sup>

Diversas ações foram implementadas nesse contexto para assegurar uma participação ativa das mulheres na formação do novo contexto brasileiro,<sup>289</sup> como a criação de redes de contato entre os diferentes grupos, a criação dos “centros da mulher”, o surgimento de periódicos, os grupos no exílio, a discussão do trabalho doméstico compartilhado, a criação e discussão de pautas feministas brasileiras diferenciadas, a difusão dos ideais feministas nas artes cênicas e midiáticas, entre outras.

Pinsky descreve todo esse período que antecedeu à emancipação feminina como uma “era dos modelos rígidos”,<sup>290</sup> em que ainda vigoravam conceitos fixos e extáticos a respeito das mulheres como, por exemplo “natureza feminina”, “mulher casta”, “moça de família”, “jovens modernas”, “boa moça”, “garota fácil”, “boa esposa”, “esposa feliz”, “solteirona”, “boa mãe”, “espírito materno”, “dona de casa ideal”, “rainha do lar”, “trabalhadeira”, “trabalhadora”, e descreve sucintamente cada um desses

<sup>287</sup> PEDRO, 2018, p. 245.

<sup>288</sup> PEDRO, 2018, p. 245.

<sup>289</sup> Veja uma descrição pormenorizada em: PEDRO, 2018, p. 245-256.

<sup>290</sup> PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos Modelos Rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. 1. ed. 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2018. p. 469-505.

conceitos. Conforme essa autora, a situação já se modifica no transcorrer do século XX diante da aceleração do desenvolvimento econômico, levando a melhorias nos serviços e na infraestrutura relacionada à energia elétrica, transporte rodoviário e comunicações. Tais transformações modificam também a imagem da mulher e do feminino, na medida em que estas são integradas na atividade produtiva, ressaltadas inúmeras restrições.

Com o gradativo processo de emancipação feminina [...] vários dos valores tradicionais a respeito dos papéis femininos e masculinos sofreram reformulações para continuarem firmes e fortes. A aceitação moral do trabalho feminino na classe média crescia lentamente graças ao empurrão dado pelo desenvolvimento capitalista, o incremento no consumo, o surgimento de uma nova ideia de “modernidade” e, claro, as exigências impostas por várias mulheres convictas que trabalhar as favoreciam. Porém, quando a tendência a uma maior participação feminina no trabalho assalariado parecia um fato incontestável, vozes se ergueram para manter a mulher “no seu devido lugar”, mostrando os efeitos negativos da emancipação feminina:<sup>291</sup>

“Em nome da liberdade econômica ou de algum simples capricho”, as mulheres “abandonam o lar”, aumentam o desemprego dos homens, “reforçam o luxo e a vaidade”. [...] “ao abraçar as vantagens materiais” de uma profissão, comprometem a feminilidade, o respeito dos homens e “os privilégios de seu sexo”; renunciam aos agrados e carinhos e dão à sua existência “um sentido vão e estéril”; deixam o aconchego do lar para adentrar em “um mundo competitivo e cruel”.<sup>292</sup>

## E

[...] a “mulher que trabalha”, frequentemente, é “infeliz” e “frustrada”. Se, de todo modo, a mulher quiser ou precisar de um emprego, deve fazer tudo para “manter-se feminina”, com “delicadeza e ternura”, “cuidando para que sua integridade não sofra”. “Preocupação nenhuma, nem trabalho de qualquer espécie devem obscurecer o que o namorado, o noivo e o marido procuram na eleita do seu coração”: A companheira amorosa que governa sua casa e cuida de seus filhos.<sup>293</sup>

A partir dos anos 1950 e 1960, já há uma aproximação maior entre os sexos, mediada pelos cursos universitários que formam mulheres e introduzem novas

<sup>291</sup> PINSKY, 2018, p. 507- 508.

<sup>292</sup> PINSKY, 2018, p. 508. As citações todas são de *Jornal das Moças, O Cruzeiro e Querida* – revistas pesquisadas por: BASSANEZI, Carla. **Virando as Páginas, Revendo as Mulheres: Revistas Femininas e Relações Homem-Mulher 1945-1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996; BASSANEZI, Carla. **Mulheres dos Anos Dourados**. In: DEL PRIORÉ, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

<sup>293</sup> PINSKY, 2018, p. 508. As citações todas são de *Jornal das Moças, O Cruzeiro e Querida* – revistas pesquisadas por: BASSANEZI, 1996; BASSANEZI, 1997.

compreensões do ser mulher naquele contexto. Entretanto, a partir do final dos anos 1960, percebem-se as maiores mudanças na representação da mulher. Os assim denominados “Anos Rebeldes” introduzem novas fronteiras e identidades sempre mais plurais, provocando inúmeras mudanças nas ideias sobre o destino feminino, desvinculando-se do conceito reinante de um “destino natural da mulher”. Sobretudo nas cidades, onde a migração aproximou pessoas com estilos e princípios diferentes de vida, esse processo pôde transcorrer de forma mais acelerada, uma vez que estava acompanhado de uma consciência crítica sobre as desigualdades sociais, baseadas também no sexo e *status* social e, conforme Pinsky,

[...] não é à toa que, em 1962, as esposas brasileiras obtiveram, no Estatuto Civil da Mulher Casada, o reconhecimento do papel de “colaboradora” do marido na sociedade conjugal. [...] Ao longo dos anos 1960 e 1970, as diferenças curriculares entre alunos e alunas se dissolveriam, proporcionando melhores oportunidades às mulheres de concorrer a uma vaga na universidade e, claro, uma mudança de atitude com relação à educação superior da mulher.<sup>294</sup>

## E

[...] a escolaridade feminina seria vista como mais um passo na direção da independência financeira para as mulheres, além de uma forma de equiparar homens e mulheres na vida profissional. [...] O desabrochar do feminismo [...] completava o quadro das influências que contribuiriam para minar as imagens tradicionais de mulher, ampliando perspectivas e multiplicando os destinos individuais.<sup>295</sup>

Inúmeras bandeiras ideológicas novas foram levantadas e defendidas, sobretudo pelas jovens mulheres que aspiravam novos horizontes para seus projetos de vida. Entre as mais conhecidas e bem sucedidas, conforme Pinsky, estão “as garotas de minissaia”, “a mulher liberada”, “a dona do próprio corpo”, “em busca do equilíbrio”, “a companheira”, “a mãe moderna”, “a mulher batalhadora”, “a consumidora”, “a cidadã”, papéis diferenciados da mulher sobre os quais essa autora faz uma sucinta explanação em seu texto.<sup>296</sup> Vemos, assim, a lenta, mas decisiva passagem dos papéis rígidos sobre o feminino, estabelecidos ao longo das épocas anteriores, para o renascimento de uma nova mulher, sob os auspícios da modernidade, dando lugar a papéis mais flexíveis – inclusive para os homens –

---

<sup>294</sup> PINSKY, 2018, p. 514-515.

<sup>295</sup> PINSKY, 2018, p. 514-515.

<sup>296</sup> PINSKY, 2018, p. 515-541.

provocando uma revolução cultural de proporções gigantescas, que se estendem até a contemporaneidade.

Evidentemente todo esse processo não flui “naturalmente” sem contratempos e reações adversas se instauram por ambos os sexos em todos os níveis. Entretanto, a grande contribuição desse movimento emancipatório vai muito além da definição de novos papéis sociais e culturais para homens e mulheres. Estende-se aos níveis mais profundos de percepção social e autopercepção do ser humano em sua multiconstituição social, biológica, emocional, espiritual e outras naturezas, colocando em discussão antigos e consolidados conceitos sobre homem, mulher e semelhantes, definindo novos horizontes epistemológicos que se constituirão a partir dessa confluência cultural e histórica.

No âmbito das religiões esse processo não é muito diferente. Se cada época traz e conduz seus próprios limites e fronteiras, Katharina von Bora precisou fugir do mosteiro de Nimbschen com onze colegas, conforme retratado numa tradição<sup>297</sup> a respeito, porque o contexto patriarcal medieval limitava suas atividades e atuação com algum risco de morte, e notadamente se arriscaram e transpuseram os entraves em nome dos seus novos princípios de vida, pelos quais valeria à pena se sacrificar. Sobretudo Katharina construiu seu legado diante dos patriarcas do seu tempo, rompendo convenções legais e ideológicas, assim como inúmeras outras mulheres que, em seus distintos contextos se destacaram no primeiro movimento da Reforma.

Pode-se relacionar tantas outras personalidades femininas que, contra os princípios norteadores do seu tempo, romperam barreias inicialmente intransponíveis, mas contornáveis por desbravadoras de fronteiras de todos os tempos, como as atuais Elisabeth Schüssler Fiorenza, Luise Schottroff, Marcela Althaus-Reid, Maricel Mena López, Rosemary Redford Ruether, Silvia Regina Lima Silva, entre outras. Cito ainda nos limites da contemporaneidade latino-americana algumas teólogas como Elisabeth Salazar S.; Elsa Tamez; Judith Van Osdol; Maritze Trigos Torres; Mercedes L. García

---

<sup>297</sup> “Existe uma tradição que conta que a as 12 monjas fugiram do convento na madrugada entre o Sábado de Aleluia e o Domingo de Páscoa [...] na madrugada do dia 4 a 5 de abril de 1523 [...] Pode-se afirmar que realmente estavam convictas de deixar o convento [...] foram movidas pela teologia luterana que prega a justificação por graça e fé [...] sentiram que não precisavam mais sacrificar suas vidas dentro de um mosteiro, mas que tinham direito à felicidade, à liberdade e de viver suas vidas servindo a Deus lá fora, no mundo”. DALFERTH, Heloisa Gralow. Katharina von Bora. In: ULRICH, Claudete Beise; DALFERTH, Heloisa Gralow. **Mulheres no Movimento da Reforma**. São Leopoldo: Sinodal, 2017. p. 16.

Bachman; Ofelia Ortega, Sarahí García Gómez, entre outras, que, em seus textos,<sup>298</sup> demonstram o quanto hermenêuticas contextualizadas são possíveis e podem mudar o rumo ideológico e teológico bíblico.

Destacam-se também no Brasil o grupo de pesquisadoras e pesquisadores do Núcleo de Pesquisa de Gênero e Grupo Identidade, vinculadas a Faculdades EST/IECLB – São Leopoldo<sup>299</sup> e outras universidades coligadas que, com coragem e ousadia, lançam novos olhares sobre temáticas éticas e teológicas da contemporaneidade, como as já citadas Elaine Neuenfeldt, Wanda Deifeldt, Maristela Livia Freiberg, Lori Altmann, Claudete Beise Ulrich, Ivoni Reimer Richter, Anete Roese, Márcia Blasi, Gisela Isolde Wächter Streck, Marli Brun, Caroline Bezerra de Souza, dentre outras, que já percorreram esse caminho em suas jornadas pessoais e teológicas da atualidade. No contexto da Igreja Católica no Brasil, certamente devemos a Ivone Gebara (ecoteologia) a grande contribuição dessa temática no seu trabalho junto às mulheres pobres do Nordeste brasileiro, com seu trabalho no ITER de Recife, junto com a equipe de Dom Hélder Câmara e as obras por ela produzidas e já citadas.<sup>300</sup>

#### 5.4 O PORVIR DE UMA RELIGIÃO ECOLÓGICA: PERSPECTIVAS

Assim podemos retornar para Gebara, elencada entre as pioneiras da teologia feminista, quem comenta que uma das características da contemporaneidade é a destruição de nossos símbolos, do verde e da diversidade em nome das políticas do lucro, que dissimulam do grande público os problemas da radioatividade e da poluição. Também as Igrejas dissimulam a destruição de símbolos importantes no campo existencial.

[...] Falar dos lírios do campo, da erva verde, dos animais e florestas, da beleza dos rios e da partilha do pão era uma forma de indicar certa verdade existencial [...] hoje os lírios do campo são de plástico [...] ou produzidos em estufas [...] é cada vez mais difícil encontrar lugares [...] silêncio [...] paz e tranquilidade.<sup>301</sup>

<sup>298</sup> Textos em: OSDOL, Judith van (Org.). **As mulheres e a graça: Releituras bíblicas de mulheres latino-americanas**. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008.

<sup>299</sup> Veja: REFERÊNCIAS ADICIONAIS.

<sup>300</sup> Além das obras já citadas, Gebara também publicou **Maria, Mãe de Deus e Mãe dos Pobres**, juntamente com Maria Clara Bingemer: GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria. **Maria, Mãe de Deus e Mãe dos Pobres**. Petrópolis: Vozes, 1988.

<sup>301</sup> GEBARA, 1997, p. 91.

As religiões de mercado da contemporaneidade são muito barulhentas ao encenar os dramas da existência, em muitos lugares já nem existe o convívio com o verde, com o azul do céu, ar puro, estrelas e a lua em suas fases, pela manhã respiramos um monóxido de carbono um pouco mais leve, a destruição das matas e a poluição são experiências do cotidiano. As liturgias ainda repetem os mesmos cantares como se animais e plantas não corressem o risco de extinção.

[...] A religião repete o igual sem perceber que tudo já é diferente [...] já não é capaz de atuar eficazmente nos corações humanos [...] valores e símbolos religiosos [...] foram reduzidos a palavras vazias [...] símbolos que significam nossos sonhos estão enfermos.<sup>302</sup>

Isto é particularmente relevante para as religiões do imediato, que, por um lado, oferecem curas, prometem empregos, exorcizam entidades supostamente malignas, provocando momentos de convívio e alegria, mas por outro lado, não percebem a lógica da destruição presente na sociedade. Preferem atribuir os males a forças demoníacas, recuperando deuses, deusas e demônios que a modernidade havia perdido, responsabilizando espíritos malignos por nossa infelicidade, nossa dificuldade de nos solidarizarmos e sentirmos ternura fraterna. Assim, silêncios, omissões, conivências e cumplicidades nos atravessam no relacionamento cotidiano como uma grande metarreligião institucionalizada pelo mercado econômico internacional.

Para Gebara, se a experiência cristã sempre foi vivida de forma comunitária, particularmente ressuscitada pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), células familiares e outras formas de religiosidade coletiva, a crise dos movimentos sociais dos anos de 1980, a crise ecológica e a ascensão dos movimentos feministas nas igrejas introduziram uma nova crítica e reflexão sobre o exercício do poder, da sexualidade, das posturas racistas em diferentes lugares da América Latina. Os grupos que vivem uma crise mais aguda nesse contexto ainda são os(as) militantes e intelectuais que trabalham com movimentos sociais e projetos religiosos, sobretudo mulheres que atuaram em frentes sociais com inspiração cristã (patriarcal) e a crescente crítica do movimento feminista ao patriarcalismo tradicional levou à perda desses referenciais e a uma reorganização do sentido da vida a partir das mulheres.

---

<sup>302</sup> GEBARA, 1997, p. 92-93.

No entanto, essa busca de sentido por grupos minoritários contrasta, sobretudo na América Latina, com o crescimento de expressões religiosas fundamentalistas em catarse, louvando a Deus em alta voz e falando em línguas.

[...] Emocionam-se, choram, gritam. Curas, exorcismos especialmente sobre mulheres, solução de problemas econômicos e afetivos são o cotidiano dos programas de TV [...] novos deuses e novos demônios se digladiam no cenário público e privado [...] as religiões sem teologia elaborada proliferam a olhos vistos [...].<sup>303</sup>

Elas colaboram para a construção de uma cidadania supletiva, em que por certo tempo alguém se sente valorizado, pertencendo a uma comunidade que ora por ele ou ela, saindo da orfandade social para uma experiência de filiação, do anonimato ao reconhecimento, do desprezo ao valor.

Entretanto, não se questionam as estruturas sociais, as soluções são pessoais e provêm de entidades supraterestrres invocadas com convicção e insistência. Estes grupos geralmente mantêm as mulheres subalternas, casos concretos de violência conjugal não são relatados para evitar o escândalo público, os conteúdos teológicos sublinham a superioridade masculina e a obediência das mulheres à autoridade patriarcal, tornando-se “irmãs”, convencidas que há uma hierarquia divina a ser respeitada. Isto traz limites profundos para uma teologia feminista e ecofeminista, “[...] nosso discurso se defronta com outros, mais poderosos e imediatistas. Nossas práticas surgem como muito exigentes para um povo que carrega uma centenária cultura de submissão escravista”.<sup>304</sup>

Além disso, estamos acostumados e acostumadas a combinar diversos credos e teologias, refere a autora, em síntese até antagônicas para os teólogos, teólogas e intelectuais, mas as pessoas no cotidiano conservam os elementos que lhes servem. Assim,

[...] pode-se pertencer ao candomblé e à irmandade católica do Senhor do Bonfim, filiar-se à ordem terceira franciscana e ao movimento carismático, ser católica, estudar teologia com os luteranos e consultar-se com um guru espírita ou budista.<sup>305</sup>

---

<sup>303</sup> GEBARA, 1997, p. 98.

<sup>304</sup> GEBARA, 1997, p. 100.

<sup>305</sup> GEBARA, 1997, p. 100.

Eis a complexidade do fenômeno religioso atual que grupos políticos e religiosos conhecem muito bem, assim como as necessidades populares imediatas e como explorá-las em seu benefício. Precisamos repensar a religião, mas o que é mesmo a religião, pergunta a autora diante da biodiversidade religiosa que enfrentamos, reportando-se a Rubem Alves que, ao referir-se aos animais e demais seres vivos, que pouco ou nada mudaram em seu *habitat* e em seu desenvolvimento, refere que:

[...] fato é que os homens se recusaram a ser aquilo que [...] o passado lhes propunha. Tornaram-se inventores de mundos [...] transformaram seus corpos [...] inventaram bandeiras [...] enterraram seus mortos e os prepararam para viajar [...] entoaram lamentos [...].<sup>306</sup>

Assim como a biodiversidade da Terra, do Cosmos e das culturas, podemos também falar de uma biodiversidade da religião. Isso significa que não há uma só maneira de entender a religião, mas que isto depende do lugar e momento histórico em que estamos inseridos, e desenvolver um respeito a essa diversidade começa com a linguagem sobre o sentido da vida, que no coletivo pode-se encontrar, conflitar, excluir. A teologia feminista foi a reflexão que mais se abriu para a acolhida dessa diversidade e à crítica dos dogmatismos religiosos. Tal crítica

[...] quer recuperar os corpos excluídos e particularmente os femininos; quer ainda recuperar a religião como construção artística humana, marcada pela diferença de nossas percepções embora também pelas similitudes entre elas [...] a partir da vida criamos ritos e ritos religiosos [...] para momentos importantes.<sup>307</sup>

A biodiversidade religiosa também abre portas dentro das confissões religiosas institucionais, na medida em que começa a tecer laços qualitativos entre as pessoas a partir de pequenas comunidades de interesse comum como os diferentes tipos de homens e mulheres, brancos, negros, mestiços, heterossexuais, homossexuais, bissexuais, cuja teia de sofrimentos, alegrias e esperanças, respeitados em suas diferenças, promovem novamente encontros fraternos e sororais entre as teologias biodiversas. Tal

[...] biodiversidade pode ser constatada nos limites de uma família, na originalidade de cada criança, no pluralismo dos gostos alimentares, das

<sup>306</sup> ALVES, Rubem. **O que é religião?** 15. ed. São Paulo: Loyola, 2014. p. 19.

<sup>307</sup> GEBARA, 1997, p. 103.

combinações, dos temperos [...] afirma o caráter processual, evolutivo do Cosmos, da Terra [...] atinge as nossas crenças mais profundas.<sup>308</sup>

Assim também refere Neuenfeldt,<sup>309</sup> ao comentar o conceito de biodiversidade religiosa proposto por Ivone Gebara, que

[...] a biodiversidade religiosa é a acolhida profunda das diferentes tapeçarias e é um exercício de ultrapassar nossas pretensões de que um só grupo deva ser o portador da verdade única e, portanto, poderia dar-se o direito de apresentar receitas salvíficas para todos. [...] implica uma postura de humildade a partir da qual não pode haver poderes absolutos que comandem o sentido da vida ou a arte de tecer tecidos e evocar presenças que nos são caras.<sup>310</sup>

Para Neuenfeldt, ao posicionar a religião na trama dos relacionamentos sociais, resgata as experiências religiosas das mulheres, permitindo que experiências de negação e silêncio sejam avaliadas a partir de lugares onde estas exerçam protagonismos em funções ligadas ao gênero, em uma metodologia que envolva a suspeita, a leitura nas entrelinhas, no estudo contextual da cultura que as cerca e determina suas experiências.

[...] a experiência religiosa das mulheres é marcada pela mobilidade, pela capacidade de transgredir as fronteiras, de ultrapassar os espaços e limites definidos. [...] uma perspectiva integral e não fragmentada, pois parte da vida cotidiana. A relação com a divindade acontece a partir desse espaço doméstico, caseiro e familiar. É a vivência de um Deus familiar, próximo, que se mistura com as preocupações da vida cotidiana.<sup>311</sup>

Isso pode mudar nosso conceito de unidade e identidade, ajudando-nos a refazer nossas relações humanas através da misericórdia e respeito mútuos. Acolhendo as diferenças nos ajuda a ultrapassar nossas pretensões de manipular receitas salvíficas e nos inspira a compreender e viver a humildade proposta por Jesus. Isso não significa que tudo é aceitável, pois a barbárie também é religiosa, mas significa assumir lutas contra as forças de destruição nos espaços religiosos, em que, em nome de deus, se destronam outras divindades.

Para Gebara, “[...] educar a nós e às novas gerações para estabelecer uma ligação subjetiva a todos os seres, capaz de interromper a exploração e destruição do

<sup>308</sup> GEBARA, 1997, p. 106.

<sup>309</sup> NEUENFELDT, Elaine, G. Mulheres e experiência religiosa – um lugar de encontros. **Protestantismo em Revista**, v. 04, maio/ago. 2004.

<sup>310</sup> NEUENFELDT, 2004.

<sup>311</sup> NEUENFELDT, 2004.

planeta e de sua população. Educar no respeito à diferença e à sua riqueza”.<sup>312</sup> Esse é um dos grandes desafios desse milênio, cujo longo caminho terá suas custas e as religiões têm uma grande responsabilidade social de ajudar a desenvolver essa sensibilidade fraterna e sororal para amar a Terra e a comunidade humana, após esse longo período de exploração e devastação sem medida. Também no interior das religiões patriarcais tradicionais talvez encontremos brechas para sairmos da cumplicidade em relação à devastação universal, que levem a novos caminhos e novos significados da religião, na produção de uma nova esperança para todos e todas, conclui a autora.

As mulheres, de um modo geral, talvez pelas arbitrariedades a que estiveram dispostas, empreenderam-se com mais rigor e ênfase na recuperação desta fraternidade/sororidade contemporâneos, e na instituição social em que isso mais transparece, a família. Diante das mudanças e equívocos institucionais, foram à luta, ficaram sozinhas, assumiram suas famílias com trabalhos remunerados e não remunerados, constituíram e reconstruíram novos lares e famílias. Quando estabelecidas, forçaram sua entrada nas universidades, até então restritas aos homens de poder, tomaram seus lugares e agora atuam nos centros de pesquisa com igual competência. Na vida privada, ampararam e acolheram seus protegidos, ainda que, por vezes, inibidas, por se situarem em contextos periféricos de ação e representação social.

Concluimos que também na IECLB passamos por esse processo de emancipação feminina ao longo dos últimos 60 anos, em que teologias de influência fortemente androgênica foram enfrentadas por mulheres em diferentes campos de atuação e também no Ministério com Ordenação da IECLB. Inicialmente ainda inseridas em contextos masculinizados, paulatinamente revisitaram as diferentes teologias europeias e norte-americanas, estabelecendo seus alicerces mais especificamente no contexto da Teologia da Libertação, na qual estruturaram a Teologia Feminista da Libertação, que, desde a década de 1980, vem evoluindo no contexto da Teologia Luterana, sobretudo em sua casa maior na EST-IECLB. Bebendo dessa fonte inesgotável, cujos alicerces se fundamentam no amparo e reformulação dos direitos humanos, especificamente na inclusão de novas fronteiras teológicas entre as camadas mais pobres e humildes da população brasileira, na

---

<sup>312</sup> GEBARA, 1997, p. 112.

conquista de novos espaços profissionais, na propulsão da justiça e igualdade de Gênero, na incorporação de teologias periféricas de diferentes matizes e origens, enfim, na valorização da mulher como igual no jogo dos poderes seculares e religiosos, que definem sua nova identidade como participante igualitária e diretiva no desenvolvimento do Reino de Deus em diferentes Igrejas e confessionalidades. Suas múltiplas e diversas experiências de dor e amor nos seus cotidianos serão mais uma vez ouvidas e refletidas no próximo subcapítulo.

### 5.5 A ATUAÇÃO DAS PASTORAS NA IECLB: ASPECTOS RELEVANTES

De forma poética e com muita astúcia teológica, a pastora Louraini Christmann<sup>313</sup> introduz as mulheres como interlocutoras bíblicas nos dois testamentos, nas narrativas dos seus contextos de vida e respectivas hermenêuticas teológicas ali representadas. Ainda que permeadas por um patriarcalismo androgênico, são elas que formam elos importantes na constituição da vida pública [e também privada] do povo de Israel e, sobretudo, nas narrativas do nascimento do cristianismo em seus primórdios hebraico-romanizantes. Não é preciso lembrar que da vida secular de Tamar surge a linhagem de Davi e do corpo de Maria nasce Jesus. O corpo feminino não permaneceu ausente nas grandes narrativas das epopeias hebraico-cristãs, conforme nos mostra a Louraini na beleza e leveza poética de sua narrativa em verso e inverso.

#### “O Ministério Pastoral Feminino e as Mulheres da Bíblia”<sup>314</sup>

Quando nasce uma pastora  
 Muita coisa se gestou  
 Com sacrifício e luta  
 Muita coisa se passou  
 Foi preciso persistência  
 Pra chegar onde chegou.

O Espírito de luta

<sup>313</sup> CHRISTMANN, Louraini. **Celebrando em poesia**. São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 32-33.

<sup>314</sup> MINISTÉRIO PASTORAL FEMININO - Hoje denominado: “MINISTÉRIO COM ORDENAÇÃO DA IECLB”.

Nós forjamos é da Bíblia  
A partir da experiência  
De Deus com filhos e filhas  
Por exemplo, na vivência  
Da profetiza Miriam.

Com astúcia e inteligência  
Salva a vida de um menino  
Que depois sempre a seu lado  
Faz com o povo seu destino  
E por fim com a vitória  
Dança e canta ao Ser Divino.

Com coragem e liderança  
É que Débora atua  
Desafiando os poderosos  
Com Deus ela compactua  
Gestando organização  
Põe seu exército na rua.

E Raquel que é pastora  
Pastoreando no deserto  
Apascentando o rebanho  
Sem nem água ter por perto  
Pra abrir um poço se une  
Com os companheiros, e dá certo.

E Hagar que é escrava  
Explorada por sua dona  
E por seu dono, que a usa  
E depois a abandona  
Fica firme, vai em frente

A esperança não destrona.

A atitude de Raabe  
É mais um exemplo bom  
Pois abriga em sua casa  
Do povo de Deus o espião  
Viabilizando a promessa  
Da terra, a ocupação.

E a esperança toda de Ana  
Que contra toda esperança  
Aposta no seu grande sonho  
Sonho que em Deus alcança  
E com muita fé e alegria  
Pôde ter sua criança.

O exemplo de Noemi e Rute  
Também nos é perfeito  
De como unidas podemos  
Conquistar nosso direito  
Tudo de acordo com a história  
Tudo conforme nosso jeito.

E a mulherada toda  
Que a Jesus tanto buscava?  
Que até mesmo contra a lei  
Jesus sempre escutava  
Tinham nele o compromisso  
Do qual sempre precisavam.

A mulher samaritana  
Tem disponibilidade

Soube ver em Jesus  
O mestre da liberdade  
E assume ser missionária  
Pioneira em sua cidade.

Maria de Betânia é que entende  
O evangelho por completo  
Pois unge seu rei para a morte  
De um jeito bem correto  
Misturando à tradição  
Muito carinho e afeto.

Com aquela mulher sem nome  
Jesus infringe uma regra  
A desigualdade entre sexos  
Com uma palavra ele quebra  
Quem não tiver um pecado  
Atire a primeira pedra.

E aquela experiência  
Entre Maria e Isabel  
Que sabem se comunicar  
Num relacionamento fiel  
E mutuamente se buscam  
Pra desempenhar seu papel.

De Maria nasce Jesus  
De Isabel nasce João  
E de tantas outras mulheres  
Renasce a revolução  
Revolucionando o mundo  
E também o coração.

De nós também nasce mudança  
Nossa missão é igual  
Temos muito a transformar  
Neste mundo desigual  
Pra isso Deus nos capacita  
No ministério pastoral.

### **5.5.1 Ser Mulher, ser Mãe, não interfere no Ministério Pastoral**

*Pra isso Deus nos capacita no Ministério Pastoral* nos lembra que não só todas, mas também todos, inclusive os homens, são capacitados por Deus com habilidades e competências com as quais servem nos diferentes ministérios que abraçam e se especializam. Restringir este servir a determinados gêneros ou categorias, assim como o fazem algumas Igrejas e Congregações, no mínimo agride a infinita doação divina de capacitações e habilidades concedidas pela Graça divina. Por esta razão, não se justifica a exclusão de mulheres, assim como também de homens, que não se identificam com os modelos sociais e culturais através dos quais comunicamos o amor e a Graça divina aos nossos semelhantes, nem sempre “assemelhados” aos modelos teóricos e práticos que ora praticamos.

Ali se incluem os e as rebeldes, os opositores e as opositoras ideológicos (as) e teológicos (as) e sobretudo as mulheres que ingressando nos diferentes Ministérios imprimem também novas características a partir do seu trabalho e atuação nas paróquias e comunidades. Inclui também os novos posicionamentos e reflexões que são geridos a partir de suas dinâmicas em relacionamentos com colegas de trabalho, tutores e tutoras teológicos, instâncias de governo eclesiástico, enfim, com os estatutos da Ordem Eclesiástica a que todas e todos são sujeitas e sujeitos.

No que tange ao trabalho e atuação das pastoras na IECLB, a primeira grande questão usada para afastá-las do Ministério Pastoral diz respeito à sua capacidade mais fundamental de gerar novos seres em seu ventre e por isso sua suposta indisposição para o exercício pleno do Ministério Pastoral, por seu afastamento temporário e eventual do trabalho por esta razão. No transcorrer das últimas décadas, esta condição foi suficientemente contemplada por leis e normas na governança

secular e também eclesiástica. Outrossim, nem por isso essa questão ficou resolvida no contexto das paróquias e comunidades, que imbuídas desses argumentos, dentro de concepções retrógradas e machistas que ainda subsistem, dificultam ou até impedem o ingresso de pastoras em seus rebanhos ideológicos e teológicos.

Entretanto, uma das respostas e afirmações mais frequentes encontradas nos formulários de pesquisa recebidos para compor o corpo dessa tese foi que *ser mulher, ser mãe, não interfere no trabalho pastoral*,<sup>315</sup> argumentando que existem inúmeras outras profissões exercidas por mulheres em iguais condições de vida, sujeitas às mesmas prerrogativas de afastamento temporário do trabalho exercido, sem que isso demande uma interrupção do seu contrato de trabalho. Pelo contrário, a partir de suas experiências no dia a dia, as pastoras informam que *ser mulher e ter pouca idade causaram estranheza no campo de trabalho*, o que sugere que o argumento que as afasta é de natureza andrógina, misógina ou até teológica. Algumas delas citam, por exemplo, a dificuldade de incluir mulheres nos presbitérios em campos de chefia, como presidentas e tesoureiras, sugerindo pouco confiança nestas em tais representações. De fato, as várias citações de que *o trabalho da mulher precisa ser validado pelo homem para ter reconhecimento*, mesmo que haja a concepção ministerial de que *não tentei substituir o pastorcentrismo por um pastorcentrismo*, sugerindo ter encontrado uma forma própria de fazer as coisas, *“isso tirou de mim o foco, logo não mudou muito o fato de ter uma mulher neste papel e não um homem”*. Informa ainda a pastora que *na equipe pastoral tentei desmistificar as questões relativas ao feminismo e direito das mulheres, cidadania e fé religiosa, sempre acompanhei meu esposo em acampamentos [...] diante dos colegas de trabalho, nós mulheres fomos nos tornando conhecidas*. Outra pastora refere que *sempre tentei fazer diferente [...] continuar o que já estava acontecendo, mas colocando o meu jeito de ser mulher-pastora, de ser pastora-mulher*.

Com muita honestidade e franqueza, em um diálogo sincero e respeitoso, elas foram criando novos espaços dentro dos espaços já conhecidos, desmistificando e variando o jeito de ser de quem assume um lugar de liderança pastoral, *fui mudando a ideia de como o altar se torna um lugar de respeito com meu jeito de mulher, sempre*

---

<sup>315</sup> Neste capítulo, todas as citações constantes nos formulários de pesquisa estarão em itálico. Estas citações já foram devidamente referenciadas e aqui se pretende apresentar uma redação mais fluente, dispensando a repetição das fontes.

*tentei passar a maravilhosa ideia/certeza de que Deus também é mulher. Esta é uma mensagem maravilhosa para as mulheres e vemos isso nas reuniões da OASE e da JE, muitas mulheres tinham apenas esse dia para se sentirem importantes, amadas [...] resgatar a autoestima delas, reconhecer erros, pedir perdão, deixar que o evangelho nos guie, mantendo o respeito e a diversidade de forma saudável, por vezes nem percebemos – quando o trabalho toma conta do nosso ser - que essas coisas tão simples eram tão importantes.*

*Muitas vezes nem temos tempo para pensar, refletir, conceituar, o trabalho vai se definindo à nossa frente e precisamos dar conta, refere outra pastora, com muita alegria vem o primeiro filho... o segundo... a terceira e meu marido e eu fomos assumindo esta família querida em conjunto, com muitas dificuldades, os desafios iam aparecendo e eu ia dando conta, como também acontece em outras profissões, e que não impede de se fazer um bom trabalho em conjunto. Por vezes, há incompreensão diante das insatisfações expressas, um certo retrocesso no que diz respeito à formação e a pouca reflexão traz dificuldades diante de temas como relações justas entre homens e mulheres, equidade e justiça socioeconômica, diversidade religiosa e cultura porque pessoas pensam e sentem de formas diferentes, mas o respeito mútuo mantém o diálogo em amor.*

*Se a IECLB nos reconheceu foi porque nós trabalhamos para isso comenta uma pastora e louvamos a Deus por isso, por seu filho Jesus Cristo, que resgatou o valor e a dignidade de cada ser humano, especialmente das mulheres, idosos e crianças e eu mesma me considero uma mulher pastora agraciada pela possibilidade (oriunda do trabalho na roça) de poder ter estudado Teologia na EST e continuado os estudos em nível doutoral e pós-doutoral, por poder trabalhar naquilo para o qual fomos vocacionadas. Especialmente a Teologia Feminista da Libertação é uma temática fundamental para resgatar nossas dignidades em um contexto de violência e morte de mulheres. Sem esse instrumento em mãos lutaríamos sozinhas contra as forças da dominação patriarcal ainda presentes em nossas paróquias e comunidades.*

*Outra pastora exprime sua satisfação pelo trabalho na IECLB referindo que nunca deixei de demonstrar meus sentimentos, minha linguagem simples e estou muito satisfeita comigo mesma, em processo constante de desconstrução e reconstrução e sente muita gratidão porque sempre foi agraciada com muito perdão pelas suas fraquezas e falhas e nunca ficou sem trabalho. Assim tem enfrentado*

dificuldades como todas as outras mulheres e homens no exercício de suas profissões, reunindo forças por meio da fé e de outras mulheres e homens que a sustentam em momentos difíceis. Assim ela crê na força da comunhão e sofre com as injustiças.

Também há situações de muita frustração, derrotas intermináveis, más escolhas, saúde alquebrada, rejeição e inúmeras outras situações em que pastoras se cobram demais, com critérios muito duros, afinal *é preciso ter uma armadura melhor sendo mulher*, sabendo que *muitas paróquias nem aceitam nosso currículo por ser mulher, inventando desculpas esdrúxulas*. Várias participantes citam enfrentar comentários machistas no sentido de ter que provar diante de todos e todas as suas capacidades e mesmo assim encontram resistências ao lidar com tradições androgênicas estabelecidas – batismo feito por pastor tem mais valor – e quando há um casal de pastores na paróquia, mesmo algumas mulheres preferem conversar com o marido pastor. No final, percebem que muitas têm experiências parecidas e por isso criaram *um espaço seguro para apoio mútuo, produção de conteúdo e busca de direitos*, e assim irmanadas continuam sua luta contra os preconceitos, e diante dos novos desafios buscam sua legitimação.

### **5.5.2 Experiências intrapessoais com colegas, comunidades/paróquias são muito importantes para a manutenção do Ministério Pastoral**

Entre as alegrias relatadas por diversas participantes, consta um *bom relacionamento com pessoas e colegas, construir grandes amizades, formação de lideranças, diaconia transformadora, trabalho ecumênico, diálogo inter-religioso*, dimensionando que o resultado de um bom trabalho pastoral se situe justamente neste âmbito, em que a relacionalidade assume um papel preponderante. Poderia se supor que a gratificação pelo trabalho realizado está muito relacionada à capacidade de se inserir no contexto a partir da compreensão da história da comunidade – *consegui me inserir sem maiores dificuldades na estrutura existente, mas com novas perspectivas [...] fui colocando meu jeito de ser mulher. As comunidades aceitaram muito bem a simbologia, teatro, pessoas tocando instrumentos musicais e puxando canções, não era mais eu o centro das atenções*.

Isto também reformula o idealismo patrimonial hierárquico que ainda vigora em muitos setores da vida comunitária, levando somente à reprodução dos modelos já existentes, como se expressa uma pastora às vezes *sinto que fui apenas uma agendadora de tarefas e eventos, tentando sobreviver num ambiente extenuante e solitário, calada e tutelada pelos presbitérios [...] com a sensação de irrelevância, frustrações e decepções*. Por outro lado, quando há um relacionamento sincero e aberto, em que viceje o diálogo, normalmente também estão presentes apoio e incentivo mútuos, como se expressa uma pastora *temos uma boa convivência, sempre conversamos muito, com diálogo chegávamos a um consenso, os colegas foram receptivos, dividindo trabalhos e responsabilidades*. Nesse mesmo sentido, outra pastora comenta o *colegiado pastoral (pastores, pastora e catequista mulher) reunia-se mensalmente [...] havia grande coesão e sintonia pastoral e teológica e também na relação de amizade, o que era percebido nas comunidades [...] fazíamos rodízio de púlpito e nos visitávamos para confraternizar, foi um tempo de muita reflexão, amadurecimento e solidariedade*.

Tal postura também reflete na comunidade: *foi ouvindo, acolhendo, aconselhando, avaliando [...] conhecendo os meus limites [...] as comunidades me receberam muito bem, compartilhando suas experiências, anseios e medos, creio ter podido desenvolver um trabalho bonito (de forma especial nas periferias e entre a gente mais simples, sempre relegada)*. Em outra comunidade, a expectativa era uma visitação geral aos membros e ao priorizar tal expectativa *pudemos “firmar as estacas e ampliar a tenda”* comenta a pastora. Entretanto, sabemos o valor das expectativas mútuas no trabalho pastoral e também se faz mister estabelecer alguns limites entre ambas as partes, o que transparece em outra narrativa: *deixei a desejar muitas vezes, mas nunca coloquei-me a necessidade de preencher os desejos de tantas comunidades diferentes, de tantas pessoas especiais e de outras pessoas nem tanto (nunca pensei em ser a melhor, sempre pensei em conseguir fazer o meu possível: este eu fiz, precisei aprender a dizer não)*.

Observando os próprios limites e fronteiras, faz parte de qualquer trabalho saudável, o que foi bem expresso pela pastora ao constatar que *a superação se dá dentro de um processo que vai acontecendo até naturalmente, a maturidade que se constrói ao longo desse processo permite olhar e aceitar os limites com mais “humanidade”* e outra pastora comenta neste quesito *meus limites pessoais estão*

*comigo como realidade, como minha finitude... emoções fortes em horas “inadequadas”, por exemplo, convivo com os limites, às vezes bem, às vezes mal e os limites da comunidade também precisam ser estabelecidos.*

Nem sempre há clareza na comunidade/paróquia sobre o nível de intimidade e respeito que se fazem presentes no contexto da vida pastoral entre a pastora, o pastor e as demais pessoas que circulam no ambiente próximo da Igreja. Há locais em que se mantém a devida distância entre Igreja e casa paroquial, por exemplo, mas noutros, membros e transeuntes supõe-se também “donos” desse patrimônio e julgam coerente invadir espaços íntimos e familiares da família pastoral ao ponto de trazer constrangimentos e ciúmes que agridem ambas as partes. Assim relata uma pastora que *tinha dificuldades em garantir um espaço e tempo privados, casa pastoral invadida por membros sem bater na porta, portas sempre chaveadas (mesmo para ir na horta), pessoas sentem-se autorizadas pois a casa é deles, casa pastoral é uma não-casa, um não-abrigo.*

Essa questão nos leva à, por vezes, difícil relação entre membros, presbitérios e pastoras e pastores quando o poder auferido por cargos ou questões patrimoniais são supervalorizados, como expressa a pastora *há uma crescente bricolagem da fé e uma preocupação patrimonial nem sempre reflete o maior patrimônio que são as pessoas, [...] a gente percebe grupos de pessoas que se perpetuam em cargos dos presbitérios, seja para exercer poder ou pela dificuldade de trabalhar com pessoas de visões diferentes.* Outra pastora refere que *desde que iniciei o pastorado, vejo que mudou muito, atualmente os presbitérios das comunidades se entendem como patrões e não parceiros e parceiras na proclamação do Evangelho, querem um evangelho água com açúcar e quando não agrada mais, rompem com os contratos de trabalho.*

A *pressão por desempenho*, no entender dessa pastora, interfere qualitativamente no trabalho realizado, levando a competições entre colegas, aludindo que o trabalho em equipe *seja visto como corpo mole, preguiça ou incapacidade, cada qual está tendo que defender o seu emprego (me dói muito dizer isso).* Assim, *as demandas aumentaram e o individualismo narcísico também, há poucos trabalhos coletivos em projetos que visam transformações significativas da sociedade.* Entretanto, *a teologia é pública e necessita refletir sobre o público, democracia,*

*cidadania, ecologia, economia, pois estes também são temas da ética, a teologia tem estômago e no momento tem muita gente passando fome.*

Diante de tudo isso, é hora de rever nossas teologias e atualizar nossos conceitos teológicos [...] *tenho cada vez mais a convicção de que sem estar próxima ao cotidiano das pessoas, a pregação do Evangelho são somente palavras não encarnadas. [...] os conceitos teológicos nos ajudam a pensar e a imaginar, a dar conta de nossa fé em palavras e celebrações, ações junto às pessoas mais necessitadas, a fazer a nossa travessia cotidiana e derradeira com sentido, é preciso estar em constante atualização através de leituras e, quando possível, buscar formação complementar.* Partindo desse contexto uma pastora assevera que *a Teologia Feminista e Ecofeminista tem a preocupação com a casa maior em que tudo existe, grupos identitários com posturas ecumênicas e dialogais (ainda há muito medo de seguir esse caminho: quem vai comigo? Que presbitério daria liberdade para trabalhar nessa linha? Que comunidade estaria aberta para essas novas possibilidades?*

Todas essas preocupações também estão em coerência com a Teologia Ecofeminista de Ivone Gebara, que parte da sensibilidade do corpo e suas vicissitudes, em que a referência para a teologia é o corpo, em seu conjunto de necessidades e virtudes – a espiritualidade é um aspecto desse ser, não sua suposta essência – e esta teologia sempre será inclusiva, assim como o corpo inclui diferentes dimensões do ser mulher ou ser homem ou ser em outras formas de generidade. Em razão disso, uma pastora reflete: *não entendo lideranças locais e colegas com atitudes excludentes. Nosso Deus Pai e Mãe de nosso Senhor Jesus Cristo jamais exclui pessoas homoafetivas, negras, pobres, mulheres, jovens e crianças.* Esta deveria ser a meta final de qualquer Igreja, paróquia, comunidade, de integrar as muitas diversidades e alteridades presentes em seu meio. Infelizmente, constata essa pastora, *a grande maioria das questões prementes em nossa sociedade, das quais depende a sobrevivência da vida, está sob o poder de pessoas masculinas, brancas, velhas e ricas – a vida está mais do que nunca ameaçada.*

Em razão disso, comenta uma pastora, *os referenciais da Teologia da Libertação e da Teologia Feminista têm contribuído vitalmente para os trabalhos pastorais e docentes realizados ao longo de 36 anos de teóloga e 31 anos de pastora. Sinto-me em constante formação, para mim a Teologia da Cruz, relida a partir da Teologia da Libertação, é atual e fundamental no contexto brasileiro e da América. A*

*Teologia Feminista da Libertação é uma temática fundamental num contexto de violência e morte de mulheres. A pastora externa sua gratidão por poder colaborar com a formação profissional de mulheres e homens de todas as idades, classes e etnias. Refere que participa também da educação teológica e ética em nível pastoral, social e ecumênico e, sobretudo, vivo cotidianamente a teologia, a pastoral e a fé que experimento, vivencio e desenvolvo, com suas ambiguidades e complexidades, alegrias e dificuldades, sou grata a Deus e a todas as mulheres e homens que fazem parte dessa caminhada.*

Saudosamente, uma pastora lembra que a *IECLB se fechou muito, irreconhecível a de hoje se comparada com aquela que busquei nos anos 1980 pela sua voz profética [...] a estrutura nem sempre enxerga ministras e ministros como parceiros, tentando manter a paz comunitária num mundo sempre mais polarizado [...] parece ser uma estrutura por demais cansada, amedrontada, pressionada, quem ocupa cargos sinodais e nacionais se sente sem base de apoio, está tentando conciliar interesses muitas vezes diametralmente opostos.* A pastora considera que houve alguns erros na divisão dos Sínodos, formando guetos teológicos e financeiros, e com a desarticulação do Centro de formação Teológica (assim como o fim da APPL, dos encontros de pastoras e estudantes de teologia) *agora somos estranhas, não nos conhecemos e temos dificuldades de nos relacionar com a alteridade.* A partir desse processo *desistimos do diálogo e simplesmente fizemos a partilha dos despojos, aprofundando a sensação de isolamento e abandono de Ministras e Ministros que são a ponta da lança (Pastoras têm ficado sem emprego mais frequentemente e por mais tempo, estamos mais expostas e fragilizadas).*

A pastora refere que *desde o Concílio de 1992 a IECLB se burocratizou e ficou ainda mais distante do povo, a estrutura sinodal engessou a IECLB.* Evidentemente no mundo contemporâneo criamos contextos sempre menos lineares, em que sempre mais *pessoas pensam, sentem e vivem de formas diferentes* (a alteridade se impôs como norma), *e aí é imprescindível o respeito pela outra pessoa e que sempre se mantenha o diálogo em amor.* Outra pastora comenta que nem sempre é possível ter colegas próximos para dialogar e, por vezes, estes estão acuados ou coniventes com [...] ou até pastoras são isoladas em seus grupos, como refere uma pastora *não tenho colegas de trabalho na minha comunidade, ninguém me acompanha, tenho colegas em outras partes do Brasil e em grupos ecumênicos.* Pastoras sentem falta de

parcerias entre colegas do grupo sinodal, *falta entrosamento [...] se percebe um aumento na questão individualista, questão de opiniões e de realidades tem melindrado muito a gente, levando a nos protegermos sozinhos [...] a saída é a união e não a divisão, o trabalho em equipe, sem disputa de egos.*

### **5.5.3 A Vida Pastoral em Família**

O contexto familiar pastoral tem suas próprias características, mas respeitadas as diferenças, não difere fundamentalmente em sua estrutura, salvo quando em situações particulares há dicotomias e alienações sociais reinantes. De um modo geral, pode-se dizer que, nos formulários enviados, houve uma acentuada preocupação com a família, seja por razões eclesiais e teológicas contextuais, seja pela dificuldade em administrar determinados conflitos e suas demandas. Evidentemente isto tem a ver com a maturidade e número de anos de convivência assim como pela qualidade das relações e suas intimidades. Há relatos de esposos e companheiros amigos, conscientes, apoiadores, assim como relatos de conflitos e disfunções por vezes diante da própria paróquia/comunidade, que a seu modo apoia ou afasta os envolvidos.

Uma frase de impacto em um dos formulários foi de que *o primeiro e mais importante ministério é servir em nossa casa [...] temos dois filhos, os quais para nós têm prioridade maior que o Ministério.* Quisera que esta frase fosse tão verdadeira em sua execução como o são as palavras que a mantêm. Os formulários de pesquisa recebidos até demonstram positivamente o quanto famílias pastorais são abençoadas, sensíveis, amorosas em ternos laços de boa convivência, mas também demonstram o quanto as narrativas podem ser coloridas em suas preocupações e demandas, como em qualquer outra profissão.

Em um relato de um casal de pastores, a pastora refere que *muitas vezes não foi fácil conciliar as expectativas em relação a eles [filhos], mas sempre ficou muito claro que a pessoa contratada sou eu, eu abracei o Ministério, tem conta que eles pagam junto, mas a escolha do Ministério é minha e não deles, então dou o máximo de liberdade para participarem das atividades comigo ou não.* Tal liberdade parece salvaguardar um pouco situações conflituosas que surgem na confluência dos filhos participarem ativamente nos programas da atuação pastoral dos pais.

De um modo geral, filhas e filhos em famílias pastorais são visivelmente mais monitorados e julgados pela fronteira externa da comunidade, como expressa uma pastora: *Nossos filhos e filha recebiam críticas covardes com absoluta falta de respeito (cabelos longos, músicas que ouviam e tocavam eram motivos de críticas [...] muitas vezes traziam suas queixas de como eram comparadas a outras jovens – porque a filha da pastora precisa ser bem comportadinha)* são apenas alguns aspectos das demandas entre filhas e filhos de pastoras e pastores, fato já de conhecimento na pauta eclesial da IECLB.

Outrossim, chama a atenção também um relato que refere: *tenho a obrigação de dizer que fui uma pastora muito privilegiada no quesito família (nunca esquecerei das manhãs de domingo quando, depois da celebração de dois cultos, chegava em casa e a família todinha estava reunida com o almoço pronto, apenas esperando pela mãe – amores da minha vida), [...] muito choro, muito abraço, muita conversa saudosa, muita memória cultivada em família.* Alguns relatos nos formulários não entram em detalhes dessa natureza, sugerindo apenas que os filhos estão bem encaminhados ou nem mesmo os nominam em sua natureza filial. Outros relatos apontam mais claramente para as dificuldades que enfrentaram no transcorrer do seu desenvolvimento, pois *não conseguimos separar trabalho e vida familiar*, demonstrando a simbiose que caracteriza esta relação na dinâmica da vida pastoral. *Com certeza a família pastoral sempre sofre muito, a vida privada muitas vezes não é respeitada. Eu tenho consciência de que muitas vezes deixei a desejar em casa, sempre tivemos que terceirizar grande parte das atividades de manutenção da casa.*

Mais difícil ainda é a situação quando há algum grau de disfunção matrimonial que restrinja um relacionamento confiável e acolhedor, conforme relata uma pastora, *era um relacionamento abusivo e disfuncional, marcado por muita manipulação e jogos de poder, houve muitas traições da parte dele ao longo dos anos, fiquei sabendo das últimas no final do casamento [...] demorei muito mais para criar coragem e romper esses laços, estava isolada de redes de apoio, tive medo de ficar sem o emprego no pastorado [...] meu trabalho ainda era o único sustento para mim e minhas crianças.* Além disso, *havia ameaças de morte e outros tipos sórdidos de chantagem e abuso contra mim e minhas crianças. Fiz boletins de ocorrência, mas nunca levei adiante. Medo, (ele tem parentes ligados a pastorado e Igreja, que ainda podem me prejudicar).* Como imaginar um trabalho pastoral sob estas condições?

Felizmente também há narrativas onde *o esposo é meu parceiro, meu apoio, meu incentivador e com quem troco ideias. É alguém que traz ideias, divide tarefas, me acompanha, com quem posso contar em todos os momentos.* Outra narrativa comenta que *nossa relação é boa como casal e com as filhas (embora uma filha não tenha se confirmado a ambas se tenham afastado completamente da comunidade, elas são profundamente sensíveis, compassivas e amorosas. Temos uma boa convivência).* Ao que é indicado em várias famílias pastorais, é preciso “afastar” ou “deixar que se afastem” os filhos da convivência com a comunidade para que possa ser cultivada uma boa relação familiar? O que está enfermo nas famílias pastorais ou nas comunidades que impede o saudável desenvolvimento social-familiar? Isto está sendo visível aos seus protagonistas ou os idealismos teológicos “encobrem” as derradeiras disputas por amor e reconhecimento com o devido respeito e dignidade que a infância e a juventude tanto necessitam? Esse fenômeno (há muito tempo conhecido entre as famílias pastorais) não deveria ser melhor estudado e adequado às necessidades reais de uma família, também dentro da família pastoral?

Assim também as *relações de amizade são afetadas pelo trabalho, não temos amigos na cidade onde atuo. Família não mora próximo, vemos apenas esporadicamente. Sobra pouco tempo para o lazer, já que o esposo também trabalha no fim de semana. Filho é o presente precioso, a quem tenho dedicado maior parte do meu dia.* Como imaginar o desenvolvimento social de uma criança nessas condições? Com quem ela vai se identificar, competir, dialogar, brincar?

Especialmente chamam a atenção os casos que envolvem grandes distâncias geográficas, *tenho dois filhos [...] que criei longe de qualquer parente ou apoio, eles tinham por “avôs” membros da comunidade, pois era difícil e caro visitar a família ou com dois filhos prematuros, um muitas vezes doente, dificuldades no casamento, gostaria de ter tido mais apoio [...] meus filhos dizem que sou pastora em tempo integral e, para ter minha atenção, precisam me chamar de pastora e não de mãe, ou era um casamento de muitos gritos e silêncios, tudo na frente das crianças. Elas não foram poupadas da insanidade do que vivemos, não tivemos nenhum respeito por elas, tristemente [...] minhas crianças... uma delas é atea, a outra frequenta a Igreja nos seus termos, com muito mais maturidade e inteligência emocional que eu tive anos atrás.*

Hoje essa pastora está em um segundo matrimônio e pode refletir com maior atenção e serenidade sobre tudo o que se passou. Refere ela que *meu atual esposo é um companheiro muito querido, ele não é [...] e isso é bom, ele não responde por mim nas demandas pastorais e isso é ótimo. Ele gosta muito de me acompanhar na lida pastoral. Eu garanti meu espaço, ele não cruza essa linha clara que estabeleci. [...] ele ouve minhas histórias de lugares diferentes que o pastorado me proporcionou conhecer e tem vontade de viver essas histórias comigo [...] é um parceiro confiável em qualquer empreitada.* Casos dessa natureza são facilmente atribuídos como “casos especiais” pelas pessoas da Paróquia/Comunidade ou mesmo pelas instâncias de governo eclesiástico institucional. Entretanto, uma das constatações relatadas nos formulários de pesquisa refere claramente que *percebi que muitas de nós tivemos experiências parecidas, estamos criando um espaço seguro para apoio mútuo, produção de conteúdo e busca de direitos.* Isto nos remete aos conceitos e descobertas da Teologia Feminista.

Partindo da experiência de opressão da mulher na cultura ocidental, relativo também à América Latina e Brasil, conforme refere Fiorenza em texto já exposto anteriormente, o silenciamento cultural das mulheres ainda vigora em determinados contextos da IECLB, ainda que na clandestinidade, tendo em vista a baixíssima participação de pastoras na presente pesquisa, embora diversas variáveis possam participar nesta configuração. A supremacia masculina ainda é desejada, como também acontece na sociedade secular e as melhores posições em frentes de trabalho profissional são conquistadas por mulheres, inclusive pastoras, que se adaptam às características da atuação masculina e sua normatividade.

Outrossim, também a difamação e trivialização das mulheres não está de todo ausente, sobretudo nos aspectos mais subjetivos da alteridade feminina, como, por exemplo, sua forma de dirigir no trânsito, sociabilidades, menores salários nos trabalhos seculares etc. Também pastoras passaram por esse processo no transcorrer de sua atuação pessoal e profissional e em alguns contextos paroquiais e comunitários ainda vigora na clandestinidade. Sobretudo nos aspectos teológicos e confessionais ainda encontramos esses determinismos baseados em ideologias

teológicas e hermenêuticas dos primeiros séculos da cristandade, conforme refere Fiorenza<sup>316</sup> em relação às epístolas pastorais sobre o pecado de Eva.

Creio ser possível supor que o relativo silêncio de pastoras em parte se deva ao suposto véu que ainda cobre sua atuação em público, muito embora a emancipação alcançada no presente nas paróquias e comunidades da IECLB, assim como sua inserção nas instituições de ensino acadêmico, atuação social, política e eclesiástica e sobretudo nos movimentos teológicos feministas da atualidade já lhes proporcione um relativo bem-estar junto aos colegas de atuação profissional.

Em termos concretos, os estudos teológicos feministas na EST/IECLB alcançaram uma boa repercussão, sobretudo entre as pastoras que se formaram após os anos 1980, e vêm garantindo sua expressão desde o início do século XXI. As demandas e resistências ainda vigentes têm recebido também a devida atenção pelos colegas pastores masculinos, ao ponto de reformar as ideologias androgênicas<sup>317</sup> ainda presentes em muitos contextos sociais e também na IECLB, ao fato de já utilizarem a linguagem inclusiva como referência, a ascensão de pastoras a cargos eclesiásticos de ponta, como a Presidência da IECLB, Pastoras Sinodais, Cargos Eclesiásticos Representativos, entre outras categorias. Isso se deve à atuação da *teologia crítico-feminista da libertação* [que] “*procura acabar com o silenciamento patriarcal das mulheres e tornar as mulheres visíveis como agentes divinos de graça e libertação*”.<sup>318</sup>

## PALAVRA<sup>319</sup>

Palavra

Que fala

Mesmo quando

De vez em quando

Ela cala

<sup>316</sup> SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995, p. 285-286.

<sup>317</sup> As ideologias androgênicas parecem eternizadas, mas, como refere Bourdieu, “*aquilo que na História aparece como eterno não é mais que o produto de um trabalho de eternização que compete a instituições interligadas, tais como a Família, a Igreja, a Escola, e também, em outra ordem, o esporte e o jornalismo*”. BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina – a condição feminina e a violência simbólica**. 16.ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019. p. 8.

<sup>318</sup> SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995; **Concilium**, 1985, p. 22 [632].

<sup>319</sup> CHRISTMANN, 2008.

Mas fala sentindo

Intuindo

Indo e vindo

De palavra em palavra

De silêncio em silêncio

De olhar em olhar

No palavrear

Palavra dita

Bem dita

Bendita!

## 6 CONCLUSÃO

Na conclusão, irei retomar alguns dos grandes temas desta tese e algumas hermenêuticas possíveis a partir das narrativas enviadas pelas pastoras. Evidentemente tais exposições não esgotam essas temáticas, mas querem indicar para reflexões possíveis dentro do contexto em que são formuladas. A primeira temática diz respeito às influências e tendências que observamos no ambiente e comportamento religiosos em que se constituem, e pode ser expressa assim:

### **a) A religião, por vezes, ofusca os ditames culturais e ideológicos no contexto da fé cristã**

É relativamente comum ouvirmos afirmações contundentes no contexto das religiosidades e das próprias teologias também, de que a fé cristã modifica radicalmente as personalidades e comportamentos (agressivos, ofensivos, anti-éticos, caluniadores etc.) daquelas e daqueles que a expressam com honestidade e transparência em suas vidas pessoais e laborais. Entretanto, pelo que observamos nos aspectos negativos das narrativas, essas atitudes continuam presentes no dia a dia das pessoas, apesar de sua filiação e comprometimento com os ideais e pressupostos de sua religião e fé, sobretudo nas relações de poder inter e intra-eclesiais em todos os níveis, nas confluências dos conflitos e comportamentos expressos nas narrativas.

Assim o percebemos nos antagonismos e conflitos familiares e sociais, nas relações entre membros das paróquias e comunidades, nas divergências e rejeições entre colegas de trabalho, nas autoavaliações – referindo-se a critérios exageradamente rigorosos consigo mesmas e com os demais, e, não por último, nos relacionamentos de poder institucional entre pastoras e pastores e os âmbitos de governança institucional em todos os níveis. As estratégias através das quais esses comportamentos são expressos podem variar da simples tolerância – às vezes cínica e silenciosa – até os conflitos abertos em que rejeição e violência se tornam seus agentes animadores.

Percebemos que, no bojo desses conflitos, continuam presentes as normatividades adquiridas através da socialização cultural e religiosa, independentemente de suas matrizes ideológicas ou teológicas, que subjazem e “enfeitam” ou “acobertam” esses comportamentos na lida diária e laboral. O que se pretendeu nesta Tese foi *desacobertar*, “visibilizar a atuação das pastoras na IECLB”, conforme expresso no projeto de pesquisa, o que se conseguiu, respeitados os limites que foram estabelecidos pelo baixo número de formulários recebidos.

Os elementos e estruturas culturais do luteranismo alemão e europeu já estavam presentes e muito claros no processo de entrada de mulheres na então denominada “Faculdade de Teologia” a partir do final dos anos 1950 e sobretudo a partir de 1960, como relatado no capítulo dois desta tese. Tal início foi marcado por muitas dúvidas e restrições quanto à possibilidade de poder trabalhar de forma titular nas paróquias e comunidades, situação que só se estabeleceu posteriormente com a instalação da ordenação. Até então vigoravam os determinismos teológicos e culturais de caráter androcêntrico, próprios da teologia e cultura alemã, em que as pastoras necessariamente precisaram responder a essas dinâmicas masculinas, e ainda assim com restrições, para obterem sucesso e confiabilidade em sua atuação laboral, elementos também bem expressos no capítulo três, nas narrativas das pastoras pesquisadas.

#### **b) A religião (religiosidade/espiritualidade) começa com o corpo.**

Esta também é uma questão muito ampla e complexa em suas hermenêuticas, em que nem mesmo a Teologia como campo de pesquisa encontra uniformidades satisfatórias. A própria Filosofia como campo de pesquisa tem influenciado em grande parte os conceitos ali contidos e as inúmeras teologias, ideologias e sectarismos desde os primórdios da cristandade (o gnosticismo, por exemplo) têm oferecido interpretações das mais variadas matizes, aceitas e incorporadas ou não aos fundamentos teológicos de cada época.

Para o fórum de reflexão desta tese, optei pela hermenêutica da *Teologia da Libertação*, e de forma especial pela *Teologia Ecofeminista* em Ivone Gebara. Ainda que essa opção possa ser entendida como um reducionismo teológico, foi o que me inspirou e melhor se adequou aos princípios teológicos em que eu quis apresentar a

dinâmica de atuação das pastoras na IECLB, tendo em vista também a aceitabilidade desta versão no meio acadêmico da EST-IECLB.

Assim sendo, vimos no capítulo quatro que Gebara parte do corpo – particularmente do corpo da mulher – para representar os grandes questionamentos que a ecoteologia faz diante das razões e desrazões que a teologia androgênica do patriarcado exprime e mantém em suas normativas eclesiais e religiosas, das quais a mulher normalmente é excluída em sua titularidade. Sua ação começa no contexto da reformulação teológica dos anos 1980 – embora se possa situar originalmente essa ação já a partir do Concílio Vaticano II em 1962 – e segue sua via dolorosa até a entrada do século XXI, quando apresenta sua obra *“A Fenomenologia Feminista do Mal – rompendo o silêncio”* (2000).

A autora continua suas reflexões e, em 2014, é lançada a obra *“Teologia Urbana”* em que Ivone Gebara reflete e apresenta ensaios sobre ética, gênero, meio ambiente e a condição humana, dos quais selecionei quatro temas que estavam muito presentes nas narrativas apresentadas pelas pastoras da IECLB. Assim em *“Corpo, novo ponto de partida da Teologia”* ela apresenta seu esboço de uma teologia que exclui o corpo feminino da representação do sagrado, coerente com a representação patriarcal da mulher na cultura e na sociedade. Em *“Isto não é Teologia”*, examina os argumentos dos seus opositores, mostrando que as questões sobre gênero, sobretudo em solo brasileiro, ainda estão fortemente amarradas nas antigas concepções patriarcais a respeito da mulher como *posse* do seu dono – o marido – e que desabam nas articulações e violências de gênero, apresentadas na unidade *“gênero: uma questão de honra?”*. Nesse patamar, reflete em *“Quando as mulheres atraem violência”* sobre os condicionamentos teológicos, sociais e culturais que fazem recair sobre o corpo da mulher as concepções misóginas do suposto *“pecado de Eva”*, ainda reinantes em várias teologias contemporâneas.

Estendendo seu olhar para as possíveis saídas desse impasse, Gebara propõe aceitar e incorporar as ambiguidades teológicas e existenciais no conceito de ser humana, ser humano, e se refere a elas na proposta já mencionada *“vivemos sonhando com seres perfeitos e com a terra sem males; vivemos construindo utopias e imaginando uma felicidade sem fim para todos nós, como se não fôssemos o que somos. Somos todos livres e escravos ao mesmo tempo [...] este sonho que mora em nós é fruto da desproporção entre nossa realidade e nosso desejo”*.

A autora, assim, incorpora os limites extremos da ação humana na condição existencial em que todas e todos nós existimos, na mistura dos elementos representados na *desproporção entre nossa realidade* [constituída pelas normatividades teológicas, sociais e culturais que nos mantêm, revisitadas e reformuladas de acordo com nossos interesses, permeados pelo processo de desenvolvimento que construímos] e *nosso desejo* [constituído por nossos idealismos teológicos, culturais, sociais, educacionais, econômicos etc.] em que somos simultaneamente *livres e escravos*, conceito teológico que também encontramos na teologia de Lutero em “*simul justus et peccator*”, salvaguardados pela Graça Divina.

Em “a ‘luta dos deuses’: uma metáfora ao poder pastoral”, examino no capítulo cinco o desdobramento da luta pelo poder secular e religioso com o qual nos desdobramos cotidianamente, apresentando também algumas concepções antropológicas dessa disputa em autoras e autores renomados. Gebara observa que na contemporaneidade acrescentamos novos elementos na disputa pelo poder pastoral, em que a religião se transforma numa mercadoria em função de controlar e manipular a sociedade em benefício próprio. Se, por um lado, isso representa um acento ainda mais severo nas tradições patriarcais da teologia, por outro lado, as mulheres e a teologia feminista estão recriando sua relação de fé com o divino e religioso em formas mais autônomas e criativas, denunciando que a crise do modelo de religião é também a crise do modelo patriarcal e seus subsistemas.

Se em tempos remotos a religião se baseava sobretudo na relação com as forças da natureza e a simbologia teológica e hermenêutica criada em função destas, hoje a sua dinâmica é melhor compreendida e já não representa mais os desígnios divinos na proporção que outrora, em que esses conteúdos são melhor triados, selecionados, avaliados e transformados em consciências individuais e coletivas, em que não haja necessariamente um órgão institucional regulador, a partir de um caráter sincrético de identidades religiosas de múltiplas pertenças.

No plano antropológico, Durkheim é considerado precursor de um pensamento indicando a riqueza e a complexidade do fenômeno religioso, pressupondo um caráter comum em todas as religiões, o de classificar as coisas reais ou irrealis, apresentando-as em classes opostas, no caso da religião, entre *profano* e *sagrado*. As religiões de mercado da contemporaneidade se apoderaram muito bem destas oposições, aprofundando ainda mais seus dualismos em que convocam forças

demoníacas para representar tudo aquilo que não cabe em seus idealismos e delírios de grandeza, poder, sacralidade e, por vezes, de sua mediocridade.

Em contraponto, Gebara propõe uma biodiversidade das religiões, em que a teologia feminista se inspirou, como crítica aos dogmatismos religiosos de origem patriarcal, em que tenta recuperar os corpos excluídos – sobretudo os corpos femininos – e apresentar a religião em uma dimensão artística humana, em que diferenças e similitudes estão integradas em um mesmo corpo dialético, abrindo as portas das confissões religiosas institucionais, desmistificando seus poderes supostamente absolutos em detrimento de uma sociedade integradora, capaz de suportar os sofrimentos, alegrias e esperanças, respeitadas as diferenças, promovendo novamente encontros fraternos e sororais entre as teologias biodiversas.

Diante desses argumentos, podemos voltar a examinar o (ab)uso do poder pastoral e a consequente subjugação das massas de fiéis às instituições religiosas formais ou informais, pressupondo que o poder exercido no contexto das religiões não é diferente daquele usado na sociedade, particularmente na política, em todos os seus âmbitos. Encontraremos certamente variações e amenizações já fruto de dinâmicas mais democráticas em algumas instituições, em que o grau de percepção dos absolutismos religiosos e teológicos é melhor visualizado e suavizado – certamente a IECLB se encontra nesse patamar – mas de um modo geral ainda crassa subserviência e sujeição às lideranças e instituições religiosas.

O transcorrer do século XX inaugurou uma nova forma de relacionamento, organização e distribuição do poder às mulheres, conquistas geradas através das três “ondas” feministas que perpassaram esse período, e sobretudo a aceleração do processo de urbanização do Brasil a partir dos anos 1960, esses “anos rebeldes” introduziram novas fronteiras e identidades mais plurais em relação à multiconstituição social, biológica, emocional, espiritual e outras naturezas das mulheres na contemporaneidade. Também na academia surgiram e se destacaram várias autoras já nominadas no corpo da tese, que desbravaram novos horizontes também aqui no Brasil, inspiradas em suas colegas europeias e norte-americanas. Isto também aconteceu no âmbito das religiões e, particularmente, na EST-IECLB introduziu-se no início dos anos 1980 a cadeira de Teologia Feminista, que vem se destacando tanto a nível acadêmico, quanto na reprodução desses novos valores e paradigmas no contexto das paróquias e comunidades através das pastoras que ali exercem suas

atividades laborais. Inspiradas igualmente em contextos teológicos autóctones em toda a América Latina e Caribe, baseadas na “Teologia Feminista da Libertação”, labutam e tecem novas teias, respaldadas por instituições que lhes asseguram lugar e pertencimento às novas formas de perceber a vida e assegurar a sustentabilidade para todas e todos em seus respectivos habitats de vida.

Importa ainda ressaltar que entre essas novas teias também se encontram as perspectivas de uma religião mais ecológica, preocupada em preservar a natureza, da qual todos dependemos e novamente Gebara fornece subsídios importantes no contexto da religião, seja na crítica aos modelos de estruturação política e econômica neoliberal – preocupada somente na produção de bens e serviços à revelia das mudanças climáticas que reformularão dramaticamente o modelo de vida sustentável – seja na busca de alternativas autossustentáveis da vida como um todo no planeta. Tal perspectiva se objetiva também em relação às inúmeras religiosidades presentes no continente, em que a biodiversidade religiosa e a reflexão em torno de uma política eclesial de inclusão possa ser mais e mais gerada dentro das confissões religiosas institucionais, tecendo laços qualitativos entre as diferenças que ora ainda separam e excluem em nome de uma supostamente normatividade cristã. Ali as diversidades se fundem na misericórdia, no respeito mútuo e, sobretudo, no amor ao próximo, ainda que diferente, diverso, antagônico ou qualquer que seja sua posição, encontre amparo e aconchego comum a todos os viventes.

Tais perspectivas também são abraçadas por todas e todos as/os feministas, independente de sexo, etnia, cultura, religião, enfim, por todas e todos que se julgam responsáveis pelo universo cultural, religioso, ecológico, econômico, político etc. que já compreenderam a necessidade de sermos “guardiões de nosso paraíso Terra”, e capazes de fomentar e organizar suas vidas de forma sustentável, legado inegociável às futuras gerações. Há um significativo número de pastoras e também pastores que já compreenderam essa tarefa e a teologia feminista na IECLB formou essa vanguarda. Desnecessário considerar que ainda é um processo em gestação e resistências ao mesmo servem apenas de impulsos à sua implementação maior, seja a nível institucional, seja na teia suspensa capaz de alimentar as costuras diversas e fragmentadas do tecido da vida. O capítulo cinco, devidamente nominado de “ressonâncias teológicas” é um convite aberto a esta reflexão e, não por último, quer ainda examinar alguns aspectos relevantes para pastoras na IECLB.

**c) As pastoras (em sua condição de mulher) ainda sofrem as mesmas restrições e controles machistas presentes no patriarcado geral e também particularmente aqui no Brasil**

Pode-se admitir que muitas conquistas na vida pessoal e, sobretudo, na atividade laboral já estão consolidadas nas atividades das pastoras em seus respectivos âmbitos de trabalho. Outrossim, como as narrativas demonstram, houve vários impasses que precisaram ser resolvidos, outros não foram resolvidos e, de outros nem mesmo se tomou conhecimento dos fatos, em que pastoras solitariamente optaram pela melhor solução a seus olhos. Pastoras também se posicionaram diversamente em relação a colegas, paróquias, comunidades e até mesmo perante a IECLB como instituição, resistindo abertamente ou silenciosamente saindo de cena e abraçando novas profissões. Outras foram tuteladas e controladas por seus cônjuges e/ou superiores para se adequarem às leis e normas da governança institucional – e talvez o silêncio presente nas pastoras em atividade em não responder e se expor aos questionários reflita em parte essa dinâmica em suas origens.

Entretanto, se uma das resistências iniciais entre colegas de trabalho era seu direito à maternidade e seus possíveis contratempos, com alegria pudemos constatar que em quase todos os casos analisados essa perspectiva foi respondida aberta e conclusivamente: “ser mulher, ser mãe, não interfere no trabalho pastoral”. Pelo contrário, afirmam que, por esta mesma razão, puderam entender melhor as situações de outras mulheres em seus diferentes tipos de trabalho que passam pela mesma situação e a administram a contento, de uma ou de outra maneira. Por outro lado, lamentou-se sempre que ser mulher, sobretudo mulher jovem, criava constrangimentos e estranhamentos diversos nas paróquias e comunidades. Mesmo que em dias atuais esta questão talvez já esteja melhor estabelecida, ainda se ouvem ressonâncias aqui e acolá, inclusive em pastoras recém-formadas, que precisam “provar” sua capacidade e competência ao trabalho, questões que provavelmente não se observa mais junto aos colegas pastores (masculinos), ou pelo menos não na mesma proporção.

Pudemos constatar também que a inserção de pastoras no exercício do Ministério Pastoral não se contempla em simplesmente substituir o “pastorcentrismo” por um “pastoracentrismo”, o que pouco acrescenta à dinâmica de trabalho. Pelo

contrário, pastoras e pastores provavelmente partem de ângulos e pontos de vista diferenciados, não somente por serem de sexos diferentes com seus respectivos condicionamentos sociais e culturais, mas sobretudo por perceberem realidades de maneiras diversas, por vezes enviesadas, dados os seus embasamentos teóricos e práticos, uma condição que pode ser adquirida tanto por mulheres, quanto por homens. Parte-se hoje do pressuposto que os papéis sociais não estão dados, nem dependem de uma suposta “natureza” de alguém, mas são construídos e desenvolvidos ao longo das experiências funcionais de homens e mulheres – a inversão de papéis historicamente pré-definidos é uma realidade incontestável também já no contexto brasileiro e algumas narrativas de pastoras desta pesquisa já se referem a isso de forma clara e com muita alegria.

Pastoras também referem que puderam se exprimir com honestidade e franqueza em suas atuações, “nunca deixei de demonstrar meus sentimentos, minha linguagem simples e estou muito satisfeita comigo mesma, em processo constante de desconstrução e reconstrução”, que em suas falhas comumente pôde admitir e ser perdoada, que em situações de frustração e derrotas encontrou amparo na comunhão com colegas e pessoas que estavam a seu redor. “Fui colocando meu jeito de ser mulher. As comunidades aceitaram muito bem a simbologia, teatro, pessoas tocando instrumentos musicais e puxando canções, não era mais eu o centro das atenções”, reflete muito bem o bem-estar reinante quando todas e todos podem ser sujeitas e sujeitos de ação em determinada situação, o que leva a novos modelos de trabalho que inclui, sem forçar, novos integrantes nas ações comunitárias e ainda desenvolve novas lideranças.

Tais atitudes também auxiliam em outra grande questão que ofusca trabalhos importantes, qual seja: como lidar com tantas expectativas diferentes nos campos de trabalho? Uma narrativa nos mostra um caminho possível: “nunca coloquei-me a necessidade de preencher os desejos de tantas comunidades diferentes, de tantas pessoas especiais e de outras pessoas nem tanto – nunca pensei em ser a melhor, sempre pensei em conseguir fazer o meu possível: este eu fiz, precisei aprender a dizer não”. Aprender a aceitar seus próprios limites “é um processo que vai acontecendo até naturalmente, a maturidade que se constrói ao longo desse processo permite olhar e aceitar os limites com mais humanidade”, comenta uma narrativa, em que diferenças eventuais possam ser negociadas ou renegociadas, sem que haja a

necessidade de impor elementos que, por si só, já excluem ou afastam as partes. Nesse quesito, por exemplo, podem ser negociadas questões como espaço e tempo privado, situações emergenciais na família, dificuldades econômicas, problemas com presbitérios etc., que, por vezes, emudecem corações e impedem bons rendimentos no trabalho realizado.

Diante de tamanhos argumentos podemos escutar e desenvolver novos saberes e inspirações, como é o caso da Teologia Feminista da Libertação, que equaciona antigos problemas com novas propostas de percepção e reconhecimento, como é o caso da inclusão das diversas generidades (questões de gênero) em nossas discussões e opções, a questão proposta pela ecoteologia, que precisamos rever nossos processos de desenvolvimento, pois, se um dia foi necessário desmatar e abrir novas fronteiras – a IECLB também apoiou esse processo nos anos 1970 – hoje estamos mais conscientes de que o planeta precisa ser protegido e preservado, sabedores que estamos às portas de uma nova era glacial, e que as atuais gerações provavelmente ainda não serão atingidas – embora soframos com sempre maior rigor as mudanças trazidas pelo aquecimento do planeta e consequente mudanças climáticas – as futuras gerações certamente viverão maiores angústias nesse episódio, pelo qual nós também somos responsáveis em grande medida.

Finalmente, não poderia terminar esta tese sem entrar em um dos grandes dilemas do pastorado: o posicionamento de nossos familiares – cônjuge, filhos e filhas, netos e netas – no dimensionamento religioso/espiritual em nossas famílias. Suponho que essa questão já seja demasiadamente conhecida no contexto da IECLB, suas paróquias e comunidades e sobretudo entre as pastoras e pastores que nela atuam. Evidentemente “conhecido” não significa resolvido ou sequer reconhecido, grosso modo posso dizer que essas dinâmicas acontecem ainda de forma muito privada e nem sempre são levadas a público, como tenho visto e ouvido no transcorrer do meu trabalho terapêutico. Essa questão nem mesmo está entre os objetivos da minha tese, mas, tendo em vista que diversas narrativas de pastoras apontam para esta delicada e sofrida questão familiar, julgo procedente incluir essa questão em minha reflexiva conclusão, chamando a atenção para um futuro trabalho nesse âmbito.

Evidentemente temos também avaliações muito positivas da rede familiar no contexto da família pastoral nas narrativas, mas darei maior atenção às situações conflitivas apresentadas. Sabemos, de um modo geral, que cônjuges, filhas e filhos

da família pastoral são reconhecidamente mais monitorados e julgados do que em outras famílias, como apresentado em “nossos filhos e filha recebiam críticas covardes com absoluta falta de respeito (cabelos longos, músicas que ouviam e tocavam eram motivos de críticas)”. “Muitas vezes não foi fácil conciliar as expectativas, mas sempre ficou muito claro que a pessoa contratada sou eu [...] tem conta que eles pagam junto, mas a escolha do Ministério é minha e não deles”. “A família pastoral sempre sofre muito, a vida privada muitas vezes não é respeitada”, são algumas das queixas. Mas também foram relatadas situações muito críticas e angustiantes, que envolviam manipulações, “ameaças de morte e outros tipos sórdidos de chantagem e abuso contra mim e minhas crianças”, só para citar alguns exemplos.

Em algumas situações, foram possíveis negociações e compensações “então dou o máximo de liberdade para participarem das atividades comigo ou não” relata uma pastora. Em outros casos “nossa relação é boa como casal e com as filhas”, mas ressalta “embora uma filha não tenha se confirmado e ambas se tenham afastado completamente da comunidade, elas são profundamente sensíveis, compassivas e amorosas” ou “minhas crianças... uma delas é ateia, a outra frequenta a igreja nos seus termos” e ainda outros relatos já apresentados no capítulo 5. Como não se sensibilizar diante desses tristes relatos que, em muitas situações são apresentados como relatórios individuais e pessoais de supostamente famílias disfuncionais? E se conseguíssemos reunir esses relatos em níveis sinodais? Ainda seriam individuais? Baseado em uma narrativa já citada “percebi que muitas de nós tivemos experiências parecidas” remete a questão a um plano bem maior e a tese questiona a IECLB se não deveríamos dar mais atenção, buscar novas referências teóricas a respeito e, no mínimo, tratar essas questões em nossos cursos e seminários?

Doravante que o suposto silêncio de boa parte das pastoras em relação à participação nesta pesquisa, embora garantidas nesse direito e protegidas em suas intimidades, consiga falar conosco pela sua mudez, ao ponto de motivar novas ações para enfrentamento dessas delicadas temáticas. Creio poder dizer com convicção que a presente tese atingiu seus objetivos propostos, a de visibilizar a atuação das pastoras na IECLB, e que suas alegrias assim como suas tristezas nos inspirem a continuar focando as humanidades das pastoras e dos pastores da IECLB, que redimidos pela Graça Divina em Jesus Cristo, possam transpor suas fronteiras

limítrofes que a todos nós constituem e abrir espaços de enfrentamento de nossas problemáticas, em direção a processos de saúde e bem estar para todas e todos.

Doravante posso dizer que, ainda que o número de pastoras participantes tenha sido menor que o desejado inicialmente, fico muito satisfeito e agradecido por aquelas que expuseram seus dilemas que, embora protegidas em suas identidades, nos forneceram ricos e importantes elementos de reflexão e inspiração para nosso cotidiano pastoral, mostrando que as/os que cuidam, também precisam ser cuidadas e cuidados.

Enfim, as hipóteses que nortearam o tema desta pesquisa, de que a atuação das pastoras no Ministério com Ordenação da IECLB sejam percebidas e administradas de formas diferentes nos campos de trabalho, foram validadas em seu teor principal. Por vezes, estas percepções ultrapassam os limites das concepções teológicas vigentes e remetem a problemas transversais de diferentes ordens, como as relacionadas ao patriarcado histórico e as novas questões de gênero, desenvolvidas a partir do século XX. Tais ingerências ainda provocam constrangimentos em alguns lugares, podendo interferir na saúde física, emocional e espiritual das pastoras. Observou-se também que nem sempre essas questões são abordadas abertamente por seus gestores e suas gestoras, gerando constrangimentos silenciosos que ainda precisam ser melhor administrados.

Agrega-se a estas questões o reinvestimento na família pastoral e os cuidados relacionados e expostos no corpo desta Tese, enfatizando a necessidade de refletir a respeito, levando em consideração que a permeabilidade do modelo de família socialmente constituída também atinge as opções das novas pastoras e pastores em seus posicionamentos de vida familiar e fé, contrastando com os modelos convencionais conhecidos e aceitos até então nos campos de trabalho. Urge que estas questões sejam incorporadas às pautas pedagógicas da IECLB e tratadas com honestidade e respeito nas suas academias teológicas, bem como no âmbito dos Sínodos, Paróquias e Comunidades.

Concluindo, posso dizer que os objetivos da Tese, de visibilizar a atuação das pastoras da IECLB em seus cotidianos de vida e trabalho, respeitados os limites já nominados, foram alcançados em alguma medida, tendo como amparo epistemológico principal a Teologia Ecofeminista em Ivone Gebara.



## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O que é religião?** 15. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade:** tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1973.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado:** elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2003.

A BÍBLIA SAGRADA. A Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero. Almeida Revista e Atualizada, 2.ed. Sociedade Bíblica do Brasil. Barueri, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina:** a condição feminina e a violência simbólica. 16.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

CEM - Centro Evangélico de Missões. Psicologia Pastoral. Disponível em: <<http://cem.org.br/cursos-de-curta-duracao/>>. Acesso em: 23 abr. 2022.

**CONCILIUM**, v. 202, n. 6, 1985.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa:** Métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CHRISTMANN, Louraini. **A Vida em Poesia.** São Leopoldo: Oikos, 2006.

CHRISTMANN, Louraini. **Celebrando em Poesia.** São Leopoldo: Oikos. 2008.

DEIFELT, Wanda. Educação teológica para mulheres: um passo decisivo rumo à cidadania eclesial. In: SOTER (Org.). **Gênero e Teologia:** interpelações e perspectivas. São Paulo: Paulinas/Loyola/Soter, 2003.

DEIFELT, Wanda. Hermenêutica Feminista Negra: Duas contribuições. In: Bem Aventuradas as Mulheres. **Palavra Partilhada.** Cebi-Sul, Ano 14. n.2, 1995. p. 06-29.

DEIFELT, Wanda. Maria – Uma santa protestante? **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**, Petrópolis, n. 46, 2003. p. 119-134.

DEIFELT, Wanda. Palavras e Outras Palavras: as Mulheres e o Poder. **Estudos Teológicos**, ano 36, n. 1, 1996.

DREHER, Martin. **Ministério Feminino.** Manuscrito de 20/06/2012. [Apresentado inicialmente a pastores eméritos da IELB e depois na Comissão Inter-Luterana de Diálogo, conforme informações do autor – Na época ainda não existia o termo “Ministério com Ordenação da IECLB” - Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/estatuto-do-ministerio-com-ordenacao-da-ieclb>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

DREHER, Scheila dos Santos. **O pontinho da balança**: história do cotidiano de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no sul do Brasil, na perspectiva do privado e do público. São Leopoldo, 2007. 153 f. p. 25. Disponível em: <[http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-IFE/232/1/dreher\\_ss\\_tm154.pdf](http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-IFE/232/1/dreher_ss_tm154.pdf)>. Acesso em: 28 maio 2009.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. São Paulo: Unesp, 2000.

FERNANDES, Ligiane. **Mulheres no Ministério Ordenado**: Perspectivas e Desafios. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008.

FERNANDES, Ligiane. **Mulheres e Ordenação (na IECLB)**: Novos modelos e outras possibilidades na vivência cotidiana do Ministério Ordenado. São Leopoldo: EST, 2010.

SCHÜSSLER-FIORENZA, Elisabeth. **Discipulado de iguais**: uma ekklesia-logia feminista da libertação. Petrópolis: Vozes, 1995.

FRANCHINI, B. S. O que são as ondas do feminismo? **Revista QG Feminista**, 2017. Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>>. Acesso em: 19 abr. 2022.

FREIBERG, Maristela Livia. **E assim entramos na roda!**: retratos do processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019.

FREUD, Sigmund. A desilusão da Guerra. In: **Reflexões para os tempos de Guerra e Morte** (1915). v.14 Rio de Janeiro: IMAGO, 1974.

FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão** (1927) – **O mal-estar na Civilização** (1930). v.21. Rio de Janeiro: IMAGO, 1974.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. 8.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GABATZ, Celso; ZEFERINO, Jefferson. As Contribuições de Émile Durkheim para Compreender a Religião na Contemporaneidade. **Revista Correlatio**, v. 16, n. 2, UMESP, 2017.

GANZEVOORT, R. Ruard. Encruzilhadas do caminho no rastro do sagrado. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 49, n. 2, p. 317-343, 2009. Disponível em: <[http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/91/85](http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/91/85)>. Acesso em: 29 ago. 2021.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal, Petrópolis: Vozes, 2000.

GEBARA, Ivone. **Teologia Ecofeminista**. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GEBARA, Ivone. **Teologia Urbana**: ensaios sobre ética, gênero, meio ambiente e a condição humana. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria C. L. **A Mulher faz Teologia**. Petrópolis: Vozes, 1986.

GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas conseqüências. In: NEUENFELDT, Elaine, BERGESCH, Karen, PARLOW, Mara (Orgs.). **Epistemologia, violência e sexualidade**: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

GONÇALVES, Marli. **Feminismo no Cotidiano**: Bom para Mulheres e para Homens também. São Paulo: Contexto, 2019.

HEIMANN, Thomas. **Imagem e identidade pastoral**: a desidealização do ministério pastoral a partir da teologia da graça proposta por Lutero. São Leopoldo, 2016. 400 p. Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2016. Disponível em: <[http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/702/1/heimann\\_t\\_td151.pdf](http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/702/1/heimann_t_td151.pdf)>. Acesso em: 23 ago. 2021.

HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAIME, Jean-Paul. (Org.). **Sociologia e Religião**. Abordagens Clássicas. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2009.

HITE, Shere. **O relatório Hite sobre a sexualidade masculina**. São Paulo: Círculo do Livro, [19--].

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL – IECLB. **Estatuto do Ministério com Ordenação**. Porto Alegre, RS: IECLB, 2015. Art. 82. Disponível em: <<https://www.luteranos.com.br/conteudo/estatuto-do-ministerio-com-ordenacao-da-ieclb>>. Acesso em: 10 out. 2020.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Documentos Normativos**. Porto Alegre: IECLB, [19--]. v.

JARSCHER, Haidi; ALTMANN, Lori. **Um esboço do perfil da pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)**. São Paulo: Escola Superior de Teologia, 1992.

KLIEWER, Gerd Uwe. Ex-alunos e ex-alunas da Escola Superior de Teologia da IECLB. In: HOCH, Lothar Carlos; STRÖHER, Marga Janete; WACHHOLZ, Wilhelm (Orgs.) **Estações da formação teológica**: 60 anos de história da EST. São Leopoldo. Sinodal/EST, 2008.

KRUEGER, Carla. **As mulheres e o ministério ordenado na Igreja**: um estudo sobre a ordenação de mulheres na IECLB. 1996. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1996.

LINCOLN, Yvonna. S. Naturalistic Inquiry. **The Blackwell Encyclopedia of Sociology**. RITZER, G. (Org.). John Wiley & Sons, Ltd, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1002/9781405165518.wbeosn006>>. Acesso em: 23 jul. 2021.

NEUENFELDT, Elaine Gleci. Mulheres e experiência religiosa – um lugar de encontros. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 04, maio/ago. 2004. p. 14-21.

NEUENFELDT, Elaine Gleci. Mulheres com força e poder. Economia: Solidariedade e Cuidado. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**, Petrópolis, v. 51, n. 2, 2005. p. 70-77.

NEUENFELDT, Elaine Gleci. Teologia Feminista na Formação teológica- conquistas e desafios. In: HOCH, Lothar Carlos; STRÖHER, Marga Janéte; WACHHOLZ, Wilhem (Orgs.) **Estações da formação teológica: 60 anos de história da EST**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

NOGUEIRA, Renzo Magno. A evolução da sociedade patriarcal e sua influência sobre a identidade feminina e a violência de gênero. **Revista Jus Navigandi**, Teresina, ano 23, n. 5377, 22 mar. 2018. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/48718>>. Acesso em: 24 fev. 2021.

OLIVEIRA, Rosely Künrich de. **Cuidando de quem cuida: um olhar de cuidados aos que ministram a palavra de Deus**. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2005.

PAIXÃO, Márcia; FERNANDES, Ligiane. **Relatório do Projeto de Pesquisa “Mulheres no Ministério Ordenado: História, Experiência, Testemunho”**. EST, São Leopoldo, 2009. Disponível em: <[http://www.est.edu.br/images/pdfs/versaoportugues\\_novembro2009.pdf](http://www.est.edu.br/images/pdfs/versaoportugues_novembro2009.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2010.

PANKE, Rita Marta. A mulher e Igreja. In: BAESKE, Sibyla (Org.). **Mulheres desafiam as Igrejas cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2001.

PEDRO, Joana Maria. O Feminismo de Segunda Onda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. 1.ed., 3.reimp. São Paulo: Contexto, 2018.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos Modelos Rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. 1.ed., 3.reimp. São Paulo: Contexto, 2018

REIMER, Ivoni, Richter. Maria nos evangelhos sinóticos – Uma história que continua sendo escrita. **MARIA. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**, Petrópolis, v. 46, n. 3, 2003. p. 35-51.

ROESE, Anete. De amor, estima e ideias feministas. In: CARDOSO, Nancy; CARVALHAES, Cláudio (Orgs.). **Querida Ivone, amorosas cartas de teologia & feminismo**. São Leopoldo: CEBI, 2014.

ROSADO, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. **Cadernos Pagu**, v. 16, p. 79-96, 2001.

RUPRECHT, Rubens. **A constituição do sentimento religioso**: da experiência do desamparo primordial à elaboração de um ideal vocacional. Dissertação. 270 p. (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/97635>>. Acesso em: 25 jul. 2021.

SILVA, Vera Luci Machado Prates da. Cotidiano e Construção de Conhecimento. *In: Cadernos de Educação*, v. 13, n. 26, jan.jun.2014.

SENA, Emerson. De entre lugares e tensionamentos: Os regimes do conhecimento e os interpretes do religioso em redes culturais. *In: MOTA, Lindomar Rocha; SOUZA, José Carlos de; OLIVEIRA, Pedro A Ribeiro (Orgs.). Religião e Cultura. Memórias e Perspectivas*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2012.

SOUZA, Daniel. Uma prosa em nossos quintais. *In: CARDOSO, Nancy; CARVALHAES, Cláudio (Orgs.). Querida Ivone: Amorasas cartas de teologia & feminismo*. São Leopoldo: CEBI, 2014.

SCHÜSSLER-FIORENZA, Elisabeth. **As origens cristãs a partir da mulher**: uma nova hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 1992.

SCHÜSSLER-FIORENZA, Elisabeth. **Discipulado de iguais**: uma ekklesia-logia feminista da libertação. Petrópolis: Vozes, 1995.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. 2. ed., 5. reimpressão, São Paulo: Contexto, 2018.

STEARNS, Peter N. **História da Sexualidade**. 1. ed., 1. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

STEARNS, Peter N. Rumo ao Discipulado de Iguais: a Ekklesia de Mulheres. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 36, n. 3, p. 281-296, 1996.

STRÖHER, Marga Janete. Entre a afirmação da igualdade e o dever da submissão. *Relações Re-criadas na Bíblia. Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 67, 2000. p. 36-75.

STRÖHER, Marga Janete. **Caminhos de resistência nas fronteiras do poder normativo**: um estudo das Cartas Pastorais na perspectiva feminista. São Leopoldo: IEPG/EST. (Tese de Doutorado) 2002.

TEIA DE THEA. Disponível em: <<https://www.teiadethea.org/>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

TEIXEIRA, Faustino. Campo religioso em transformação. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, n. 69, 2014.

ULRICH, Claudete Beise. Mulheres e Homens Luteranos: Leituras feministas e identificações com o feminismo em tempos de ditadura militar no Brasil (1964-1989). **História Oral**, v. 12, n. 1-2, p. 59-86, jan./dez. 2009. Disponível em: <<https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/164/165>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

ULRICH, Claudete Beise. **Recuperando espaços de emancipação na história de vida de ex-alunas de escola comunitária luterana.** São Leopoldo: EST, 2006.  
[Tese de Doutorado]

YONG, Iris, Marion. Five Faces of Opression. In: **Justice and the Politics of Difference.** Princeton: Princeton University, 1990.

## REFERÊNCIAS ADICIONAIS

BLASI, Marcia. Perdão e violência doméstica. *In*: WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. **Perdão**: Onde saúde e espiritualidade se encontram. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2016.

BLASI, Marcia. **Por uma vida sem vergonha**: Vulnerabilidade e graça no cotidiano das mulheres a partir da teologia feminista. São Leopoldo: Est, 2017. [Tese de Doutorado].

BLASI, Marcia et al. Katharina von Bora: um monumento às Mulheres na Reforma: Ontem e Hoje! **Coisas do Gênero**: revista de estudos feministas em teologia e religião, São Leopoldo: v.3, n.2, p 03-24, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.est.edu.br/index.php/genero/article/view/548/468>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

BLASI, Marcia. CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 6., 2019, São Leopoldo, RS. **Vulnerabilidade, resistência, justiça**: VI Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: CEBI, 2020.

BRUN, Marli. **Redoma de vidro**: faces re-veladas do contraponto de mulheres casadas com pastores no ministério eclesiástico. São Leopoldo: Est, 2003. [Dissertação de Mestrado]

BRUN, Marli; BLASI, Marcia. Quando o bordado e as histórias das mulheres se encontram. **Coisas do Gênero**: revista de estudos feministas em teologia e religião, São Leopoldo, v.2, n.2, p.335-349, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.est.edu.br/index.php/genero/article/view/460/396>>. Acesso em: 18 jan. 2023.

JARSCHER, Haidi; et al. Sumpfloch, a República das Mulheres. **Coisas do Gênero**: revista de estudos feministas em teologia e religião, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 94-108, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.est.edu.br/index.php/genero/article/view/421/359>>. Acesso em: 12 dez. 2022.

KANITZ, Sônia Ingrid. et al. Outros 500: uma releitura da Reforma pela arte. **Coisas do Gênero**: revista de estudos feministas em teologia e religião, São Leopoldo, v.3, n. 2, p. 70-79, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.est.edu.br/index.php/genero/article/view/607/524>> . Acesso em: 10 dez. 2022.

LUCKOW, Fabiane Behling; BLASI, Marcia. Tempo tecido: a mulher, o corpo, o tempo, o tramar e o tecer. **Coisas do Gênero**: revista de estudos feministas em teologia e religião, São Leopoldo, v. 6, n. 2, p. 22-34, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.est.edu.br/index.php/genero/article/view/554/472>> . Acesso em: 6 jan. 2023.

REIMER, Ivoni Richter. **Ananias e Safira nas origens do cristianismo e suas interpretações**: Reler e reconstruir Atos 5,1-11. São Leopoldo: Oikos, 2011.

STRECK, Valburga Schmiedt; BLASI, Marcia. Questões de gênero e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 49, n. 2, p. 222-240, 2009. Disponível em: <[https://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/84](https://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/84)>. Acesso em 23 jan. 2023.

## ANEXO I: CARTA-ESTÍMULO

### CARTA I

**CARTA-ESTÍMULO À PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA EM DESENVOLVIMENTO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DA EST (IECLB) – DOUTORADO EM TEOLOGIA PELO ALUNO Ms. RUBENS RUPRECHT, PARA COLETA DE DADOS EMPÍRICOS A COMPORER A TESE DE DOUTORADO DO PROJETO DE PESQUISA “ATUAÇÃO DAS PASTORAS NA IECLB: Da Ordenação ao Cotidiano” – Pessoa Docente Orientadora: Dr. Rodolfo Gaede Neto – PPG – EST – 2020**

**Prezada Colega Pastora!**

É com imenso prazer que me dirijo a você para convidá-la a participar do projeto de pesquisa **“ATUAÇÃO DAS PASTORAS NA IECLB: Da Ordenação ao Cotidiano”**, na esperança de enriquecer nossos saberes teológicos e humanos e promover assim a integração entre nós como Igreja e respectivo campo de trabalho.

**Justificativa:** Minha principal motivação para abraçar este projeto é a minha experiência no contexto da prática do Aconselhamento Pastoral e psicológico no exercício profissional como pastor da IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL - IECLB em Capanema-PR (1978-1983) e Londrina-PR (1983-1988) e como psicólogo (CRP 08/05255), pela prática clínica em consultório de Psicologia na cidade de Londrina – PR (1993-2013), e também como professor e psicólogo da Instituição SEMINÁRIO TEOLÓGICO ANTÔNIO DE GODOY SOBRINHO, da IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE – IPI – em Londrina-PR, para o qual fui cedido como docente pelo Conselho da Igreja entre 1989-2009, assumindo então um curso ininterrupto de curta duração denominado de “PSICOLOGIA PASTORAL” no “CENTRO EVANGÉLICO DE MISSÕES” em Viçosa-MG, no regime das férias de janeiro e julho até a presente data.<sup>320</sup> Entrementes fui aceito no Programa de Pós-Graduação da Est em março de 2018, assumindo a vaga em março de 2019, ora em andamento.

Em minha Dissertação de Mestrado trabalhei a dimensão do desenvolvimento vocacional religioso, deixando já um espaço para continuar a avançar a temática. Entrementes a colega Rosely Künrich de Oliveira desenvolveu em sua tese de doutorado uma temática referente à saúde e bem-estar entre os pastores, agora já em

---

<sup>320</sup> CEM. Disponível em: <[http://www.cem.org.br/novo/?page\\_id=37](http://www.cem.org.br/novo/?page_id=37)>. Acesso em: 01 ago. 2020.

forma de livro, “Cuidando de quem Cuida”<sup>321</sup>. Também o colega Thomas Heimann<sup>322</sup> encorajou-se a descrever alguns aspectos do “Ministério Pastoral a partir da Teologia da Graça de Lutero” em sua tese de doutoramento sobre “Imagem e Identidade Pastoral”, auscultando as bases dos seus colegas da IELB a respeito. Para completar, pretendo olhar para o trabalho das pastoras no Ministério da Igreja com Ordenação na IECLB, suas conquistas profissionais e teológicas, assim como suas adversidades e controvérsias.

Agora no Doutorado pretendo ampliar esse campo de investigação para a dimensão do reconhecimento do Ministério da Igreja com Ordenação das pastoras na IECLB, tendo em vista alguns relatos de experiências de colegas pastoras em seus campos de trabalho e de situações *sui generis* ocorridas em alguns casos, bem como o aumento crescente de estudantes de teologia femininas no transcorrer dos últimos anos, que encaminhará novos elementos à nossa hermenêutica teológica.

Convido-a assim, cara Colega Pastora, a fazer parte dessa pesquisa e contribuir com o relato de sua experiência no campo de trabalho pastoral, para que possamos observar, compreender, estimular, reformular expectativas de vida e trabalho conjunto no âmbito de nossas subjetividades e saberes teológicos, promovendo cidadania e justiça social no contexto de nossas atividades laborais.

Para delinear os aspectos metodológicos do projeto optei por Ganzevoort, para o qual há que se considerar os *contextos em transformação* ao se pesquisar uma temática, e no caso das pastoras da IECLB, sabemos que inicialmente elas precisavam preencher um espaço ocupado até então por homens somente, cuja representação social/profissional também estava relacionado ao gênero masculino. Perguntamos assim, ao ocupar esse espaço, se a pastora precisou incorporar as características previamente estabelecidas ao gênero masculino ou esta conseguiu formatar um parâmetro próprio a partir dos seus pressupostos próprios de gênero e que implicâncias isto teve em seu trabalho profissional. Pressuponho que não haja uniformidade nas experiências das pastoras, cujas diferenças e adequações pretendo investigar. O projeto se estende a **todas** as Pastoras da IECLB [inclusive Pastoras Inativas e Pastoras Afastadas], na esperança que encontrem algum tempo em suas múltiplas tarefas para refletir sobre sua experiência pessoal e profissional,

---

<sup>321</sup> OLIVEIRA, 2005.

<sup>322</sup> HEIMANN, 2016.

enriquecendo os saberes que irão nortear esse trabalho na contemporaneidade. Se não desejar ou não tiver tempo para escrever algo a respeito sobre todas as perguntas formuladas, escolha então aquelas de sua preferência, dadas as suas circunstâncias, que saberemos manejar esses dados metodologicamente. Desnecessário enfatizar que não queremos expor, nem identificar ninguém, razão pela qual não solicitamos nomes nem dados pessoais, apenas alguns dados para manejo e identificação dos formulários. Estes serão guardados por mim por cerca de 5 anos, pelos quais assumo a responsabilidade legal cabível e permanecerão sigilosos, comprometendo-me a seguir a Resolução nº 466/2012 – item IV e CNS n. 510/16, art. 29 do Conselho Nacional de Saúde (PLATAFORMA BRASIL), garantindo a confidencialidade do seu relato durante e após a pesquisa e mantidos em ambiente protegido. Seu arquivo do relato deve ser enviado para este email institucional da EST pesquisadorrubensruprecht@est.edu.br criado para esta finalidade somente, com acesso restrito para mim. Os dados totais dos formulários para a pesquisa serão conhecidos somente por mim e minha Pessoa Orientadora: Dr. Rodolfo Gaede Neto. Para sua proteção como sujeita de pesquisa, valem os parâmetros legais contidos na regulamentação do **Conselho de Ética** da Faculdades EST, pelo qual este projeto foi aprovado em sua reunião mensal em 14/12/2020, cujo **Termo de Consentimento** está em anexo em duas vias e deverá ser assinado por você e uma delas devolvida à Faculdades EST no e-mail proposto, cuja origem [e-mail] poderá ser diferente do que usar para o envio dos formulários, se desejar ainda maiores garantias de confidencialidade. Quaisquer dúvidas poderão ser resolvidas também pelo meu e-mail pessoal: rubensruprecht@gmail.com ou pelo WhatsApp (51) 991022625. Assim, com atenção aguardo o retorno dos formulários enviados, preenchidos de forma total ou parcial, conforme desejar, e desde já me alegro com sua participação e transparência.

Fraternalmente: Rubens Ruprecht.

## CARTA II

**CARTA-ESTÍMULO II À PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA DE DOUTORADO EST – RUBENS RUPRECHT – “ATUAÇÃO DAS PASTORAS NA IECLB: Da Ordenação ao Cotidiano” – FASE II – Informações adicionais e desejo de entrevista complementar com o pesquisador – Em anexo apresentação parcial de SUMÁRIO e REFERÊNCIAS da tese em andamento.**

## Prezada Colega Pastora!

Chegamos ao final do prazo (30/04/2021) para a devolução dos formulários referentes ao meu projeto de pesquisa sobre a atuação das pastoras na IECLB.

Em fevereiro 2021 enviei a primeira “Carta-Estímulo à Participação na Pesquisa”. Daquela carta quero lembrar e destacar o seguinte:

*“Agora no Doutorado pretendo ampliar esse campo de investigação para a dimensão do reconhecimento do Ministério da Igreja com Ordenação das pastoras na IECLB, tendo em vista alguns relatos de experiências de colegas pastoras em seus campos de trabalho e de situações sui generis ocorridas em alguns casos, bem como o aumento crescente de estudantes de teologia femininas no transcorrer dos últimos anos, que encaminhará novos elementos à nossa hermenêutica teológica.*

**Convido-a assim, cara Colega Pastora, a fazer parte dessa pesquisa e contribuir com o relato de sua experiência no campo de trabalho pastoral, para que possamos observar, compreender, estimular, reformular expectativas de vida e trabalho conjunto no âmbito de nossas subjetividades e saberes teológicos, promovendo cidadania e justiça social no contexto de nossas atividades laborais”.**

Gostaria, agora, de complementar informações a respeito do desenvolvimento do projeto como um todo. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a todas as colegas pastoras que já encaminharam os respectivos formulários ao endereço indicado – pesquisadorrubensruprecht@est.edu.br – bem como o respectivo *Termo de Consentimento* assinado, seja por correio ou mesmo escaneado via E-mail. Tenho recebido reflexões muito preciosas a respeito, bem como inúmeros pedidos de uma entrevista adicional, que serão agendadas a partir de maio 2021.

Ainda assim muitos formulários não retornaram até o momento, o que interfere numa percepção nacional da atuação das pastoras da IECLB. Por isso, gostaria de poder trabalhar com o maior número possível do universo total de pastoras da IECLB. Como ressaltado em negrito no texto acima sobre a primeira carta, o preenchimento dos formulários é também um convite a participar na construção e visibilização de sua trajetória profissional e pessoal no contexto da IECLB, respeitadas as limitações éticas devidamente propostas no *Termo de Consentimento* e uma forma de participar da constituição desta tese de doutorado. Por esta razão, também comunicarei resumidamente os resultados finais da pesquisa antes da defesa pública da tese para todas as participantes, respeitadas as contingências éticas contidas no *Termo de Consentimento*.

Já tendo em vista esse processo, encaminho-lhe agora a proposta parcial do sumário da tese e sua respectiva epistemologia, com as referências bibliográficas até agora utilizadas. A proposta do sumário representa um texto acadêmico já elaborado até agora, podendo ser acrescido de eventuais referências posteriores que ainda não conheça a respeito, bem como documentos e manifestos atuais (livros e documentos já publicados estão amplamente contemplados nas obras das autoras referendadas na bibliografia), que peço então a gentileza de me indicar. Outrossim, os textos elaborados serão enriquecidos agora pelas temáticas presentes nos formulários de pesquisa em suas mãos, sendo este mais um convite à participação nesse empreendimento.

ALVES, Rubem. **O que é religião?** 15 ed. São Paulo - SP: Loyola, 2014.

AGRUPAMENTOS - OCUPAÇÃO DA AMÉRICA DO SUL – BRASIL -

PLEISTOCENO: Disponível em:

<file:///C:/Users/User/Downloads/arquivo7767\_1%20(2).pdf; UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (ufpe.br)>. Acesso em 20 nov. 2020.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/UNESP, 1997.

BASSANEZI, Carla. **Virando as Páginas, Revendo as Mulheres**: Revistas Femininas e Relações Homem-Mulher 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BARREIRA, Dario Paulo Rivera. **Tradição, transmissão e emoção religiosa – sociologia do protestantismo contemporâneo na América Latina**. São Paulo: Olho D'Água, 2001.

BAUMMAN, Zygmunt. **Postmodern Ethics**. Blackwell: Oxford U.K.& Cambridge, USA, 1994.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: A orientação do homem moderno. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2003.

BÍBLIA SAGRADA com reflexões de Lutero. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

BINGEMER, Maria Clara. *et. al.* **O Rosto Feminino da Teologia**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1990.

BRENNER, Athalya. **A mulher israelita**: papel social e modelo literário na narrativa bíblica. São Paulo: Paulinas, 2001.

CARDOSO, Nancy; CARVALHAES, Cláudio. (Orgs.). **Querida Ivone: amorosas cartas de teologia & feminismo**. São Leopoldo: CEBI, 2014.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed., Porto Alegre: Artmed, 2010.

DREHER, Carlos A. **Um homem e sua casa, uma pessoa e sua herança**. Aspectos da sociedade do antigo Israel, a partir do texto bíblico. São Leopoldo: Oikos, 2019.

DREHER, Martin. **Ministério Feminino**. Manuscrito de 20/06/2012. [Apresentado inicialmente a pastores eméritos da IELB e depois na Comissão Inter-Luterana de Diálogo, conforme informações do autor].

DREHER, Scheila dos Santos. **O Pontinho da Balança**. São Leopoldo: EST [Dissertação de Mestrado], 2007.

EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. São Paulo: Unesp, 2000.

ENGEL, M. G. O médico, a prostituta e os significados do corpo doente. In: VAINFAS, R. (org.) **História e sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 169-190.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. 8. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FRANCHINI, B. S. O que são as ondas do feminismo? **Revista QG Feminista**, 2017. Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismoeeed092dae3a>>. Acesso em: 20 out. 2020.

FREIBERG, Maristela Lívia. **E assim entramos na roda**. Rio de Janeiro, RJ: Metanóia, 2019.

FREUD, Sigmund. A desilusão da Guerra. In: **Reflexões para os tempos de Guerra e Morte** (1915). v. 14. Rio de Janeiro: IMAGO, 1974. p. 312-313.

FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão** (1927) – **O mal-estar na Civilização** (1930). v. 21. Rio de Janeiro: IMAGO, 1974. p. 21.

GABATZ, Celso. **A afirmação de um paradigma pluralista na contemporaneidade**. REFLEXUS – Faculdade Unida, Ano XI, n. 18, 2017/2, Vitória, ES.

GABATZ, Celso; ZEFERINO, Jefferson. As Contribuições de Émile Durkheim para Compreender a Religião na Contemporaneidade. **Revista Correlatio**. Vol. 16. n. 2, UMESP, 2017.

GABATZ, Celso; ZEFERINO, Jefferson. 2017. p. 343. Apud: TEIXEIRA, Faustino. Campo religioso em transformação. In: **Comunicações do ISER**. Rio de Janeiro: n. 69, 2014.

GABATZ, Celso; ZEFERINO, Jefferson. 2017. p. 346. Apud: BERGER, Peter. **O dossel sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2003.

GABATZ, Celso; ZEFERINO, Jefferson. 2017. p. 347. Apud: DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GANZEVOORT, R. Ruard. Encruzilhadas do caminho no rastro do sagrado. In: **Estudos Teológicos**. São Leopoldo: v. 49, n. 2, jul.-dez. 2009. p. 317-343.

GANZEVOORT, R.R. **Forks in the Road when Tracing the Sacred**. Practical Theology as Hermeneutics of Lived Religion. Presidential address to the International Academy of Practical Theology. Chicago: 2009. Disponível em: <2009\_Presidential.pdf (ruardganzevoort.nl)>. Acesso em 23/08/2020.

GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara L. **A Mulher faz Teologia**. Petrópolis: Vozes, 1986.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silêncio**: Uma fenomenologia feminista do mal. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

GEBARA, Ivone. **Teologia Ecofeminista**: Ensaio para repensar o Conhecimento e a Religião. São Paulo: Olho d'água, 1997.

GEBARA, Ivone. **Teologia Urbana**: Ensaio sobre ética, gênero, meio ambiente e a condição humana. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

HAAS, Randall et. al. **Science Advances**, v. 6, n. 45, eabd0310, 4 nov. 2020.

Disponível em:

<<https://www.translatetheweb.com/?from=en&to=pt&ref=SERP&refd=www.bing.com&dl=en&rr=UC&a=https%3a%2f%2fadvances.sciencemag.org%2fcontent%2f6%2f45%2feabd0310>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

HEIMANN, Thomas. **Imagem e identidade pastoral**: a desidealização do ministério pastoral a partir da teologia da graça proposta por Lutero. São Leopoldo, RS, 2016. 400 p. Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2016. Disponível em: <[http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/702/1/heimann\\_t\\_td151.pdf](http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/702/1/heimann_t_td151.pdf)>. Acesso em 19/08/2020.

HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAIME, Jean-Paul. (Org.) **Sociologia e Religião**. Abordagens Clássicas. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2009.

JARSCHER, Haidi; ALTMANN, Lori. **Um esboço do perfil da pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)**. São Paulo: Escola Superior de Teologia, 1992.

LINCOLN, Y.S. Inquérito Naturalista. Em *The Blackwell Enciclopédia da Sociologia*, G. Ritzer (Ed.). Disponível em:

<<https://doi.org/10.1002/9781405165518.wbeosn006>>. Acesso em: 09 abr. 2021.

MOREIRA, Alberto da Silva. O futuro da religião no mundo globalizado: Painel de um debate. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias (Org.) **O Futuro da Religião na Sociedade Global**. Uma perspectiva multicultural. Goiânia: Paulinas/UCG, 2008.

MORTON, Nelle. Preaching the Word, em **Sexist Religion**, 29-46, e The Rising Women Consciousness in a Male Language Structure, em Jude Michaels, **Women and the Word**: Toward a Whole Theology (Berkeley: Office of Women's Affairs, 1972): 43-52.

MUSSKOPF, André S. & STRÖHER, Marga J. (Orgs.). **Corporeidade, Etnia e Masculinidade**: Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

NOGUEIRA, Renzo Magno. **A evolução da sociedade patriarcal e sua influência sobre a identidade feminina e a violência de gênero**. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/48718/a-evolucao-da-sociedade-patriarcal-e-sua-influencia-sobre-a-identidade-feminina-e-a-violencia-de-genero>>. Acesso em: 12 ago. 2020

OLIVEIRA, Rosely Künrich de. **Cuidando de quem cuida: Um olhar de cuidados aos que ministram a palavra de Deus.** São Leopoldo: EST/Sinodal, 2005.

OSDOL, Judith Van (Org.). **As Mulheres e a Graça: Releituras bíblicas de mulheres latino-americanas.** São Leopoldo: Sinodal, 2008.

SENA, Emerson. De entre lugares e tensionamentos: Os regimes do conhecimento e os interpretes do religioso em redes culturais. In: MOTA, Lindomar Rocha; SOUZA, José Carlos de; OLIVEIRA, Pedro A Ribeiro. (Org.) **Religião e Cultura. Memórias e Perspectivas.** Belo Horizonte: PUC Minas, 2012.

SEMPRINI, Andréa. **Multiculturalismo.** Bauru: Edusc, 1999.

SCHULZ, A. **Deus está presente – O diabo está no meio.** Tese de Doutorado, São Leopoldo: EST, 2005.

SOUZA, Daniel. Uma prosa em nossos quintais. In: CARDOSO, Nancy; CARVALHAES, Cláudio (Orgs.) **Querida Ivone: Amorasas cartas de teologia & feminismo.** São Leopoldo: CEBI, 2014.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero.** 2. ed. 5. reimpr. São Paulo: Contexto, 2018.

ULRICH, Claudete Beise. **Mulheres e Homens Luteranos: Leituras feministas e identificações com o feminismo em tempos de ditadura militar no Brasil (1964-1989).** Disponível em:

<[https://iris.unito.it/retrieve/handle/2318/90841/12836/historia%20oral\\_Brasil\\_art%20Hernandez%20Nova.pdf#page=60](https://iris.unito.it/retrieve/handle/2318/90841/12836/historia%20oral_Brasil_art%20Hernandez%20Nova.pdf#page=60)>; <historia oral\_Brasil\_art Hernandez Nova.pdf (unito.it)>. Acesso em: 20 nov. 2020.

WOLFF, Cristina Scheibe. Amazonas, Soldadas, Sertanejas, Guerrilheiras. In: PINSKY, Carla Bassanezy; PEDRO, Joana Maria (Orgs). **Nova História das Mulheres no Brasil.** 1ª ed. 3ª reimpre. São Paulo: Contexto, 2018.

[...] Caso alguma temática chamou sua atenção e gostaria de acrescentar ou aprofundar algum aspecto sobre o qual até já tenha se pronunciado ou mesmo também queira agendar uma entrevista pessoal a respeito, esteja completamente à vontade e receberei sua contribuição com alegria, na certeza que enriquecerá e aprofundará a competência desta tese. O sigilo das informações pessoais permanece o mesmo, já contido nas contingências éticas do *Termo de Consentimento*.

Não há um prazo restrito definido para o envio destas contribuições e agendamentos, mas o exame de qualificação da tese será marcado até o final deste ano e seria desejável que as contribuições estivessem comigo até este prazo. Os dados já enviados nos formulários estão sendo integrados aos textos temáticos e as entrevistas pessoais serão agendadas a partir de maio 2021. Lembrando também que as pastoras que ainda não enviaram os formulários e termos de consentimento, continuarei recebendo os mesmos no E-mail acima indicado.

NÃO DEIXE DE FAZER PARTE DESSA HISTÓRIA QUE LHE REPRESENTA NA IECLB, este é o tema adicional desta segunda carta que ora está recebendo. Motivados e motivadas pela esperança contida na vacinação anti-Covid 19 e na

expectativa de retomarmos nossas atividades com novo labor e sabor para o bem-estar de todos e todas na grande aldeia global que estamos construindo, faço votos que você esteja bem, assim como seus familiares, amigos e amigas, colegas, comunidade, Igreja, enfim, somos todos e todas administradores dos bens materiais, psicológicos, espirituais... assim como as habilidades e talentos concedidos para a execução de nossas tarefas e missões.

É nesta expectativa que lhe escrevo, aguardando seu retorno na forma de sua história de vida e trabalho, agradecendo antecipadamente por sua atenção.

Com fraternal abraço



Rubens Ruprecht

São Leopoldo, 30 de abril de 2021.

### **CARTA III**

#### **REFLEXÕES PARA A COMPOSIÇÃO DA TESE: A ATUAÇÃO DAS PASTORAS NA IECLB: DA ORDENAÇÃO AO COTIDIANO.**

**Ms. RUBENS RUPRECHT - 2021**

Prezadas colegas Pastoras !

Esta carta caracteriza o terceiro momento (Fase 3) em que me dirijo à vocês em relação ao preenchimento e envio dos formulários de pesquisa para minha Tese de Doutorado "A ATUAÇÃO DAS PASTORAS NA IECLB: DA ORDENAÇÃO AO COTIDIANO". Também representa o final dessa etapa, tendo em vista que, doravante irei compor os dados para o "Exame de Qualificação da Tese", marcado para o dia 23 de novembro de 2021.

Segue agora mais um convite para responder os formulários que irão compor o corpo da Tese, quem sabe possam até discutir e debater a temática com seus pares nas Paróquias e Sínodos, sendo esta justamente uma iniciativa que propõe essa reflexão ampla sobre o tema, dada a importância e a visibilidade do trabalho das pastoras na IECLB. Também está prevista ainda uma exposição da temática junto ao encontro nacional das Pastoras e Pastores Sinodais, em que uma reflexão prévia em sua origem nas paróquias e comunidades seria muito importante.

Ressalto igualmente que o silêncio e a relutância em participar da pesquisa é um direito que lhe assiste e será respeitado integralmente no contexto desta Tese de Doutorado. Tenho recebido inúmeras e importantes contribuições nos formulários

que já me foram encaminhados, destacando os aspectos qualitativos dessa temática, mas tenho em meus objetivos no projeto de pesquisa também uma percepção nacional das pastoras da IECLB no Brasil a esse respeito, o que ainda não foi alcançado.

Ressalte-se então a importância de sua contribuição na integralização da tese, assim como possíveis e eventuais discordâncias e reflexões que venham a enriquecer, aprimorar e enfatizar aspectos que ainda não tenham sido contemplados até o presente momento e que, sobretudo, indiquem para o **atual momento do relacionamento entre pastoras e pastores na IECLB**. Pressuponho que já tenha havido conquistas e avanços importantes no relacionamento e reconhecimento entre pastoras e pastores da IECLB, embora permaneçam alguns hábitos que ainda dificultam essas relações entre pastoras, pastores, presbitérios e comunidades. Outrossim, compreendo vosso silêncio a esse respeito, tendo em vista questões de múltiplas naturezas. Mencionei algumas delas e gostaria que se posicionasse a esse respeito, caso opte em não responder ao formulário.

**Não quero responder ao formulário proposto por razões de:**

- a)  **Constrangimento com colegas e presbitérios.**
- b)  **Possibilidades de discriminação na escolha da futura paróquia.**
- c)  **Posicionamento ideológico e teológico diferente.**
- d)  **Não comprometimento com a causa por razões diversas.**
- e)  **Preservação do relativo bem-estar com colegas e presbitérios.**
- f)  **Outras...**

Diante do exposto, quero convidá-la, prezada colega pastora, a refletir a esse respeito e ainda me encaminhar seu formulário preenchido até **30 de novembro de 2021**, quando essa fase então será encerrada. Imagino que encontre algum tempo hábil para esse propósito no transcorrer desse período proposto, assim como lhe estimule a dialogar com colegas de sua abrangência, bem como nas instâncias comunitárias, paroquiais e sinodais que possam promover a compreensão e a visibilização de suas dinâmicas de atuação pessoal e pastoral no seu Ministério.

***O não-envio de nenhuma resposta será interpretado como concordância com uma das hipóteses levantadas ou mesmo com todas elas.*** Para sua proteção continuam vigentes todos os requisitos de sigilo contidos no Termo de Consentimento que já lhe foi encaminhado junto com o formulário e que deve ser assinado e enviado ao pesquisador. Essa carta pode ser reenviada ao mesmo endereço eletrônico do pesquisador: [pesquisadorrubensruprecht@est.edu.br](mailto:pesquisadorrubensruprecht@est.edu.br) .

Na expectativa do seu retorno a respeito, lhe aguardo atenciosamente.

São Leopoldo, 18 de outubro de 2021.



P. Ms. Rubens Ruprecht

**[CARTA ANALISADA E APROVADA POR UNANIMIDADE PELO COMITÊ DE ÉTICA – CEP - EST EM 18/10/2021. PARECER 5.044.219 – P. BRASIL]**

**EXTRATO DA TESE PARA CONFERÊNCIA DE TEXTOS CONSTANTES NOS FORMULÁRIOS DE PESQUISA: A ATUAÇÃO DAS PASTORAS NA IECLB – DA ORDENAÇÃO AO COTIDIANO. Pesq: RUBENS RUPRECHT**

**[Prezada Pastora Participante da Pesquisa: Os capítulos 3 e 4 contêm as principais participações (com inserção do seu texto na tese) e que lhe envio para conhecimento e apreciação, conforme consta no projeto de pesquisa, de que haverá uma devolução dos dados às pastoras participantes, como sinal de transparência, gratidão e respeito pela sua participação. Serve também como estímulo para diálogos e discussões em grupos de estudo na sua comunidade/paróquia, colegas, se assim for do seu desejo. No Capítulo 3 constam os resultados de todas as participantes, distribuídos em forma temática e numa ordem não linear, o que impede a identificação da participante. No Capítulo 4 faço uma analogia temática com a Dra. Ivone Gebara, a partir de 3 de suas obras, em que então constam as indicações da origem do texto, no seu caso pela indicação em P [P1,2,3...] O texto não permite sua identificação aos leitores, sempre que poderia haver essa possibilidade, suprimi o mesmo e está indicado pelo símbolo [...]. Para que você mesma possa identificar seu texto, usei o símbolo P (Pessoa) com um número (Ex.: P3) que constará em nota de rodapé e no E-mail pessoal informarei seu número código. Assim poderá examinar a inclusão do seu texto daquela forma, aprovando-o ou não. A defesa pública da tese está prevista para o dia 11 de novembro de 2022 [11/11/22], as 14:00hs, no Campus da EST em São Leopoldo e desde já sinta-se convidada a participar desse evento. Com muita gratidão lhe espero. São Leopoldo, maio de 2022].**



## ANEXO II: FORMULÁRIO DE PESQUISA I

### ATUAÇÃO DAS PASTORAS NA IECLB: Da Ordenação ao Cotidiano

Identificação: ...(crie uma senha pessoal<sup>323</sup>). Ano de nascimento: / /.  
Tempo de atuação no Ministério Pastoral da IECLB: \_\_anos \_\_meses).

### FORMULÁRIO DE PESQUISA I – ASPECTOS PROFISSIONAIS

- 1) Como foi sua primeira experiência num campo de trabalho pastoral? (J<sup>1</sup>)
  - a) Quanto à sua formação teológica [...]
  - b) Quanto ao seu trabalho prático [...]
  - c) Quanto à sua recepção no campo de trabalho [...]
  - d) Quanto à sua condição por ser mulher [...]
  
- 2) Após sua formação em teologia e envio ao campo de trabalho encontrou: (J<sup>1</sup>+T)
  - a) Facilidades em [...]
  - b) Dificuldades em [...]
  - c) Resistências em [...]
  - d) Alegrias em [...]
  
- 3) Após algum tempo e conhecimento do campo de trabalho, como conseguiu estruturar seu próprio projeto de trabalho em termos de: (T+J<sup>2</sup>)
  - a) Diante da estrutura eclesial já existente e seus determinismos [...]
  - b) Diante dos seus colegas de trabalho ou equipe pastoral [...]
  - c) Diante das pessoas da paróquia/comunidade e suas expectativas [...]
  - d) Diante dos seus próprios conceitos e limites pessoais [...]
  
- 4) Transcorrido um certo tempo de atividade laboral, que aspectos relevantes julga mencionar: (C)
  - a) Com relação à Instituição Igreja [...]
  - b) Com relação à estrutura paroquial/comunitária/membresia [...]
  - c) Com relação aos colegas de trabalho ou equipe pastoral [...]
  - d) Com relação aos conceitos teológicos e pessoais desenvolvidos [...]

<sup>323</sup> **Senha pessoal (qualquer palavra):** Essa senha representará seu formulário pois não queremos identificar ninguém, permitindo assim que expresse sua opinião da forma mais autêntica e honesta possível, assim como nos comprometemos seguir a Resolução nº 466/2012 – item IV e CNS n. 510/16, art. 29 do Conselho Nacional de Saúde (PLATAFORMA BRASIL), garantindo a confidencialidade do seu relato durante e após a pesquisa, cujos formulários serão guardados por mim durante 5 anos e mantidos em ambiente protegido. Assim sua senha não revelará sua identidade pessoal e pedimos que apenas liste seu ano de nascimento para que possamos tratar os dados coletados de forma estatística também por representação de faixa etária e seu tempo de atuação no Ministério Pastoral da IECLB em anos e meses. As representações (J<sup>1</sup>); (J<sup>1</sup>+T); (T+J<sup>2</sup>); (C) são indicações técnicas metodológicas para identificação e avaliação de dados.

Obs: O ícone [...] após cada opção pressupõe sua resposta dentro do formulário que se expande.

## ANEXO III: FORMULÁRIO DE PESQUISA II

**ATUAÇÃO DAS PASTORAS NA IECLB: Da Ordenação ao Cotidiano.**

**Identificação: .. (mesma senha pessoal) ... Ano de nascimento: / / .  
Tempo de atuação no Ministério Pastoral da IECLB: \_\_anos \_\_meses).**

### FORMULÁRIO DE PESQUISA II – ASPECTOS PESSOAIS

#### FORMULÁRIO DE PESQUISA II – ASPECTOS PESSOAIS

**1) Comente seu grau de satisfação consigo mesma até o momento**

.....  
.....  
.....  
.....

**2) Comente a relação com seu esposo/companheiro/etc., expectativas conjugais, relacionamentos com filhos, parentes, amigos etc., quando presentes na constituição familiar. [Despreze os itens que não se aplicam].**

.....  
.....  
.....  
.....

OBS: Você gostaria de dar uma entrevista pessoal ao pesquisador? SIM ( ) NÃO ( ). Caso opte por esta ação, informe que procedimento técnico gostaria de usar: presencial ( ) videoconferência ( ) outros ( ). Mesmo assim preencha o formulário da forma mais autêntica possível, respeitando o limite das informações específicas e pessoais que julgar necessário. Suas informações permanecerão sigilosas e nos comprometemos seguir a Resolução nº 466/2012 – item IV e CNS n. 510/16, art. 29 do Conselho Nacional de Saúde (PLATAFORMA BRASIL), garantindo a confidencialidade do seu relato durante e após a pesquisa, cujos formulários serão guardados por 5 anos e mantidos em ambiente protegido. Este arquivo deve ser enviado para [pesquisadorrubensruprecht@est.edu.br](mailto:pesquisadorrubensruprecht@est.edu.br). Sugerimos devolver ao pesquisador os formulários até 30/04/2021.



## ANEXO IV: CORRESPONDÊNCIAS COM A SECRETARIA GERAL - IECLB



Obrigado Carmen/Nara pelo pronto atendimento. Considerarei, assim, esse número de pastoras da IECLB (233) como normativo para a presente tese e reencaminharei o projeto de pesquisa com todas as pendências resolvidas ao CEP/EST, para nova apreciação. Desde já grato pela Vossa disponibilidade.

Abraço Fraterno  
Rubens Ruprecht

Prezada Sr. Rubens, bom dia!  
Conforme solicitado, encaminho o número total Pastoras da IECLB.

Afastada	17
Ativa	179
Em busca de CAM	25
Inativo	12
<b>Total</b>	<b>233</b>

Permaneço à disposição!  
Atenciosamente,

**Nara Konrdörfer Loch**

Assessora da Secretaria do Ministério com Ordenação

Fone: 51.32845400

[secretariageral@ieclb.org.br](mailto:secretariageral@ieclb.org.br)

---

**De:** Carmen

**Enviada em:** quinta-feira, 12 de novembro de 2020 19:14

**Para:** Nara Loch

**Cc:** Ruth

**Assunto:** ENC: Projeto de pesquisa Rubens Ruprecht

Bom dia Nara,

podes, por favor, retornar este e-mail ap Sr. Rubens Ruprecht confirmando o número ministras da IECLB?

Veja solicitação a baixo.

Att.

Pa. Carmen

---

**De:** rmeinhaus@uol.com.br [rmeinhaus@uol.com.br]  
**Enviado:** quarta-feira, 11 de novembro de 2020 19:04  
**Para:** Carmen  
**Cc:** rodolfo@est.edu.br  
**Assunto:** ENC: Projeto de pesquisa Rubens Ruprecht

Prezada Carmen

Entro mais uma vez em contato para lhe agradecer em primeiro lugar pela indicação do curso sobre "Teólogas Feministas" no qual ambos participamos... pessoalmente me identifiquei muito com a "teologia de fronteira", além do "ecofeminismo", e certamente usarei a referência na minha tese.

Outrossim, gostaria de confirmar a informação que recebemos da Secretaria de Formação a respeito do número de pastoras da IECLB, tendo em vista que na reunião do CEP-EST de 09/11/2020 este número fornecido foi colocado em pendência - Pendência 5 [tendo em vista os dados relatados no Concílio 2020 da IECLB, conforme parecer em anexo (entre outras), a ser resolvida em 30 dias a partir desta data. Assim sendo, peço a gentileza de confirmar que o número de pastoras da IECLB é **234, conforme** carta resposta em anexo, para que eu possa reencaminhar o projeto ao CEP-EST.

Desde já, grato por suas providências  
Abraço  
Rubens Ruprecht

---

**De:** rmeinhaus@uol.com.br  
**Enviada:** 2020/10/16 11:50:22  
**Para:** coordenacaogenero@ieclb.org.br  
**Cc:** rodolfo@est.edu.br, giselastreck@gmail.com  
**Assunto:** Projeto de pesquisa Rubens Ruprecht pedido de informação

Estimada P. Carmem!

Conforme proposto e pedido em nossa reunião anterior do dia 08/10/2020, encaminho meu Projeto de Pesquisa e respectivo Termo de Consentimento para esta Secretaria, para Vosso conhecimento mais pormenorizado. Aproveito igualmente, conforme acordado na reunião, para solicitar o número total de Pastoras da IECLB, inclusive Pastoras Inativas e Pastoras Aposentadas, a ser informado na proposta do projeto junto à PLATAFORMA BRASIL e posterior encaminhamento ao COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP da EST-IECLB. Aproveito ainda para solicitar o acesso aos E-mails de todas as pastoras nominadas, para o encaminhamento dos instrumentos de pesquisa - Formulários de Pesquisa, Carta-Estímulo à Participação na Pesquisa, Inspiração Textual para responder as perguntas do questionário, constantes no Anexo I do projeto e o respectivo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em anexo. Após a devida aprovação do projeto no CEP da EST, iniciarei o envio destes instrumentos de pesquisa às pastoras, sugerindo o prazo final de 30/04/2021 para sua devolução ao pesquisador, através de um e-mail institucional deste - pesquisadorrubensruprecht@est.edu.br - proposto no projeto. Desde já me alegro por sua disponibilidade em relação a esse assunto.

Fraternalmente

RUBENS RUPRECHT



**ENC: Projeto de pesquisa Rubens Ruprecht pedido de informação**

**De:** Nara Loch

**Para:** rmeinhaus@uol.com.br

**Cópia:** coordenacaogenero@ieclb.org.br

**Cópia oculta:**

**Assunto:**

ENC: Projeto de pesquisa Rubens Ruprecht pedido de informação

**Enviada em:** 16/10/2020 | 14:28

**Recebida em:** 16/10/2020 | 14:28

Prezado Sr. Rubens Ruprecht, boa tarde!

Conforme solicitado, encaminho o número total Pastoras da IECLB.

Pastoras Afastadas	17
Pastoras Ativas	180
Pastoras Em busca de CAM	25
Pastoras Inativas	12
<b>Total</b>	<b>234</b>

Atenciosamente,

**Nara Konrdörfer Loch**

Assessora da Secretaria do Ministério com Ordenação

Fone: 51.32845400

[secretariageral@ieclb.org.br](mailto:secretariageral@ieclb.org.br)

**De:** rmeinhaus@uol.com.br [rmeinhaus@uol.com.br]

**Enviado:** sexta-feira, 16 de outubro de 2020 11:50

**Para:** Carmen

**Cc:** rodolfo@est.edu.br; giselastreck@gmail.com

**Assunto:** Projeto de pesquisa Rubens Ruprecht pedido de informação

Estimada P. Carmem!

Conforme proposto e pedido em nossa reunião anterior do dia 08/10/2020, encaminho meu Projeto de Pesquisa e respectivo Termo de Consentimento para esta Secretaria, para Vosso conhecimento mais pormenorizado. Aproveito igualmente, conforme acordado na reunião, para solicitar o número total de Pastoras da IECLB, inclusive Pastoras Inativas e Pastoras Aposentadas, a ser informado na proposta do projeto junto à PLATAFORMA BRASIL e posterior encaminhamento ao COMITÉ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP da EST-IECLB. Aproveito ainda para solicitar o acesso aos E-mails de todas as pastoras nominadas, para o encaminhamento dos instrumentos de

pesquisa - Formulários de Pesquisa, Carta-Estímulo à Participação na Pesquisa..., Inspiração Textual para responder as perguntas do questionário, constantes no Anexo I do projeto e o respectivo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em anexo. Após a devida aprovação do projeto no CEP da EST, iniciarei o envio destes instrumentos de pesquisa às pastoras, sugerindo o prazo final de 30/04/2021 para sua devolução ao pesquisador, através de um e-mail institucional deste - pesquisadorrubensruprecht@est.edu.br - proposto no projeto. Desde já me alegro por sua disponibilidade em relação a esse assunto.

Fraternalmente  
RUBENS RUPRECHT

## ANEXO V – EXTRATO NÃO LINEAR DOS DADOS DA PESQUISA

<b>ANÁLISE METODOLÓGICA DOS RESULTADOS DA PESQUISA (Baseado na concepção da terceira encruzilhada de Ganzevoort)</b>
<b>A NARRATIVA DA PARTICIPANTE DA PESQUISA ENQUANTO:</b>
<b>JOGADORA(j<sup>1</sup>):</b> Trata-se da linha de frente da atuação pastoral (Ganzevoort)
<b><i>A primeira experiência no campo de trabalho:</i></b>

<p><b>(+) ASPECTOS POSITIVOS:</b> Foi uma tarefa desafiadora, bem recebida na paróquia/comunidade(9), gostei de cada experiência, não vivi nada constrangedor, oportunidade de participar de inúmeros projetos, o fato de ser mulher não atrapalha na realização de atividades, priorizei situações de vulnerabilidade social. Não encontrei grandes dificuldades na prática pastoral, não houve nenhum estranhamento ou questionamento por ser mulher, curiosidades sobre minha posição teológica pelo uso do anel de tucum, fui muito feliz nas oportunidades de trabalho de reflexão e construção coletiva, coloquei em prática uma teologia e leitura bíblica engajada com as lutas sociais dos pobres e das mulheres, procurei não esquecer minhas raízes sociais e exercitar um trabalho teológico comprometido, profético e ecumênico, não me senti discriminada, sempre mantivemos um diálogo muito aberto e franco (eu e meu esposo) sobre nossas habilidades e também nossos pontos fracos, iniciei com bastante segurança por conhecer a realidade política do País e me posicionar ao lado de pessoas e comunidades socialmente desprotegidas, O aprendizado na Est contribuiu para sensibilizar a atuação pastoral também em relação às pessoas de outras etnias e classes sociais, articulando, a partir da comunidade luterana, contatos e trabalhos nas periferias, fui recebida como pastora (somos um casal de pastora e pastor) e não sofri nenhuma forma de discriminação da comunidade</p>	<p><b>(-) ASPECTOS NEGATIVOS:</b> As lideranças duvidavam do meu potencial por ser jovem e mulher, tinha que provar minha capacidade como mulher, me confrontei com costumes e tradições que dificultavam a missão, percebia afirmações machistas nas entrelinhas, dificuldades em relação à linguagem, expectativa de colaborar com o trabalho de forma voluntária. Vivemos numa sociedade machista, dificuldade em questões pedagógicas em dinâmicas de grupo, sob os condicionamentos de uma sociedade patriarcal, expectativa de se corresponder a um padrão androcêntrico, de poder centralizador, dificuldades para me adaptar ao trabalho no contexto da pandemia, desafios das atividades virtuais, minha idade foi motivo de preconceito, houve situações de desconforto com olhares de membros para meu corpo, desconfiança inicial pela pouca idade (logo se dissipou), acolhimento com desconfianças, faltou prática para lidar com assuntos mais complexos e delicados, necessário provar para pessoas de estar capacitada, não levava para o trabalho questões teológicas polêmicas e provocativas, problemas na questão espiritual (não pregava milagres, expulsão de demônios, orações poderosas, difícil administrar ciúmes e brigas entre casais, precisei assumir tarefas administrativas para as quais não estava qualificada, estava distante de qualquer instância parceira, não havia clima de parceria e cumplicidade entre colegas, senti-me extremamente solitária e isolada, confusão por meu marido ter uma outra profissão, na segunda paróquia senti mais forte um olhar diferenciado sobre a minha atuação como mulher pastora, meu esposo também é pastor e comunidades tentavam fazer um joguinho,</p>
---	---

<p>ou de outros grupos confessionais e sociais (os trabalhos eram realizados tanto por mim, quanto pelo meu marido), o fato de ser mulher contribuiu para uma melhor atuação não só junto a mulheres, mas também junto a homens que buscaram orientação em como melhorar a relação com suas esposas, filhas ou parentes mulheres (tive experiências boas e inusitadas exatamente por ser mulher, como a expressão da alegria em saber que a IECLB tem essa abertura em formar e ordenar mulheres ao Ministério Pastoral), esta condição mulher também foi celebrada por grupos de outras confessionalidades (católicos, batistas, metodistas, sirianos) por terem a oportunidade de concelebrar com uma pastora e, assim, terem um paradigma diferencial para suas buscas de equidade sacerdotal. Ser mãe foi uma experiência significativa (mostrou as dificuldades e as alegrias cotidianas de todas as mulheres casadas-mães que também exercem profissões em várias áreas (levava meus filhos junto na atividades, o que não causou nenhum tipo de constrangimento, recriminação ou outra atitude negativa (todas as situações sempre eram conversadas e acordadas em reunião de presbitério e assembleias).</p>	<p>falando das diferenças em nossos trabalhos, formar lideranças me pegou desprevenida, a falta de formação pedagógica me fez muita falta, tive dificuldades com a linguagem – eu falava uma, as pessoas entendiam outra, também foi difícil a introdução da linguagem inclusiva, nós mulheres tínhamos consciência de que precisávamos trabalhar em dobro para sermos reconhecidas – uma mulher em um espaço compreendido como masculino até então, percebi logo que a comunidade do centro tentou colocar em mim o uniforme dos pastores que me antecederam – camisa branca/saia preta, problema maior ainda foram minhas sandálias simples, como usavam as demais mulheres (isso rendeu um Conselho Paroquial), houve reclamações ao meu jeito de ser mulher – comentários machistas apareceram sempre de novo, diante de colegas paroquiais tive que me impor muitas vezes – nós mulheres éramos interrompidas quando tentávamos dar a nossa opinião, passei por situações “estranhas” por ser uma pastora casada com um homem não pastor. Outra pastora comenta que a comunidade esperava muitas outras atribuições além do exercício pastoral, e lidar com expectativas versus realidade é sempre um desafio. A recepção não foi das melhores, pois a saída da colega anterior deixou muitas dores, e resquícios disso sempre fica pra quem chega. Então diria que essa chegada foi “pisando em ovos”.</p>
--	--

Quadro 1: Quadro de transcrição não linear das respostas ao questionário: (J<sup>1</sup>)

<p><b>ANÁLISE METODOLÓGICA DOS RESULTADOS DA PESQUISA (Baseado na concepção da terceira encruzilhada de Ganzevoort)</b></p>
<p><b>A NARRATIVA DA PARTICIPANTE DA PESQUISA ENQUANTO:</b></p>
<p><b>TÉCNICA J<sup>1</sup>+T</b> - Envolve a orientação de lideranças e a capacitação de outras pessoas no contexto da comunidade/paróquia, orientação e apoio de outros, outras profissionais.</p>
<p><b><i>Após sua formação em Teologia e envio ao campo de trabalho encontrou:</i></b></p>

<p><b>(+) Facilidades</b> em ser acolhida, liderar, planejar, trabalhar com formação, pregar, fazer estudos bíblicos, criar equipes de liturgia, trabalho com música, trabalho ecumênico, participar de conselhos de secretaria municipais. <b>Alegrias</b> em perceber o agir de Deus, me relacionar com todas as</p>	<p><b>(-) Dificuldades</b> em administrar o tempo, dizer não, fazer as pessoas entenderem sua contribuição para o desenvolvimento da comunidade, motivar pessoas para assumir funções de forma voluntária, ser reconhecida como obreira, dificuldades com machismo, <b>dificuldades</b> na área da</p>
--	--

pessoas, estar fazendo o que gosto, de ser aceita pelas pessoas. Alegrias de ver o perdão acontecendo nas famílias, do presbitério pegar junto no trabalho e receber comentários de coisas que tem dado certo, poder construir grandes amizades, estudar, **Alegrias** de experimentar empatia, confiança e contar com valorosa contribuição voluntária de pessoas membro, encontrar espaço para agir dentro da sociedade. **Ouvir** as mulheres nas visitas e seus conflitos do cotidiano, **trabalhar** com grupo de mulheres, crianças e adolescentes, participar de associação beneficente câncer e conseguir pastorear muitas mulheres, facilidades em cultos participativos, dialogais, ecumênicos, formação de lideranças e incentivo para a participação e mobilização popular, me adaptar ao local e me aproximar das pessoas, **facilidades** na pregação do evangelho, na diaconia e missão, no trabalho com a OASE, JE e crianças, trabalhar em equipe, na comunicação com as pessoas. **Alegrias** em partilhar o púlpito com membros da comunidade que fizeram estudo bíblico e tinham desejo de partilhar seus aprendizados, mudar a opinião de líderes da comunidade que protestavam por eu dar pouso para indígenas no porão da casa paroquial, em fazer o enterro de uma senhora no lixão onde ela morava e trabalhava. **Facilidades** no aconselhamento pastoral em crises, conforto em situações de perda pessoal e luto, convívio com lideranças ecumênicas, com celebrações conjuntas, facilidade em elaboração de material para estudo ou celebração nas comunidades, **alegrias** em ter desfrutado da companhia e das experiências simples das pessoas (de suas tristezas e alegrias e como resolviam seus problemas com quase nenhum recurso, ouvir suas dores, provar sua comida simples, valorizar o tempo que passava mais devagar à sombra de uma árvore, com um suco fresquinho), alegria de conhecer um lugar diferente e desafiador (realizar atividades e viver experiências que em outros locais eu não vivi), **facilidades** em realizar atividades culturais e litúrgicas, de formação, assessoria teológica em nível local e nacional, fazer visitas, contribuir na criação de novos espaços de atividade pastoral e social, **alegrias** em celebrar a Palavra e os Sacramentos em comunidade, trabalhar na formação teológica e sensibilização sociocultural com pessoas e grupos que

música, **resistências** em mudar pensamentos, tradições (ideia de que batismo feito por pastor teria mais valor), **resistências** por ser pastora também, junto com meu marido pastor (algumas mulheres preferem conversar com meu esposo), resistências em acolhimento de colegas, **dificuldades** em gravar cultos na pandemia Covid-19 (preocupação que o conteúdo poderia ser usado contra mim em algum momento, saber até onde poderia tomar decisões sozinha, sem consultar o presbitério e como envolver pessoas em responsabilidades que não competiam a mim somente, **resistências** em me impor em algumas situações que sabia que tinha direito, propor coisas novas, por medo de não serem bem aceitas, questionar membros do presbitério por causa de suas posturas insensíveis, **dificuldades** com algum ciúme do colega, entender as discussões e divisões entre membros que foram surgindo em torno de questões teológicas e de identidade confessional, **resistências** no campo ecumênico e também na comunidade em que se esperava que casamentos ou batismos fossem ministrados apenas pelo pastor, em sermos ouvidas como pessoas que já experimentaram uma porção de questões no exercício do ministério e que desejam o bem para as comunidades e paróquias, **dificuldades** em administrar problemas interpessoais da membresia, cobranças da direção da IECLB para a diretoria da paróquia e comunidades, manter relação íntegra com colegas de trabalho tradicionais na eclesiologia e no luteranismo institucional, **resistências** em atender expectativas espiritualistas na comunidade, em solicitar ajuda da Alemanha, em realizar mais reencontros de casais, **dificuldades** em assumir trabalhos administrativos, isolamento e solidão extremos em relação a colegas, débil assistência por parte de Sínodo e IECLB (é mais fácil “facilitar” a saída da pastora do lugar e esperar que o problema se resolva sozinho, organizar minha rotina de trabalho dentro de um contrato que não é mensurado temporal ou financeiramente (quanto tempo de dedicação diária ao escritório é justo? Quanto tempo do meu dia pode ser separado para cuidados pessoais, além da alimentação, higiene,

<p>fomos construindo, morar numa casa pastoral e ter o apoio da comunidade (mesmo quando esta não conseguia reunir o dinheiro para o pagamento de nosso salário (que era apenas um – campo de trabalho dividido, pessoas traziam cesta básica para nossa família, que repartíamos com pastor de outra paróquia em situação parecida), alegria em motivar pessoas e comunidade para trabalhos de missão e atuação social, que resultou num projeto missionário, <b>facilidades</b> em interpretar a Bíblia perante a nova situação que me encontrava, preparar e fazer a pregação, reagir às reações, entender a situação social, econômica e política da região, conseguindo me inserir no meio, <b>alegrias</b> em perceber que aos poucos fui conhecendo melhor cada situação, que o então Distrito estava articulando muita formação de lideranças, para as quais pude encaminhar muita gente, perceber que a minha maneira simples de ser estava sendo muito bem aceita, <b>facilidades</b> em trabalhar com grupos – Bíblia e temas a partir da metodologia da educação popular (foram criadas frentes de trabalho com pessoas com deficiência, idosos, idosas, grupos de mulheres, jovens, casais, celebrações de rua, medicina alternativa e popular, acompanhamento pastoral, novas formas de celebrações e cultos, <b>alegrias</b> na formação de muitas lideranças – pastoral popular, presença de pessoas da comunidade nos movimentos populares (reivindicando direitos e políticas públicas – na perspectiva de uma Igreja Luterana aberta aos pobres através de uma diaconia transformadora), formação constante (realizei mestrado, doutorado e pós-doutorados – gosto de pesquisar e escrever, sinto alegria no trabalho ecumênico e no diálogo inter-religioso),</p>	<p>cuidado do lar e descanso? Sinto-me culpada por dedicar tempo a caminhadas ou sentar num domingo a tarde para tomar um suco, eu me impunha uma rotina exaustiva [...] que a pastora estivesse a serviço em tempo integral), dificuldades em assumir tarefas na área da música (acho tremendamente injusto que essa aptidão seja considerada determinante para a eleição de alguém a um CAM, se as escolas de teologia – no meu tempo – não contemplam esse campo de formação), <b>dificuldades</b> em garantir o que é espaço e tempo privado (a casa pastoral era simplesmente invadida pelos membros, sem nem mesmo bater na porta, com o tempo a gente vai se “encastelando”, portas sempre chaveadas, mesmo para ir na horta, as pessoas sentem-se autorizadas a entrar na casa que é “delas” e não sua, assim como se sentem livres para espiar pelas janelas, a casa pastoral é uma não-casa, é um não abrigo), <b>resistências</b> em dialogar e garantir meu espaço e integridade no matrimônio, de modo que esse casamento disfuncional impactou muito negativamente no meu Ministério por muitos anos, <b>dificuldades</b> em trabalhos noturnos e distantes (a volta a noite desses lugares dava medo), com processos de inclusão de todas as pessoas na formação dos presbitérios (especialmente de mulheres presidentas de suas comunidades, <b>resistências</b> em apontar questões administrativas (como apontar desvios de coletas e contribuições) que criavam animosidades e pontos de atrito, <b>dificuldades</b> em realizar velório, enterro e acompanhamento de famílias enlutadas (sempre tive de pesquisar e me concentrar mais – talvez uma parte fraca no estudo de Teologia), <b>resistências minhas</b> em tratar de questões burocráticas (regulamentos, contratos). Espera-se sempre um modelo de comunidade ideal, que não tem muito a ver com a realidade, pelo menos não nas experiências que tive.</p>
---	---

Quadro 2: Quadro de transcrição não linear das respostas ao questionário: (J<sup>1+T</sup>)

**ANÁLISE METODOLÓGICA DOS RESULTADOS DA PESQUISA  
(Baseado na concepção da terceira encruzilhada de Ganzevoort)**

**A NARRATIVA DA PARTICIPANTE DA PESQUISA ENQUANTO:**

**Juíza T+J<sup>2</sup>** – Detentora dos critérios doutrinários, éticos e confessionais.

***Após algum tempo e conhecimento do campo de trabalho, como conseguiu estruturar seu próprio projeto de trabalho em termos de:***

**(+) Diante da estrutura eclesial** tive respeito e estudo da história das comunidades, mostrando a relevância de algumas mudanças necessárias, para mim a estrutura eclesial não atrapalha-organiza, tenho liberdade de atuar bíblica e confessionalmente, não tive problemas sempre respeitei o contexto, quando propunha algo, fazia com muito diálogo, embasada em textos bíblicos e documentos da IECLB, consegui me inserir sem maiores dificuldades, trabalhei dentro da estrutura já existente com novas perspectivas (desenvolver sensibilidade social e religiosa em relação aos setores marginalizados da sociedade, através de estudo bíblico, pregação, postura nas reuniões e encontros poimênicos, programas de rádio), fui colocando meu jeito de ser [...] e as comunidades sempre aceitaram muito bem (muita simbologia, teatro, pessoas tocando instrumentos musicais e puxando canções – não era mais eu o centro das atenções), não tentei substituir o “pastorcentrismo” por um “pastorcentrismo” (isso tirou de mim o foco, logo não mudou muito o fato de ter uma mulher neste papel e não um homem, aos poucos e com muita perseverança e trabalho as atividades, equipes e grupos foram sendo organizados e criados de forma que a comunidade cresceu em comunhão e celebração da fé (realização de almoços comunitários feitos em mutirão eram arrecadados fundos para a paróquia em função de seu serviço social e pagamento de salário pastoral). **diante dos colegas** com diálogos e estudos, sempre estive cercada de colegas que me apoiaram e incentivaram, tanto homens, quanto mulheres, não encontrei resistências, antes disposição em cooperar no projeto de formação por mim desenvolvido, temos uma boa convivência, sempre conversamos muito, com diálogo chegávamos a um consenso, os colegas foram receptivos, dividindo trabalhos e responsabilidades, na equipe pastoral tentei desmistificar as questões relativas ao feminismo e direito das mulheres, cidadania e fé religiosa, acompanhando meu esposo em acampamentos de sem-terra, cpt

**(-) Diante da estrutura eclesial**, depois de dois anos conseguimos desenvolver um projeto de trabalho com jovens a nível distrital o qual eu assumi e assim recebi reconhecimento oficial como pastora, Não abrindo mão dos diferentes trabalhos, impondo-me a partir deles e buscando forças em parilhas com ministras e com meu esposo, trabalho a pouco tempo e devido à pandemia não tive condições de avançar com reflexões e trabalho além do dia a dia, bastante difícil traçar um plano de trabalho a médio e longo prazo (comunidade pequena, poucos recursos financeiros e de pessoal), sou pastora ordenada da IECLB e devo seguir o que dizem as diretrizes (caso eu discorde, há trâmites para isso ser encaminhado), às vezes sinto que fui apenas uma agendadora de tarefas e eventos, tentando sobreviver num ambiente extremamente extenuante e solitário, calada e tutelada pelos presbitérios (em conluio com meu ex-marido), muito isolamento em relação à instância sinodal (derrotada por estas circunstâncias), sensação de irrelevância, frustrações e decepções. A estrutura eclesial/paróquia estava quase inexistente (havia a casa, mas não havia carro, poucos membros e um pequeno grupo de senhoras – a paróquia estava por fechar, fazia anos que estava sem pastor e o trabalho pastoral era feito por colegas do distrito, era uma paróquia/comunidade ‘em extinção’, com algumas poucas pessoas resilientes com dificuldades econômicas para suprir o salário pastoral). **diante dos colegas** muitas vezes é difícil romper com estigmas por parte de alguns mas muito apoio por parte de outros, o trabalho em equipe tem ajudado nessa perspectiva, as vezes acabei como “tapa furo” oficial, um descompasso profundo no trabalho com colega, experimentei muita, muita solidão e isolamento (com

(nem dava tempo de fazer coisa nova), sempre trabalhamos em parceria, diante dos colegas de trabalho nós mulheres fomos nos tornando conhecidas, sempre tentei fazer diferente, tive a felicidade de substituir colegas muito bons no quesito formação de liderança [...] pude simplesmente continuar o que já estava acontecendo, mas colocando o meu jeito de ser mulher-pastora, de ser pastora-mulher. O colegiado pastoral (pastores, pastora e catequista mulher) reunia-se mensalmente, eram tratadas questões e avaliações relacionadas às atividades e projetos, havia grande coesão e sintonia pastoral e teológica bem como na relação de amizade, o que era percebido nas comunidades, em meio às dificuldades metropolitanas, fazíamos rodízios de púlpito e nos visitávamos para confraternizar, foi um tempo de muita reflexão, amadurecimento e solidariedade (em nível distrital a gente se reunia menos) **diante de pessoas da comunidade** enfrentando desafios e valorização das propostas, ouvindo, acolhendo, aconselhando, avaliando, compreendendo, o autoconhecimento foi fundamental para lidar com expectativas, fui conhecendo os meus limites e aprendi a falar não, a expectativa da paróquia era desenvolver um trabalho de evangelização e fortalecimento na fé em Cristo Jesus e percebo que consigo trabalhar contemplando esta expectativa, as vezes surgia uma ou outra dificuldade, opiniões diferentes mas com diálogo resolvíamos tudo, as comunidades me receberam muito bem, compartilhando suas experiências, anseios e medos, creio ter podido desenvolver um trabalho bonito (de forma especial nas periferias e entre a gente mais simples, sempre relegada), sendo honesta e franca, olhando nos olhos, diálogo sincero e respeitoso, fui criando meus espaços dentro dos espaços já construídos, desmistificando drasticamente o jeito de ser de quem assume este lugar de liderança pastoral, fui mudando a ideia de como o altar se torna um lugar de respeito com meu jeito de mulher, sempre tentei passar esta maravilhosa ideia/certeza de que Deus também é mulher, como teóloga pastora também assumi um papel de assessoria à comunidade, buscando marcar uma presença na sociedade como Evangélica de Confissão Luterana no espaço público. Uma das expectativas manifestadas nas reuniões e encontros foi a visita pastoral ao que dedicamos grande parte de nossa atividade, com isso também podemos

raras exceções), a distância (geográfica) dos demais colegas e dificuldade de manter contato foram características determinantes dessa situação,

**diante de pessoas da comunidade**, muita frustração sempre inerente ao que se sonha e a dura realidade onde o trabalho da mulher precisa ser validado pelo homem para ter reconhecimento, muitas expectativas não refletem a realidade, falta engajamento para novos projetos, foi possível estabelecer um projeto de trabalho minimamente satisfatório (com momentos de realizações e grandes alegrias, mas cercado de inseguranças, culpas e frustrações),

**diante dos próprios conceitos e limites** limitações físicas para enfrentar as enormes distâncias, limitações emocionais de ver pessoas tão isoladas e abandonadas em luta contra a natureza, desafio de denunciar injustiças e violências principalmente contra as mulheres e a preservação da vida, a superação se dá dentro de um processo que vai acontecendo até naturalmente, a maturidade que se constrói ao longo desse processo permite olhar e aceitar os limites com mais “humanidade”, passei por momentos difíceis e de certo desespero devido à pandemia e minhas inseguranças, tento perceber meus limites e cuidar mais de mim (dedico tempo para atividades pessoais, coisa que não acontecia no início pois estava 24 hs focada no trabalho, esquecendo do descanso e das famílias), é preciso adaptar a linguagem, os exemplos, as expectativas, as vezes a gente vai com muita sede e não dá conta de tudo o que se propôs ou sonhou, não sou muito segura dos meus conceitos...preciso deles quando posso articular-me em conceitos já existentes e aproveitá-los como ductos para experimentar minhas ideias... meus limites pessoais estão comigo como realidade, como minha finitude... emoções fortes em horas “inadequadas”, por exemplo, convivo com os limites, às vezes bem, às vezes mal, precisei aprender a lidar com as frustrações e dificuldades apresentadas pelo campo, encontrar uma forma de manter o otimismo e não perder o foco no

“firmar as estacas e ampliar a tenda”, não lembramos de atritos ou desavenças com membros, nem de saída de membros, foram profícuos tempos de muito trabalho, dedicação e expansão, **diante dos próprios conceitos e limites** buscando me conhecer, meus pontos fortes, formando lideranças, delegando funções, compartilhando cargas, orando, o autoconhecimento foi desenvolvido em encontros promovidos pelo Sínodo [...], estes encontros e acompanhamento foram fundamentais, nosso trabalho para o Senhor nunca é em vão (nossa tarefa é anunciar Jesus e por isso convém que Ele cresça e que eu diminua), prezo muito o diálogo, conversando resolvemos as questões, Meu cuidado especial foi com a OASE e JE (muitas mulheres tinham apenas este dia, do encontro da OASE, para se sentirem importantes, amadas, e isto precisava ser aproveitado, resgatar a autoestima delas, reconhecendo erros, pedindo perdão, deixando que o evangelho nos guie, mantendo o respeito e a diversidade de forma saudável, pra ser bem sincera... eu nem tive tempo para pensar/avaliar/conceituar nada...o trabalho ia se definindo à minha frente e eu precisava dar conta, com muita alegria veio o nosso primeiro filho...o nosso segundo filho quatro anos depois... treze anos depois veio nossa primeira filha...meu marido e eu fomos assumindo esta família querida em conjunto, com muitas dificuldades (mas em conjunto), os desafios iam aparecendo, eu ia dando conta, [...] deixei a desejar muitas vezes, mas nunca coloquei-me a necessidade de preencher os desejos de tantas comunidades diferentes, de tantas pessoas especiais e de outras pessoas nem tanto (nunca pensei em ser a melhor, sempre pensei em conseguir fazer o meu possível: este eu fiz, precisei aprender a dizer NÃO, assumo tarefas demais, ainda conservo em mim a vontade de transformar situações de injustiça (tenho trabalhado além do que é exigido pelas comunidades, especialmente no trabalho ecumênico e no diálogo inter-religioso. Procuro sempre ultrapassar as fronteiras. Acredito em uma Igreja Profética e atuante, a partir do Cristo crucificado e Ressurreto, na dimensão a partir dos/das crucificados na Terra), pudemos experimentar o que significa ser pastora/pastor em comunidade e paróquia em reconstrução: a força dinâmica que provém da fé, da esperança e do amor, pessoas justificadas por meio da fé, que também sofrem e vacilam mas são

trabalho, senti frustração por não poder ir além do ordinário, era um contexto local e cultural para ser uma Igreja com sotaque próprio, com uma visão diaconal e de sociedade libertadores, infelizmente devido a vários fatores (o casamento turbulento, tutela à minha presença feminina nos espaços de decisão, minha tendência a esperar “o melhor momento”) funcionaram como limitantes da concretização de minhas propostas ou visões de pastorado para o local. Destaco o cansaço oriundo de tanto trabalho: a partir de dado momento assumimos atividades letivas (eu e meu marido) em período noturno em cidade vizinha e passamos a prover a subsistência da nossa família, trabalhando de forma contratual voluntária junto à paróquia, devido a constante dificuldade econômica da paróquia para pagar o salário pastoral, trabalhar em duas frentes foi cansativo e após 10 anos resolvemos trocar de ares quando recebemos um convite para trabalho docente em outra cidade do País (fomos contratados como docentes numa Universidade, quando membros luteranos souberam disso, pediram ajuda na reconstrução da comunidade que estava “moribunda” e foi uma experiência muito boa).

sustentadas pela Graça e misericórdia de Deus.	
--	--

Quadro 3: Quadro de transcrição não linear das respostas ao questionário: (T+J<sup>2</sup>)

<b>ANÁLISE METODOLÓGICA DOS RESULTADOS DA PESQUISA (Baseado na concepção da terceira encruzilhada de Ganzevoort)</b>
<b>A NARRATIVA DA PARTICIPANTE DA PESQUISA ENQUANTO:</b>
<b>COMENTARISTA - C -</b>
<b><i>Análise dos resultados e perspectivas após um tempo de atividade laboral:</i></b>

<p><b>(+) Instituição Igreja</b> sou muito feliz e grata em fazer parte desta Igreja e nela servir, sempre fui bem avaliada, aconselhada, servida, apoiada pela mesma, claro, às vezes nos sentimos distantes, sozinhas, abandonadas, cobradas, mas dentro das possibilidades a Instituição nos acompanha e ajuda, que se preocupa com seus ministros e ministras, a Instituição foi dando importantes passos para uma maior abertura em relação ao acolhimento e forma de lidar com a diversidade, a instituição IECLB tem contribuído em forma de campanhas e coletas para ajudar na manutenção da paróquia. <b>Estrutura paroquial e comunitária/membresia</b> dá abertura para o meu trabalho, saber trabalhar com o tradicional em respeito àquelas pessoas que historicamente vem mantendo a Igreja e abertura ao novo que dá a continuidade a partir de novos jeitos de ser Igreja no mundo, na sociedade, houve boa acolhida e receptividade por parte da comunidade e membros, trabalho conjunto, apoio e solidariedade, dedicação às atividades eclesiais, abertura para inovação de atividades pastorais em nível teológico e social e simultaneamente preservação de aspectos tradicionais de identidade cultural – o que possibilitou o diálogo com outros grupos e uma</p>	<p><b>(-) Instituição Igreja</b> ela precisa manter a Palavra de Cristo como fundamental, vivemos numa sociedade polarizada e cheia de modismos, manter o foco no Central é fundamental, o acompanhamento da Igreja aos seus ministros e ministras é fundamental, muitas vezes precisávamos de posicionamentos mais firmes, inclusive diante de questionamentos feitos pela comunidade (em questões pessoais senti-me sozinha), a IECLB se fechou muito, irreconhecível a de hoje se comparada com aquela que busquei nos anos 1980 pela sua voz profética, a estrutura da Igreja nem sempre nos ajuda, por vezes parece algo distante, a estrutura nem sempre enxerga ministras e ministros como parceiros, tentando manter a paz comunitária num mundo sempre mais polarizado, parece ser uma estrutura por demais cansada, amedrontada, pressionada, quem ocupa cargos sinodais e nacionais se sente sem base de apoio, está tentando conciliar interesses muitas vezes diametralmente opostos (o pastorado sinodal que houve a minha denúncia de assédio moral ou sexual por parte de presbítero ou colega é a mesma pessoa que vai ter que disputar vagas no pastorado futuramente – como essa instância vai poder agir com isenção? A gente precisa urgentemente tirar esse peso de pastores e pastoras sinodais – até para que nossas demandas tenham encaminhamento correto (justiça comum, polícia), urge criarmos uma Ouvidoria especializada em Direitos Humanos e que supra essa demanda), erros históricos na divisão dos Sínodos, a formação de guetos teológicos e financeiros, a desarticulação do Centro de Formação Teológica, o fim da APPI, dos encontros de pastoras e estudantes de teologia etc., fez que agora somos estranhas, não nos conhecemos e temos dificuldades de nos relacionar com a alteridade, desistimos do diálogo e simplesmente fizemos a partilha dos despojos, aprofundando a sensação de isolamento e abandono de Ministros e Ministras que são a “ponta</p>
--	--

postura de abertura no processo de transformação de mentalidade para acolhida da 'outra' e convivência. Assim, se houve, por um lado, ausência ou invisibilidade de presença e apoio por parte da instituição maior IECLB, o contrário sempre ocorreu em nível de comunidade/paróquia.

**Colegas de trabalho** sou casada com pastor, sempre planejamos em conjunto e temos um ótimo Ministério, reconhecemos e respeitamos os nossos dons e pontos fortes, dividimos atividades com respeito, reconhecendo as possibilidades de cada um, sempre buscamos o diálogo e planejamento com os demais colegas em conjunto, tenho ótimo relacionamento com o colega de paróquia, com colegas da união paroquial tenho relacionamento mais distante, porém respeitoso, não concordo com todos os costumes e projetos de Ministério, mas reconheço em todos a vocação e o serviço, sempre tive a graça de conviver com colegas incríveis com os quais aprendi e cresci (gratidão aos colegas de caminhada), conseguimos trabalhar juntos e nos pastorearmos mutuamente, a relação com a equipe pastoral foi fundamental no primeiro campo de trabalho (no segundo fui voluntária por 10 anos e estava sozinha em termos de trabalho conjunto, apoio, solidariedade, processos de planejamento e avaliação, amizade e visitação com celebração e confraternização).

**Conceitos teológicos e pessoais desenvolvidos** amadureci muito nestes nove anos, tive crises de fé e vocação, mas sempre fui amparada em primeiro lugar por aquele que me chamou e vocacionou: Deus, percebe sempre mais a minha humanidade e como ainda assim Deus tem me usado em sua Seara, também busco participar de cursos, seminários, atualizações (realizei uma pós em revitalização de comunidade a qual

da lança" (pastoras têm ficado sem emprego mais frequentemente e por mais tempo, estamos mais expostas e fragilizadas, estou muito preocupada: Não reconheço muitas vezes a minha Igreja, deixamos de dizer uma palavra fundamental perante a realidade social, política, econômica pela qual passa o Brasil, a Igreja deixa de colocar os pés no chão da vida como faz o evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, quanto à exclusão de pessoas homoafetivas do quadro ministerial? Isto é inadmissível para uma Igreja que se diz seguidora de Jesus Cristo, em mais de 30 anos de pastorado (28 anos voluntário) pastoralmente temos recebido pouco apoio e sustentação, com pouquíssimas visitas de pastor distrital e atualmente sinodal (nos últimos 21 anos atuando voluntariamente – durante 10 anos assumindo todos os trabalhos por falta de pastora contratada – distantes do centro geopolítico luterano, registramos ausência de visita pastoral de Pastor Presidente, inclusive quando aqui esteve para participar de evento acadêmico por nós organizado na Universidade em que trabalhamos [tendo sido convidado a permanecer um dia a mais para realizar culto], tratamento semelhante acontece por parte de Pastora Sinodal, talvez justamente por sermos pastora voluntária. A Igreja como Instituição (IECLB) desde o Concílio em 1992 se burocratizou e ficou ainda mais distante do povo, a estrutura sinodal engessou a IECLB (sinto falta de um testemunho claro e profético da Instituição Igreja em situações concretas, por exemplo, onde colegas são atacados devido a seu engajamento na luta por direitos humanos).

**Estrutura paroquial, comunitária e membresia** estruturas são necessárias, nem tudo funciona perfeitamente, mas buscamos dentro da legalidade e diante da vontade de Deus mostrar às pessoas a importância das estruturas para o bom servir, lembro que somos uma Igreja séria, transparente, comprometida com a justiça e a verdade, toda a forma de trabalho era bem-vindo desde que não implicasse em ônus financeiro, as pessoas leigas precisam ser sempre de novo incentivadas para colocar em prática dons e talentos, assumindo o sacerdócio geral de todas as pessoas crentes, esta é a quinta paróquia em que atuo em 25 anos de ordenação (são 5 Sínodos diferentes, as comunidades e seus membros são bastante ativos e independentes no sentido de colocarem os dons a serviço e verem o que precisa ser feito e como, noutras são mais acomodados e dependentes, sendo necessário meio que "puxar a carroça" sozinha, nem todas as paróquias são bem organizadas do ponto de vista cadastral, contábil etc., e as vezes é difícil convencê-los a mudar, pois "sempre foi assim", a comunidade em que congrego hoje é fechada para si

<p>me trouxe nova motivação para o Ministério, cresci na fé convivendo e conhecendo outras denominações, experimentando o Ecumenismo, aprendi a reconhecer e admirar o trabalho desenvolvido por outras denominações, que prezam pelo Evangelho, prefiro andar no caminho do meio, não sou de esquerda ou de direita, pois quem anda no caminho da polarização, não consegue enxergar o outro, a outra, nas suas lutas, alegrias e dores, a Igreja nos reconheceu porque batalhei para isso, louvo a Deus por seu Filho Jesus Cristo que resgatou o valor e a dignidade de cada ser humano, especialmente das mulheres, idosos e crianças, pude aprofundar os conceitos ao longo dos anos de Ministério na perspectiva de uma leitura bíblica a partir da vida das pessoas empobrecidas, mulheres, crianças, aprender com a erudição de professores/mestres que colocam seu conhecimento de forma madura e comprometida com o povo tem me motivado a buscar aprofundar meu conhecimento, buscando trazer sempre para a esfera da reflexão todo o engajamento prático na área da pastoral, manter a alegria do Evangelho é o que me move para continuar em um campo de atividade ministerial, às vezes essa alegria desbota, louvado seja o Senhor que nos renova e que nos envolve com seu amor, que nos restabelece a alegria. Considero-me uma mulher pastora agraciada pela possibilidade de (oriunda do trabalho na roça) poder ter estudado Teologia na EST e continuado os estudos em nível doutoral e pós-doutoral, sinto-me mulher, pastora e professora realizada por poder trabalhar naquilo para o qual fui vocacionada, teologicamente consigo dialogar e debater com pessoas de mesmas e outras tendências ou vertentes, sempre mantendo claro o meu posicionamento, sem o qual não há</p>	<p>mesma, segundo o pastor com 95% de membros [...] irredutíveis, a Igreja está muito acuada, ultimamente é muito difícil participar, vivemos uma incansável busca por membros afastados, os quais pouco têm interesse em ter qualquer forma de contato com a comunidade, há uma crescente bricolagem da fé e uma preocupação patrimonial que nem sempre reflete o maior patrimônio que são as pessoas, percebo um duelo entre procurar a igreja para receber um benefício (ofícios, sacramentos), e entre uma vivência comunitária alegre e participativa, é difícil...a gente percebe grupos de pessoas que se perpetuam em cargos dos presbitérios, seja para exercer poder ou pela dificuldade em trabalhar com pessoas de visões diferentes, há uma tendência a tutelar a pessoa da pastora, eu amo minha Igreja, mas também tenho uma família que depende financeiramente de mim, é cruel o tratamento dado a ministras com respeito à aparência física, roupas, voz fraca, falta ou excesso de adereços, perda ou ganho de peso, pastoras solteiras ou mães não biológicas. Desde que iniciei o pastorado, vejo que mudou muito, atualmente os presbitérios das comunidades se entendem como patrões e não parceiros/as na proclamação do Evangelho, querem um evangelho água com açúcar e quando não agrada mais, rompem com os contratos de trabalho. Uma política [...] também está na base das comunidades, muitos/as ficaram com a fé do culto infantil ou com o conhecimento do Ensino Confirmatório. <b>Colegas de trabalho</b> muitas vezes incompreensão diante das insatisfações expressas, por um lado há um retrocesso no que diz respeito à formação, a pouca reflexão traz dificuldades diante de temas como relações justas entre homens e mulheres, equidade e justiça socioeconômica, diversidade religiosa e cultura, entre outros (ao mesmo tempo sinto crescimento e grande afinidade com equipes de trabalho e colegas que amadureceram dentro dos processos de buscar vida com dignidade), pessoas pensam, sentem e vivem de formas diferentes, é imprescindível o respeito pela outra pessoa e que sempre se mantenha o diálogo em amor, no [...] tivemos uma equipe pastoral e no [...] atuei com meu marido, nas outras paróquias era a única ministra atuando, nem sempre é possível ter colegas próximos, pastores acuados ou coniventes com a [...], sermões descolados da vida, textos bíblicos não são explorados como palavras proféticas (há exceções), não tenho colegas de trabalho na minha comunidade, ninguém me acompanha, tenho colegas em outras partes do Brasil e em grupos ecumênicos, penso que poderia haver maior parceria entre os colegas do núcleo sinodal, falta entrosamento, a parceria continua sendo a única forma de nos</p>
---	--

diálogo, necessário para tempos hostis como os que vivemos. Os referenciais da Teologia da Libertação e da Teologia Feminista têm contribuído vitalmente para os trabalhos pastorais e docentes realizados ao longo de 36 anos de teóloga e 31 anos de pastora. Sou feliz por contribuir com a formação profissional em nível de bacharelado, mestrado e doutorado de mulheres e homens de todas as idades, classes e etnias, bem como como a educação teológica e ética em nível pastoral, social e ecumênico, vivo cotidianamente a teologia, a pastoral e a fé que experimento, vivencio e desenvolvo, com suas ambiguidades e complexidades, alegrias e dificuldades, sou grata a Deus e a todas as mulheres e homens que fazem parte dessa caminhada. Sinto-me em constante formação, para mim a Teologia da Cruz, relida a partir da Teologia da Libertação, é atual e fundamental no contexto brasileiro e da América. A Teologia Feminista da Libertação é uma temática fundamental num contexto de violência e morte de mulheres. Um conceito fundamental é a ética e a economia do cuidado (tenho trabalhado muito com a metodologia da história de vida e com a história das mulheres, minhas produções acadêmicas têm apontado muito para este enfoque). A Teologia é pública e necessita refletir sobre o público, democracia, cidadania, ecologia, economia, pois estes também são temas da ética, a teologia tem estômago e no momento tem muita gente passando fome.

fortalecermos, se percebe um aumento na questão individualista, questões de TAM, de opiniões e de realidades têm melindrado muito a gente, levando a nos protegemos sozinhos [...] a saída é a união e não a divisão, o trabalho em equipe, sem disputa de egos, é o melhor, a pressão por desempenho que paróquias colocam sobre colegas faz com que o trabalho desenvolvido em conjunto seja visto como corpo mole, preguiça ou incapacidade, cada qual está tendo que defender o seu emprego (me dói muito dizer isso) tenho colegas que não conseguem se posicionar politicamente nas suas redes sociais, porque estas servem de pesquisa para lideranças formarem o seu perfil do novo pastor ou pastora que irão chamar (tento me colocar no lugar destes, não deve ser fácil). As demandas aumentaram e o individualismo narcísico também, há poucos trabalhos coletivos em projetos que visam transformações significativas na sociedade.

#### **Conceitos teológicos e pessoais desenvolvidos**

cada vez mais convicção de que sem estar próxima ao cotidiano das pessoas a pregação do Evangelho são somente palavras não encarnadas, existem conceitos teológicos e pessoais que fazem parte da minha essência, estes não abro mão, não são negociáveis, mas também estou sempre aberta ao diálogo para refletir e ver ideias, pensamentos e opiniões. Espero ter crescido, aprendendo com as comunidades, foram importantes as oportunidades de cursos oferecidos pelos Sínodos, infelizmente não consegui, por diversos motivos, continuar meus estudos, meus conceitos teológicos continuam sendo: uma divindade criadora e uma divindade compassiva com todos os seres da Criação, que é fonte de poder e ao mesmo tempo esvaziada de todo poder a ponto de precisar de mim, de nós, e os conceitos teológicos nos ajudam a pensar e a imaginar, a dar conta da nossa fé em palavras e celebrações, ações junto às pessoas mais necessitadas, a fazer a nossa travessia cotidiana e derradeira com sentido, é preciso estar em constante atualização, através de leituras e quando possível, buscar formação complementar, a teologia feminista e ecofeminista tem a preocupação com a casa maior em que tudo existe, grupos identitários com posturas ecumênicas e dialogais (ainda há muito medo de seguir esse caminho: quem vai comigo? Que presbitério daria liberdade para trabalhar nessa linha? Que comunidade estaria aberta para essas novas possibilidades?), não entendo lideranças locais e colegas com atitudes excludentes. Nosso Deus Pai/Mãe de nosso Senhor Jesus Cristo jamais exclui pessoas homoafetivas, negras, pobres, mulheres, jovens e crianças. A grande maioria das questões prementes em nossa sociedade, das quais

	depende a sobrevivência da vida, está sob o poder de pessoas masculinas, brancas, velhas e ricas – a vida está mais do que nunca ameaçada.
--	--

Quadro 4: Quadro de transcrição não linear das respostas ao questionário: (C)

### ***Aspectos pessoais – grau de satisfação consigo mesma .***

<p><b><i>Aspectos pessoais – grau de satisfação consigo mesma:</i></b></p> <p><b>Aspectos positivos:</b> Sempre tive prazer em desenvolver meu pastorado, nunca deixei de demonstrar meus sentimentos, minha linguagem foi simples (usei muita simbologia, meus filhos ainda me chamam de pastora cartolina) com a preocupação de me fazer entender. Estou muito satisfeita comigo mesma, em processo constante de desconstrução e reconstrução. Sou muito grata pelas oportunidades que foram se colocando no desenvolvimento da minha vida, entendo ela como um grande presente e daí nossa responsabilidade com toda a criação. Estou a caminho, sou uma pessoa do caminho. Sinto-me satisfeita e feliz com minha vida e meus trabalhos profissionais e artesanais, no cultivo da educação, da terra e das relações. Me alegro com manifestações da Graça de Deus em nós, por meio de nós e entre nós. Sou mulher, pastora e professora agraciada. Tenho tido alegrias de reencontrar colegas, refletir e construir teologia em conjunto, uma dádiva voltar a refletir e elaborar teologia com outras pessoas, isso me deixa feliz e grata. Estou muito satisfeita comigo mesma, tenho feito o que gosto, estou estudando, buscando crescimento, tenho ido atrás dos meus sonhos e projetos de vida. Me sinto muito feliz, realizada, privilegiada e abençoada – isto só foi possível porque houve colegas mulheres e homens que prepararam o terreno, tenho ao meu lado um marido dedicado e lideranças motivadas, sou muito grata a Deus, sei que vivemos tempos muito desafiadores por causa da pandemia, ao mesmo tempo, Deus nos desafia (acredito que crises e frustrações sempre virão ao meu encontro, mas oro que eles não me roubem a motivação e a fé no</p>	<p><b><i>Aspectos pessoais – grau de satisfação consigo mesma:</i></b></p> <p><b>Aspectos negativos:</b> Enfrento dificuldades como todas as mulheres e homens no exercício de suas profissões, reúno forças por meio da fé e de outras mulheres e homens que me sustentam. Creio na força da comunhão, sofro com injustiças. Sinto-me fragilizada, derrotada por más escolhas, por uma vida ministerial muito solitária e instável. Me sinto exposta, velha, despreparada, desatualizada, sem lugar na Igreja. Minha saúde passa por grandes altos e baixos, ela está alquebrada. Me sinto solitária e rejeitada como pessoa e como pastora. É preciso ter uma armadura melhor sendo mulher ... nos últimos meses tenho sido amparada por colegas, em sua maior parte pastoras feministas. Percebi que muitas de nós tivemos experiências parecidas, estamos criando um espaço seguro para apoio mútuo, produção de conteúdo e busca de direitos. Sou muito criteriosa comigo mesma e me cobro muito, gostaria de ser mais criativa, mais conciliadora, mais pro-ativa, de ajudar a vencer as divisões e polarizações que existem mundo a fora e que respingam na comunidade. Vivo em constantes altos e baixos em relação ao ministério, por vezes animada com novos projetos, outras frustradas com a falta de resposta e adesão da comunidade, isso influencia meu grau de satisfação pessoal. Reconheço que possuo capacidades de oferecer mais pra comunidade, mas em muitos momentos boicoto a mim mesma e meus projetos. Como pessoa combativa que sou, eu que nada mais amo do que a insatisfação com que não se pode mudar, nesse sentido estou sempre e apenas temporariamente satisfeita. Há muitas coisas que gostaria de</p>
--	--

<p>Senhor. Estou satisfeita, tenho projetos de estudo futuros, no momento realizo aquilo que consigo. Sinto muitíssima gratidão porque sempre fui agraciada com muito perdão pelas minhas fraquezas e falhas e nunca fiquei sem trabalho, mas muitas vezes sem reconhecimento oficial por um certo tempo e assim continuei até minha aposentadoria, hoje sou uma agricultora orgânica feliz e colaboro voluntariamente no Sínodo quando sou chamada.</p>	<p>ter feito, muitas paróquias nem aceitam nosso currículo por ser mulher, inventando desculpas esdrúxulas. Teve tempos em que me cobre demais e me sentia incapaz, hoje compreendo que foi normal no processo de iniciar a vida ministerial, tenho trabalhado para me cobrar menos e valorizar as coisas que faço.</p>
--	---

Quadro 5: Quadro de transcrição não linear das respostas ao questionário: **Grau de satisfação consigo mesma.**

### **3.1.6 Aspectos pessoais – grau de satisfação com esposo/companheiro etc. expectativas conjugais, relacionamentos com filhos, parentes, amigos.**

<p><b>Aspectos Positivos:</b> Sinto-me realizada, Deus me abençoou com um esposo amigo, companheiro, com o qual posso contar, fomos abençoados com dois filhos, temos um relacionamento muito bom com nossos pais e mães e recorremos a eles quando precisamos de um aconselhamento. Meu marido é ministro também, temos um relacionamento muito saudável, temos um filho pequeno e expectativas de aumentar a família. Conheci meu esposo na faculdade e antes de sermos um casal, fomos amigos e colegas que amam a Igreja e desejavam servir com alegria. Partilhamos um campo de atividades e nos sentimos muito em paz com isso. Temos dois filhos, os quais para nós têm prioridade maior que o ministério. Mesmo nos sabendo vocacionados, não negligenciamos nosso casamento, família e bem-estar. A paróquia na qual servimos e suas lideranças entendem isso muito bem. O primeiro e mais importante ministério é servir em nossa casa. Nossos pais e irmãos entendem e apoiam nosso chamado e serviço. Não temos muitas amizades, mas as que temos são muito lindas e especiais. Com amigos e amigas partilhamos as alegrias e as cargas do ministério. Nossa relação é boa como casal e com as filhas (embora uma filha não tenha se confirmado e ambas se tenham afastado completamente da</p>	<p><b>Aspectos Negativos:</b> A relação com meu esposo foi bastante conflitiva por termos pontos de vista diferentes e não era bem aceito se discutíamos diante da comunidade. Nunca conseguimos separar trabalho e vida familiar, nos afastamos muito de nossas famílias (sempre moramos longe deles e agora é complicado reatar os laços (nossas filhas nos acompanharam sempre e hoje são adultas independentes, trabalham e estudam, têm companheiros e estão em constante contato virtual conosco). Tenho dois filhos, de 22 e 19 anos, que criei longe de qualquer parente ou apoio, eles tinham por “avôs” membros da comunidade, pois era difícil e caro visitar a família. Separei-me em dezembro de [...], tendo duas crianças pequenas, inclusive um menino com [...]. (nesse processo foi importante o P. Sinodal [...] e a comunidade de [...]. Até ali não havia tido nenhuma ajuda da Igreja, nenhum apoio, muito pelo contrário, ouvi várias vezes “pense na carreira dele”). Meu ex-marido pode fazer seu mestrado, 2 doutorados e um PHD, eu trabalhei na comunidade e cuidei das crianças. Nunca conseguimos uma paróquia que tivesse vaga para os dois, apenas pudemos compartilhar o ministério e o salário. Com dois filhos prematuros, um muitas vezes doente, dificuldades no casamento, gostaria de ter tido mais apoio. Hoje meus filhos dizem que sou pastora em tempo integral e, para ter minha atenção, precisam me chamar de “pastora” e não de mãe. Talvez, para ser aceita na comunidade tenha mergulhado no trabalho, excedendo a entrega, trabalhando demais,</p>
---	--

comunidade, elas são profundamente sensíveis, compassivas e amorosas. Temos uma boa convivência. (com uma parte d@s parentes e amig@s temos mais dificuldades por questões políticas – quando alguns misturam sua fé com a política do [...] tornam-se irreduzíveis). Com outra parte da família e d@s amigos nosso relacionamento é bom, esperamos que a nossa convivência familiar continue boa. Meu esposo é meu parceiro, meu apoio, meu incentivador e com quem troco ideias. É alguém que traz ideias, divide tarefas, me acompanha, com que posso contar em todos os momentos. Sou imensamente grata a Deus por ele. Esperamos ainda por filhos, confiamos que o Senhor proverá. A relação conjugal tem sido suporte de amor e companheirismo para a minha/nossa vida há 38 anos e simultaneamente também causou alguns percalços. Sempre vivemos e trabalhamos longe, bem longe de nossas terras natais, famílias, parentes, amigos e amigas mantemos e fazemos novas. Nas férias viajamos para nossas famílias, para que os filhos conheçam avós, tias, tios, primos, primas, para estar presente também na vida de nossa gente querida. O trabalho pastoral e docente não prejudicou a relação familiar, mas aproximou-nos por aprendizagens e vivências múltiplas. Pessoas fantásticas passaram por nossas vidas, cuja amizade cultivamos até hoje. Meu marido sempre foi muito querido, soube ser meu ombro amigo, minha fortaleza. Nossos filhos e filha recebiam críticas covardes com absoluta falta de respeito (cabelos longos, músicas que ouviam e tocavam eram motivos de críticas, mas eles se integravam na vida da comunidade. Ambos já foram cantando no coral e participando no grupo de danças folclóricas. Depois quando a nossa menina foi crescendo, também foi se envolvendo. Muitas vezes traziam suas queixas de como eram comparadas a outras jovens – porque a filha da pastora precisa ser bem comportadinha). Tenho a obrigação de dizer que fui uma pastora muito privilegiada no quesito família. Sempre recebi toda a compreensão, todo amparo (Nunca esquecerei das manhãs

deixando de lado folgas [...] sem isso, teria sido tão bem recebida? E o custo pessoal disso, como doenças e solidão, pago sozinha? São questões a serem vistas. Meu casamento iniciou um mês antes do ministério e meu esposo não é ministro da IECLB. Passamos por um processo de adaptação como casal, ao mesmo tempo em que me adaptava ao ministério e ele à condição de desemprego. Com muita paciência e respeito encontramos alternativas para lidar com a rotina do dia a dia, dando espaço para ambos e também encontrando momentos para compartilhar. As relações de amizade são afetadas pelo trabalho, não temos amigos na cidade onde atuo. Família não mora próximo, vemos apenas esporadicamente. Sobra pouco tempo para o lazer, já que o esposo também trabalha no fim de semana. Filho é o presente precioso, a quem tenho dedicado maior parte do meu dia. Eu vivo um segundo matrimônio, “minhas crianças” são do primeiro matrimônio, foi um relacionamento abusivo e disfuncional, marcado por muita manipulação e jogos de poder. Houve muitas traições da parte dele ao longo dos anos, fiquei sabendo das últimas no final do casamento. Era um casamento de muitos gritos e silêncios, tudo na frente das crianças. Elas não foram poupadas da insanidade do que vivemos, não tivemos nenhum respeito por elas, tristemente. Demorei a perceber que a pessoa com quem me relacionava tem uma impossibilidade de sentir empatia e estabelecer vínculos. Demorei muito mais para criar coragem e romper esses laços, estava isolada de redes de apoio, tive medo de ficar sem o emprego no pastorado. Ouvia falar de casais que foram afastados e passaram pelo processo disciplinar, tudo isso me apavorava porque meu trabalho ainda era o único sustento para mim e minhas crianças. Quando finalmente criei coragem pra me separar, o P. Sinodal da época veio nos visitar, disse que a gente deveria “fazer mais sexo, fazer umas coisas diferentes na cama”. Eu me vi sem apoio e levei mais um ano até romper esse relacionamento, sob ameaças de morte e outros tipos sórdidos de chantagem e abuso contra mim e minhas crianças. Fiz boletins de ocorrência, mas nunca levei adiante. Medo, (ele tem parentes ligados a pastorado e Igreja, que ainda podem me prejudicar). Quinze dias após a minha separação, os homens começaram a se manifestar, assediando-me abertamente, com as mais bizarras propostas de me “consolar, proteger, criar minhas crianças”, de

<p>de domingo, quando, depois da celebração de dois cultos, chegava em casa e a família todinha estava reunida com o almoço pronto, apenas esperando pela mãe – amores da minha vida). Esta relação bonita me segurou nos braços quando perdemos o nosso filho mais velho, agora já na inatividade. Muito choro, muito abraço, muita conversa saudosa, muita memória cultivada em família. A relação com meu esposo é de companheirismo, trocas e diálogos constantes. Somos pais de uma filha e dois filhos, todos estão bem encaminhados, fizeram universidade e continuam estudando, percebendo os novos desafios que lhes são impostos. Relação muito respeitosa e amorosa com toda a família e as pessoas que foram chegando: genro, noras e netinha. Uma tristeza me acompanha: minha irmã faleceu devido a pandemia do coronavírus, não pudemos nos despedir. Então estou junto com muitos/as brasileiros e outras pessoas no mundo, vivendo um luto não curado e também com muita raiva daqueles e daquelas que não cuidaram eticamente do povo brasileiro. Expectativas de daqui a um tempo não muito distante reduzir as atividades e iniciar um novo ciclo (há projetos de pesquisa e escritas de novos textos em andamento).</p>	<p>um jeito tão natural, que lhes causava ofensa a minha recusa. As mulheres da OASE me absolveram de qualquer responsabilidade ou culpa, tanto pelas traições dele, como pelo final do casamento, afinal, “a pastora está sempre trabalhando muito, e tem as crianças, está sempre cansada, é natural que não consiga atender as necessidades matrimoniais dele. Minhas crianças... Uma delas é ateia, a outra frequenta a Igreja nos seus termos, com muito mais maturidade e inteligência emocional que eu tive anos atrás. (Meu atual esposo é um companheiro muito querido, ele não é [...]) e isso é bom, ele não responde por mim nas demandas pastorais e isso é ótimo. Ele gosta muito de me acompanhar na lida pastoral. Eu garanti meu espaço, ele não cruza essa linha clara que estabeleci. [...] ele ouve minhas histórias de lugares diferentes que o pastorado me proporcionou conhecer e tem vontade de viver essas histórias comigo. Entendo que ele pode não compreender a força, a potência transformadora de minhas escolhas teológicas, mas é um parceiro confiável em qualquer empreitada). Com certeza a família pastoral sempre sofre muito, a vida privada muitas vezes não é respeitada. Eu tenho consciência de que muitas vezes deixei a desejar em casa, sempre tivemos que terceirizar grande parte das atividades de manutenção da casa, das roupas, da alimentação. Minhas filhas e meu esposo chegaram antes do Ministério Ordenado, então muitas vezes não foi fácil conciliar as expectativas das comunidades em relação à eles [filhos], mas sempre ficou muito claro que a pessoa contratada sou eu, eu abracei o Ministério, tem conta que eles pagam junto, mas a escolha do Ministério é minha e não deles, então dou o máximo de liberdade para participarem das atividades comigo ou não. Eu e meu esposo trabalhamos em cidades diferentes, não ficamos juntos o tempo todo, isso foi uma escolha, para que nenhum dos dois tivesse que abrir mão do seu trabalho.</p>
--	--

Quadro 6: Quadro de transcrição não linear das respostas ao questionário: **Relação com esposo/companheiro, expectativas conjugais, relacionamentos com filhos, parentes, amigos etc.**